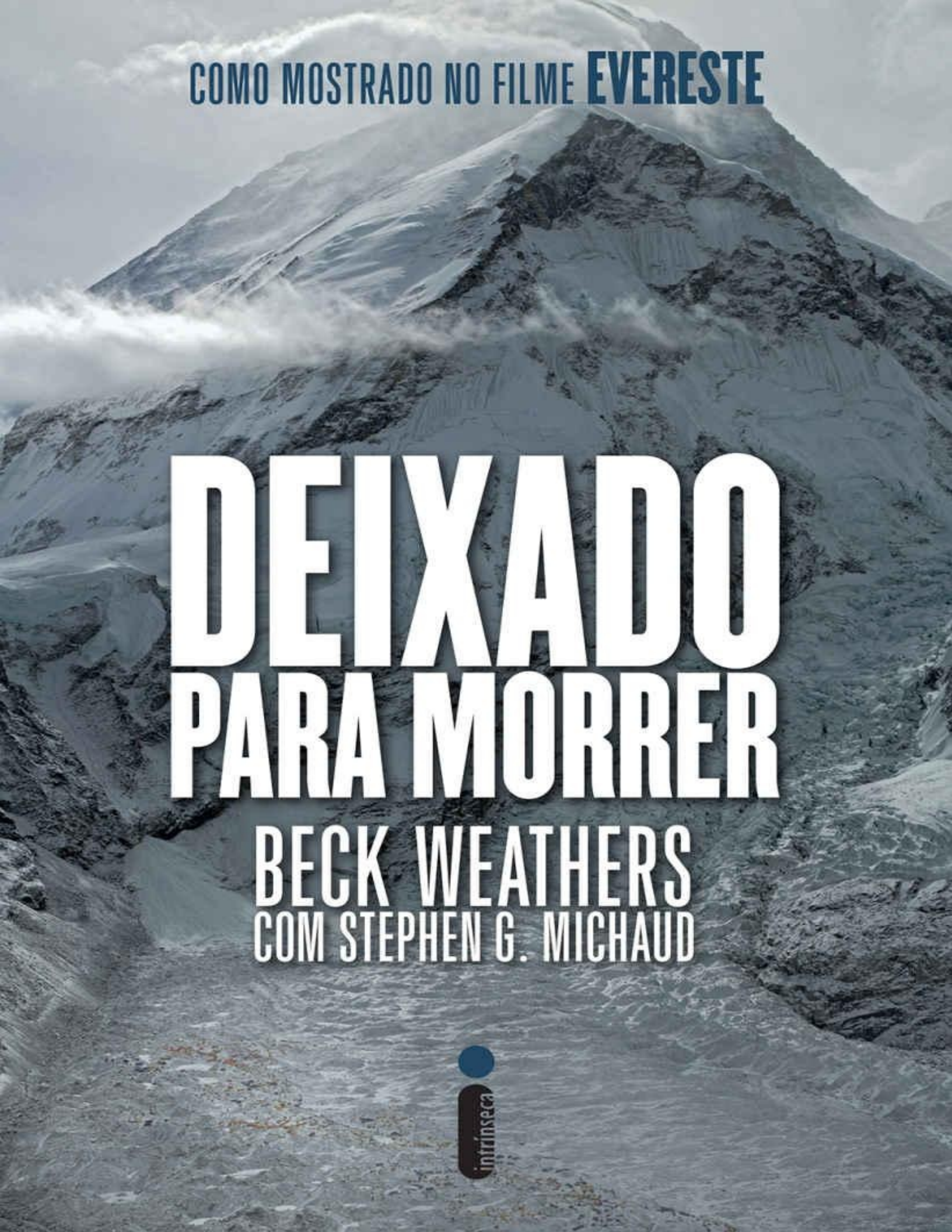

COMO MOSTRADO NO FILME EVERESTE
DEIXADO PARA MORRER
BECK WEATHERS
COM STEPHEN G. MICHAUD
intrínseca

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

DEIXADO PARA MORRER

BECK WEATHERS
COM STEPHEN G. MICHAUD

TRADUÇÃO DE CATHARINA PINHEIRO



Copyright © 2000 by S. Beck Weathers
Copyright do prefácio © 2015 by S. Beck Weathers

Originalmente publicado por Villard Books/Random House como Left for Dead: My Journey Home from Everest

Todos os direitos reservados, inclusive o direito de reprodução do todo ou de partes da obra em qualquer formato.

TÍTULO ORIGINAL
Left for Dead

PREPARAÇÃO
Luiz Felipe Fonseca

REVISÃO
Marcela de Oliveira
Nina Lua

DESIGN DE CAPA
Aline Ribeiro

FOTO DE CAPA
Jonathan Griffith/Aurora/Getty Images

REVISÃO DE EPUB
Rodrigo Rosa

GERAÇÃO DE EPUB
Intrínseca

ISBN
978-85-8057-802-7

Edição digital: 2015

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99/3º andar
22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br


You
Tube

» » »


intrínseca

»

SUMÁRIO

Capa
Folha de rosto
Créditos
Mídias sociais
Dedicatória

Prefácio e atualização de 2014

Parte um
- Um
- Dois
- Três
- Quatro
- Cinco
- Seis
- Sete
- Oito
- Nove
- Dez

Parte dois
- Onze
- Doze
- Treze
- Catorze
- Quinze

Parte três
- Dezesseis
- Dezessete
- Dezoito
- Dezenove
- Vinte
- Vinte e um

Parte quatro

Vinte e dois
Vinte e três
Vinte e quatro
Vinte e cinco

Epílogo
Agradecimentos

Sobre o autor
Leia também

Para Peach, Beck II e Meg, cuja visão me deu a força necessária para me levantar e deixar a morte para trás; Madan K. C., que nos mostrou o poder de um coração destemido; David Breashears, Ed Viesturs, Robert Schauer, Pete Athans e Todd Burleson, por terem me mantido na irmandade da corda; e em memória de Andy Harris, Doug Hansen, Rob Hall, Yasuko Namba, Scott Fischer, Ngawang Topche Sherpa, Chen Yu-Nan e Bruce Herrod — minha mais sincera solidariedade às suas famílias.



Beck e seu irmão, Dan, no Nepal antes de embarcar em um avião para os Estados Unidos.

Prefácio e atualização de 2014

No dia 10 de maio de 1996, na Zona da Morte do monte Everest, nove indivíduos faleceram durante uma tempestade de neve. No dia seguinte, um deles recebeu uma segunda chance. A memória que tenho da minha morte no dia 10 de maio é vaga — o frio me anestesiou e eu me rendia aos poucos, sem saber naquele momento que estava prestes a padecer minha primeira morte. No dia seguinte, no fim da tarde, enquanto o sol se punha no horizonte, voltei do mundo dos mortos e abri os olhos. O que aconteceu foi um milagre, mas também um mistério que depois de todos esses anos ainda não consegui desvendar.

Mesmo usando todas as minhas forças, eu mal conseguia ficar de pé. Estava perdido. Quase cego. Minhas mãos estavam congeladas. Meu rosto havia sido destruído pelo frio. Fazia três dias que eu não comia e dois que não bebia água. A probabilidade de conseguir encontrar o Acampamento Avançado sem ajuda era quase zero. Lembro-me de ter começado a andar, enfrentando o vento e rezando por salvação, mas aos poucos fui compreendendo que não sairia dali vivo. Olhei para cima. O sol formava quinze graus com o horizonte. Em uma hora, a escuridão cobriria a montanha novamente, e eu ficaria de joelhos e aceitaria que o frio se apossasse do meu corpo uma última vez.

Se você soubesse que em uma hora estaria morto, em que pensaria? O que aqueles últimos instantes têm para você? Naquele momento, não me surpreendi ao me deparar com minha mulher, Peach, e meus dois filhos. Na minha mente, a imagem deles era clara como se estivessem bem ao meu lado. Talvez os seus últimos pensamentos sejam diferentes, mas posso garantir que você não pensará nas suas conquistas nem nos aspectos materiais da sua existência.

Costumam me perguntar onde fui criado. A resposta, considerando que meu novo aniversário é 11 de maio de 1996, é Dallas, Texas. É óbvio que as pessoas querem saber sobre o drama da montanha, mas na verdade essa foi de longe a parte mais fácil da minha jornada. Quando voltei para Dallas, minha vida estava devastada. Meu casamento estava praticamente acabado. O relacionamento com meus filhos estava desgastado, e eu duvidava que pudesse voltar a trabalhar. Não sabia como sustentaria minha família.

A depressão que havia me dominado por tantos anos desaparecera, porém eu temia que ela emergisse outra vez para assumir o controle da minha existência. Fiquei surpreso por Peach não ter me abandonado, ainda que isso fosse contra a sua natureza. Ela me deu um ano para provar que eu era uma pessoa diferente do homem que partira para o monte Everest. Eis o segundo milagre: a chance de provar a Peach que eu era um indivíduo diferente, capaz de mudar. Esse é um dos principais temas deste livro.

Quando voltei da montanha para casa, não tinha interesse em escrever um livro. Pouco depois da tragédia do Everest, saíram algumas publicações, incluindo *No ar rarefeito*, de Jon Krakauer, que documentou muito bem os detalhes da escalada. Eu não estava interessado em repetir o mesmo tipo de narrativa — embora supusesse que seria muito fácil vender uma versão mais leve de *No ar rarefeito*.

Além disso, havia a possibilidade de eu obter sucesso comercial com um livro que apontasse vilões e os atacasse para criar controvérsia. É claro que havia interesse em um livro escrito por mim e pela Peach, mas algo como a história de um casal apaixonado lutando contra as adversidades, transformando-nos em um exemplo maravilhoso para outras pessoas. Infelizmente, nosso casamento estava por um fio, e não era certo que sobreviveria. Não éramos esse par ideal. Um dos principais motivos de eu ter me casado com Peach era o fato de ela ser uma pessoa muito melhor do que eu, sempre atenciosa com os outros. Pelo menos, eu tinha essa autoconsciência. Peach casou-se comigo porque eu não era uma pessoa entediante. Sem dúvida nós dois recebemos o que esperávamos, embora eu desconfie que ela teria sido mais feliz se eu fosse um pouco mais entediante.

Escrever uma história sobre o Everest do nosso ponto de vista não seria o tipo de conto triunfante sobre alpinismo em que indivíduos extraordinários superam grandes adversidades para chegar ao topo de uma famosa montanha, subjugando assim a natureza. Nossa história está mais para uma tragédia, em que as dificuldades são superadas pela perseverança. No final das contas, este foi o motivo que me levou a escrever um livro: demonstrar o preço pago não só por aqueles que pereceram na montanha, mas principalmente pelos que foram deixados para trás. Os pais, cônjuges, irmãos e amigos que terão de seguir em frente com um eterno vazio em suas vidas. Para escrever um livro sobre isso, precisei aceitar o fato de que precisaria retratar a realidade do meu próprio espírito cheio de falhas, o que demandaria uma honestidade brutal e no mínimo desfavorável à minha imagem, além de expor partes da minha vida das quais não me orgulho.

A obsessão pelo alpinismo é uma atividade egoísta, e não há como fingir o contrário. Ao ler o livro pronto, percebi como Peach e eu tínhamos lembranças

completamente diferentes de várias experiências que havíamos vivido juntos. Nós dois contávamos a história de acordo com nossas próprias lembranças, mas em muitos casos parece que estávamos em universos diferentes. Meu coautor, Stephen Michaud, entrevistou e apresentou as vozes de cada um dos demais personagens desta história. Todas as partes do livro narradas do meu ponto de vista foram escritas por mim. A história retratada em *Deixado para morrer* vai até o ano 2000. Estávamos começando a digerir a tragédia na montanha e a grande tragédia da perda do irmão de Peach.

Desde então, a vida foi aos poucos voltando ao normal. Em vários dias, quase não lembro que perdi as mãos; minha nova realidade já se tornou algo comum. Quando retornei do Everest, não podia imaginar que seria capaz de ver algo positivo na experiência. Mas o golpe que levei me forçou a parar e reavaliar minha vida, pois eu simplesmente não poderia continuar vivendo como antes. Os padrões de comportamento que fizeram de mim um médico bem-sucedido estavam destruindo os meus relacionamentos pessoais, e eu soube que teria chegado ao fim da vida como um indivíduo de muito sucesso, mas solitário.

Patologia, a meu ver, é algo que qualquer idiota instruído pode fazer sozinho em uma sala. Tenho a capacidade de olhar para lâminas de tecido humano, analisar uma fatia de qualquer parte do corpo de um indivíduo, não importa a idade que ele tenha, e dizer se o tecido está normal ou doente. Embora seja uma carreira envolvente, com quebra-cabeças interessantes para resolver, não é exatamente o que poderíamos chamar de uma profissão socializadora.

Oportunidades maravilhosas que eu jamais poderia ter imaginado surgiram da tragédia no Everest. Desenvolvi uma segunda carreira como palestrante profissional. Falar em público me coloca no mundo de outras pessoas, e enquanto estou ali com elas mergulho em uma profissão diferente, em um universo à parte de indivíduos que levam vidas muito diferentes da minha e que acho fascinantes. De certa forma, sempre fui um contador de histórias. Peach vive dizendo que eu falo até com as paredes. Gostar de contar histórias é uma característica das pessoas do Sul dos Estados Unidos e quando menos esperava acordei com uma ótima.

Isso é algo que tem me trazido muito prazer ao longo dos anos.

Hoje, já existem um filme e uma ópera sobre o Everest, ambos concluídos recentemente. No filme, sou interpretado por Josh Brolin. Acho que foi uma escolha bem acertada, já que ele é texano — e, portanto, capaz de entender e replicar os texanismos que fazem parte do meu modo de falar. Acredito que Peach também ficou muito satisfeita ao ver Robin Wright fazendo seu papel.

Tive a oportunidade de me encontrar com o elenco, o diretor e o produtor do filme no hotel Chateau Marmont, em Los Angeles. Tentei emplacar o trocadilho

Chateau Marmota (uma criatura pequena e peluda comum em regiões montanhosas), mas não acho que eles tenham apreciado meu humor de alpinista. De todo modo, continuei tentando.

Uma das coisas que têm me dado grande satisfação é conhecer outros indivíduos que também sofreram traumas graves, seja por causa de doenças ou de acidentes no alpinismo. Tento encorajá-los e ajudá-los a aceitar a realidade da transformação sofrida em suas vidas, fazendo-os compreender que uma mudança repentina é, sem dúvida, chocante e difícil, mas que com o passar do tempo chega-se a um ponto em que mal percebemos nossas novas limitações. A pessoa se ajusta e segue em frente, ainda capaz de ter uma existência completa e significativa.

Nos últimos anos, o mais importante tem sido seguir com nossas vidas. Chamo isso de “a maravilhosa simplicidade da vida”. Peach e eu reerguemos nosso relacionamento e estamos nos tornando um bom par de chinelos velhos, confortáveis um com o outro e com a perspectiva de envelhecermos juntos nas nossas cadeiras de balanço. O prazer da convivência com os filhos e netos é algo que ansiamos com muita expectativa.

Nossos filhos, Beck II e Meg, eram pré-adolescentes na época da tragédia no Everest e agora são adultos bem-sucedidos. Os dois estudaram em universidades que me teriam me olhado torto há cinquenta anos, quando ingressei na faculdade. É muito gratificante vê-los se saindo tão bem.

Quando as crianças deixaram o ninho, o enorme instinto materno de Peach foi duramente desafiado. Pouco a pouco, adquirimos cinco gatos e quatro cachorros. Costumo dizer que, se você pragueja contra um gato, acaba com pelos nos dentes. Eu estava começando a ficar preocupado, achando que logo seríamos a piada do noticiário da noite: “Fiquem ligados para não perderem o vídeo da maluca dos gatos do norte de Dallas.” Por sorte e para a nossa felicidade, ganhamos a nossa primeira netinha, Zara, que nasceu no dia 25 de março de 2014. Ela é uma alegria para nós, com seus olhos castanhos enormes e um sorriso capaz de fazer corações derreterem.

À medida que envelheço, estou aos poucos alcançando um estado de paz e não preciso mais me definir pelo sucesso, por metas ou por qualquer coisa externa. Apenas saboreio o dia a dia com a minha família e os meus amigos e espero que a segunda morte demore muitos anos para vir, pois assim poderei continuar desfrutando o momento — e não projetando a felicidade em um futuro que nunca chega. A vida é boa.

PARTE UM



Beck no Acampamento Base do Everest.

UM

Na noite de 10 de maio de 1996, uma nevasca mortal assolou a parte mais elevada do monte Everest, confinando a mim e dezenas de outros alpinistas na Zona da Morte da montanha mais alta da Terra.

A tempestade começou como um murmúrio baixo, distante, e rapidamente se transformou em uma neblina densa e barulhenta, permeada por pedacinhos de gelo. Ela assomou o monte Everest e nos engoliu em questão de minutos. Não conseguíamos enxergar sequer nossos pés. As pessoas ao redor desapareciam na brancura retumbante. A velocidade do vento naquela noite ultrapassou os 130 quilômetros por hora. A temperatura ambiente caiu para –51°C.

A nevasca arremeteu contra o grupo do qual eu fazia parte no momento em que descíamos um declive muito íngreme conhecido como Triângulo, logo acima do Acampamento Quatro, também chamado de Acampamento Avançado. Fica no Colo Sul do Everest, um desfiladeiro de rochas e gelo a oito mil metros de altitude, apenas 848 metros abaixo do cume da montanha.

Dezoito horas antes, partíramos do Colo Sul em direção ao topo, nossa árdua jornada encorajada por um céu noturno sereno e sem nuvens que durou toda a madrugada, até ser substituído por um amanhecer espetacular no teto do mundo.

E então vieram a confusão e o desastre.

Dos oito clientes e três guias no meu grupo, cinco nunca chegaram ao topo, entre os quais eu me incluo. Dos seis que conseguiram, quatro seriam mortos, mais tarde, pela tempestade. Entre eles estava o líder da nossa expedição, Rob Hall, de 35 anos, um neozelandês gentil e bem-humorado com um currículo lendário no alpinismo. Antes de morrer congelado em um buraco na neve perto do topo do Everest, Rob transmitira por rádio uma mensagem de despedida comovente para a esposa grávida, Jane Arnold, que estava na casa deles em Christchurch. Outra triste fatalidade foi a da franzina Yasuko Namba, de 47 anos, cujo último contato foi comigo, nós dois aninhados naquela noite terrível, perdidos e congelando durante a nevasca no Colo Sul, a apenas quatrocentos metros do calor e da segurança do acampamento.

Quatro outros alpinistas também pereceram na tempestade, tornando 10 de

maio de 1996 até então o dia mais mortal nos 75 anos desde que o intrépido professor britânico George Leigh Mallory tentou escalar o Everest pela primeira vez.

O dia 10 de maio começou com bons presságios para mim. Eu estava exausto e ofegante depois do enorme esforço para chegar tão longe, mas também me sentia forte e lúcido, tanto quanto possível para um alpinista amador de 49 anos sob o severo estresse físico e mental provocado por aquela altitude. Já tinha escalado oito das maiores montanhas espalhadas pelo mundo e havia treinado como um louco para isso, determinado a provar para mim mesmo que era capaz de superar o desafio máximo.

Eu sabia que menos da metade das expedições ao Everest conseguiam levar um único membro — cliente ou guia — até o topo. Mas queria entrar para um grupo ainda mais seleto, o das cerca de cinquenta pessoas que haviam completado a lista dos chamados Sete Cumes — ou seja, escalado a montanha mais alta de cada um dos sete continentes. Só teria mais um pico pela frente se eu alcançasse o cume do Everest.

Eu também sabia que por volta de 150 pessoas haviam perdido suas vidas na montanha, a maioria em avalanches. O Everest já engoliu dezenas de vítimas, sepultando-as em neve e gelo. Como se para ressaltar sua total indiferença em relação a quem tenta escalá-lo, o monte zomba de seus mortos. Suas geleiras agem como rios congelados que se movem lentamente, carregando os corpos dilacerados dos alpinistas como se não passassem de detritos e depositando-os décadas depois em algum ponto muito abaixo do local em que morreram.

Tão comuns quanto repentinas, mortes dramáticas espreitam os alpinistas, só que ninguém acredita que vai *mesmo* morrer a uma altitude elevada. Posso garantir que ao menos eu não acreditava, e nem sequer cheguei a me perguntar se um homem de meia-idade, casado e com dois filhos deveria arriscar a vida daquela maneira. Eu só sabia que amava escalar montanhas: a camaradagem, a aventura, o perigo e, confesso, o bem que fazia ao meu ego.

A verdade é que minha queda pelo alpinismo, por assim dizer, foi uma reação inesperada a uma terrível crise de depressão que começou por volta dos meus 35 anos. A doença afetou minha autoestima, que já era baixa, até que eu caísse em um poço sem fundo de desespero e sofrimento. Fugi de mim mesmo e da vida e cheguei muito perto do suicídio.

Eis que surgiu a salvação. Durante uma viagem em família ao Colorado, descobri os rigores e as recompensas do montanhismo, e pouco a pouco adotei o esporte como minha rota de fuga. Descobri que uma rotina árdua de exercícios podia afastar a escuridão por horas a cada dia. Bendita trégua. Também desenvolvi massa muscular e ganhei mais resistência, duas novas fontes de

orgulho.

Quando eu estava em uma montanha (quanto mais deserta e remota, melhor), minha mente conseguia se concentrar, sem distrações, na subida, me convencendo de que alcançar o topo das montanhas mais desafiadoras do mundo era uma prova da minha bravura e da minha masculinidade. Eu me embriagava dos momentos de prazer genuíno, satisfação e confraternização com os outros alpinistas, em meio à natureza.

Entretanto, o remédio estava começando a me matar. Mesmo com o fantasma da depressão enfim afugentado, eu persisti treinando, escalando, treinando e escalando de novo. O montanhismo de altitude e o reconhecimento que me trazia tornaram-se minha vã obsessão. Quando minha esposa, Peach, tentou me alertar para o fato de que aquela paixão vazia estava destruindo o que havia de mais importante na minha vida e que eu estava sistematicamente traindo o amor e a lealdade da minha família, eu ouvi, mas não lhe dei atenção.

Foi ficando patológico. Cada vez mais autocentrado, convenci-me de que suprir com generosidade as necessidades materiais de minha esposa, minha filha e meu filho era uma demonstração de amor adequada, mesmo tendo-os abandonado emocionalmente. Sempre serei grato a eles por não terem feito o mesmo comigo, até porque, com a enorme quantia que apliquei em seguros de vida, seria sensato ter contratado alguém para provar tudo o que eu comia.

Aliás, a cada uma de minhas longas aventuras em lugares ermos ficava mais claro (pelo menos para a mente inquieta de Peach) que eu ia acabar me matando, o que parecia ser um tema recorrente, ainda que implícito, na minha vida. Relato aqui o que foi necessário para quebrar meu transe. No dia 10 de maio de 1996, a montanha começou a me reivindicar, e eu pouco a pouco sucumbia. A perda de consciência não foi nada desagradável. Entrei em um coma profundo no Colo Sul, onde os alpinistas que escalavam a montanha comigo me abandonariam devido à certeza que tinham sobre minha morte.

Peach recebeu a notícia por telefone às 7h30 da manhã na nossa casa, em Dallas.

No entanto, um milagre ocorreu nesses quase oito mil metros de altitude. Eu abri os olhos.

Minha esposa mal acabara de cumprir a difícil tarefa de contar aos nossos filhos que o pai deles não voltaria para casa quando recebeu um segundo telefonema, avisando que eu não estava tão morto quanto parecera.

De algum modo, e até hoje não entendi como, recobrei a consciência no Colo Sul, recuperando os sentidos num sobressalto que me fez ficar de pé graças a uma visão tão intensa que foi capaz de reativar minha mente. Não sou religioso, sequer tenho um lado espiritualizado, mas posso afirmar que alguma força

dentro de mim rejeitou a morte no último instante para em seguida me guiar, cego e vacilante — um morto-vivo, quase literalmente —, até o acampamento e o meu conturbado retorno à vida.

DOIS

A expedição começou com um voo que partiu de Dallas no dia 27 de março. Tive que passar uma noite em Bangkok antes de enfim chegar à poeirenta e agitada Katmandu, capital do Nepal, no dia 29.

No Aeroporto Internacional Tribhuvan, avistei um homem alto e de porte atlético esperando em uma fila da alfândega. Supondo que ele também era alpinista, aproximei-me e me apresentei. Eu estava certo. Era Lou Kasischke, um advogado de Bloomfield Hills, Michigan, que também viera ao Nepal para escalar o monte Everest.

Logo percebemos que tínhamos muito em comum, mais do que com outros alpinistas no grupo. Nós dois tínhamos uma carreira, experiência em montanhismo e condição socioeconômica semelhantes e estávamos mais ou menos com a mesma idade. Éramos casados, tínhamos filhos, e a esposa dele também desaprovava seu *hobby*. Nas semanas seguintes, nos tornamos bons amigos e colegas de barraca.

Demorou um tempo para passarmos pela alfândega. Sem saber os procedimentos de Katmandu, eu havia cometido o erro de obter um visto com antecedência, o que me colocou em uma fila dez vezes maior do que a de quem que não tinha visto. Sem dúvida fui a última pessoa daquele voo a sair do aeroporto.

Lá fora, encontrei Lou e outros membros da expedição. Uma van aguardava para nos transportar pelo tráfego caótico até o amplo e arejado hotel Garuda, um retiro confortável que claramente atendia a uma clientela de alpinistas. As paredes eram cobertas de pôsteres das maiores montanhas do mundo. No topo da escada havia um cartaz do próprio Rob Hall sorrindo para nós.

Katmandu era movimentada, quente e agradável, com inúmeros turistas e aventureiros, além dos alpinistas. Foi divertido andar pela cidade, embora não tenhamos visitado pontos turísticos. Deixei para comprar os presentes dos meus filhos e a costumeira bandeira da paz para Peach mais tarde, pensando que haveria tempo de sobra para isso quando eu voltasse do Everest.

Dois dias depois, Rob Hall nos colocou em um helicóptero russo Mi-17, uma

imensa aeronave tremulante que nos transportou até a vila nepalesa de Lukla, a cerca de 2.800 metros de altitude, de onde daríamos início à jornada ao Everest.

Leva quase uma semana para atravessar a região acidentada de Khumbu, indo de Lukla até o Acampamento Base do Everest. Aquela é a terra dos sherpas: vales altos e desfiladeiros profundos onde os nativos, cerca de vinte mil, costumavam sobreviver como caçadores-coletores e através da agricultura de subsistência.

Mas isso mudou. Khumbu, um lugar sem estradas, agora é uma região turística.

As estimativas de 1996 eram de que quatrocentos mil turistas perambulavam pelo Nepal, muitos deles atravessando Khumbu: uma horda heterogênea de estrangeiros com os bolsos cheios de dinheiro para comprar comida e bugigangas, pagar por abrigo e entretenimento. Os mais importantes entre esses visitantes eram de longe os aventureiros como eu, estrangeiros com muito dinheiro para gastar (de acordo com os padrões dos sherpas) que iam todo ano escalar Sagarmatha — a "deusa do céu"—, como o Everest é conhecido localmente.

Os sherpas, donos de uma mente muito prática, trocaram enxadas e ferramentas de caça por mochilas para ganharem dinheiro como carregadores em várias expedições. Hoje, um sherpa pode ganhar alguns milhares de dólares ou mais carregando equipamentos nas subidas e descidas das montanhas durante os dois meses que costuma durar uma expedição. Isso corresponde a mais de dez vezes a renda anual per capita do Nepal.

O lado negativo, claro, é que o trabalho é árduo e perigoso: memoriais erigidos ao longo das partes mais altas das estreitas trilhas que levam ao Everest estão lá para lembrar que um em cada três daqueles que morreram na montanha era um sherpa.

Em *No ar rarefeito*, relato definitivo da nossa malfadada expedição, Jon Krakauer me descreve como "verboso" durante o início da jornada. Foi generosidade da parte dele. Eu falava pelos cotovelos. Desejava que gostassem de mim, queria ser aceito como membro do grupo. Sob tais circunstâncias, costumo falar sem parar. Se alguém jogasse um frisbee, eu chegaria ao ponto de pegá-lo com os dentes só para agradar.

A longa trilha, uma subida através de Khumbu que parece não ter fim, é o importante primeiro passo na preparação para enfrentar as condições nas elevadas altitudes das montanhas da região, as quais nenhuma criatura mais complexa do que organismos unicelulares foi feita para suportar. Ainda assim, é uma caminhada agradável — ou pelo menos pode ser, se a rota não estiver congestionada por aventureiros e grupos de alpinistas e pelas onipresentes

manadas de iaques. De tempos em tempos, ao fazer uma curva, avista-se uma rocha gigantesca, de quase dez mil metros de altitude, que ergue a cabeça sobre tudo ao redor.

Em dias claros, é possível ver uma nuvem permanente de gelo e neve que se estende por cerca de um quilômetro e meio a partir do topo do Everest. Essa é a peculiar faixa branca da montanha, que contrasta com o céu azul-cobalto, e também é um lembrete de que a corrente de jato, com seus ventos de 250 a trezentos quilômetros por hora, está uivando lá no alto, como acontece na maior parte do ano. Ninguém tenta alcançar o topo sob essas condições.

Porém, uma vez na primavera e outra no outono, a faixa desaparece. Os ventos ferozes deixam o Everest, oferecendo uma breve janela de oportunidade para quem deseja escalar a montanha e fincar uma bandeira no topo sem abrir mão da esperança de retornar vivo.

A trilha de Khumbu começa nos vales, passando por um trecho arborizado até alcançar a parte inferior do glaciar de Khumbu, uma geleira que se estende por mais de dezenove quilômetros. A uma altitude de aproximadamente 4.800 metros, encontra-se o último assentamento de alguma significância — um lugar velho e medonho conhecido como Lobuche.

Uma das ironias do montanhismo é que, para alcançar a pureza das mais elevadas altitudes, é preciso se submeter a pocilgas insalubres como Lobuche. Existe uma explicação lógica para isso. Assentamentos remotos como esse não foram fundados para receber hordas de visitantes. Agrupe centenas de seres humanos e bizarras manadas de iaques em um vilarejo primitivo onde saneamento básico não passa de uma expressão em outra língua e cujo principal combustível é uma mistura de estrume seco com querosene e assim você terá uma ideia da aparência desses assentamentos fétidos. Em Lobuche, vivencia-se a emoção extra de saber que as mãos que amontoam estrume são as mesmas que servem o jantar. Tudo que se deseja é entrar e sair de lá sem contrair nenhuma doença grave.

No momento em que vi o lugar, percebi que nada me convenceria a usufruir os serviços oferecidos aos viajantes. Assim, Lou e eu decidimos montar uma barraca. Tivemos que procurar um ponto ao mesmo tempo livre de dejetos e fora da rota do vento que passava pelas fogueiras de estrume.

Naquela temporada, houvera uma grande nevasca na trilha de subida até o Acampamento Base do Everest, cerca de onze quilômetros depois de Lobuche. Os iaques não conseguiam subir a última parte, o que significava que nos últimos quilômetros todos os equipamentos e alimentos precisaram ser carregados por humanos, a maior parte pelos sherpas. Mesmo antes de chegar a Lobuche, a trilha em aclive estava encoberta por uma grossa camada de neve.

Em uma curva, vi uma perna ensanguentada de iaque fincada em um banco de neve. Explicaram que a perna do animal simplesmente soltou enquanto ele se esforçava para andar pela neve.

Já no assentamento, soubemos que um dos nossos sherpas havia sofrido uma queda de 45 metros e quebrado a perna enquanto fazia o reconhecimento das trilhas mais acima, na montanha. Todos passamos um dia a mais lá enquanto Rob Hall e um dos seus guias partiram na frente para ajudar no resgate e no transporte do sherpa.

A escalada começa *de verdade* a partir do Acampamento Base do Everest, cuja altitude de 5.360 metros é maior que a de quase todos os picos dos Estados Unidos, salvo dois, localizados no Alasca. Curiosamente, não é possível avistar o cume do monte Everest do Acampamento Base. Ao alcançá-lo, ofegante e exaurido, você só consegue se perguntar como vai sobreviver. Chegamos no dia 7 de abril.

O acampamento é, em essência, uma cidade de tendas sobre uma geleira, com cerca de trezentos habitantes temporários no meio de um bando de iaques. Algumas estruturas são parcialmente feitas de pedra e precisam ser reconstruídas a cada primavera devido ao constante movimento do gelo glacial. A estrutura que usávamos como cozinha, por exemplo, tinha paredes de pedra, assim como os lugares onde jantávamos e armazenávamos nossas coisas. Também tínhamos uma latrina de primeira categoria feita de pedra, com uma abertura na parte de trás por onde nossos excrementos podiam ser removidos com uma pá. Isso era uma necessidade advinda de uma regra nova, segundo a qual todas as fezes humanas em algum momento tinham de ser retiradas da montanha.

É claro que essa regra só se aplicava aos estrangeiros. Os sherpas não se intimidavam. Além disso, os próprios supervisores responsáveis por aplicá-la retiravam-se com toda a tranquilidade para trás de qualquer pedregulho que achassem conveniente para atender ao chamado da natureza.

Os nossos reservados sem dúvida eram os melhores do acampamento, e é claro que atraíam penetras. Em pouco tempo, os depósitos clandestinos tornaram-se um problema tão sério que uma placa de compensado foi colocada na frente, avisando: “AÍ! Irmão! Se você não for um membro da Expedição Neozelandesa ao Everest, *por favor*, não use este banheiro. Nós cagamos pra caramba e não vamos ter dificuldade para encher essa coisa toda sem a sua contribuição. Obrigado.” A mensagem foi assinada por “O Mandachuva” e acabou sendo muito eficaz. Jon Krakauer a escreveu seguindo ordens de Rob Hall.

Cada alpinista do nosso grupo recebeu uma barraca individual, o que oferecia um pouco de privacidade, um privilégio raro no ambiente caracteristicamente coletivo do alpinismo. Nossas outras comodidades incluíam um telefone com fax

via satélite, carregado a energia solar, e acesso a um chuveiro ao ar livre, o que só foi possível em três ou quatro ocasiões. Tomar banho debaixo de um filete de água quente era um prazer extravagante.

O primeiro fax que mandei para casa do Everest: “Se você quiser me mandar um fax”, escrevi à mão, “provavelmente terá que esperar até depois das dez da noite, horário de Dallas. O fax daqui é uma unidade térmica, e antes disso está frio demais para imprimir. Percorremos um longo caminho até a montanha... No início do vale, as aldeias eram agradáveis, mas chegando aqui elas vão ficando *bem* primitivas. Muitos de nós tiveram diarreia. Tenho sorte por estar bem... O grupo de alpinistas é bom e tem caras legais. Acho que sou um dos mais fracos da equipe, mas estou me saindo bem. Penso em você e nas crianças todos os dias. Todo o meu amor a você, Querido.”

“Querido Querido”, Peach respondeu em um texto datilografado. “Recebi seu fax de ontem umas 3h30... Scooter [nosso cachorro] tinha certeza de que havia um monstro no deque e disparou seu alerta especial com regularidade. Às cinco da manhã, deixei-o sair.”

Em seguida, ela me contou que nosso carro tinha dado uma amassada; que nosso filho, Beck, membro da equipe de esgrima da escola, havia avançado para um torneio nacional; e que nossa filha, Meg, começara a ter aulas de canto — todos esses eventos transcorridos na ausência do papai, é claro. “Estamos com saudades”, ela assinou. “Amor e beijos, Peach.”

A qualidade da comida durante uma escalada costuma ser diretamente proporcional à disponibilidade e à disposição de alguém de carregá-la até você. O Acampamento Base do Everest, por exemplo, era um lugar movimentado e um grande mercado para quem quisesse vender provisões. Assim, tínhamos ovos toda manhã. Mas quanto mais alto e mais distante da civilização se chega, mais prático e menos palatável se torna o alimento.

Ao se alcançar um ponto de fato elevado (e a essa altura a preocupação com a comida já acabou), geralmente as refeições consistem em carboidratos simples e pequenas porções ocasionais de sopa com biscoitos.

A maior provação do Acampamento Base é o tédio; gasta-se muito tempo se preparando para fazer as coisas e muito tempo se recuperando após tê-las feito — portanto, passa-se muito tempo sem fazer nada. Como eu já sabia disso pela experiência adquirida nas excursões anteriores, levei um dos meus autores favoritos, Carl Hiaasen, para me distrair, além de um pequeno livro que ensinava malabarismo — uma habilidade que achei que seria divertido desenvolver. Acabei me tornando uma figura popular no acampamento, tentando desastradamente aprender alguma acrobacia na frente da minha barraca. Aqueles de nós que tinham dificuldade para lembrar os nomes dos sherpas usavam o

tempo livre para tirar fotos instantâneas deles com polaroides na tentativa de memorizar seus rostos.

Para o nosso entretenimento, também havia um aparelho de som. Toda manhã, depois que os sherpas queimavam galhos de junípero e terminavam suas preces budistas, Robin Williams gritava “Bom dia, Vietnã!”, sua voz reverberando por todo o acampamento e nos sacudindo nos nossos sacos de dormir. O resto do dia era embalado ao som de rock’n’roll e da música indiana que vinha da cozinha.

Demos algumas festas, nas quais rolava cerveja. Algumas pessoas acabaram dançando em cima da nossa mesa de pedra. Não foi bem uma rodinha punk, mas também não foi muito diferente. Além disso, realizávamos jantares temáticos em que a comida, o cerimonial e as roupas usadas por todos deveriam combinar com a principal característica de um dos membros da equipe.

Eu havia levado quilos de suplementos em pó para aumentar a massa muscular e os consumia diariamente. Então, no meu jantar temático, todo mundo se vestiu como traficante de drogas. Para decorar a mesa, alguém arranjou um espelho e colocou fileiras do meu pó em cima dele.

O relevo mais impressionante do Acampamento Base com certeza é a cascata de gelo de Khumbu, que começa apenas quatrocentos metros adiante e se estende por mais de três quilômetros montanha acima, tendo pouco mais de seiscentos metros de altura e traçando uma linha vertical da base ao topo.

A cascata fica na área central da geleira de Khumbu. Começa logo acima do Acampamento Base, onde a geleira se lança em um precipício, criando blocos gigantes de gelo que se desprendem e tombam com um rugido ensurdecedor. Chamados de “seracs”, eles têm a altura de prédios baixos e podem pesar centenas de toneladas. Dentro da cascata, os blocos se movem, rangendo e rebombando. No verão, toda essa perigosa aglomeração desce cerca de um metro por dia.

Em 1953, quando a expedição de Edmund Hillary, a primeira a alcançar o cume do Everest, se deparou com a cascata de gelo de Khumbu, os membros da equipe criaram nomes interessantes e evocativos para vários trechos dela, entre os quais: Beco do Fogo Infernal, Quebra-Nozes, Área da Bomba Atômica e Horror de Hillary. Em 1996, escolhemos um nome para o serac gigantesco inclinado no topo da cascata: Ratoeira. Ninguém gostaria de ser o rato esmagado quando a Ratoeira, extremamente instável, enfim fechasse. Ela esmagaria muito mais do que a sua coragem.

No Acampamento Base, as colisões descomunais são registradas tanto pelos seus ouvidos quanto pelos seus pés, criando no visitante de primeira viagem a impressão enervante de que uma série de terremotos e acidentes de trem está ocorrendo bem ali do lado de fora da sua barraca.

Mas é só barulho.

O único motivo para se preocupar com a cascata de gelo de Khumbu nessa primeira etapa é que ela está entre você e o topo. Se quiser escalar o Everest, é preciso subir e descer aquela coisa pelo menos cinco vezes, despendendo cerca de vinte horas nela, como uma formiga se arrastando em um balde de gelo.

Uma das coisas mais arriscadas na passagem pela cascata é o uso de escadas leves de alumínio como pontes entre os escorregadios blocos de gelo e as fendas profundas. Ancoradas ao gelo em constante movimento e amarradas umas às outras, as escadas imprimem uma aparência e sensação de coisa improvisada. Nos cinco circuitos de ida e volta na cascata de gelo de Khumbu, passamos por cerca de setecentas dessas pontes feitas de escadas.

A primeira travessia é uma experiência religiosa, algo para o qual é obviamente impossível se preparar em casa. O ideal é tentar atravessar a cascata à primeira luz do dia, para conseguir enxergar, mas antes de a intensa radiação do sol, mais forte nas maiores altitudes, começar a refletir das montanhas e dos campos de gelo ao redor, incidindo diretamente na cascata. Isso causa o derretimento parcial e desloca o ponto de ancoragem das escadas, além de movimentar os seracs volumosos, que podem se desprender, escorregar e colidir ainda mais.

Em maio, num dia de verão, pode ficar muito quente no Acampamento Base. Um termômetro deixado sob o sol pela expedição de Hillary teria registrado uma temperatura de cerca de 65°C.

Após a cascata, oculto das nossas vistas, encontra-se o Cwm Ocidental (pronuncia-se *cum*), um aclive de inclinação gradativa cujo ponto final, após um ganho de seiscentos metros de altitude, é um imenso anfiteatro irregular ancorado à esquerda pelo Everest, ao centro pelo Lhotse, de 8.500 metros, e à direita pelo Nuptse, de 7.860 metros, o terceiro dos três irmãos brutamontes que dominam a área.

O Cwm (termo galês para “vale”) foi batizado em 1921 por George Mallory, que liderou as três primeiras investidas ao Everest, todas pelo lado tibetano. Quando lhe perguntaram o motivo por que queria escalar o Everest, Mallory deu a famosa resposta: “Porque ele está lá.” Talvez ele tenha sido a primeira pessoa a chegar ao topo da montanha — ou talvez não.

No dia 8 de junho de 1924, Mallory, aos 38 anos, e Andrew “Sandy” Irvine, seu aprendiz, de 22, foram vistos por Noel Odell, membro da equipe, cerca de 280 metros abaixo do topo e escalando com vigor. Então, Mallory e Irvine foram ocultados por uma nuvem, desaparecendo sem deixar rastros.

O destino de Mallory permaneceu um mistério por 72 anos, até maio de 1999, quando uma expedição organizada com o objetivo específico de procurar o famoso alpinista britânico encontrou seu corpo congelado aproximadamente

seiscentos metros abaixo do topo, onde parecia ter caído. Até hoje não se sabe se George Mallory alcançou o cume do Everest antes do seu mergulho fatal. Um altímetro, um cachecol com monograma, algumas cartas e um canivete foram recuperados em 1999, mas as câmeras Kodak que Mallory e Irvine levaram para documentar a subida não foram encontradas; tampouco o corpo do aprendiz (até então).

Uma rápida observação sobre o meu próprio equipamento para a escalada do Everest: comprei para a viagem botas novas, substituindo o par que havia comprado sete anos antes. Foram fabricadas pela mesma empresa e deveriam ser exatamente do mesmo tamanho.

Nunca havia levado a sério quando diziam que era preciso amaciar botas novas antes de usá-las para escalar: ou elas cabiam bem desde o início ou não cabiam. Minhas botas velhas estavam com buracos que a luz atravessava. Eu não achava que suportariam outra expedição.

Infelizmente, o atrito entre as botas novas e a minha pele causou feridas. Os ferimentos não se curam em altitudes elevadas, então eu sabia que só me recuperaria quando deixasse a montanha.

Uma estratégia era manter os cadarços frouxos. Mas não importava o que eu fizesse: cada passo era uma agonia. No final das contas, não tive outra escolha a não ser enrolar minhas canelas com bandagens, engolir o choro e aprender a conviver com o problema. Não fazia sentido reclamar de uma coisa que eu não podia mudar.

Quando se chega ao Acampamento Base, é aguda a sensação de que cada movimento feito consome todo o oxigênio do seu corpo. Não entendemos muito bem todos os ajustes que o corpo humano faz para suportar o estresse das grandes altitudes, mas aprendemos técnicas para nos acostumarmos mais a esses ambientes.

Se você, leitor, fosse instantaneamente transportado por um passe de mágica para o topo do monte Everest, teria que aceitar o fato médico de que passaria os primeiros minutos inconsciente — e em mais alguns estaria morto. Seu corpo não suportaria o enorme choque fisiológico de ser colocado de repente em um ambiente com tão pouco oxigênio.

O que um alpinista deve fazer, como fizemos ao longo de várias semanas, é partir do Acampamento Base, subir uma parte e depois descer. Descansar e repetir. Você faz isso várias vezes no Everest, indo um pouco mais alto cada vez que sobe, até que (ou ao menos é o que se espera) seu corpo comece a se adaptar. É como se dissesse ao seu corpo: “Vou escalar essa coisa e vou levar você comigo. Então se prepare.”

Mas é preciso ser paciente. Ao escalar muito rápido, corre-se um risco maior

de ter um edema pulmonar de grande altitude, também conhecido como Hape (*high altitude pulmonary edema*), condição em que os pulmões ficam cheios de água e, a não ser que se desça da montanha muito rápido, há risco de morte. Mais mortal ainda é o edema cerebral de grande altitude, ou Hace (*high altitude cerebral edema*), que provoca o inchamento do cérebro. O Hace também pode induzir um coma fatal se a pessoa não for rapidamente transportada.

Não tem como saber de antemão se alguém é suscetível a essas condições médicas. Algumas pessoas desenvolvem sintomas em altitudes de apenas três mil metros. Além disso, alpinistas veteranos que nunca tiveram nenhum problema podem desenvolver Hape ou Hace de repente.

Há ainda uma ameaça muito mais comum, embora também imprevisível: a hipóxia, causada pela redução do suprimento de oxigênio transportado ao cérebro. A hipóxia leve causa euforia e deixa a vítima com um comportamento meio abobalhado. Já a severa tira toda a capacidade de julgamento e bom senso, uma complicação ameaçadora em grandes altitudes. Os alpinistas chamam essa condição de Hame: Homem Abobalhado em Montanhas Elevadas.

Minha mulher tem sua própria abreviação muito apropriada: Insano — Impossível! Não Subo Aquilo Nem Obrigada.

As técnicas de aclimatação a grandes altitudes são cruciais para a sobrevivência de um alpinista, e não só em altitudes extremas. Há apenas vinte anos, o mal da montanha matava todo ano um em cada cinquenta alpinistas que passavam pela cascata de gelo de Khumbu.

Entre os casos de emergência médica mais raros associados ao alpinismo de grandes altitudes está um do qual sem saber fui o pioneiro, e que quase me matou. Ou talvez tenha salvado a minha vida. Não sei ao certo. Os dois pontos de vista têm argumentos fortes.

Retornaremos a isso mais tarde.

Uma das adaptações fisiológicas mais importantes do corpo às grandes altitudes são os milhões e milhões de glóbulos vermelhos adicionais que a medula produz, prontos para capturar oxigênio, uma reação à sua privação crônica. Essa capacidade de obter oxigênio extra é crucial. Ainda assim, nas montanhas mais altas se sente *sede* de ar. Respirar é tão difícil que 40% de toda a sua energia é usada para isso. A cada dia, é possível expirar o incrível volume de sete litros de água só pelos pulmões.

Isso o deixa constantemente desidratado. Além disso, não se consegue mais dormir nem comer. Quando se chega à Zona da Morte, acima de 7.600 metros, pensar em comida torna-se repulsivo para a maioria das pessoas. Mesmo se puder se forçar a mastigar e engolir alguma coisa, seu corpo não faz a digestão. Apesar disso, queimam-se cerca de doze mil calorias por dia, o que significa

que, para continuar vivo, o corpo consome seu próprio tecido — cerca de 1,3 quilo de músculo por dia.

Uma das minhas lembranças mais vívidas de Rob Hall no Everest é a do seu maravilhoso rosto cheio de vincos profundos graças a uma vida inteira passada ao ar livre. Se alguém soltasse a menor reclamação ou lamento, Rob apertava os olhos, parecendo um Popeye louco, e perguntava: "Você não vai dar uma de resmungão, né?" É claro que eu respondia: "Não, Rob, de jeito nenhum! Não vou ser um resmungão. Não, senhor."

Além de Rob, tivemos como guias no Everest Mike Groom, um encanador de Brisbane, Austrália, e outro neozelandês, como Hall, chamado Andy Harris, que aos 31 anos estava escalando e guiando pela primeira vez numa montanha de mais de oito mil metros — só há catorze dessas no mundo. Todas se elevam em direção à troposfera a algumas centenas de quilômetros do Everest.

Basta dar uma olhada em um acampamento de grande altitude para descobrir que essa modalidade do alpinismo não é um esporte indicado para quem busca beleza física. Na verdade, os alpinistas mais parecem um bando de sem-teto encolhidos ao redor de uma fogueira de latão. Mas Andy era a antítese desse padrão: um jovem atlético, alto e bonito, mas também um ás do alpinismo, apesar da falta de experiência nas maiores altitudes.

Então, vinha o grupo dos meros mortais — o meu nível. E também o do meu colega e companheiro de equipe Jon Krakauer, de 42 anos.

Já mencionei Yasuko Namba, que estava prestes a se tornar a mulher mais velha e a segunda japonesa a chegar ao cume do Everest. Com essa conquista, Yasuko concluiria os Sete Cumes. Ela pagaria um preço imenso por todas essas distinções.

O mesmo aconteceria com Doug Hansen. Funcionário do sistema postal em Seattle, Doug, de 46 anos, havia chegado a menos de cem metros do topo no ano anterior, mas fora forçado a voltar. Agora estava determinado a chegar ao cume do Everest a todo custo.

Completando o quadro de personagens, temos o caçula, Stuart Hutchison, um cardiologista canadense de 35 anos, e Frank Fischbeck, 53 anos, editor de livros de luxo de Hong Kong e um cavalheiro à moda antiga. Frank trouxe um toque de civilidade e dignidade para o que, sem ele, seria um bando de baderneiros.

Provavelmente, o membro favorito de todos da equipe era o dr. John Taske, um anestesista de 56 anos, australiano como Mike Groom. Com um humor afiado, extrovertido e agradável, John era um militar de carreira. Ao contrário da maioria dos médicos militares, amava o lado mais rigoroso da vida nas forças armadas. Nada o deixava mais feliz do que um curso de demolição submarina ou qualquer tipo de tarefa arriscada. Ele tinha até uma boina do Serviço Aéreo

Especial britânico, obtida quando se tornou o primeiro médico destacado para integrar o grupo de comandos de elite.

John era bom não só em fazer piada, mas também em ser alvo delas. Doug Hansen e eu decidimos desde o início que John estava apaixonado por um iaque ao qual demos o nome de Docinho. Como havia iaques por todos os lados, podíamos fazer piadas o tempo todo sobre John e seu caso com Docinho. Ele parecia gostar tanto quanto nós daquele humor tosco.

E o australiano tinha estilo. Certo dia, saiu da barraca com um sombreiro e uma roupa vermelha e branca que lembrava uma meia listrada. John parecia mais um personagem de desenho animado que um alpinista. Os sherpas quase caíram no chão de tanto rir. Se um cara é capaz de se vestir assim, sem dúvida se sente muito seguro de si na companhia de outros homens.

Quando nos acostumamos totalmente à altitude, pouco antes da nossa última investida ao cume, Taske supervisionou um teste de esforço com dois passos, feito por todo o nosso grupo. Estávamos curiosos para ver como os membros da expedição se sairiam em períodos curtos de esforço extremo.

Nesse teste, se passa mais ou menos um minuto subindo e descendo uma altura de cerca de sessenta centímetros. O pulso é monitorado antes, durante e depois do exercício. Eu sempre presumira que um atleta com bom condicionamento físico teria um pulso relativamente baixo mesmo sob estresse, recuperando-se logo em seguida.

Dois de nós, Mike Groom e Lou Kasischke, apresentaram esse exato padrão. Mas parece que outros padrões também são perfeitamente aceitáveis. O pulso em descanso de Jon Krakauer era de cerca de 110. Sob estresse, de imediato despencou para mais ou menos sessenta e então subiu outra vez, até 140. Quando ele concluiu o teste, o pulso voltou para sessenta, mas logo subiu de novo para 110.

Meu pulso em descanso era noventa. Sob estresse, foi direto para 170 ou 180 e ficou por aí. Assim que parei, caiu para sessenta, voltando em seguida para noventa.

Disseram que esse padrão de resposta é semelhante ao observado nos sherpas. Isso deixa claro que ainda temos muito a aprender sobre como reagimos sob estresse em grandes altitudes.

A outra equipe atingida pela catástrofe do dia 10 de maio era liderada por Scott Fischer, de Seattle, um homem carismático e de espírito livre, que usava rabo de cavalo e administrava um serviço de guias para expedições a montanhas de grandes altitudes chamado Mountain Madness [Loucura na Montanha]. Isso resumia a ideia de Scott sobre como se deve escalar uma montanha.

Ele era auxiliado por Neal Beidleman, que no dia a dia não era um guia, mas

um engenheiro espacial, e também por Anatoli Boukreev, um russo considerado um dos melhores alpinistas de grandes altitudes do mundo.

Havia glamour na equipe amadora do Mountain Madness: Sandy Hill Pittman, uma socialite de Nova York e celebridade do jornalismo. Ela apareceu usando acessórios de alpinismo na capa da *Vogue* antes de pegar um voo para o monte Everest e mandava notas para a NBC pela internet enquanto nós escalávamos a montanha. Sandy pode ter ido para o Everest naquele ano em busca de fama, mas conseguiria apenas infâmia.

Ao retornar para Nova York, a imprensa voltou-se contra ela, retratando-a como uma mulher superficial e sem caráter. Isso é uma injustiça. Vejo Sandy como uma alpinista forte e determinada e uma colega de expedição bem engajada. Ela não foi a causa da nossa calamidade, e sim a tempestade.

Também estavam nessa equipe Tim Madsen, patrulheiro que prestava socorro aos esquiadores no Colorado, e Charlotte Fox, objeto de sua afeição (bem como uma das pessoas de quem eu mais gostava), uma moça linda que desmentia a ideia de que o montanhismo é um esporte estritamente dominado por machos sedentos de adrenalina.

Eu já havia escalado com Charlotte na Antártida e tinha uma grande admiração por ela, em parte porque sabia que, mesmo se comparada aos meus melhores dias, Charlotte era uma alpinista muito mais viril do que eu.

Outro fax para casa: “Voltamos ao Acampamento Base para três dias de alimentação e descanso... Continuo bem e só estou com uma leve tosse seca, mas sem infecção nem problemas de estômago... Tenho certeza de que Rob Hall é o que mais dedica atenção à segurança e aos detalhes na montanha... Estou com uma saudade imensa. Todo o meu amor, Querido.”

“Foi bom saber que você se aventurou bem na montanha com seus colegas”, Peach datilografou em resposta. Ela contou que Beck (nós o chamamos de Bub) estava com uma virose, o que talvez o impedisse de participar do torneio de esgrima em Kansas City. O quarto de Meg estava sendo redecorado. Missy, nossa cadela, tinha feito xixi em todos os papéis que os pintores haviam colocado no chão. “Cuide-se”, ela concluiu. “Amor e beijos, Peach.”

Meu último fax: “Vamos subir a montanha depois de amanhã. Tenho tempo para receber um fax. Por favor, mande alguma coisa. Também seria ótimo se Bub e Meg pudessem acrescentar um bilhetinho... Todo o meu amor, Querido.”

Bub declinou educadamente meu convite para escrever algo, mas as mulheres Weathers, não.

———

Peach: “Estou feliz pela sua aventura e espero que sofra o mínimo possível. O encanador está aqui. A mangueira do ar-condicionado está entupida... Muito amor, Querida.”

Meg: “Papi. Tudo bem? Estou melhor agora... Hoje fizemos uma apresentação para o aniversário da tia da senhora Porter. Ela tem noventa anos. Nessa apresentação e no meu recital de piano, eu tremi como a Missy quando vai ao veterinário... Cortei o cabelo na altura dos ombros quando está molhado e um pouco abaixo da minha orelha quando está seco... Mamãe avisa: ‘Jantar!’ Preciso ir. Amor, Meg.”

TRÊS

A subida definitiva começou no dia 9 de maio. Mas nós já havíamos obtido sucesso na travessia pela cascata de gelo de Khumbu, superado o Cwm Ocidental, e estávamos na metade de uma encosta de gelo de 1.200 metros, moderadamente íngreme, conhecida como flanco do Lhotse, a qual um alpinista prudente escala com todo o cuidado possível.

A necessidade de tamanha cautela deve-se à física envolvida: por causa do gelo extremamente duro, não existe coeficiente de atrito. Não há tração. Se cair e deslizar sem controle, a chance de parar é zero. Já era. Chen Yu-Nan, um alpinista taiwanês, vivenciou esse horror na manhã de 9 de maio.

Como o flanco do Lhotse é um declive, no Acampamento Três é preciso criar uma pequena plataforma de gelo para a sua barraca, para dentro da qual se rasteja exausto, desesperado para descansar um pouco. Porém, não importa quão cansado esteja, é preciso se lembrar de duas regras bastante simples.

Em primeiro lugar, não tenha um episódio de sonambulismo. Em segundo, quando se levantar de manhã, a primeira coisa que *precisa* fazer, de *qualquer* maneira, é colocar um acessório com doze pinos, os grampões, em cada bota, porque são eles que o mantêm preso à montanha.

Chen Yu-Nan se esqueceu de fazer isso. Saiu da barraca sem os grampões, deu dois passos e escorregou para dentro de uma fenda, direto para a morte.

Nosso plano era simples. Sairíamos assim que o sol nascesse e passaríamos o dia todo escalando para chegar ao Acampamento Avançado no Colo Sul à tarde. Então, depois de descansar por três ou quatro horas, nos levantaríamos outra vez e passaríamos a noite inteira e o dia seguinte escalando para chegar ao cume do Everest em 10 de maio, *obrigatoriamente* antes das duas da tarde.

Esse detalhe havia sido enfatizado ao longo de toda a semana anterior: *De modo algum depois das duas horas*. Se você não avançasse rápido o bastante para chegar ao cume nesse horário, não estaria indo rápido o bastante para voltar antes que a noite o prendesse na montanha.

Chegamos ao Acampamento Avançado naquela tarde dentro do horário previsto. O Colo (do latim *collum*, “pescoço”) Sul faz parte da cadeia do

Himalaia que forma a encosta sudeste do Everest e fica na divisa entre o Nepal e o Tibete. Quatro grupos — pessoas demais, como se descobriria — ficariam acampados lá para se preparar para a investida final: nós, a expedição de Scott Fischer, um grupo taiwanês e uma equipe de sul-africanos que não tentaria chegar ao cume naquela noite. Ao todo, cerca de uma dúzia de barracas tinham sido montadas, rodeadas por um amontoado de cilindros de oxigênio, alguns corpos congelados e restos deixados pelos acampamentos de outras expedições.

Caso se aproxime demais da borda norte do Colo Sul, você cairá 2.100 metros ininterruptos no flanco do Kangshung direto na República Popular da China. Se cometer o mesmo erro do lado oposto, cairá aproximadamente 1.200 metros pelo flanco do Lhotse.

O vento estava muito forte quando chegamos nos arrastando ao Acampamento Avançado. Estava frio. No fundo, de um modo visceral, me sentia grato por saber que não podíamos escalar naquelas condições. Eu estava destruído. Disse a mim mesmo: “Se você conseguir descansar esta noite, com certeza amanhã estará se sentindo melhor.”

Estava só me iludindo. O objetivo é chegar ao Acampamento Avançado com energia suficiente apenas para alcançar o cume e retornar inteiro. Eu não ficaria nem um pouco mais forte lá. Muito pelo contrário. O lugar é conhecido como Zona da Morte, porque acima dos 7.500 metros a montanha começa a matá-lo lentamente, quer você saia ou não da barraca.

Foi sob essas circunstâncias que nos recolhemos naquela noite. Doug Hansen, Lou Kasischke, Andy Harris e eu nos deitamos em nossos sacos de dormir sob o abrigo da barraca, enquanto ouvíamos o vento uivar lá fora. Então, por volta das dez da noite, a ventania de repente cessou. Uma tranquilidade perfeita, ainda que frágil, tomou conta da Zona da Morte.

“Rapazes”, disse Rob, enfiando a cabeça na nossa barraca. “Preparem-se! Estamos saindo!”

Comecei a juntar meus equipamentos, pensando: “Bem, talvez eu tenha me programado bem. Sim, estou muito fraco. Mas estou melhor do que *pensava* que estaria.”

Só que eu estava muito preocupado (profeticamente) com dois membros do grupo. No saco de dormir logo à minha esquerda estava Doug Hansen. Ele havia se sentido mal e não estava escalando bem. Parecia ter levado uma surra de piqueta. Não vinha se alimentando ou hidratando direito o corpo, nem dando o devido descanso à máquina que o carregaria montanha acima.

O fato de ter dado meia-volta tão perto do topo no ano anterior havia se tornado uma obsessão para ele, dominando cada pensamento seu. Doug voltou ao Everest em 1996 jurando que sob nenhuma circunstância desistiria outra vez.

Eu também era fanático pelo alpinismo, mas meu fanatismo não chegava àquele nível. Eu seguia a regra geral do montanhismo de que chegar a qualquer cume é uma opção, mas voltar é obrigatório.

Além disso, como a maioria dos alpinistas, eu era o meu próprio adversário. Antes de partir para o Nepal, tinha estabelecido como meta chegar pelo menos até o Colo Sul. Já havia realizado meu objetivo. Se não alcançasse o topo daquela vez, a viagem continuaria valendo a pena para mim. Ainda em Dallas, eu dissera aos meus colegas que a única coisa que queria era ter a experiência do Everest e de tudo o que ele tinha a oferecer. Hoje, eu provavelmente reformularia esse pensamento.

Uma das coisas que é preciso perguntar com toda a honestidade quando se está em uma montanha — uma obrigação moral em relação aos outros alpinistas que estão lá também — é: “Depois do próximo passo, o que ainda me resta? Ainda conseguirei voltar em segurança?”

Pelo que pude perceber, Doug já não conseguia mais manter essa questão em mente, e isso na verdade já não importava mais para ele.

A outra pessoa com quem eu estava preocupado era Yasuko. Ela era uma pessoinha minúscula, frágil, que não chegava a pesar mais do que quarenta quilos, nem encharcada daquele jeito. Mesmo assim, o equipamento que precisava carregar pesava tanto quanto o dos outros. Era impossível acreditar que aquele corpo tão pequeno tivesse recursos para cobrir os cheques que a mente de Yasuko estava assinando.

Saímos das nossas barracas e colocamos as máscaras de oxigênio — máscaras do tipo usado pelos pilotos de caças MIG. Agora, parecíamos um bando de pilotos sem-teto no Halloween. Também estávamos vestindo nossos enormes macacões protetores contra o frio extremo, o tipo de roupa que uma mãe faz o filho vestir para brincar na neve. Só lhe resta caminhar como um pato dentro dela.

Nosso grupo partiu primeiro. Os alpinistas do Mountain Madness e os taiwaneses estavam cerca de uma hora atrás de nós. A noite estava perfeita no momento em que começamos a percorrer a imensidão do Colo Sul que leva ao flanco do cume. A lua nos iluminava a distância, acima do topo do Makalu, de 8.470 metros de altitude. Não ventava. A temperatura estava por volta de −23°C, o que é bastante quente para uma montanha alta.

Exceto pelas nossas lanternas de cabeça, não havia nenhuma luz artificial em lugar algum, o que permitia ver o intenso brilho das estrelas. Era possível enxergar até mesmo seus reflexos naquele gelo azul e frio abaixo dos nossos pés. Pareciam estar tão perto. Era como se eu pudesse estender o braço e puxá-las do céu, uma a uma, colocá-las no bolso e levá-las comigo.

Nosso ritmo era aquela marcha lenta, cadenciada como um metrônomo, que havia se impregnado no meu corpo ao longo de anos de escaladas. A cada passo, os grampões mordiam o gelo com um *criiitch-tch-tch* característico. À medida que se transporta o peso do próprio corpo no frio, o metal das botas e as amarraduras da mochila rangem em resposta.

Percorremos o Colo Sul em direção ao flanco do cume. Tudo estava muito calmo. Simplesmente seguíamos em frente, fincando os pés no gelo. Viajávamos em uma bolha de luz produzida pela lanterna nas nossas cabeças, e o resto era apenas escuridão, como se estivéssemos sozinhos na superfície da Lua. Tudo que se precisa fazer é andar e descansar, andar e descansar — uma hora após outra hora após outra interminável hora — até que, na metade do flanco, mudamos de direção em uma travessia horizontal para a esquerda.

Esse tipo de travessia horizontal é, por natureza, mais perigoso do que qualquer manobra do montanhismo. É mais difícil fazer essa travessia em segurança. É preciso ver onde se está colocando os pés. Isso era um prenúncio de desastre para mim.

Quando começamos a subir o flanco do cume, eu era o quarto da fila, logo atrás de Ang Dorje, o chefe dos sherpas, Mike Groom e Jon Krakauer. Ao longo das semanas anteriores, eu havia tentado conservar minhas forças. A filosofia é começar devagar e se resguardar, porque o que conta não é seu estado no primeiro dia. Assim, eu tinha reserva de força quando estávamos subindo.

Contudo, durante minha subida no flanco do cume, fui aos poucos percebendo, para a minha grande irritação, que não conseguia enxergar absolutamente nada e aos poucos me dei conta do motivo. Sou míope e passei anos escalando montanhas com óculos cobertos de gelo, lentes de contato desconfortáveis e todos os tipos de mecanismos que deveriam manter meu campo de visão claro. Nada funcionava. Assim, um ano e meio antes de ir para o monte Everest, me submeti a uma cirurgia de correção da miopia para escalar as montanhas com mais segurança.

A intervenção cirúrgica adotada foi a ceratotomia radial, em que são feitas incisões minúsculas na córnea para alterar a distância focal e (ao menos é o que se espera) consertar a visão. Entretanto, o que eu não sabia — assim como quase nenhum oftalmologista no mundo — é que, em grandes altitudes, uma córnea que passou por esse tipo de alteração sofre ao mesmo tempo um achatamento e um engrossamento, reduzindo a distância focal e tornando o indivíduo temporariamente cego. Foi isso que aconteceu comigo cerca de 460 metros acima do Acampamento Avançado na madrugada de 10 de maio de 1996.

A princípio, não fiquei muito preocupado. Eu já tivera pequenos problemas de alteração da visão antes, mais recentemente no Acampamento Base e quando

havíamos passado pela cascata de gelo. Estava acostumado a ter dificuldade para enxergar à noite e no início das manhãs até o sol estar forte o bastante para que eu usasse óculos escuros.

Para mim, aquilo era mais uma inconveniência do que uma limitação, então não falei do problema para ninguém. Também não entrei em pânico quando ele se repetiu na escuridão, a 8.400 metros. Eu não conseguia enxergar nada, mas sabia que em duas horas viria a solução para essa dificuldade: a luz do dia.

Àquela altitude, a luz do sol é tão poderosa que pode queimar o interior da sua boca e do seu nariz. Se tirar os óculos de proteção, em dez minutos suas retinas serão queimadas a ponto de cegar.

Desse modo, eu esperava que, assim que o sol saísse por inteiro, mesmo por trás das minhas lentes escuras como piche, minhas pupilas voltassem ao normal e tudo entrasse em foco. Eu sabia que estava certo. Tinha que funcionar.

Na escuridão que antecede a aurora, entretanto, eu estava cego demais para escalar. Assim, saí da fila e deixei todo mundo passar entre os mais de trinta alpinistas, indo da quarta posição para a última. Não foi nada agradável saber que todo mundo havia passado na minha frente. Eu simplesmente fiquei ali parado, conversando e agindo como um recepcionista do Walmart até o sol começar a iluminar o flanco do cume.

Como esperado, minha visão começou a clarear. Consegui fincar os grampões dianteiros das minhas botas no gelo, fiz a travessia e segui em direção à crista do cume. Foi então que compliquei mais ainda minha situação, limpando o rosto com a luva coberta por uma camada de gelo. Um cristal feriu minha córnea direita, provocando uma dor lancinante e deixando meu olho todo embaçado. Com isso, fiquei sem percepção de profundidade, o que não é bom naquele tipo de ambiente. Meu olho esquerdo estava meio embaçado, mas eu ainda conseguia enxergar com ele. Contudo, percebi que, a não ser que minha visão melhorasse, não poderia passar daquele ponto, uma plataforma do tamanho de uma sala de estar chamada a Varanda, cerca de 460 metros abaixo do topo.

Ainda assim, acreditando que melhoraria, eu disse a Rob:

— Vão na frente e continuem subindo. Assim que conseguir ver, vou atrás de vocês.

Eram por volta de 7h30 da manhã.

— Beck — respondeu ele, com aquele sotaque neozelandês inconfundível. — Essa ideia não me agrada. Você tem trinta minutos. Se conseguir enxergar em trinta minutos, continue subindo. Caso contrário, não quero que escale.

— Ok. — Hesitei por um momento. — Vou aceitar seus termos. — Não foi uma resposta espontânea nem satisfeita; eu havia chegado tão longe, tão perto do cume. Mas também sabia que Hall tinha razão.

Em seguida, porém, tomei uma decisão estúpida.

— Então vamos fazer o seguinte — continuei. — Se minha visão *não voltar* nesse prazo de trinta minutos que você me deu, vou voltar para o Acampamento Avançado assim que enxergar de novo.

Hall também não concordou com esse segundo plano.

— Essa ideia não me parece melhor do que a outra. Se eu descer do topo dessa coisa e você não estiver aqui, não vou saber se conseguiu chegar em segurança no Acampamento Avançado ou se fez um mergulho de 2.400 metros. Quero que me prometa... Estou falando sério... Quero que me prometa que vai ficar aqui até eu voltar.

— Rob, eu juro que não vou me mexer — respondi.

Não passou pela minha cabeça que talvez ele não voltasse.

Esperei a manhã inteira. Era um dia lindo. Um céu sem nuvens. Não havia vento. Aquela enorme catedral de montanhas estendendo-se até onde a minha vista boa alcançava. Dava para perceber a curvatura da Terra bem ali abaixo dos meus pés.

Ao meio-dia, três alpinistas do nosso grupo desceram em minha direção: Stuart Hutchison, Lou Kasischke e John Taske (Frank Fischbeck já havia voltado). Eles contaram que ocorrera um atraso mais acima, no Escalão Hillary, um obstáculo natural na crista que leva direto ao topo. Com o congestionamento de alpinistas, os três se deram conta de que não teriam chance de chegar ao cume até as duas da tarde.

Assim, Stuart, Lou e John resolveram descer e, quando se aproximaram de mim, ali sozinho, sentindo cada vez mais frio na Varanda, disseram:

—Venha, desça conosco.

— Acho que estou de mãos atadas aqui — respondi. — Prometi a Hall que esperaria por ele. Não temos rádio, então não posso avisar que estou descendo. Ele vai achar que não honrei nosso compromisso. Acho que não tenho mais como mudar os planos.

Eles se despediram e continuaram descendo. Três homens sábios. Olhando em retrospecto, fica claro que eu deveria ter ido com eles. Mas naquele momento não havia nenhum perigo iminente. Era um dia perfeito. Além disso, ainda que eu soubesse que não escalaria a montanha naquele dia, detestava a ideia de desistir. Descer com eles significaria admitir de uma vez por todas que eu havia fracassado.

A propósito, Lou Kasischke chegou ao acampamento em segurança, mas viveria seu próprio pesadelo lá. Como já contei, no Acampamento Avançado, Lou havia dividido uma barraca comigo, Doug Hansen e Andy Harris. Durante a investida ao cume, Lou tirou os óculos de proteção por muito tempo e com isso

foi cegado pela exposição à neve. Quando a tempestade veio naquela noite, ele ficaria sozinho, sem enxergar, enquanto ouvia o vento tentar rasgar sua barraca, perguntando-se o que acontecera com seus três colegas de barraca.

QUATRO

Eu esperava que Rob chegasse no máximo às três da tarde. Passou do horário e depois o relógio marcou quatro, cinco da tarde, e nada. Aí eu comecei a me preocupar. O sol era o meu maior aliado, mas as sombras começavam a se alastrar. Com isso, as íris dos meus olhos começariam a se dilatar e logo eu estaria cego outra vez.

Eu podia sentir a montanha se recolhendo para dormir. A luz foi ficando fraca. Passei a sentir mais frio. O vento aumentou. A neve começou a se mover, e percebi que eu havia ficado tempo demais na festa. Tinha caído numa armadilha.

Comecei a entrar em pânico. Embora estivesse respirando com um cilindro de oxigênio e não sofresse de hipóxia, nas dez horas que se passaram eu fiquei de pé ou sentado, sem me movimentar muito. O frio agia como um anestésico na minha mente. Eu estava alucinando, vendo pessoas que entravam e saíam de foco.

Hoje percebo que estava afundando naquele momento, tremendo de frio, tomado por uma apatia tranquila e incapaz de avaliar o perigo que corria. As garrafas d'água dentro do meu casaco haviam congelado por completo contra a minha pele. Se tivesse ficado ali, provavelmente teria morrido congelado sem sequer tentar me mover.

Mas então Jon Krakauer apareceu, e eu me recompus. Ele estava exausto. Conversamos por um momento. Jon disse que Rob ainda estava lá em cima na crista, pelo menos três horas atrás dele, o que significava que nosso acordo não valia mais. Não havia possibilidade de eu esperar mais três horas. Por outro lado, também não havia chance de conseguir descer sem assistência.

Krakauer fez a coisa certa. Embora um dos nossos guias, Mike Groom, estivesse apenas vinte minutos atrás de nós, ele se ofereceu para me ajudar a descer. No entanto, não me senti bem com a ideia de ser um peso para Jon. Recusei a oferta e agradeci, dizendo que esperaria por Groom. Acho que ele deu um pequeno suspiro de gratidão.

Mais uma hora e meia se passou, e vieram Mike Groom e Yasuko. Ela parecia um cadáver ambulante, tão exausta que mal conseguia ficar de pé. Por sorte,

Neal Beidleman e alguns outros membros do grupo de Fischer também apareceram naquele mesmo instante, incluindo Sandy Pittman, Charlotte Fox e Tim Madsen, e todos haviam chegado ao topo e estavam nos limites da resistência.

Yasuko e eu, porém, éramos problemas sérios. Neal pegou-a e começou a descer o Triângulo. Mike me amarrou próximo ao seu corpo. Nessa técnica, uma extremidade da corda é amarrada ao redor da cintura do alpinista mais abaixo, que era eu. Mike estava a seis metros, usando a força e a alavancagem para me manter estabilizado enquanto descíamos.

Eram quase seis horas da tarde.

Descer uma montanha é muito mais perigoso do que subir. Quando alguém morre, costuma ser na descida. Naquele caso, tínhamos os problemas da exaustão e da minha cegueira, além de mais um pequeno detalhe: meus grampões. Eles eram do tipo *switchblade*, bons para o alpinismo técnico, mas suscetíveis a ficarem presos na neve molhada ou viscosa. De repente, a neve acumulada se aglutina nas pontas da lâmina, e então você passa a estar mais bem equipado para esquiar do que para ficar preso a uma montanha.

Então, lá fomos nós. Dou um passo, firmo a bota e deposito meu peso no que acredito que seja a montanha. Errado. Piso no ar e escorrego na superfície. Com a minha queda, a corda estica e derruba Mike.

Nós dois começamos a escorregar. Pegamos nossas piquetas, cravamos na montanha e jogamos o peso do corpo sobre elas para tentar interromper a queda.

Isso aconteceu mais duas ou três vezes até conseguirmos descer. Mike mais tarde descreveu a experiência como “um pouco perturbadora”. Ele mal sabia o que nos esperava mais adiante.

Com a exceção de alguns rasgos na minha roupa de proteção e do orgulho muito ferido, eu estava bem e muito aliviado. Estávamos de volta ao Colo Sul — praticamente fora de perigo. Em menos de uma hora de uma travessia fácil estaríamos nas barracas, em nossos sacos de dormir, bebendo chá quente e descansando do longo e exaustivo dia.

Mas quando começamos a avançar ouvimos um rugido rouco descendo como uma onda pela montanha. De repente, a nevasca engolfou tudo ao nosso redor. Cresceu num urro ensurdecedor. Uma camada grossa de nuvens encobriu o Colo Sul, envolvendo-nos na brancura e obscurecendo cada forma discernível, até que os únicos objetos visíveis eram as nossas lanternas de cabeça, que pareciam flutuar no meio do turbilhão. Neal Beidleman mais tarde compararia a experiência a estar perdido em uma garrafa de leite.

Rapidamente, fez um frio *inacreditável*.

Agarrei a manga de Mike. Ele era meus olhos. Eu não me permitiria perder

contato com ele.

Por instinto, nos juntamos como um rebanho; ninguém queria se separar dos outros enquanto tateávamos e procurávamos nos guiar sentindo o declive do Colo Sul, com a esperança de achar algum vestígio do acampamento. Virávamos para um lado, e nada. Virávamos para o outro, e nada. Em poucos minutos, perdemos todo o senso de direção; não fazíamos ideia de para que lado estávamos virados em meio ao redemoinho de vento, ao barulho, ao frio e ao gelo que soprava.

Continuamos andando em grupo, até que, de súbito, os pelos da nuca de Neal se arrepiaram. A experiência e a intuição diziam-lhe que havia um perigo mortal perto de nós.

"Tem alguma coisa errada aqui", gritou ele por sobre o ruído. "Vamos parar." Foi uma boa decisão. Estávamos a menos de sete metros de um mergulho vertical de dois mil metros ao longo do flanco do Kangshung. De onde paramos, o gelo continuava descendo em um ângulo pronunciado. Mais alguns passos e todo o grupo teria escorregado da montanha.

Quando paramos, outra coisa também parou — aquele aquecedor interno que nos mantém vivos. A única forma de conservar o calor nessas condições é ficar em atividade constante. Ficar parado equivale a morrer congelado, o que já estava acontecendo comigo.

Eu não conseguia mais nem sentir nem mover a mão direita, fato que não surpreendia naquelas circunstâncias e que costuma ser um problema de fácil solução. Devem-se tirar duas das três luvas que usamos e enfiar a mão afetada embaixo do casaco, pressionando-a contra o peito nu. Quando ela estiver aquecida o suficiente, deve-se tirá-la, colocar a luva de volta e seguir em frente.

Embora eu tivesse experiência em lugares muito frios, o que aconteceu ali foi um choque. Quando tirei as duas luvas, a pele da minha mão e do meu braço congelou instantaneamente, mesmo sob aquela terceira luva para ambientes de baixíssima temperatura. A dor excruciante da queimadura provocada pelo frio me deixou tão surpreso que minha mão esquerda soltou a luva que segurava, a qual foi levada pelo vento — *uuuuuush* — para o espaço sideral.

Havia outro par de luvas na minha mochila, mas daria no mesmo se estivessem embaixo da cama na minha casa: numa tempestade como aquela, não havia como tirar a mochila dos ombros, colocá-la no chão e procurar as luvas. O vento estava tão forte que era capaz de erguer meu corpo, o que aconteceu em certo momento.

Eu não tinha nem tempo nem presença de espírito para avaliar o provável destino da minha mão e do meu antebraço expostos ou como eu me viraria no futuro como um patologista de uma única mão. Enfiei-a de volta dentro do

casaco, como um Napoleão congelado.

Vida ou morte agora era a questão para todos nós, e a primeira alternativa tornava-se cada vez mais improvável a cada minuto.

Naquele momento, porém, as nuvens que se moviam rapidamente se abriram por um breve instante acima de nós, revelando um pedaço da Ursa Maior. Lembro-me de Klev Schoening, um dos clientes do Mountain Madness, ter gritado: “Vi as estrelas. Sei onde fica o acampamento!”

Esperança.

Sem perder tempo, formulamos um plano. Os mais fortes — grupo que incluía Beidleman e Schoening — desceriam o mais rápido possível na direção do acampamento. Se Schoening estivesse certo e eles encontrassem as barracas azuis do Acampamento Avançado, pediriam ajuda e resgatariam o resto de nós.

Se não conseguissem, não importaria, pois nós já estaríamos perdidos.

Mike Groom e eu discutimos a situação. Eu ainda conseguia andar, mas, como não estava enxergando, precisaria segurar seu braço, o que o atrasaria. Como agora minha vida dependia de alguém chegar ao acampamento e voltar antes de eu morrer congelado, aceitei ficar.

Não havia dúvidas em relação a Charlotte, Sandy e Yasuko. Nenhuma delas conseguiria andar sem ajuda. Assim, nós quatro ficaríamos. Quando os outros começaram a se afastar, Tim Madsen parou de repente.

“Não vou deixar Charlotte aqui”, disse ele. “Vocês podem ir, mas não vou deixá-la.”

Foi um ato muito corajoso. Não mencionamos o que todos pensávamos: a grande chance de as mulheres e eu — e agora Tim — já estarmos condenados à morte. Um brinde à força do amor.

Enquanto Beidleman, Groom e Schoening afastavam-se tempestade adentro, Yasuko silenciosa e desesperadamente agarrou o braço de Neal. Logo sua mão se afastou e eles partiram. Em seguida, ela e o resto de nós nos deitamos no chão e nos aninhamos como uma matilha, costas com costas e barrigas com barrigas, na esperança de conservar o calor e de nos abrigar do vento.

CHARLOTTE FOX: Lembro-me de Beck ter dito naquela hora: “Charlotte, este é o troço mais louco do mundo, não é?” Pois é, você acertou, Beck.

———

O sono era o nosso inimigo mais mortal. Todo alpinista sabe que, se não resistir ao frio e adormecer, estará comprando uma passagem só de ida para a morte.

Sem exceções. A temperatura corporal cai até o coração parar. Assim, nós gritávamos uns com os outros, nos batíamos e nos chutávamos. Qualquer coisa para ficarmos acordados.

Charlotte gritou:

— Eu não ligo mais! Tudo que eu quero é morrer rápido!

— Na-na-não! — disse Tim a ela. — Resposta errada, Charlotte. Mexa as pernas! Mexa as mãos. Vamos lá!

CHARLOTTE FOX: Eu estava congelando. Doía tanto. Só queria que acabasse.

———

Sandy Pittman perdeu o controle.

"Não quero morrer!", gritou ela. "Não quero morrer! Meu rosto está congelando! Minhas mãos estão congelando! Não quero morrer!"

Eu não disse nada, em parte porque Sandy estava certa. Ela estava expressando o meu próprio ponto de vista.

(Depois Sandy me contou que, no meio daquele horror, ela teve um sonho estranho em que estava em paz em uma plantação de chá. Por algum motivo, eu estava tocando flauta naquela fantasia. Gostei de ter sido incluído. Na verdade, isso me lembrou de uma época na minha vida em que considerei aprender a tocar flauta. Talvez na próxima encarnação.)

Entre o momento em que Sandy gritou e o começo do dia seguinte, minha memória é vaga ou inexistente. Eu estava começando a congelar, o que não era desagradável. É verdade que você começa a se sentir mais aquecido. Então, tive a sensação de estar flutuando. Perguntei-me se alguém estava me arrastando pelo gelo. Eu não tinha plena capacidade mental para conseguir compreender essas sensações.

CHARLOTTE FOX: Ventava tanto que coloquei o capuz sobre o rosto. Não estava olhando ao redor. Mas Tim se lembra de Beck ter subido em uma rocha, levantado os braços e dito: "Ok, entendi tudo." Em seguida, ele desabou, e foi a última coisa que Tim o viu fazer.

CINCO

Neal, Mike e Klev de alguma forma encontraram o Acampamento Avançado naquela noite, mas chegaram rastejando. As energias de todos eles tinham se esgotado. Eles não retornariam para nos pegar; não conseguiam. Os sherpas que estavam no acampamento também não. Não havia mais ninguém que pudesse, exceto pelo russo Anatoli Boukreev.

Naquele dia, Anatoli havia desertado do seu posto de guia. Enquanto todo mundo lutava na subida ou na descida do topo, ou se empilhava como lenha no Escalão Hillary, Anatoli escalara sozinho e sem cilindro de oxigênio. Ele simplesmente subiu, colocou sua bandeira no cume e desceu. Como não tinha reserva de oxigênio, não podia ficar exposto ao frio e foi forçado a se recolher no abrigo de sua barraca.

Assim, Boukreev passara horas se recuperando lá dentro, e, caso sua história tivesse terminado assim naquela noite, a comunidade de alpinistas teria arrancado a pele dele. Alpinistas não perdoam.

Mas Anatoli fez o que ninguém mais poderia nem viria a fazer. Ele saiu em meio à tempestade três vezes à procura de Scott Fischer, que morreu congelado na montanha, cerca de 360 metros acima do Colo Sul, e de nós. Boukreev foi forçado a voltar ao acampamento duas vezes por causa do vento e do frio. Na terceira vez, ele nos localizou encolhidos no flanco e levou de volta cada um dos três alpinistas da equipe de Fischer — Tim, Charlotte e Sandy. Deixou para trás Yasuko e eu, os alpinistas da equipe de Hall.

CHARLOTTE FOX: Só me lembro de Anatoli de repente estar ali. Ele me pegou primeiro. Eu me levantei e o segui. Ele me puxava pela mão. Depois, trouxe Sandy e Tim. Não me lembro de ninguém ter mencionado Beck e Yasuko.

———

Mais tarde Anatoli contou pelo menos três histórias sobre o que aconteceu no

Colo Sul. Não importa qual delas tenha sido a verdadeira. Naquele momento, ao salvar três pessoas que sem ajuda teriam morrido, Anatoli Boukreev tornou-se um herói.

Que ele seja lembrado dessa forma. No Natal de 1997, Boukreev foi morto em uma avalanche no Annapurna.

E ainda restavam os alpinistas perdidos do meu grupo: Rob Hall, Doug Hansen e Andy Harris.

Doug Hansen, como eu disse, estava escalando mal. No ano anterior, quando chegara muito perto do cume, teve um bom desempenho na subida. Mas, quando desistiu e voltou, perdeu o ritmo e precisou de ajuda.

Não é o corpo que nos carrega lá em cima. É a mente. O corpo fica exausto muitas horas antes de alcançarmos o topo; força de vontade, foco e determinação são as únicas coisas que podem nos fazer continuar em movimento. Se perder o foco, o corpo se torna um peso morto, inútil.

Doug continuou escalando depois das duas da tarde, e então depois das três e das quatro, ignorando o risco que corria. Não sei por que Rob o deixou fazer isso. Porém, quando Doug enfim chegou ao cume, o que acontecera em 1995 se repetiu. Isso era tudo que sua capacidade permitia. Era o que ele conseguia.

Agora, Rob Hall tinha um problema e tanto nas mãos. Não podia salvar Doug. Não podia resgatá-lo. Doug precisaria descer com as próprias pernas.

Rob contatou o Acampamento Base. O que lhe disseram foi: “Rob, isto é difícil, mas você *precisa* deixá-lo para trás. Você não vai conseguir salvá-lo. Salve-se.”

Não foi surpresa para aqueles que o conheciam o fato de Rob não ter conseguido abandonar Doug sozinho na montanha para se salvar. Se ele tivesse feito isso, jamais conseguiria se olhar no espelho outra vez.

Assim, aquele futuro pai amaldiçoaria a si mesmo se abandonasse Doug, e estaria condenado se não o abandonasse. Rob voltou a se comunicar pelo rádio e pediu ajuda, dizendo: “Estamos em uma situação desesperadora.” O jovem Andy Harris, que já havia completado um terço da descida para o Acampamento Avançado e também estava exausto, ouviu a mensagem.

Andy, esgotado pelo esforço e por causa de uma bactéria intestinal contraída em Lobuche, virou-se e lentamente subiu a montanha. Ele alcançou um estoque de oxigênio e levou vários cilindros até onde Doug e Rob se encontravam, próximos ao cume. Não se sabe ao certo o que aconteceu em seguida, apenas que eles passaram horas tentando fazer Doug percorrer a crista do cume, estreita como o fio de uma faca.

Rob e Andy conseguiram chegar ao cume sul, mas Doug, não. Ao que parece, ele caiu no caminho. Andy ficou com Rob até certo ponto da noite, quando,

desorientado e fisicamente esgotado, desapareceu tempestade adentro e nunca mais foi avistado.

A piqueta de Harris mais tarde seria recuperada perto do corpo de Rob, o que sugere que ele havia chegado ao seu limite. Nenhum alpinista abandona voluntariamente sua piqueta.

Rob sobreviveu à noite, mas na tarde seguinte, quando começou a ficar escuro e não havia mais esperança de resgate, o Acampamento Base chamou por rádio sua esposa Jan na Nova Zelândia e a colocou em contato com o marido que estava morrendo. Todo mundo que tinha um rádio na montanha testemunhou em silêncio os momentos de despedida dos dois. Hall recobrara a consciência e decidiu ali, ao rádio com Jan, chamar a filha ainda não nascida de Sarah.

Jan para Rob:

— Não pense que está sozinho. Estou mandando todas as minhas energias positivas para você.

Rob para Jan:

— Eu te amo. Durma bem, minha querida. Por favor, não se preocupe demais.

Os dois sabiam muito bem o que viria pela frente. Quando aquele momento passou e Rob não precisava mais ser forte, ele pôde ser ouvido chorando baixinho em face da própria morte. Não sabia que o rádio ainda estava ligado.

SEIS

A tempestade diminuiu na manhã do dia 11. A velocidade do vento caiu para cerca de cinquenta quilômetros por hora. Stuart Hutchison e três sherpas saíram para procurar por mim e por Yasuko. Nos encontraram deitados um junto ao outro, quase totalmente cobertos por neve e gelo.

Primeiro verificaram Yasuko. Hutchison abaixou-se e a puxou pelo casaco. Ela tinha uma camada de sete centímetros de gelo no rosto, uma máscara que ele retirou. A pele estava da cor de porcelana. As pupilas estavam dilatadas. Mas ela ainda respirava.

Em seguida, ele passou para mim. Puxou-me e limpou o gelo dos meus olhos e da minha barba para dar uma olhada no meu rosto. Como Yasuko, eu me agarrava à vida por um fio. Hutchison mais tarde diria nunca ter visto um ser humano tão perto da morte e ainda respirando. Vinda de um cardiologista, não questiono a avaliação.

O que fazer? Os supersticiosos sherpas, que não gostam de ficar perto de mortos e moribundos, hesitaram em se aproximar. Mas Hutchison não precisava de uma segunda opinião. A resposta era: deixe-os. Todo alpinista sabe que, depois que se entra em um coma hipotérmico no alto de uma montanha, não se acorda mais. Yasuko e eu morreríamos, em todo caso. Levar-nos de volta seria colocar mais vidas em perigo.

Da minha parte, não há nenhum ressentimento em relação a essa decisão. Mas qual seria a força necessária para carregar Yasuko de volta? Ela era tão magra. Poderia pelo menos ter morrido na barraca, cercada por outras pessoas, e não sozinha no gelo.

Hutchison e os sherpas voltaram ao acampamento e disseram a todos que estávamos mortos. Eles contataram o Acampamento Base, que notificou o escritório de Rob em Christchurch, o qual transmitiu a notícia para Dallas. Em uma manhã quente e ensolarada de sábado, o telefone da nossa casa tocou. Foi Peach quem atendeu. Madeleine David, gerente da companhia de Hall, a Adventure Consultants, contou que eu havia morrido enquanto descia a crista do cume.

— Há alguma esperança? —, perguntou Peach.

— Não — respondeu Madeleine. — Foi feita uma identificação positiva do corpo. Sinto muito.

Por volta das quatro da tarde, horário do Everest — passadas 22 horas do começo da tempestade —, o milagre aconteceu: eu abri os olhos. Vários eventos improváveis, senão impossíveis, ocorreriam a seguir. Eu me levantaria e retornaria com muita dificuldade ao Acampamento Avançado. No dia seguinte, levantaria outra vez e atravessaria o flanco do Lhotse. Depois, seria realizado um resgate de helicóptero inédito em uma altitude tão elevada. Foram todos *grandes* feitos. Já o milagre foi um fato discreto: abri os olhos e ganhei outra chance.

No meu estado de confusão, primeiro pensei que estava aquecido e confortável em casa, na minha cama, com a luz do sol do Texas entrando pela janela. Contudo, à medida que minha mente clareava, vi minha mão sem luva, uma coisa cinza e sem vida, bem na frente do meu rosto.

Dei um golpe contra o gelo. Ela quicou, soando como um bloco de madeira, o que teve o maravilhoso efeito de despertar minha atenção: não estou na cama. Estou em algum lugar da montanha — não sei bem onde. Não enxergo nada a distância, mas sei que estou sozinho.

Levei algum tempo para recapitular a noite anterior. Quando consegui, presumi que todos os outros tinham sido resgatados e, por alguma razão, eu havia sido deixado para trás. Teria sido alguma coisa que eu falei?

Algo dentro de mim me dizia que a ajuda não viria. Caso contrário, já estaria lá. Eu só podia contar comigo mesmo.

Um mistério até hoje não esclarecido é que eu não estava mais deitado perto de Yasuko. Ela continuava onde Stuart Hutchison e os sherpas nos encontraram e deixaram naquela manhã.

Mas naquela tarde eu despertei do coma sozinho, a uma boa distância dela. Só posso presumir que em alguma hora entre a manhã e o fim do dia eu fiquei semiconsciente e dei um jeito de caminhar (talvez por 45 metros) na direção do Acampamento Avançado antes de cair outra vez.

Em algum momento no meio de tudo aquilo veio outro choque — minha epifania. De repente, pude ver mentalmente minha família — Peach, Bub e Meg. Não era só a imagem de alguma foto da qual eu poderia estar me lembrando. Meu subconsciente trouxe-os para mim de forma vívida, como se pudessem falar a qualquer momento. Naquele instante, eu soube com toda a clareza que, se não levantasse de uma vez por todas, passaria a eternidade ali.

Achei que estivesse conformado com a ideia de morrer na montanha. Aquela pode até ter me parecido uma forma romântica e nobre de partir. Mas, mesmo que eu estivesse preparado para a morte, ainda não estava disposto a isso.

Com um grande esforço, consegui ficar de pé e me livrei da mochila, descartando-a junto com minha piqueta. Eu teria apenas uma chance. Concluí que, se eu não chegasse ao acampamento, não precisaria do equipamento. Ele só iria me atrasar. Por um breve momento, pensei que aquelas coisas podiam ser os últimos bens materiais que eu teria na Terra.

Também me dei conta de que precisava dar uma mijada das boas. Não havia opção além de deixar escorrer por dentro da roupa protetora. Pelo menos, aquilo me aqueceu por algum tempo.

Minha primeira ideia foi caminhar seguindo um padrão de linhas intercruzadas, como uma rede. Caminhei formando quadrados imaginários, mapeando o terreno à procura de alguma marca geográfica ou qualquer coisa que pudesse me orientar. Contudo, logo percebi que essa estratégia não estava me levando a lugar nenhum.

Então, lembrei que na noite anterior alguém havia gritado durante a tempestade: “Em que direção o vento sopra sobre o Acampamento Avançado?”

A resposta foi: “Sopra em direção àquele flanco, sobre o campo e o Colo.” Isso significava que, se a direção do vento não tivesse mudado, o Acampamento Avançado estaria em algum lugar no sentido do vento.

Assim, escolhi aquela direção, com a sensação de que minha escolha era tão boa quanto todas as outras 359 opções que eu tinha. Se eu caísse, estava determinado a me levantar. Se caísse outra vez, me levantaria outra vez. E continuaria andando até cair e não conseguir mais me levantar, ou até chegar ao acampamento, ou ainda até despencar do flanco da montanha.

Minhas mãos estavam completamente congeladas. Meu rosto fora destruído pelo frio. Eu estava num estado profundo de hipotermia. Fazia três dias que não comia e dois que não bebia água. Estava perdido e quase 100% cego.

“Você não pode pensar nessas pequenas coisas”, disse a mim mesmo. “Precisa se concentrar *no que deve ser feito* e fazê-lo.”

Comecei a avançar com aquele mesmo movimento repetitivo usado para conservar energia que meu corpo conhece tão bem. O terreno era irregular, cheio de saliências de dez a vinte centímetros de profundidade, que à luz fraca do fim da tarde eram invisíveis para mim.

Cada vez que encontrava uma dessas saliências ocultas, eu caía. A princípio, estendia as mãos instintivamente para interromper a queda, mas não queria danificá-las ainda mais, uma vez que já tinham sido afetadas pelos efeitos da geladura, então passei a segurá-las perto do peito e a tentar virar de costas ou de lado toda vez que escorregasse e caísse. Eu batia com muita força no chão. *Blam!* A cada vez, era como se houvesse uma queima de fogos na minha cabeça. Então, eu me levantava e recomeçava.

Parte de mim estava apática, e até mesmo conformada, uma reprise da tarde anterior na Varanda. O sol estava se pondo, e eu sabia que assim que ele desaparecesse seria o meu fim. Não teria mais luz e a temperatura despencaria. Eu me imaginava caindo uma última vez, sem conseguir mais me levantar, e então simplesmente assistindo ao pôr do sol.

O que me surpreendia nesses pensamentos era que eles não me assustavam. Não sou um indivíduo muito corajoso, e seria de se esperar que ficasse aterrorizado ao encarar essa situação. Mas não me senti assim.

Não, eu fui tomado por uma sensação intensa de melancolia. O fato de que eu não poderia me despedir da minha família, de que nunca mais diria “eu te amo” à minha esposa ou abraçaria meus filhos era inaceitável.

“Continue”, eu dizia a mim mesmo sem parar.

Comecei a ter alucinações outra vez e cheguei muito perto de surtar. As coisas giravam ao meu redor.

Vi duas estranhas rochas azuis na minha frente e pensei por um momento: “Devem ser as barracas!” Quase de imediato, respondi a mim mesmo: “Não! Quando você se aproximar, verá que não passam de rochas. Vai ficar desencorajado e vai parar. *Você não pode fazer isso*. Precisa passar *direto* por elas. Não vai fazer diferença.”

Concentrei-me naqueles borrões azuis, dividido entre a crença de que eram o acampamento e o temor de que não fossem, até que cheguei a cerca de trinta metros deles. De repente, uma silhueta se aproximou! Era Todd Burleson, líder de outra expedição, que contemplava uma estranha criatura cambaleando em sua direção sob o crepúsculo.

Mais tarde, Burleson compartilhou suas primeiras impressões de mim com um entrevistador da TV.

“Eu não acreditava nos meus olhos. Aquele homem não tinha rosto. Era algo completamente preto e sólido, como se estivesse coberto por uma crosta. Seu casaco estava aberto até a cintura, cheio de neve. O braço direito estava exposto e congelado acima da cabeça. Não conseguimos abaixá-lo. A pele dele parecia mármore. Uma pedra branca. Não havia sangue.”

SETE

O choque de Todd Burleson vinha em parte da minha aparência e em parte da notícia que ele recebera de que todo mundo acima do Acampamento Avançado, inclusive eu, estava morto.

Ele rapidamente se recompôs, aproximou-se e me puxou pelo braço até a primeira barraca — do falecido Scott Fischer —, onde me colocaram dentro de dois sacos de dormir, enfiaram garrafas de água quente debaixo dos meus braços e me deram uma injeção de esteroides.

"Você não vai acreditar *quem* acabou de chegar ao acampamento", disseram pelo rádio ao Acampamento Base. A resposta foi: "Isso é fascinante. Mas não muda nada. Ele vai morrer. Não desçam com ele."

Felizmente, não me contaram isso.

O consenso geral é que, em casos de hipotermia, mesmo uma ressurreição tão notável quanto a minha só serve para adiar o inevitável. Quando telefonaram para Peach e informaram que eu não estava morto, como haviam pensado, mas que estava em um estado crítico, não tentaram lhe dar falsas esperanças. Porém, o que ela ouviu, é claro, foi algo inteiramente diferente.

Eu também discordava daquele prognóstico sombrio. Tendo me reconectado com a nave mãe, agora acreditava que tinha uma chance de sobreviver. Por qualquer razão que fosse, eu parecia ter suportado a hipotermia e acreditava genuinamente ter recobrado as forças. Entretanto, não me lembrei da cascata de gelo de Khumbu, impossível de ser atravessada sem usar as mãos. Eu precisaria encontrar outra forma de sair dali, algo que ninguém tentara antes.

Naquela noite, eles me deixaram sozinho na barraca de Scott Fischer, acreditando que eu morreria. Em duas ocasiões, ouvi os outros se referindo a "um cara morto" na barraca. "Quem poderia ser?", eu me perguntava quando conseguia ficar acordado.

Para complicar ainda mais a situação, a tempestade voltou a rugir, tão violenta quanto na noite anterior. Ela balançava a barraca, me embalando junto, como se não pesássemos nada. Lembrei-me de Scott ter falado sobre a nova barraca que estava testando, um novo modelo em fase experimental, mais leve e

extremamente flexível. Perguntei-me se era naquela barraca que eu estava e, em caso afirmativo, qual o nível de segurança da sua instalação. O vento com certeza era forte o bastante para arrastar a barraca e a mim para longe do Colo Sul, arremessando-nos lá embaixo.

A cada rajada, a barraca era pressionada com tanta força sobre o meu peito e o meu rosto que aquilo me impedia de respirar. Nos breves momentos entre uma rajada e outra, eu me virava de lado e acabei descobrindo que, se ficasse naquela posição, conseguiria respirar mesmo com a barraca fazendo pressão contra mim.

Minha mão direita e meu antebraço haviam se tornado inúteis àquela altura. Começaram a inchar e a perder a cor até o pulso, onde estava meu relógio. Tentei desesperadamente arrancá-lo com os dentes, mas a Seiko faz pulseiras de altíssima qualidade, então não consegui.

Mesmo com tanta comoção e desconforto, devo ter perdido a consciência inúmeras vezes naquela noite. Não me lembro do momento em que a nevasca abriu a barraca e a encheu de neve, mas isso aconteceu. Não me lembro de ter sido arrancado do meu saco de dormir, mas sem dúvida fui, pois acordei sem ele de madrugada.

PEACH: Consigo entender por que ninguém podia ou estava disposto a arriscar a vida para resgatar Beck ou Yasuko. Acho até que consigo entender o decreto médico vindo do Acampamento Base de que Beck deveria ser deixado para morrer no Acampamento Avançado. O que não entendo é por que o deixaram passar a noite sozinho naquela barraca.

Quer dizer, se estavam lúcidos o bastante para entender as ordens de um médico, deveriam ter tido a presença de espírito de não o deixarem sozinho. Poderiam pelo menos checá-lo algumas vezes.

Fiquei pensando nisso. Onde estava a compaixão deles? Permanecer na barraca com Beck com certeza não teria posto ninguém em perigo. Se achavam que ele ia morrer, teria sido um imenso consolo para nós se alguém tivesse ficado lá e ouvido suas últimas palavras e talvez as transmitido para aqueles que ele havia deixado.

———

Quase todo mundo se preparou para deixar o acampamento ao amanhecer, e fizeram isso muito silenciosamente. Não ouvi nada. Além de Todd Burleson e Pete Athans, que guiavam a mesma expedição juntos, só eu e Jon Krakauer estávamos no acampamento.

Ouvi um barulho do lado de fora.

— Olá! — gritei. — Tem alguém aí?

Krakauer, que estava checando cada barraca antes de descer a montanha também, enfiou a cabeça dentro da minha. Quando me viu, o queixo de Jon caiu. Achavam que eu estava morto.

— O que diabos uma pessoa tem que fazer para ser atendido aqui? — perguntei. — Jon, se não for incômodo, você poderia pedir a Pete Athans que venha aqui? Gostaria muito de conversar com ele.

Athans, meu conhecido de expedições anteriores, deu uma olhada e viu que eu de fato estava vivo. Eu estava inteiramente vestido e de botas — não se pode tirá-las, ou os pés incham e você não consegue voltar a calçá-las. Assim, foi relativamente fácil levantar, colocar meus grampões com a ajuda de Pete e Todd e beber dois litros de chá.

Agora, o cara morto estava pronto para descer o flanco do Lhotse.

Deixei a urina escorrer pela minha perna enquanto colocava os óculos de proteção. Com Pete na minha frente e Todd atrás, segurando meu cinturão de segurança, percorremos mais ou menos um quarto do flanco, chegando a uma área de rocha quebradiça chamada Franja Amarela. Lá encontramos membros da equipe de filmagem da Imax: Ed Viesturs, o maior alpinista de grandes altitudes da América, e Robert Schauer, um fotógrafo austríaco. Eles me conduziriam pelo resto do caminho até o Acampamento Três, que fica a 7.100 metros de altitude.

David Breashears, diretor e cinegrafista da Imax, juntou-se a nós. Àquela altura, tudo o que eu queria era entrar em uma barraca e dormir, mas David disse que não, que precisávamos continuar descendo. Então respondi:

— David, se você acredita que posso fazer isso, acho que conseguirei.

Após um rápido descanso e mais um pouco de chá, partimos outra vez, agora percorrendo uma parte muito inclinada do declive até o Acampamento Dois, no Cwm Ocidental, a 6.500 metros de altitude. Andávamos tão perto uns dos outros que observei que, na minha terra natal, a Geórgia, seríamos considerados casados.

David caminhava na minha frente. Eu descansava um dos braços sobre a mochila dele. A cada vez que ele levantava o pé do gelo, eu enfiava meus grampões na pegada que ele deixava. Atrás de mim, não sei se quem continuava me segurando pelo cinturão era Ed ou Robert. Dessa forma, fomos descendo o flanco devagar.

Os três — David, Ed e Robert — eram alpinistas de elite e estavam entre os mais famosos e bem-sucedidos do mundo. Não me passou despercebido que eu, um total amador em seus últimos dias de carreira como alpinista, de repente estivesse cercado pelo time dos sonhos do alpinismo. Mais uma das pequenas ironias da vida.

Não posso deixar de mencionar que descer o flanco do Lhotse comigo foi um dos menores atos de altruísmo de David e do resto da equipe da Imax naquela situação de emergência. Quando souberam da tragédia que estava se desenrolando, eles entraram em contato com o Acampamento Avançado no Colo Sul e passaram instruções dizendo que quem precisasse dos estoques que tinham lá — de oxigênio, combustível, alimentos, baterias e outras coisas — só precisava cortar suas barracas e pegar tudo o que fosse necessário. Esses homens eram membros atuantes da irmandade da corda e não pensaram duas vezes antes de abrir mão de estoques reunidos a duras penas, mesmo que isso pudesse frustrar um empreendimento de 7 milhões de dólares.

Sinto-me feliz por não ter acontecido o pior.

Enquanto descíamos o flanco do Lhotse, perguntei a David se ele se importaria se cantássemos um pouco para me encorajar. Tenho certeza de que ele pensou que eu era louco. Ainda assim, logo estávamos cantando “Chain of Fools”, de Aretha Franklin, o que parecia uma trilha sonora muito apropriada para o momento. Na tentativa de manter todos motivados, até mesmo arrisquei uma piada sem graça.

“Disseram que esta viagem me custaria um braço e uma perna”, falei, sem constrangimentos. “Até agora, o negócio foi melhor do que eu esperava.”

A barraca usada como refeitório no Acampamento Dois foi transformada em um hospital. Dentro dela, o dr. Ken Kamler, um cirurgião de Nova York especialista em mãos, e um médico dinamarquês, o dr. Henrik Jessen Hansen, cuidavam dos feridos.

Entre eles estava Gau Ming-Ho, líder da expedição taiwanesa que atende pelo apelido “Makalu”. Ele também ficara tempo demais na montanha e conseguira descer tanto quanto Scott Fischer, 360 metros acima do Colo Sul, onde depois três sherpas o resgataram, deixando para trás Fischer, que estava em coma.

No Acampamento Dois, removeram todos os meus acessórios — inclusive o relógio — e em mais ou menos um minuto eu estava nu, deitado no chão. É claro que havia tanto homens quanto mulheres na barraca, mas não me importaria nem se eles vendessem ingressos para me ver.

Algum tempo depois, me colocaram em um saco de dormir e imergiram minhas mãos em duas tigelas de água quente para descongelá-las. Mais tarde, elas foram cobertas com nitrato de prata, que também é usado em queimaduras — desinfeta qualquer coisa —, e enfaixadas até ficarem protegidas por grandes luvas de bandagens. Tomei alguns comprimidos de ibuprofeno, um vasodilatador e um pouco de sopa.

Alguém aplicou soro por via intravenosa no meu braço direito. Estava muito frio no Acampamento Dois. Apesar de terem passado os tubos em água quente,

quando o líquido entrou nas minhas veias parecia que estava entrando gelo no meu coração.

Foi nesse momento que comecei a ouvir rumores de um resgate por helicóptero — a mão oculta de Peach. Parecia um conto de fadas: aquilo nunca havia acontecido e não tinha a menor chance de acontecer. O acampamento mais baixo da montanha ficava muito acima do teto estabelecido para o helicóptero em questão, um EuroCopter Squirrel americano que pertencia ao Exército Real Nepalês. O ar é tão rarefeito e instável naquela altitude que nós simplesmente cairíamos.

Entretanto, ninguém contou isso a Peach. E, como ela não sabia que era algo impossível, ela o fez. Com a ajuda do seu grupo de supermães da região norte de Dallas — qualquer uma delas é capaz de administrar, de dentro da cozinha, uma companhia da lista das quinhentas maiores empresas do mundo da revista *Fortune* —, telefonou para todo mundo. Se você não recebeu um telefonema da minha mulher ou de uma de suas companheiras naquela batalha, é porque não estava em casa.

Elas recrutaram a senadora do nosso estado, Kay Bailey Hutchison, e Tom Daschle, líder da minoria democrata no Senado, que agitaram o Departamento de Estado. Foram eles que contataram um bom jovem da embaixada de Katmandu chamado David Schensted, que trabalhava com uma bela nepalesa chamada Inu K. C. As iniciais são de Khatri Chhetri, o que significa que Inu integra uma casta de guerreiros, *a* casta de guerreiros do Nepal.

Ser K. C. é algo muito sério. Vive-se de acordo com um código pessoal muito mais exigente do que o de pessoas comuns. Depois que vários pilotos haviam se negado (com certa razão) a tentar fazer o resgate, Inu disse a Schensted: “Conheço um homem que acredita ter um coração destemido, mas que nunca recebeu um desafio grande o suficiente para saber se isso é verdade. Vou pedir a ele.”

Eles encontraram o tenente-coronel Madan K. C. no momento em que ele dava a segunda tacada no Clube Real de Golfe do Nepal. Em vez de recusar uma missão tão arriscada, como teria feito qualquer mortal, Madan K. C. aceitou o desafio. “Vou fazer isso”, disse ele. “Vou resgatar Beck.”

A melhor — ou a única — hora para tentar uma operação tão arriscada no Everest é de manhã cedo. Como na travessia da cascata de gelo de Khumbu, o sol complica o voo em grandes altitudes, pois aquece a atmosfera e a torna ainda mais rarefeita e instável. Madan queria que tudo transcorresse da forma mais tranquila possível.

Nos levantamos às 5h30 naquela manhã e percorremos o Cwm até o Acampamento Um, que fica próximo ao topo da cascata de gelo. Quando

chegamos, o rádio ganhou vida. Uma voz anunciou do Acampamento Base: “O helicóptero está aqui e vai tentar. Está aqui para Weathers. Preparem-se. Um alpinista. Só um alpinista.”

MADAN: A embaixada americana alertou-nos sobre Beck Weathers, que estava a seis mil metros de altitude na montanha e gravemente ferido. Nunca havíamos subido tão alto, então discutimos a questão entre nós. Aquele lugar é muito, muito perigoso e tem ventos fortíssimos. Mas, quando estou de serviço, é minha obrigação moral não hesitar se posso salvar a vida de alguém.

Eu disse à embaixada americana: “Nós tentaremos.”

Planejava levantar voo de Katmandu às seis da manhã. Porém, quando chegamos ao aeroporto, encontramos uma mensagem: “Ventos muito fortes. Não mandem o helicóptero.” Então, telefonaram outra vez: “O vento diminuiu. Mandem o helicóptero.”

Levantamos voo. Era só uma tentativa. Não estávamos confiantes. Nunca havíamos ido tão alto, e você tem que voar a poucos metros da cascata de gelo de Khumbu para alcançar o vale. A força é quase nula.

É necessário ser muito preciso. Voa-se nos últimos limites de tudo.

———

Assim que recebemos a mensagem pelo rádio, um grupo de sherpas veio correndo vale abaixo em nossa direção. Eles estavam arrastando alguma coisa, que no final das contas era Makalu, cujos pés haviam sido destruídos pelo frio. Ele não conseguia ficar de pé.

Aí tínhamos um problema. Conversamos, e eu disse aos outros que não podia entrar no helicóptero e deixar Makalu. Acho que era a coisa certa a se fazer, mas não foi por isso que falei aquilo. Eu não queria passar o resto da minha vida com a consciência pesada.

Foi então que vimos o Squirrel. O veículo verde brilhante passou a poucos metros sobre nós e voou vale acima, ascendeu em nossa direção e desapareceu em seguida. Pensei: “Esse cara não é estúpido. Essa foi uma ideia mais do que burra. Se ele descer com a aeronave por *qualquer* razão e não conseguir decolar, será um homem morto. Ele *sem dúvida* sabe disso.”

Ele vestia roupas normais. Não era um alpinista. Não tinha as roupas apropriadas. Não tinha experiência. Não tinha as habilidades. Ficaria preso na cascata de gelo de Khumbu, os seiscentos metros mais perigosos do planeta. O mal da montanha o mataria antes que ele conseguisse sair de lá.

MADAN: Voamos até o Acampamento Um, mas não vimos ninguém. Geralmente, quando há um resgate, usa-se uma bandeira ou algo assim. Então voamos até o Acampamento Dois e depois voltamos ao vermos pessoas puxando um alpinista na neve. Ele parecia estar com um problema sério.

Naquela altitude, o helicóptero ficava pesado demais para que pudéssemos tentar o resgate. Meu copiloto disse:

— Vamos embora. É impossível.

— Vou tentar. — respondi.

É preciso tomar uma decisão. Sim ou não. Caso contrário, um erro pode ser cometido. Eu tinha certeza de que conseguiríamos:

— Ok, vou agora.

Então, voltei até o Acampamento Base e deixei meu copiloto com equipamento e combustível. Em seguida, fui sozinho — eu tinha vinte minutos de combustível — e planei a apenas trinta centímetros do chão do Acampamento Um. Estava prestando atenção para ver se a neve subiria. Se subisse, eu não poderia pousar. Se pousasse e não conseguisse levantar voo, eu não estaria vivo hoje. A temperatura era de –9,5°C.

———

Mais uma vez, o helicóptero subiu. Agora, havia só um homem. Ele avançou pelo vale com uma precisão deliberada e meticulosa e então colocou o esqui de pouso na superfície. Não ousou a depositar o peso do helicóptero sobre ela. Ele não tinha a menor ideia se o terreno era sólido ou se era só uma fina camada sobre o ar. Lá em cima ninguém sabe se está pisando sobre uma fenda.

Ele estava usando força máxima. Suas mãos não saíram dos controles. Não mexeu a cabeça para a esquerda nem para a direita — aquilo poderia mudar sua percepção de profundidade. Agarramos Makalu como um saco de batatas e o jogamos na traseira da aeronave, batendo a porta. A cauda do helicóptero se ergueu. Não *levantou*, mas foi para a frente, em direção à cascata de gelo, onde mergulhou e sumiu. Meu coração se despedaçou, pois eu percebi que o helicóptero não voltaria.

MADAN: Quando voei até o Acampamento Um, haviam amarrado um farrapo a uma piqueta para me mostrar a direção do vento e marcado um ponto para eu pousar. Mais tarde, eu soube que eles usaram suco em pó. Vi um pontinho na neve. Era bem inclinado, então fui um pouco para a esquerda, onde decidi pousar e falei: “Deus, agora é com você.”

Estávamos entre duas fendas *enormes*. Só havia alguns metros de cada lado do

helicóptero. As fendas eram de um tom azul-escuro. Daria para colocar uma casa inteira nelas. E descobri que tinha duas pessoas muito mal. Não olhei para eles. Não podia tirar minha mão dos controles nem queria mexer a cabeça. Poderia afetar meu julgamento. Eu disse: “Só um”, e por fim entenderam.

Levantei voo devagar e deixei o cara no Acampamento Base. Mas não era Beck. Então, voltei para pegá-lo.

Aquela missão havia sido especialmente solicitada por causa dele. Foi uma missão muito, muito difícil mesmo. Não haveria espaço de manobra para o helicóptero caso alguma coisa desse errado. Os ventos eram fortes — e ventos de cauda. O ideal são ventos de frente para ajudar a levantar.

Precisava pousar o mais perto possível deles. Para andar cinquenta metros, eles precisam de uma hora. Eu só tinha alguns minutos de combustível.

———

Acho que passamos uns cinco minutos ali. Não falávamos nada, pois não havia nada a ser dito. Foi então que surgiu um dos sons mais bonitos que já ouvi na vida inteira, aquele barulho característico de um helicóptero, *flap! flap! flap!* Muito antes de podermos vê-lo, conseguimos ouvi-lo subindo a encosta imensa, e mais uma vez o mesmo homem solitário apareceu. Ele subiu o vale com grande autoridade.

Com a mesma habilidade incrível, pousou outra vez. Sem esperar, andei rápido em sua direção e entrei na traseira da aeronave. Bateram a porta, e a cauda do helicóptero subiu novamente, levando-nos em direção à cascata, as fendas ficando para trás sob o trem de pouso.

Passamos por sobre a extremidade e descemos zunindo pelo flanco, a hélice girando acima das nossas cabeças, tentando agarrar o ar gelado, pesado e denso que lhe dava vida. A aeronave parecia viva abaixo de nós ao erguer-se após o mergulho, e então soubemos que estávamos em segurança.

Pegamos Makalu no Acampamento Base e o colocamos de volta no helicóptero. Pegamos também o copiloto e todo o equipamento que Madan havia tirado da sua aeronave. Foi então que descobri que, quando voltou para me pegar, ele só tinha sete minutos de combustível.

Para mim, Madan é a pessoa mais extraordinária desta história, porque ele não sabia sequer quem eu era. Não conhecia minha família e era o único provedor da sua família. Estamos separados pela língua, pela cultura, pela religião, por toda a extensão do globo, mas unidos por um elo de humanidade.

Esse homem nunca mais terá de se perguntar se tem um coração destemido.

MADAN: Tive uma conversa com Beck no caminho de volta para Katmandu. Ele estava muito agitado, chorando e dando batidinhas nas minhas costas. Chorava e dizia: “Você salvou a minha vida.”

———

Depois Peach escreveria para Madan agradecendo pelo ato extraordinário de coragem ao me resgatar na montanha. Mais tarde, Madan me disse que, das centenas de vezes que ele resgatara pessoas no Himalaia, aquela fora a primeira em que recebera tantos agradecimentos.

Acho que não damos o devido valor aos nossos heróis.

OITO

Enquanto descíamos da montanha, David Breashears e outras pessoas me disseram que todas as mortes no Everest e o meu próprio renascimento improvável causaram furor na mídia do mundo inteiro. O semblante abatido de "Seaborne" Weathers apareceria na primeira página do *The New York Times* no dia 14 de maio.

Mas minha ficha não caiu em relação à repercussão da tragédia para além da comunidade do alpinismo e das nossas famílias até aterrissarmos no Tribhuvan. Repórteres, a maioria japoneses, começaram a se aglomerar nas laterais do helicóptero no momento em que ele parou. Flashes disparavam alucinadamente.

Eu não estava nem um pouco preparado para falar com a imprensa. Minha sensação, assim como minha aparência e meu cheiro, era de ter acabado de sair de uma lata de lixo velho, e eu mal tive tempo para avaliar o que acabara de acontecer. Além disso, estava usando um traje completo de montanha (botas, casaco etc.), o que não é o tipo de roupa mais confortável para uma coletiva de imprensa na calorenta Katmandu.

Para o meu alívio, a primeira pessoa que vi quando a porta do helicóptero se abriu foi David Schensted, da embaixada. Ele se apresentou e em seguida me tirou do meio da roda de microfones e câmeras, levando-me direto para a Clínica Ciwek de Katmandu, onde um médico americano, o dr. David Schlim, iria me examinar.

Enquanto estava na clínica de Schlim, tive a primeira chance de telefonar para Peach. Até então, ela sequer recebera uma descrição clara do que havia acontecido. Expliquei que, embora estivesse bastante ferido, eu achava que ficaria bem. Ela me disse que meu irmão mais novo, Dan — que é médico e na hora do acidente estava de plantão na emergência do Medical City Hospital, em Dallas, onde também trabalho —, estava a caminho do Nepal. Era uma ótima notícia: eu já havia começado a me perguntar como chegaria em casa sem as mãos.

PEACH: Eu amo muito meu marido, e sempre amei. Mas quando Beck foi

para o monte Everest em março de 1996 — ele passou nosso vigésimo aniversário de casamento lá — decidi que seria a última vez que ele se afastaria de nós. Beck estava vivendo só para as suas obsessões, e minha esperança de fazer nosso casamento dar certo tinha acabado. Eu havia decidido não viver mais daquele jeito.

Beck parecia egoisticamente determinado a se matar ou a encontrar a morte. Ele nunca admitiria isso, mas acho que foi para o Everest quase convencido de que morreria lá. Eu percebia que ele estava com medo, mesmo no aeroporto. Acho que nunca o tinha visto realmente com medo. Ele não expressava isso, mas dá para perceber esse tipo de coisa só de olhar. A linguagem corporal e tudo mais.

Quando ia naquelas viagens, Beck *nunca* entrava em contato. Semanas se passavam sem uma única palavra. Nós todos poderíamos ter sido levados por um tornado que Beck não saberia.

Mas dessa vez ele manteve contato. Lembro que ele ligou para casa no dia 4 de maio para dizer que, depois de um mês na montanha, todos enfim estavam prontos para escalá-la. Tanto Meg quanto eu falamos com ele.

Eu recebia faxes dele de duas em duas noites, pelo menos. Ele não estava tão seguro. Não estava se divertindo. Resmungava um pouco. O senhor-à-prova-de-bala estava assustado e precisava se comunicar. Eu pensava: "Se não queria conversar comigo quando estava aqui, por que quer conversar daí?" Algo nisso simplesmente não fazia sentido.

Quando ele não recebia resposta, ficava preocupado. "Por que você não respondeu?" Na verdade, eu datilografava as respostas, mas nem sempre conseguia enviá-las.

É claro que a verdadeira questão era: para começar, por que ele tinha que fazer isso?

Enquanto Beck estava fora, assisti a um programa na TV sobre uma escocesa que havia morrido escalando montanhas. Depois o marido dela levou os dois filhos ao Himalaia para que vissem onde a mãe morreu.

Lembro-me de ter pensado na época: "Que bem isso poderia fazer para eles, dizer a uma criança de quatro anos e a outra de dois 'Mamãe está ali nas nuvens'?"

Pensei que isso não adiantaria para fazê-los se sentirem melhor. "Mamãe era uma pessoa tão corajosa." Isso não iria ajudá-los quando eles caíssem e machucassem os joelhos.

Na noite de sexta-feira, 10 de maio, recebi uma ligação rápida de Madeleine David, da Nova Zelândia. Ela disse que Beck não havia chegado ao cume com o resto dos alpinistas, mas que estava bem, e que todos agora estavam descendo a

montanha. Não havia nada no seu tom que pudesse me deixar alarmada. Mesmo assim, depois da conversa, não consegui dormir. Saí do meu quarto, fui para a sala de estar e passei o resto da noite dormindo no sofá.

Quando ela telefonou novamente na manhã seguinte para avisar que Beck estava morto, tudo o que senti foi um choque. Meu pior pesadelo havia se tornado realidade. Mas eu não consegui reagir. Foi como quando se quebra a perna. Dormência. Não consegui chorar. Eu só pensava: “Meu Deus, o que vou fazer agora?” Meus filhos de repente não tinham mais pai, então senti muita raiva.

Eu estava sozinha em casa com nosso filho, Beck, que cursava o terceiro ano do ensino médio e naquele momento dormia em seu quarto. Nossa filha, Meg, que estava na oitava série, havia passado a noite na escola tomando conta de um grupo de crianças mais novas em uma festa do pijama.

Não queria ter que dizer aos meus filhos que o pai deles estava morto, então tentei adiar isso. Em vez de ir ao quarto de Beck e acordá-lo com a notícia, primeiro dei vários telefonemas.

O instinto entra em cena quando acontece um desastre. Meu instinto naquela manhã foi reunir forças. Então, telefonei para o meu irmão, Howie, em Atlanta, e para os nossos amigos de Dallas: Terry e Pat White, Garrett e Cecilia Boone, Jim e Marianne Ketchersid, Linda Gravelle e Victoria Bryhan. Também telefonei para o irmão mais novo de Beck, Dan. A maioria veio de imediato. Passei a manhã entrando em contato com vários outros amigos queridos. Precisava de todos eles perto de mim.

Eles eram meus amigos e de Beck também, pessoas a quem eu recorrera diversas vezes em busca de ajuda e força nos últimos dez anos. Eram leais a nós dois.

Quando eles chegaram e eu não tinha mais desculpa para adiar aquele momento, fui até o quarto do meu filho, acordei-o e contei que o pai dele havia morrido. Bub disse algo como “você só pode estar brincando”. Ele nunca chora quando esperamos que ele chore. Só chora depois, no funeral.

BUB: Sei que muitas pessoas tinham medo de que meu pai se machucasse no Everest. Só que eu não pensei muito nisso. Não havia novidade no fato de papai ter ido escalar alguma montanha. Talvez eu tenha sentido uma pontada de mau presságio — o Everest tem um peso que nenhuma outra montanha tem. Mas, para ser honesto, acho que eu estava protegido pela ignorância.

Então, acordei naquela manhã com estas palavras: “Seu pai morreu” Minha mãe falou isso, virou as costas e saiu do quarto.

Pensei: “Que sonho estranho.” Depois que me dei conta do que ela havia dito.

Eu não sabia o que sentir. Era mais uma ausência de sentimentos do que um sentimento. Levantei. Os amigos da minha mãe estavam todos aos soluços. Passei o resto da manhã andando de um lado para o outro com os olhos arregalados e o queixo caído. Não era negação, eu estava entorpecido.

Lembro-me de ouvir muita discussão sobre como contar à minha irmã o que havia acontecido. Todo mundo concordou que nem minha mãe nem eu deveríamos dirigir, então uma amiga de mamãe, Linda Gravelle, nos levou até a escola de Meg.

MEG: Minha professora de ciências me chamou mais cedo: “Sua mãe está aqui”, disse ela.

Arrumei minhas coisas e desci as escadas. Todo mundo estava olhando para mim de um modo estranho. Eu pensei: “Ok...” Fomos lá para fora, onde mamãe me contou: “Papai morreu.”

Houve um momento de choque, tipo “talvez isso seja um sonho”. Mas caí no choro, derrubei tudo o que eu estava segurando. Perdi o controle. Meu irmão pegou minhas coisas e minha mãe me levou para o carro.

Fomos para casa, e eu fiquei sentada na cadeira da sala de televisão, como se fosse um sonho. Aquela não era eu de verdade, mas alguém que estava me observando. Algum tempo depois, minha amiga Katherine Boone chegou, e então meus outros amigos mais próximos também foram chegando, e todos nos sentamos no meu quarto. Fiquei falando: “Eu disse a ele para não ir! Eu disse a ele para ficar em casa! Implorei que ele não fosse para o Everest.”

Pouco tempo depois, eu estava conversando com outra amiga, Mariana Pickering, quando ouvi minha mãe ao telefone: “Você tem certeza? Você tem certeza?” Então, ela se virou e disse: “Beck está vivo.”

Comecei a chorar outra vez. Sou assim. Eu tive uma certeza profunda de que papai ficaria bem. Conheço meu pai. Se passa pela fase inicial — seja do que for —, ele insiste, porque nós dois somos muito teimosos. Se ele havia sobrevivido a uma noite inteira na montanha, não iria desistir agora.

———

Aquele sábado em que morri no monte Everest também foi o dia em que Meg marcara um encontro romântico com um rapaz pela primeira vez. O que um pai não faz para manter uma filha longe dos rapazes? Eu tinha muita classe — principalmente na hora de dar um golpe baixo.

NOVE

PEACH: Sei que Madeleine David provavelmente estava tentando me preparar para o inevitável. Ao que parece, todo mundo pensou que Beck estivesse morto de qualquer jeito. Mas tudo que registrei foi esperança. Houve um momento de alívio e alegria, e então todos de imediato começamos a discutir: “Como vamos levá-lo para um lugar seguro?”

Emoções eram um luxo para o qual eu não tinha tempo. Meu foco era só manter o controle e agir. Tudo que eu queria era ficar histérica. Queria ir para o meu quarto e entrar em colapso. Mas, se eu fizesse isso, meus filhos também ficariam histéricos. Eu não tinha escolha.

CECILIA BOONE: A casa passou o dia *lotada*. Gente chegando e saindo. Jovens. Idosos. Aposto que em nenhum momento a casa ficou com menos de 25 pessoas. Peach estava no centro de tudo e ficou até lavando camisetas tie-dye!

Meg as trouxera da escola naquela manhã como parte de um projeto, e precisavam ser lavadas em água fria ou algo assim. Então, enquanto todo mundo estava ao telefone, ligando para todos os lugares à procura de ajuda e conselhos sobre o que fazer, Peach ficou lavando essas camisetas na máquina!

PEACH: Resgatar Beck da montanha não parecia um problema. Não sabíamos que era algo grandioso, nem o que exigiria. Só sabíamos que a condição dele era crítica, e era provável que precisasse de cuidados médicos melhores do que os disponíveis no Nepal. Isso era tudo.

Então, de sábado para domingo (Dia das Mães) todo mundo deu vários telefonemas. Terry White, hematologista e oncologista, e Jon Esber, um colega patologista de Beck, organizaram uma busca pelo centro médico mais próximo com uma equipe de médicos formados nos Estados Unidos. Descobrimos que havia um em Cingapura.

Como presumimos que Beck havia sofrido geladura, Terry também liderou

uma busca por um especialista. O melhor do mundo inteiro morava no Alasca, para onde planejávamos conduzir Beck depois de Cingapura.

Nossa procura por uma forma de resgatar Beck começou com Kay Bailey Hutchison, a senadora republicana do Texas que estava em seu primeiro mandato e que muitos de nós conhecíamos. Seu gabinete manteve contato constante conosco.

Linda Gravelle telefonou para nosso governador, George W. Bush. As gêmeas dele haviam frequentado a escola com Meg e a filha de Linda, Gwyneth.

LINDA GRAVELLE: Liguei para a linha particular dele em Austin e falei com sua filha, Jenna:

— Preciso falar com o seu pai.

— Ele está na academia — respondeu ela.

Contei o que havia acontecido e que era muito importante que ele retornasse a minha ligação.

Ele retornou e me disse que aquela era uma questão federal e que não poderia resolvê-la a nível estadual.

— Não acredito! Estamos falando de uma pessoa que você conhece, e você não vai me ajudar!

— Não posso fazer nada. Não sei nem o que dizer.

Fiquei com muita raiva. Depois disso, nós voltamos a vê-lo, mas o assunto não foi mencionado.

Em seguida, alguém disse:

— Precisamos envolver um democrata nisso.

PEACH: Cappy e Janie McGarr são amigos nossos que têm intimidade com Tom Daschle, o líder da minoria democrata no Senado. Telefonaram para a casa dele naquela manhã. Daschle entrou em contato com o Departamento de Estado, o qual contatou a embaixada em Katmandu. A embaixada encarregou David Schensted de resolver o problema, e foi isso que levou Madan K. C. a arriscar sua vida para salvar a de Beck.

Madeleine David me telefonou da Nova Zelândia por volta das dez da noite de domingo, horário de Dallas, para informar que o resgate de Beck ocorrera com sucesso. Já fazia uma hora que ele estava em Katmandu. Eu estava com uma passagem marcada para as 20h20 do dia seguinte para o Nepal. Mas, agora que Beck havia sido resgatado e seu irmão Dan chegaria a Katmandu a qualquer momento, Madeleine me aconselhou a cancelar o voo. Beck e Dan provavelmente estariam a caminho de casa antes mesmo de eu conseguir chegar

lá.

Cerca de três horas depois — por volta de 1h30 de segunda-feira — o próprio Beck telefonou de Katmandu. Era o horário em que costumávamos nos falar. Quando estávamos namorando e Beck ainda cursava a faculdade de medicina, ele me ligava no meio da madrugada. Eu estava acostumada.

A diferença daquele telefonema em relação a qualquer um desde então foi a necessidade palpável de se comunicar que Beck sentia, de *conversar* de verdade comigo. Não estava explícito, mas senti de imediato que havia algo inteiramente diferente no meu marido. Ele fora transformado por alguma coisa — eu ainda não sabia o quê — que ia além do fato de ele ter escapado de um encontro com a morte. Beck já havia tido esse tipo de encontro antes.

Ele me assegurou de que estava bem e contou que estava sob os cuidados do dr. Schlim. Eu não sabia nada sobre o resgate ou sobre como havia sido arriscado até que Beck explicou por alto durante esse telefonema. Eu também não sabia da epifania que ele teve até o dia seguinte, quando estávamos sendo entrevistados para o programa *Today*.

Foi naquele momento que Beck contou ao mundo que havia visto mentalmente as crianças e eu. Fiquei muito surpresa com a revelação, e também triste por uma tragédia tão grande ter sido necessária para que isso acontecesse. Ele precisou chegar bem perto da morte para conseguir enxergar.

———

Depois que Schlim trocou os curativos das minhas mãos e me deu alguns antibióticos, andei mais ou menos um quarteirão do consultório dele até um dos melhores hotéis de Katmandu, o Yak & Yeti, e fiz o check-in.

Se você acha que já se hospedou em um hotel com serviço completo, acho que não faz nem ideia do que isso quer dizer. O Yak & Yeti, ciente da minha condição, teve a consideração de colocar um jovem no corredor em frente ao meu quarto à disposição para o caso de eu precisar de alguém para limpar a minha bunda. Felizmente, não precisei envolvê-lo nisso. Fazia dias que eu não comia, o que ajudou muito.

Pouco tempo depois, enquanto eu descansava no quarto, refletindo sobre a linha tênue entre vida e morte, meu irmão Dan apareceu na porta com uma mala que continha todos os instrumentos de uma emergência de hospital, assim como todos os remédios conhecidos pelo homem. Não sei se tinha todo o equipamento necessário para tirar meu coração e recolocá-lo, mas não faltava muito para isso.

Ele também trouxe duas mudas de roupa para mim.

Fiquei exultante ao vê-lo, e ele também estava muito emocionado. Não

havíamos trocado muitas palavras até que ele gritou: “Você nunca, *nunca mais* vai fazer nada que te faça aparecer na televisão!”

DAN: Ao longo dos anos, precisei dar notícias devastadoras a outras pessoas inúmeras vezes. Mas eu nunca havia recebido uma. É muito diferente quando é com você.

O telefonou tocou às 7h22 de sábado. Eu estava dormindo, e antes de conseguir atendê-lo a chamada caiu na secretária eletrônica. Fui imediatamente para a sala ao lado e liguei para Peach, que sem cerimônia anunciou: “Beck morreu.” Ela disse também que conversaria comigo mais tarde.

Comecei a gritar, o que acordou minha esposa, Brenda. Nós dois, juntos com o filho dela, Robert, nos sentamos no chão, rezamos e choramos por cerca de duas horas. Escrevi uma carta para Beck. Parte dela dizia: “Não há palavras para descrever como sentirei sua falta. Durante a minha vida inteira, sempre que eu tropeçava ou caía, você estava lá para me amparar... De todas as pessoas que fazem parte da minha vida, foi você quem mais me influenciou. Seu amor e seu apoio sempre melhoraram os piores momentos.”

Mais tarde, dei a carta a ele.

Então recebemos o segundo telefonema de Peach. Tudo que ela conseguiu dizer foi que ele estava em uma condição crítica. Eu imediatamente decidi ir para lá.

Essa parte é difícil de descrever. Beck é dezesseis meses mais velho do que eu. Enquanto crescíamos, dividimos o mesmo quarto durante uns quinze anos. Nós também dividimos apartamentos na época da universidade e do curso de medicina. Acho que somos tão ligados quanto quaisquer irmãos, embora não conversemos tanto. Eu o amo muito.

Senti-me compelido a ir ao encontro dele. Não me importava onde ele estivesse. Na verdade, eu nem sabia para onde iria ou como chegaria lá. Mas decidi ir ao encontro dele.

Não acreditava que ele teria os cuidados médicos adequados no Nepal, então levei uma maleta ao departamento de emergência e expliquei à minha enfermeira-chefe o que havia acontecido. Eu disse que queria o máximo de equipamentos médicos que pudesse colocar naquela maleta. A equipe de enfermagem pegou bolsas de soro fisiológico, talas, esparadrapos, cateteres, medicamentos. Fui até a farmácia e arrumei morfina e meperidina.

A Lufthansa era a única companhia que fazia voos de Dallas para o Nepal, mas a agência não queria me dar uma passagem só de ida para Katmandu tão em cima da hora. Não parecia uma viagem inocente. Tive que explicar a situação ao supervisor do agente, que eu estava indo para o Nepal ajudar meu irmão. Eles

me colocaram em um voo que sairia de Dallas por volta das sete da noite daquele sábado.

Fui para Frankfurt, na Alemanha, onde passei seis horas antes de pegar a conexão para Dubai e de lá para Katmandu. Ao todo, levei umas trinta e poucas horas para chegar, então aterrissei em Katmandu por volta do meio-dia da segunda-feira. Acho que fazia apenas cerca de uma hora que Beck havia chegado de helicóptero do monte Everest.

Eu não tinha ideia de onde ele estava. A primeira coisa que fiz foi explicar aos funcionários da alfândega exatamente o que estava trazendo, por quê e o que pretendia fazer com aquilo. Eles foram muito educados e fizeram tudo que puderam para me ajudar. Deram-me um visto de uma semana, e então fui para o hotel.

Eu havia acabado de fazer o check-in quando, para a minha surpresa, um funcionário me informou que algumas pessoas estavam me procurando. Eram dois funcionários da Adventure Consultants, que me levaram até o consultório de David Schlim. Tudo aconteceu muito rápido. Uma hora depois da minha chegada a Katmandu, já estava conversando com David Schlim.

Gostei muito dele. Contou-me que havia examinado o alpinista taiwanês, Makalu Gau, que parecia muito pior do que Beck. Schlim afirmou que achava que pelo menos uma das mãos de Beck poderia ser salva. Também disse que Beck não tinha nenhum problema generalizado, só queimaduras de terceiro grau causadas pelo gelo, além das de quarto grau nas extremidades.

Schlim e eu passamos mais ou menos meia hora conversando, e depois ele me levou pessoalmente até o Yak & Yeti, que fica na rua perpendicular à clínica dele. Eu achava que Beck estaria no hospital, e foi só quando o médico passou comigo por um jovem de pé em frente à porta de Beck e nós entramos num quarto que me dei conta de que aquilo não era um hospital, mas um hotel.

Beck ainda usava os trajes de alpinismo, exceto pelas botas. Seu cheiro era o de um paciente vítima de queimadura. Tendo cuidado de muitos casos de queimadura ao longo dos anos, identifiquei o odor de tecido morto.

Desde o início, Beck e eu tínhamos perspectivas muito diferentes.

Ele estava muito feliz por estar vivo, por ter voltado dos mortos. Estava muito otimista. Mas eu me concentrei nos seus ferimentos, que eram devastadores.

Eu sabia que haveria uma amputação. Não havia dúvidas. A mão direita estava morta, dura como uma pedra. A pele já estava se retraindo em torno dos ossos. Ela parecia ter sido enfiada em um incinerador e deixada lá dentro.

Eu havia levado muitos analgésicos, mas Beck não precisava deles. Quando alguém se recupera de uma queimadura de terceiro ou quarto grau, não sente muita dor. Os nervos estão todos mortos.

A mão esquerda tinha uma aparência melhor. Acreditava que só perderia as pontas dos dedos — uma amputação da falange distal.

Sem poder usar as mãos, Beck precisava de ajuda para tudo, o que nos levou a estabelecer uma relação que nunca havíamos tido. Cuidei de todas as suas funções corporais. Fiquei feliz em poder ajudar. Ele estava magro como um graveto.

———

Naquela tarde, recebi um visitante da embaixada japonesa. Ele perguntou se eu poderia me encontrar com a família de Yasuko Namba. É claro que eu disse que sim, embora não fosse ser um encontro fácil. O homem da embaixada havia trazido uma pequena caixa de chocolates como um presente para a ocasião.

Quando Dan e eu estávamos voltando do jantar naquela noite, vi um grupo de japoneses sentados a uma mesa perto da entrada principal do Yak & Yeti. Soube na mesma hora que era a família de Yasuko: seu marido, seu irmão e dois amigos.

Eles queriam muito ter informações dela e dos seus últimos momentos. Na verdade, eu não sabia o que dizer. Procurei qualquer coisa que pudesse consolá-los. Porém, foi uma das poucas vezes na minha vida em que o fluxo geralmente fácil de palavras não veio. De certa forma, senti-me culpado por estar ali de pé, vivo, quando Yasuko estava morta. Não consegui sequer consolá-los.

DEZ

As impressões mais fortes que tive durante os dois dias que Dan e eu passamos em Katmandu foram de contrastes. Num minuto, eu estivera praticamente morto na montanha fria e estéril; logo em seguida, estava a salvo em Katmandu, um lugar cheio de vida.

Lembro-me de olhar pela janela do meu quarto no térreo para um lindo jardim. Havia flores e pássaros voando por todos os lados, um contraste gritante em relação ao Everest. Uma noite, houve uma grande festa formal no jardim, algo muito sofisticado com luzes fortes. Foi uma cena exuberante de vida que me envolveu, ainda que meus pensamentos se voltassem continuamente às cinco pessoas que eu conhecia tão bem e que tinham morrido congeladas no Everest.

Também identifiquei outro tipo de contraste agora que eu parecia uma criatura saída de um filme de terror. Minhas mãos eram duas imensas bolas de ataduras. Meu rosto estava vermelho e inchado, com crostas pretas de tecido, chamadas de escaras, cobrindo o nariz e as bochechas.

Os japoneses em Katmandu me ignoraram por completo. Era como se eu não tivesse nem um fio de cabelo fora do lugar. Por outro lado, lembro-me de ter entrado no corredor do hotel enquanto uma faxineira nepalesa esfregava o chão. Quando me viu, ela congelou, a boca aberta, o esfregão indo de um lado para o outro a esmo.

No nosso segundo dia em Katmandu, depois de ter dado uma entrevista para a televisão americana em um prédio do governo, encontrei um funcionário nepalês idoso andando com seu segurança gurca. Ele ficou fascinado (ou teria sido enojado?) comigo. Aproximou-se até ficar a umas três polegadas do meu rosto e me olhou dos pés à cabeça como se eu fosse uma peça em exibição em um museu de antropologia. Não demonstrou nem um pouco de timidez em relação à sua curiosidade.

O dr. Schlim me examinou mais uma vez antes de partirmos. Quando eu estava na clínica dele, fui entrevistado por Elizabeth Hawley, que entrou fazendo barulho em seu fusca velho. Hawley é um tipo de lenda como historiadora extraoficial do montanhismo no Nepal. Qualquer pessoa que volta das

montanhas com uma história para contar é submetida a um interrogatório detalhado.

O voo da Lufthansa para casa — nós dois ostentando nossos assentos da primeira classe — foi longo e em sua maior parte monótono. Acho que Dan e eu quebramos algum tipo de recorde por termos conseguido repetidas vezes fazer dois adultos caberem dentro dos minúsculos banheiros do avião. Em Frankfurt, onde fizemos uma escala, fiquei surpreso ao ser procurado por uma jovem da equipe da jornalista de TV Diane Sawyer. Ela me perguntou se eu concordaria em fazer uma entrevista ao vivo por satélite com Sawyer — imediatamente. Concordei sem pensar duas vezes. Não me ocorreu dizer não.

De volta a Dallas. Enquanto taxiávamos em direção ao terminal, enfim em casa, um passageiro que ficara horas bebendo começou a gritar: “Nunca mais vou sair de casa outra vez! *Nunca* mais vou sair!” Ele foi bastante enfático.

Brinquei, perguntando por que ele havia roubado minha fala.

Quando saímos do avião, fomos de imediato conduzidos por uma porta adjacente à ponte de embarque. Nosso acompanhante disse que seria mais fácil lidar com a multidão de repórteres se eu estivesse disposto a percorrer o salão de desembarque de cadeira de rodas. Concordei.

Tivemos um breve encontro com a imprensa; Bub leu uma declaração que havia sido preparada pela minha família. Eu estava tão grato por estar de volta. Disse a eles que ali não era o Kansas, mas era o meu lar.

Peach estava me esperando no salão VIP. Alguém da Lufthansa tinha me dado uma rosa, que coloquei na mão dela. Vi amor em seus olhos, mas também uma expressão que dizia: “Não sei como ficaremos quando voltarmos para casa.” Naquele instante, tudo o que eu queria era abraçá-la. Eu não estava pensando em mais nada. Só queria sentir o cheiro do cabelo dela e sentir seu rosto contra o meu. A sensação era de que enfim estava de volta, que não estava mais em uma jornada.

PEACH: Senti um alívio tremendo por ele estar em casa. Não me incomodei nem um pouco com sua aparência. Ele não estava bonito, mas Beck é Beck. Eu só estava colocando os problemas em ordem, uma crise de cada vez. Ele está doente, vamos resolver isso. Em algum momento, devo ter gostado dele.

Beck diria que sempre me amou. Mas minha definição de amor não incluía o que eu achava que ele havia feito comigo e em especial com nossos filhos. Eu achava que, se ele me amasse, nunca teria feito aquilo.

———

Já fazia muito tempo que eu tinha me convencido de que meu relacionamento com a minha família poderia ser salvo se eu recuperasse o foco. Se conseguisse deixar o alpinismo para trás, eu acreditava que poderíamos consertar o que estava errado. Agora que os anos nas montanhas haviam definitivamente chegado ao fim, decidi testar essa hipótese.

No voo para casa, a alegria de ter sobrevivido evoluiu para uma sensação de alívio por ter deixado a montanha e estar retornando. Mas havia apreensão. E quanto aos meus ferimentos? E o futuro? E Peach? Naquele momento, tudo era um mistério.

Não tenho muita autoconfiança, e na maior parte do tempo não posso dizer que me sinto nas nuvens. Subir uma montanha após a outra havia me ajudado a esquecer esses problemas.

Agora, o futuro de repente se tornava muito incerto, e não gosto muito de incertezas. Eu estava com medo de ser um deficiente, de *quão* deficiente ficaria, de como as coisas ficariam no trabalho. Também percebi que Peach dissera que eu acabaria me matando ou ficando aleijado, e ali estava eu!

Eu não estava ansioso pela conversa que teria com ela.

Na primeira noite que passei em casa, Peach me disse que os anos de alpinismo e obsessão só haviam servido para afastar ela e as crianças de mim. Peach já passara por tudo o que poderia aguentar, e enquanto eu estava na montanha ela decidira que, assim que eu voltasse para Dallas, iria me informar que era o fim do nosso casamento e que estava indo embora.

“Maldito seja você por ter feito isso comigo”, acrescentou ela.

Eu lhe disse que sabia que era o único culpado por tudo o que havia me acontecido e que teria de enfrentar as consequências. Ela não precisava passar por aquilo — certamente não por pena. Eu nunca a culparia por ir embora. Eu entenderia e jamais falaria mal da sua decisão.

Ela disse: “Não, vou lhe dar um ano. Se você de fato tiver se tornado uma pessoa diferente no final desse ano, voltaremos a conversar.”

Naquele momento, decidi que dedicaria toda a minha obsessão, minha energia e determinação a isso e que no final daquele ano seria uma pessoa realmente diferente. De alguma forma, recuperaria não só o amor dela, mas também sua confiança, que eu havia perdido. Mesmo naquele momento, acreditei que Peach ainda me amava, mas a dor nos olhos dela expressava com clareza sua falta de confiança em mim.

Uma alegria singular naquele primeiro dia foi um gole de um ótimo uísque *single malt*, um presente do nosso amigo Dan Lewis. No dia seguinte, tomei uma tigela pequena de sorvete caseiro de baunilha. Foi simplesmente maravilhoso. Na primeira semana em casa, fui com Bub e Meg assistir a *Independence Day*,

filme de invasão alienígena. Sentados no cinema escuro, eles assistiam ao filme enquanto eu, entre os dois, olhava para os meus filhos sentindo uma alegria suprema.

Peach estava sob um terrível estresse. Todo mundo que conhecíamos decidiu que agora seria o momento para telefonar e perguntar sobre alguma coisa, ou tentar se envolver. Eles não percebiam que precisávamos ter um pouco de paz para recuperar o controle da nossa vida.

Era como se alguém tivesse me sequestrado e me espancado. Eu perdi os catorze quilos que ganhara de propósito durante a preparação para escalar o Everest. Meu corpo estava *esgotado*. Também tive uma terrível infecção causada pelo soro fisiológico que fora colocado no meu braço direito, na montanha, mais um souvenir trazido da escalada. Ele tinha começado a inchar e doía muito. Não sabíamos ao certo que germe estava provocando a infecção; apenas que ele não parecia responder a nenhum dos inúmeros antibióticos que tomei, até que enfim encontramos um que surtiu efeito.

Apesar da opinião de Dan, no início tive esperança de só perder as pontas dos dedos da mão direita e de que os danos causados à esquerda tivessem sido simples. Talvez eu precisasse de uma amputação até as primeiras articulações, ou quem sabe até a palma da mão. Mas ficaria com uma mão esquerda mais ou menos funcional e pelo menos *alguma coisa* da direita.

Isso foi antes de meu cirurgião especialista em mão, Mike Doyle, pedir uma ressonância magnética que mostrou que as duas estavam mortas — não havia nenhuma circulação sanguínea. Logo depois minha mão começou a se autoamputar. Greg Anigan, meu cirurgião plástico, temia que os tendões rompessem. Eu precisava fazer uma cirurgia *imediatamente*.

Comecei a ficar desanimado. Estava farto de médicos. Percebi que provavelmente perderia as duas mãos e talvez não pudesse voltar a trabalhar. Eu não sabia se conseguiria continuar sustentando minha família. Isso era de extrema importância, pois significava que eu estava contribuindo. Antes do Everest, essa era uma das coisas que me permitiam achar que estava fazendo algo de bom.

PEACH: Depois que Beck soube que iria perder as duas mãos, ele me perguntou: “Isso vai fazer alguma diferença para você?”

Respondi que não. Mas a verdade é que eu não tinha certeza.

———

Fiquei deprimido. Não era o tipo de depressão profunda que domina e

incapacita, mas o que acho que os psiquiatras chamam de depressão reativa. Em outras palavras, uma reação razoável a um mundo de problemas.

Eu pensava num futuro sozinho, sentado na frente da televisão o dia todo em algum tipo de casa de repouso. A perspectiva não me atraía muito. Lembro-me de ter recebido catálogos de próteses, dado uma olhada em instrumentos que me ajudariam a virar páginas com os dentes. Perguntava-me se algum dia voltaria a comer um hambúrguer ou se teria que beber mingau com canudinho pelo resto da vida. E, como eu já havia tido duas graves crises de depressão, comecei a ficar com medo de isso acontecer outra vez.

Pode-se dizer que eu só estava vendo o lado negativo da minha situação.

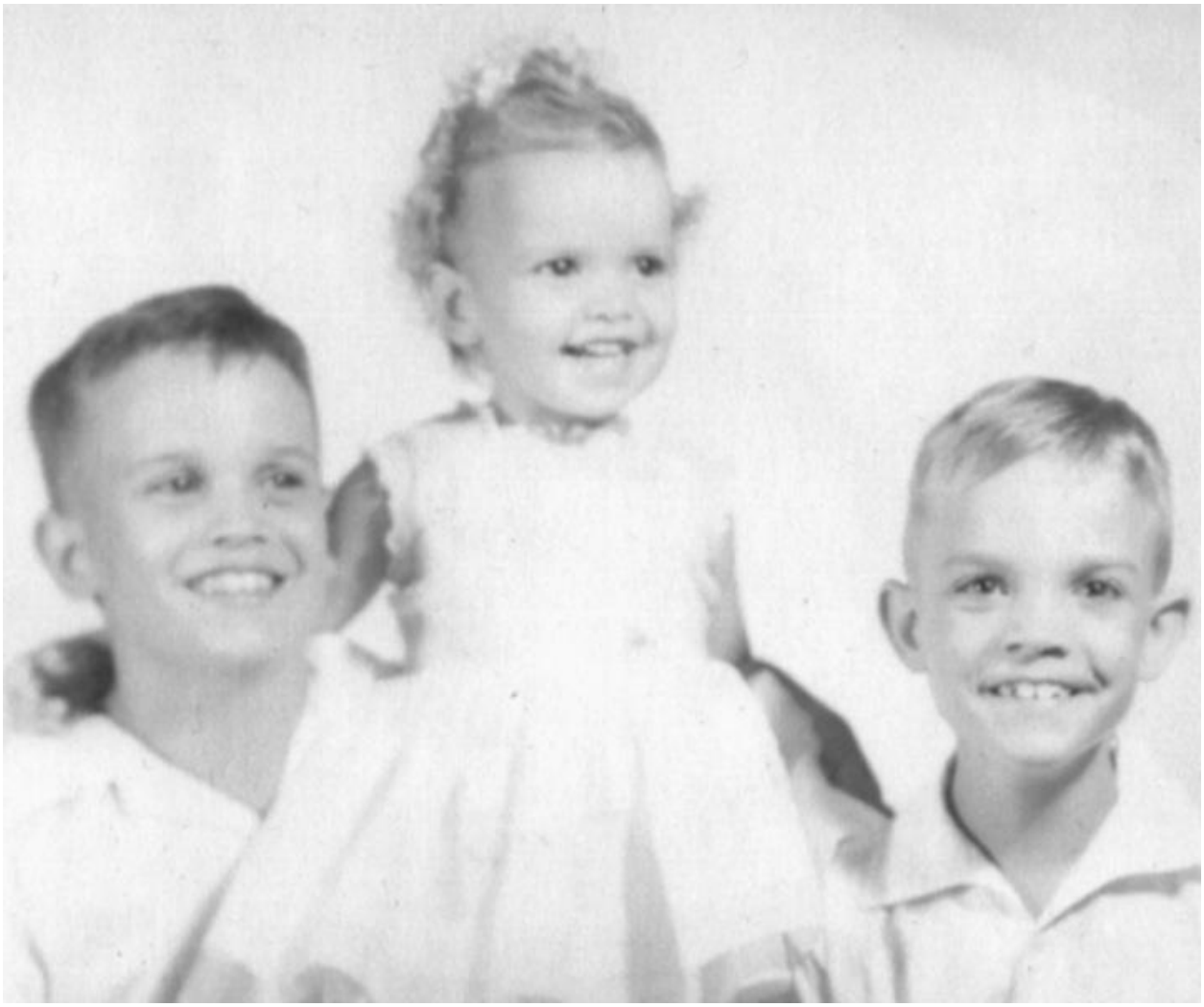
Foi nessa época que percebi que precisava fazer duas coisas. A primeira era não desmoronar. Eu tinha que encontrar alguma coisa pela qual viver a cada dia, algo em que pensar. Para o futuro próximo, precisava pensar em algo concreto que eu conseguisse fazer mesmo em minhas condições físicas.

Assim, tomei uma série de decisões, a maioria relacionada a evitar chegar ao fundo do poço. Eu não sentiria mais pena de mim mesmo sob nenhuma circunstância e não fugiria da responsabilidade pelo que havia feito e pelo mal que causara. Sentia-me muito culpado. Se possível, iria me redimir com Peach. Qualquer que fosse o preço, eu tentaria.

Na época, eu não poderia ter imaginado que uma porta para a redenção se abriria para mim, e tampouco pensado nas provações pelas quais nós dois ainda teríamos de passar. Basta dizer que, quando a sombra de uma segunda crise de vida ou morte abateu-se sobre a família Weathers naquele verão, foi a minha vez de retribuir.



Dan, Beck e Kit Weathers, 1951.



Howard, Margaret (Peach) e Wayne Olson, 1951.

PARTE DOIS



Beck e Peach com Beck II, 1979.

ONZE

É uma calúnia dizer que nós, sulistas, desperdiçamos todos os melhores nomes com os nossos cachorros.

Meu pai, Arthur Kitchings Weathers, estava determinado a dar nomes bonitos aos filhos. Assim, seu primogênito tornou-se Arthur Kitchings Weathers Jr.; eu recebi o nome de Seaborn Beck Weathers; e meu irmão mais novo é James Daniel Weathers. Não é por culpa de papai que somos conhecidos por Kit, Beck e Dan.

Eu nasci em 16 de dezembro de 1946 em Griffin, Geórgia, cerca de cinquenta quilômetros ao sul de Atlanta. Minha mãe, cujo nome de solteira era Emily Williams Beck, também nasceu em Griffin, um centro de produção têxtil com aproximadamente 25 mil habitantes. Griffin, que fora o lar da família da minha mãe por seis gerações, foi por muito tempo um famoso centro produtor de flores — houve uma época em que a chamavam de Capital Mundial da Íris. Em uma época mais próxima, Griffin servira de cenário para *Conduzindo Miss Daisy*, que ganhou o Oscar de melhor filme em 1989.

Meu pai é de Cairo, Geórgia, uma cidadezinha da região sudoeste do estado onde seu pai, Jesse Seaborn Weathers, trabalhava como diretor de uma escola e chefe de uma agência de correio, além de também atuar como advogado. Papai formou-se em ciências políticas e direito na Emory University, em Atlanta. Em 1940, após ter se formado, ele se mudou para Griffin como funcionário da National Youth Administration, uma agência do New Deal fundada para oferecer oportunidades de educação para jovens. Em seu tempo livre, fez um curso de piloto e conseguiu seu brevê.

Minha mãe se formou em biologia na Universidade da Geórgia em 1940 e voltou para Griffin para lecionar no colegial. Ela conheceu o futuro marido, ainda a se tornar aviador, em uma festa. Eles se casaram numa noite de sábado em maio de 1942.

Arthur e Emily passaram a lua de mel na estrada para Ocala, Flórida, cidade em que meu pai cursaria uma escola de aviação da força aérea. Faziam pausas ocasionais no caminho para que ele pudesse ensiná-la a dirigir seu Studebaker

Champion.

Ele esperava entrar em combate, mas em vez disso lhe disseram que ele seria instrutor de voo. Assim, durante a trégua após a Segunda Guerra Mundial, papai ensinou outros jovens a pilotar diversas aeronaves de combate, em particular caças P-38. Meu pai é um homem pacífico, e não ser convocado a atirar em outras pessoas provavelmente foi algo positivo.

Depois da guerra, ele passou algum tempo trabalhando como corretor de seguros de vida em Albany, Geórgia, e também trabalhava meio período em uma agência de aluguel de carros do tio da minha mãe. Foi então que, com o bloqueio soviético de Berlim em 1948, o destino interveio na nossa vida e mudou tudo para o meu pai e para sua família. O tenente Weathers foi reconvocado para uma força aérea americana recém-reestruturada e teria participado no traslado a Berlim se não fosse uma mudança de última hora que o mandou para o Japão, onde ele participou da ocupação junto ao exército americano. Papai partiu para o Japão em agosto de 1948, uma semana depois de Dan ter nascido.

Assim, nós três compartilhamos a mesma história. Por causa de suas obrigações militares, papai também não permaneceu em casa quando Kit e eu nascemos.

Muitas das minhas memórias mais antigas são do Japão, para onde minha mãe, meus irmãos e eu nos mudamos na primavera de 1949, a bordo de uma banheira velha, o S.S. *Gen. M.M. Patrick* — experiência que até hoje ela lembra com amargura, considerando-a a pior de toda a sua vida. As desventuras começaram quando me perdi na estação de trem de Atlanta — escapuli e fui encontrado muito satisfeito sentado na colorida área de espera —, e a situação só piorou depois disso.

Durante a viagem que partiu de Seattle, Dan começou a ter febre e dificuldade de respirar. Tanto Kit quanto eu enjoamos durante o trajeto de navio. Mamãe achava que o *Patrick* — que chamava de *Mickey Mouse Patrick* — não era nada seguro, então passamos a maior parte dos dezenove dias de viagem na cabine. Ela se recusava até mesmo a participar das simulações de incêndio. Quando enfim desembarcamos (meus pais alegremente reunidos no píer após oito meses distantes), o pequeno Dan, nos braços de mamãe, deu à sua aventura no inferno um encerramento apropriado ao comer seu *corsage* de orquídea.

Nosso destino era Shiroi, antigo resort de golfe que os japoneses haviam transformado em um campo de aviação durante a Segunda Guerra Mundial. A instalação ficava cerca de quarenta quilômetros a nordeste de Tóquio. Como havia estudado direito na faculdade, meu pai era o oficial responsável pela assessoria jurídica na base, entre outras funções, e era conhecido em Shiroi como “Juiz”.

O primeiro lugar onde ficamos instalados em Shiroi foi um barracão Quonset infestado de ratos imensos. E eles eram ousados: saíam toda noite para guinchar e procurar comida. Até o enorme gato que meus pais compraram na tentativa de controlar a infestação tinha medo dos roedores. Arthur e Emily se revezavam de guarda à noite com medo de que aqueles demônios peludos nos mordessem enquanto dormíamos. Meu irmão Kit achava que os ratos eram bichinhos de estimação.

Exterminadores japoneses nos visitavam com regularidade, causando um impacto tão grande no número de ratos quanto o gato covarde. Eu os chamava de "homens do lato" por causa da sua dificuldade de pronunciar o "r".

Eu gostava dos jardineiros japoneses, em especial de um homem idoso que não sabia falar uma única palavra em inglês. É claro que eu também não falava japonês, mas isso não impediu que nos tornássemos amigos. Eu me abaixava ao seu lado enquanto ele trabalhava, tagarelando sem parar.

Encontrei o almoço de um jardineiro certo dia — cabeças de peixe e arroz — e engoli tudo. Minha mãe me deu remédio para vermes.

Como compensação pelos alojamentos precários, a ajuda doméstica era barata e abundante. Três japonesas — Magai ("Margo"), Shizeko e Miyoko — trabalhavam para nós das oito da manhã até as dez da noite. As duas primeiras cozinhavam e limpavam em troca de refeições, e além disso Shizeko recebia 8 dólares por mês — Margo era de graça, parte das reparações de guerra, acredite ou não. Miyoko recebia 12 dólares e era genial na máquina de costura. Tudo o que minha mãe precisava fazer era mostrar uma roupinha em uma revista e Miyoko fazia três cópias exatas para Kit, Dan e eu, todas da mesma cor (geralmente cores vivas), o que permitia que mamãe nos identificasse com facilidade no meio de multidões.

Tenho mais duas lembranças do Japão. Uma delas são os quatro meses que Dan passou no Hospital Geral de Tóquio em uma tenda de vapor, sendo tratado por asma brônquica. O processo de recuperação foi dificultado quando uma enfermeira derrubou uma caldeira de vapor sobre o pé dele, causando uma queimadura dolorosa. Os médicos quase tiveram que amputar.

A outra são as simulações de ataque aéreo em Shiroi. Se me lembro bem, de duas em duas noites nós deixávamos a casa livre para os ratos e lá fora nos entrincheirávamos no escuro. Quem eles achavam que iria nos atacar? A Força Aérea Imperial Japonesa? Ou pipas?

Voltamos para casa em 1951 no S.S. *Gen. E. D. Patrick*, irmão um pouco mais confortável do *Mickey Mouse*. Esse navio tinha deques fechados e uma creche onde mamãe podia nos deixar de vez em quando. A viagem de dez dias seria de todo agradável, não fosse por um detalhe sombrio: o navio estava transportando

aos Estados Unidos, empilhados em caixões, os corpos dos recrutas mortos na Guerra da Coreia.

O posto seguinte do meu pai foi a Base da Força Aérea Dobbins, em Atlanta. Alugamos um apartamento bem em frente à escola primária na qual ingressei na primeira série aos cinco anos.

Eu provavelmente deveria ter começado no maternal, mas passei longe dele. Queria ir para a escola de verdade. Meus olhos, contudo, ainda não haviam se desenvolvido o suficiente, e os músculos fracos não me deixavam acompanhar a leitura. Assim, fui colocado entre os alunos que precisavam de reforço, o que na verdade era ótimo para mim; eu adorava ler, e isso me dava a oportunidade de ler mais.

Retornar à Geórgia me permitiu conhecer melhor meus avós. O pai do meu pai, cujo nome herdei, era extremamente reservado. E à medida que meu querido pai envelhece, ele cada vez mais se assemelha ao seu pai, tanto em aparência quanto na personalidade.

Meu pai só encontrou meu bisavô em uma ocasião, após viajar em um trem que atravessou a Geórgia para uma reunião de veteranos do Exército Confederado da Guerra Civil. Meu bisavô (segundo me contaram) estava resplandecente em seu uniforme naquele dia. Antes, no sul dos Estados Unidos, o Memorial Day homenageava apenas os combatentes confederados, e a Guerra de Secessão era chamada de Guerra da Agressão Nortista.

A grande personalidade daquela geração era minha avó materna, Ethel Beck, sempre alegre e tagarela. Minha avó também era famosa na região por ter iniciado uma das primeiras tropas de bandeirantes da Geórgia. A fundadora das bandeirantes, Juliette Low, até mesmo lhe mandou uma carta de agradecimento.

O lado Weathers da família dava uma grande importância ao decoro. Comportamentos liberais, hoje comuns, não existiam naquela família. Usar a palavra de Deus em vão, por exemplo, era algo que causaria um infarto na minha avó paterna Nancy. Até eu sabia que não deveria fazer isso na frente dela. Além disso, é claro que eu também não conhecia palavrões.

O meu favorito era o marido de Ethel, meu avô Lewis Beck, que todos conhecíamos como Pappy. Ele se formou como engenheiro têxtil na Georgia Tech e supervisionou as operações de várias fábricas em Griffin até se aposentar para cultivar flores, uma decisão forçada em parte pela fraqueza que Pappy tinha por bebidas alcoólicas. De qualquer modo, ele era um jardineiro incrível — a Jackson and Perkins, empresa especialista em rosas, pedia-lhe com frequência para testar os novos híbridos criados por ela —, além de ter uma imensa biblioteca com livros sobre todos os assuntos concebíveis. Pappy era um homem da Renascença.

Uma das coisas que mais me deixavam feliz era quando ele lia as histórias do Tio Remus, escritas por Joel Chandler Harris. Ele imitava todos os personagens — o coelho, a raposa e todo o resto — com o sotaque perfeito, exatamente como Chandler escreveu, o que não era uma façanha qualquer. Depois, eu pedia às nossas babás que lessem os mesmos livros para mim. Elas logo ficavam cansadas, então era eu quem acabava lendo para elas.

Pappy era um metodista devoto. Lembro-me de um Natal em que ele e eu fizemos um passeio até a Primeira Igreja Batista de Griffin, onde Peach e eu mais tarde nos casamos. Dando uma olhada na bela e imponente estrutura, perguntei ao meu avô se era ali que Deus vivia.

"Não", respondeu Pappy, "mas os batistas acham que sim."

Em 1954, a família Weathers se mudou novamente, dessa vez para a base da força aérea em Brooks, perto de San Antonio. Minha mãe estava aterrorizada com a ideia de se mudar para o que pensava ser a fronteira do mundo civilizado. Eu, que na época estava no segundo semestre da segunda série, fiquei extasiado com a perspectiva de enfim ter meu próprio pônei, que me levaria para a escola todos os dias e me esperaria atrelado nas estacas, como eu vira em filmes.

Apesar de nossas previsões estarem erradas, nos demos muito bem em San Antonio. Não ganhei um pônei, mas havia milhões de lagartos chifrudos, e acho que correr atrás deles foi a maior diversão que já tive. Também havia um imenso campo de girassóis atrás da nossa casa. Diariamente, eu levava um pedaço de pau para o campo, onde lutava contra o povo girassol. Mesmo em eterna desvantagem, eu poderia ter passado a vida toda tentando derrotá-los. É provável que os girassóis também passassem a vida toda resistindo se o campo não tivesse sido arado.

Passei sem esforço pelas escolas de San Antonio durante os cinco anos da nossa estadia lá, o que não é uma prova da minha inteligência, mas da qualidade da educação pública no Texas. Na sétima série, eu estava na mesma classe que pelo menos dois caras que tinham mulher e filhos.

DAN: Sempre admirei Beck. Ele parecia trilhar seu próprio caminho. Mesmo quando pequeno, eu conseguia perceber isso e me sentia grato por ter um irmão mais velho no qual me espelhar, e foi isso que fiz. Quase sempre nos demos muito bem. Beck é teimoso, e nem sempre é fácil lidar com ele. Minha mãe sempre diz que brigávamos como cão e gato quando éramos crianças.

Lembro que a competição era acirrada. Beck estava determinado a sempre vencer — e vencia. Não importava no que fosse. Ele era melhor.

A mente de Beck nunca para. Ele tem a necessidade de ser o centro das atenções. Está sempre falando, teorizando as coisas e contando histórias. Tem

muita bravata aí. Gosto do Beck mais tranquilo, do Beck que me pergunta como estou me sentindo.

———

A próxima parada do circuito militar dos pirralhos foi Dhahran, na Arábia Saudita, de que o leitor deve se lembrar como a base da força aérea americana onde dezenove pilotos dos Estados Unidos foram mortos em um atentado terrorista com um caminhão-bomba.

Na década de 1950, Dhahran não passava de uma pista de decolagem isolada, alguns prédios baixos e cerca de quarenta apartamentos duplex em forma de blocos de concreto decorados com espirradeiras. Ali perto, ficava uma instalação petrolífera da Aramco.

Meu pai foi transferido para Dhahran em novembro de 1958. Mamãe e nós três nos mudamos para lá no fim de semana da Páscoa de 1959. Saímos de Charleston, Carolina do Sul, na Sexta-Feira Santa, a bordo de um Lockheed Constellation, com paradas nas Bermudas, nos Açores e em Trípoli antes de pousarmos na Arábia Saudita no domingo de Páscoa. O voo estava cheio de pilotos iranianos que voltavam para casa depois de terem passado por um treinamento nos Estados Unidos. Minha mãe era a única mulher no avião.

Descobrimos que a Arábia Saudita era quente, plana e sem graça, castigada por um sol incansável — o equivalente ao norte do Texas no verão. Vovó Beck nos mandou uma fita cassete com a gravação do barulho de chuva caindo, para não nos esquecermos do som. Mas Dhahran também era um ótimo lugar para crianças. Havia exibição gratuita de filmes todas as noites no clube dos oficiais, e a piscina comunitária ficava em frente à nossa casa. Eu não tinha muitos colegas da minha idade na escola de três cômodos que funcionava em um barracão Quonset (eram treze crianças no total, divididas entre a sétima e a oitava séries), mas o bastante para jogar vôlei e softball. Também havia a Pequena Liga de beisebol, com cinco ou seis times compostos em sua maioria pelos filhos dos funcionários da Aramco. Eu era o receptor do time da força aérea, o Dhahran Flyers e em certo ano fui o campeão do *home-run* da liga.

O golfo Pérsico ficava a apenas alguns quilômetros. Íamos pescar no golfo, onde também aprendi a fazer esqui aquático. Não consigo imaginar um cenário mais mágico para fazer esqui aquático à noite. Na água projetada pelo motor do barco e na trilha deixada pelo esqui, o plâncton fosforescente brilhava sob o luar, produzindo um grande espetáculo de luzes no formato de funil enquanto ziguezagueávamos atrás do barco. Até nadando nós provocávamos as criaturinhas.

Também entrei para os Escoteiros. É claro que praticar nossas habilidades na floresta era difícil. Na maioria das vezes, íamos para o deserto e ficávamos por lá, agachados. Aquela experiência também rendeu lembranças que até hoje me irritam. Por exemplo, todo domingo, durante um ano, trabalhei pesado para ganhar a medalha Deus e Nação, um tipo de medalha de honra ao mérito na forma de um escudo em miniatura — branco com uma cruz azul, se me lembro bem. Esforcei-me porque a queria muito, mas eles nunca a mandaram para mim. Talvez isso explique por que mais tarde acabei pendendo para o humanismo secular.

Como Shiroi, Dhahran também oferecia ajuda doméstica barata à minha mãe, um conforto muito bem-vindo: compartilhávamos com a família Skinner, nossos vizinhos de frente, os serviços de um criado somali chamado Mohammed. Fora isso, o deserto árabe não era nenhum mar de rosas para adultos, em especial para os que levassem a própria religião a sério ou gostassem de um cochilo revigorante ao entardecer. O rei Saud era razoavelmente tolerante em relação aos infiéis, mas não admitia nenhum símbolo ou insígnia cristã (as cerimônias religiosas eram realizadas no centro comunitário, desprovido de qualquer sinal que indicasse isso, a portas fechadas). Além disso, nenhuma gota de álcool era permitida na base, o que era um verdadeiro sacrifício para alguns dos meus professores.

Não era incomum a força aérea mandar soldados para Dhahran exatamente por esta razão: para confrontar e derrotar seus demônios internos.

Na Aramco, contudo, não faltavam destilarias amadoras; acho que todas as famílias tinham uma instalada em casa. A piada era que, se alguém tivesse problema no encanamento, ficaria esperando até um mês pelo conserto. Mas, se telefonasse por causa de problemas com o alambique, a manutenção viria de imediato. Essa prudência era necessária: um alambique mal instalado ou com defeito podia explodir.

A escola da base de Dhahran ia só até a oitava série. Como meu irmão Kit já havia ingressado no ensino médio quando chegamos, ele e alguns outros rapazes tentaram estudar por correspondência durante um ano, mas isso não funcionou. Assim, ele e depois eu saímos da Arábia Saudita para estudar. Kit primeiro estudou em uma escola interna de Wiesbaden, na Alemanha, e depois em uma escola para dependentes de militares da aeronáutica em Dreux, na França, a sudoeste de Paris, onde me juntei a ele dois anos depois.

A escola de Dreux era excelente, com padrões acadêmicos muito elevados. Contudo, além de uma ou outra aventura bebendo vinho com alguns colegas, os momentos mais memoráveis do ano que passei lá aconteceram durante os feriados escolares.

Durante um recesso de Natal, pegamos um avião para um safári na Etiópia. Protegidos dos criminosos locais por uma escolta com armas pesadas, caçamos gazelas, galinhas-d'angola e javalis. Atirei em uma gazela, o que foi uma grande emoção — apesar de eu ter me sentido um pouco culpado ao olhar em seus grandes olhos castanhos.

Também fizemos uma visita em família à Terra Santa. A lembrança mais vívida que tenho dessa viagem é de um incidente na Igreja da Natividade, em Belém. Enquanto eu fotografava a estrela no chão da igreja, pisei em uma prateleira de velas e acabei em chamas. "Que fria!", gritou Kit, sem conseguir resistir a uma queda por trocadilhos que herdamos de papai. Até eu, o objeto chamuscado da piada de Kit, tive que rir.

Depois de aproximadamente dois anos e meio em Dhahran, o tenente-coronel Weathers foi transferido outra vez, agora para a Base da Força Aérea Sheppard, em Wichita Falls, Texas, o último posto assumido pelo meu pai antes de se aposentar, em 1964. Na época, Kit havia decidido que sua profissão seria o rock'n'roll. É claro que minha mãe discordou, convencendo-o a seguir outra carreira: a de dentista.

Foi algo como "você pode ser um astro do rock depois que terminar a faculdade de odontologia". Assim, meu irmão mais velho se matriculou na Midwestern State University em Wichita Falls e depois se transferiu para a mesma faculdade que papai cursou, a Emory, para aprender a fazer obturação, extração e polimento dental, de acordo com os desejos de mamãe.

KIT: Segundo os padrões militares, éramos uma família bastante normal. Nossos pais não toleravam nenhuma malandragem. Precisávamos nos comportar e seguir todos os códigos militares. Em casa, andávamos na linha e obedecíamos a todas as regras. Não ousávamos deixar de cumpri-las.

Nossos pais, porém, sempre nos encorajaram, sempre nos disseram que podíamos ser o que quiséssemos, qualquer coisa que imaginássemos. Minha família sempre foi do tipo que corre atrás do que quer. Lembro-me de termos feito testes de Q.I. Minha mãe me puxou num canto e disse que ser bem-sucedido era mais do que uma obrigação para mim, pois eu era o filho com o maior Q.I. Nunca falei sobre isso com Beck ou Dan, mas não ficaria surpreso se descobrisse que ela disse a mesma coisa a eles.

Dan, Beck e eu gostamos de correr riscos, provavelmente por causa do encorajamento em nossa criação, e do meu pai. Todos os três dirigem rápido demais, por exemplo. Meu irmão caçula, Dan, tirou seu brevê de piloto. Beck escalava montanhas. Por 25 anos, tive um balão de ar quente com dentes de 4,5 metros pintados nas laterais. Acabei de comprar um novo. Há pouco tempo,

passei a praticar paramotor, um tipo de paraquedismo motorizado.

Um dos meus outros *hobbies* é o rock’n’roll. Ainda toco regularmente em um grupo chamado Party Time Band.

Mamãe era a disciplinadora da nossa família. Mais do que nosso pai, ela sempre moldou nossas vidas. Por exemplo, queria que seguíssemos profissões que garantiriam sucesso financeiro. Quando demonstrei interesse por montar aeromodelos, ela disse: “Você é tão bom com as mãos. Deveria ser dentista.” Na época, eu ainda era bem jovem. Acho que ela mapeou nossas vidas desde o início.

A unidade familiar sempre foi importante para ela. Mamãe era muito chegada aos irmãos, e tentou nutrir a mesma união na nossa família. As férias em família são muito importantes, assim como manter contato. No Dia das Mães que antecedeu o acidente de Beck no Everest, ela mandou um presente para cada um de nós, dizendo: “Obrigada por serem filhos tão bons.”

Como todos os filhos de militares, não conseguíamos fazer amigos na infância, pois estávamos sempre nos mudando. Eu, por exemplo, fiz o ensino médio em quatro países diferentes. Além disso, meus irmãos e eu não éramos muito próximos, talvez por eu ser três anos mais velho.

Entre nós três, acho que sou o mais extrovertido. Acredito que sou muito seguro. Beck é mais introspectivo. Ele sempre parecia estar pensando em alguma coisa. Olhava mais para dentro de si, mas não por medo de interagir com as pessoas; isso simplesmente não parecia ter tanta importância para ele. De nós três, ele era o mais pensativo.

———

Ingressei no ensino médio na Burkburnett High School, perto de Wichita Falls, no outono de 1961. A educação não era uma prioridade em Burkburnett — o tipo de lugar onde havia brigas anuais entre veteranos e calouros. Na verdade, eles tinham até lutas organizadas, que não eram muito atrativas para um brutamontes de 1,72 metro e 57 quilos como eu. Assim, eu preferi ficar em casa no dia da luta entre veteranos e calouros.

Apesar do meu tamanho, contudo, eu não era muito perseguido na infância. Isso porque era inteligente o bastante para perceber o momento de bater em retirada. Além disso, eu sangro à toa. E não via mérito algum em apanhar de alguém trinta quilos mais pesado do que eu.

As aulas eram quase o oposto das que tivemos em Dreux. Lembro-me de um professor de história que não conseguia pronunciar os nomes dos lugares corretamente. Sem grandes desafios, passei os três anos seguintes obtendo quase

sempre a nota máxima e aperfeiçoando minha capacidade de matar aula. Tornou-se motivo de orgulho o fato de eu não ter completado uma semana sequer sem faltar durante todo o meu último ano.

Minha altura me impediu de ser bem-sucedido nos esportes em Burkburnett, além do meu pé chato e da minha visão ruim. Durante um acampamento na Europa, descobri que, quando olhamos para uma árvore, supostamente devemos enxergar também suas folhas, e não apenas um borrão verde. Como eu enxergava bem o bastante para jogar beisebol e praticar outros esportes em Dhahran, só posso presumir que a evolução da minha miopia (também sofro de cegueira noturna) ocorreu de forma proporcional à idade.

Durante algum tempo, eu esticava as pálpebras para conseguir ver melhor. Também costumava pegar emprestados os óculos da minha mãe, até que enfim admiti que precisava dos meus próprios quando tinha cerca de treze anos. Eu detestava usá-los, mas nunca consegui tolerar nenhum tipo de lentes de contato. Sempre tive infecções que eram agravadas por múltiplas alergias.

Apesar de tudo, foi em Burkburnett que descobri o prazer de atuar, declamar poesia e debater. Ganhei uma competição de atuação realizada no distrito pelo meu papel na produção de *Algemas de cristal* da escola e tirei o terceiro lugar em um concurso estadual de declamação de poesia.

O debate era outra história. Ainda guardo a lembrança de ter sido massacrado por uma equipe de debate da St. Mark’s School, de Dallas, escola em que meu filho Beck mais tarde estudaria. O tópico era algo relacionado ao comunismo na América Latina. Não lembro se fui a favor ou contra, mas sei que os argumentos que apresentei não foram muito convincentes.

Meu primeiro veículo motorizado foi uma Vespa GS. Ela tinha pneus um pouco maiores do que rodas de patins. Eu me acomodava no assento, ligava a moto e saía, os insetos de verão batendo no meu rosto enquanto o velocímetro gradualmente alcançava a velocidade máxima da lambreta: 110 quilômetros por hora.

Depois, passei a usar o Karmann Ghia da família. Kit já havia batido o pequeno carro importado em uma ponte. Agora, era a minha vez. Meus amigos e eu dirigíamos como maníacos pelas estradas poeirentas da zona rural nos arredores de Sheppard. Certa vez, depois de uma chuva, avistei um atoleiro de sessenta centímetros de profundidade na estrada, mas pensei que fosse apenas uma poça grande, então chafurdei o Ghia no lamaçal. Quando abri a porta, a lama começou a entrar no carro.

Consegui empurrar o Ghia até a margem, mas não fui capaz de içá-lo para fora do buraco. Então, fui andando até uma rodovia ali perto e peguei carona com um motorista que me levou até a casa de um colega meu. Esse amigo conhecia um

fazendeiro que tinha um trator e fez o favor de tirar o carro da lama. Depois de uma manhã esfregando e limpando, *voilà*! As evidências haviam sido removidas, e meus pais nunca descobriram... até agora.

Para comprar bebida, dirigíamos por uma hora até Oklahoma, onde frequentávamos um estabelecimento remoto à beira da estrada cujo proprietário prosperava, acredito, principalmente por vender bebidas alcoólicas para menores de idade. Era o tipo de lugar que serviria qualquer bebida que o cliente pedisse, mesmo as que não existissem.

Comprávamos algumas caixas de cerveja Jax, uma marca regional que mal podia ser chamada de potável e há muito tempo falida, e meus camaradas e eu bebíamos enquanto atirávamos em coelhos. Qualquer cerveja que não terminássemos de beber, nós enterrávamos para desenterrar e consumir na caçada seguinte, sem a menor preocupação pelas coisas terríveis que podem acontecer dentro de uma garrafa de cerveja quando ela passa uma ou duas semanas em uma cova rasa a 45°C.

Acabamos nos cansando de fazer uma viagem de duas horas de ida e volta a Oklahoma só para comprar um ou outro *pack* daquelas cervejas de 3,2% de teor alcoólico — o equivalente ao de um suco de maçã velho. Então, em uma única incursão, comprei várias caixas, que escondi espalhadas pelo trailer da família, que raramente usávamos. É claro que logo depois meu pai resolveu colocar o trailer à venda. Quando levou um comprador em potencial para um tour com o objetivo de lhe mostrar as funcionalidades do trailer, papai encontrou cerveja em gavetas, armários e na geladeira.

Ele ficou furioso. Por outro lado, passou dois meses sem precisar comprar cerveja.

Aquele período de tranquilidade chegou ao fim com a minha formatura na Burkburnett High em junho de 1964. Por arrogância, mandei requerimentos de inscrição para as universidades mais respeitadas, como Duke e Rice, sem compreender na época como minha educação havia deixado a desejar. É claro que elas me rejeitaram, provavelmente sob um coro de vaias e gargalhadas.

Assim, escolhi a Midwestern State, a mesma opção de Kit, e iniciei minha educação universitária em uma aula de inglês durante o verão. Lembro que o professor do curso era bom. Ele me deixou chocado ao me dar um D na primeira avaliação. Minha vida passou diante dos meus olhos.

DOZE

Nunca tive uma boa autoestima — pelo menos não na vida adulta. Quando estava no colegial, eu me considerava um fracote. A palavra nerd seria bem apropriada.

Também não era muito feliz. Eu existia no que pode ser chamado de estado estacionário. Podia fazer meu trabalho e funcionar no dia a dia, mas nunca estava em paz, feliz ou me sentindo realmente bem. Do momento em que entrei na faculdade em diante, eu estava sempre distante, sempre pensando no futuro, procurando algum lugar para o qual pudesse fugir da situação em que me encontrava. Nunca consegui viver o momento.

Esse era mais ou menos o meu estado de espírito quando tive minha primeira crise de depressão, no primeiro ano na Midwestern. A ansiedade e a autoestima baixa podem ter sido minhas companheiras crônicas, mas essa crise foi aguda. Não mencionei nada para ninguém. Só me deitava na cama e ficava lá. Admitir que estava deprimido seria admitir uma fraqueza, e eu não faria isso. Também sabia que me mandariam procurar ajuda. Eu precisaria conversar com alguém sobre o assunto, compartilhar o fato de que me sentia extremamente infeliz. Então, seria forçado a lidar com isso, algo que não queria.

Entretanto, não pensei em suicídio. A dor e os sentimentos de desesperança eram tão profundos que eu não tinha forças para isso. Após três meses, simplesmente comecei a me sentir melhor — ou pelo menos não tão mal. Mas uma nova certeza permanecera em mim: se não houvesse nenhum imprevisto (um acidente ou uma doença fatal), algum dia o fantasma da melancolia iria voltar e me dominar, e então eu morreria pelas minhas próprias mãos.

DAN: Beck e eu já discutimos sobre a depressão dele e a minha. Acho que a inclinação emocional de Beck não é muito diferente da minha. Vejo-nos como almas gêmeas.

Luto contra a letargia, então estou sempre buscando atividades que possam renovar minhas energias: trabalhar na emergência, praticar exercícios, pilotar aviões. Faço coisas para elevar o meu nível de adrenalina.

Não sei ao certo de que lado da família veio esse legado, mas acho que o herdamos de nossa mãe. Pappy bebia, e tenho uma tendência ao alcoolismo — medicar as sensações ruins. Não acho que isso seja muito diferente do que meu avô fazia.

Ele e Beck também eram muito parecidos. Não havia nenhum assunto sobre o qual Pappy não conseguisse conversar, e Beck é igual. O único assunto que já discuti com Beck e sobre o qual ele não sabia nada foram as emoções. Ele ainda não as entende, não consegue compreendê-las. Talvez isso seja uma medida de sobrevivência para ele, mas Beck se tornou tão intelectual que isso o afastou dos sentimentos. Ele construiu uma muralha imensa ao redor dele, embora agora ela esteja um pouco menor.

———

a depressão não interferiu na minha educação. Aquelas aulas de inglês de verão me mostraram como eu era ignorante, então, quando entrei na Midwestern, trabalhei intensamente para resolver isso. Apesar de ter passado seis semanas com mononucleose no primeiro semestre (o que me deixou de cama na maior parte do tempo), tirei a nota máxima em todas as disciplinas com exceção de música. Depois disso, abandonei a música, apesar de gostar, o que revelou algo sobre a minha natureza: eu não estava disposto a estudar nada em que não pudesse alcançar a excelência.

Eu morava na casa de meus pais para economizar, mas entrei para a fraternidade Kappa Alpha com o objetivo de me forçar a ter algum tipo de vida social. Não era do tipo reservado, mas sabia que, sozinho, não compareceria a nenhum evento da universidade. Sem dúvida não tinha o tipo de personalidade que me permitia ir a bares para dar em cima de garotas.

Em troca da turbinada que ganhei na vida social, aumentei a média das notas daquela filial da fraternidade em um ponto inteiro.

Quando um dos meus irmãos dos KA observou o óbvio e sugeriu que eu levantasse peso para ganhar alguns músculos, aceitei a sugestão e descobri que gostava muito de me esforçar. Aliás, esta se tornou uma palavra-chave para mim: *esforço*.

Pela primeira vez desde a Pequena Liga, eu tinha um feito atlético do qual me orgulhar. Além disso, os músculos que ganhei com os exercícios fizeram meu peso subir para 74 quilos. Era uma boa sensação saber que eu era um dos caras mais fortes da fraternidade.

Ainda assim, eu continuava preocupado com o que aconteceria mais à frente em vez de viver o momento, o que inevitavelmente me levava a pensar sobre

meus desejos em relação ao futuro. Prefiro ser julgado pelo que posso fazer, pelas habilidades que tenho, a pelo que sou ou pelo que pareço ser. Portanto, gosto de matérias como matemática (o que não surpreende), em que ao final da questão chegamos a uma resposta. O mesmo não acontecia nas aulas de inglês. Eu detestava a subjetividade da maioria das matérias das artes liberais. Na ciência, você sabe exatamente para onde está indo.

Eu também me interessava por direito pela mesma razão; não me interessava pela oratória usada nos tribunais, mas pelo nobre conceito de que a lei dá um código à nossa humanidade. Ela tem uma estrutura. Algumas das maiores batalhas intelectuais travadas ao longo da história deram-se por questões relacionadas às leis. Isso exercia um apelo imenso para mim, e continua exercendo.

Acho que eu teria sido um bom advogado especializado em contratos, porque entendo as nuances da negociação, entendo como uma pessoa tenta tirar vantagem de outra. Trata-se de uma simples questão de tática e estratégia. Por outro lado, eu seria um desastre orientando as pessoas a entender suas motivações, pois sei que projetaria meu ponto de vista do mundo sobre elas.

A medicina também me atraiu, e durante algum tempo considerei cursar as duas faculdades. Sinto-me mais confortável em situações em que a aplicação do conhecimento e o trabalho pesado renderão resultados desejáveis de forma previsível. Em parte, foi por isso que fui fisgado pelo montanhismo. O desenvolvimento gradual de habilidades e o acréscimo de experiência são recompensados. É possível traçar um plano para escalar montanhas do mesmo modo que se traça um plano de estudos na faculdade de medicina.

É uma pena que a vida pessoal não possa ser tão facilmente administrada.

No final das contas, decidi que seria um desperdício de tempo e esforço me dedicar a ser tanto um médico quanto um advogado. Decidi fazer o curso preparatório de medicina, principalmente porque assim poderia preservar minhas opções acadêmicas por mais tempo, e então passei a estudar para me formar em química e em matemática, o que requeria 160 horas de créditos por semestre. Uma bolsa integral para os três últimos anos na Midwestern fez maravilhas pelas minhas finanças pessoais, mas eu ainda precisei passar um verão trabalhando em tempo integral para cobrir minhas despesas.

O trabalho consistia em dirigir um caminhão pelo Texas para uma companhia de mudanças (eu era jovem demais para fazer mudanças interestaduais). O salário era digno de pena: 1,25 dólar por hora mais 4 dólares por dia para hospedagem e 1 dólar para alimentação. Eu contratava estudantes do ensino médio e bêbados para colocar o carregamento no caminhão para mim à tarde e passava a noite inteira dirigindo — geralmente de quatrocentos a setecentos

quilômetros — para chegar ao meu destino na manhã seguinte. Assim, trabalhava cerca de noventa horas por semana e economizava dormindo no caminhão e levando sanduíches.

Costumava dar um estirão com o carregamento até começar a ver tudo em dobro de tão cansado, o que para mim indicava que era hora de estacionar e dormir. Lembro que, durante uma viagem para Houston, eu estava dormindo na traseira do caminhão em cima de umas colchas que protegiam os móveis quando fui acordado no meio da noite por um barulho colossal. Era uma locomotiva, e parecia estar vindo na minha direção. Por um momento, não consegui me lembrar de onde estava, até que me dei conta: "Ok, estou no caminhão. *Onde* estacionei o caminhão?" Eu sabia que havia saído da estrada.

Pensei: "Não é possível que você tenha estacionado essa coisa em cima de trilhos, não é?"

Naquele momento, o som estava bem perto. O caminhão começava a trepidar. Segurei a respiração, e o trem passou bem ao lado, quase acertando o caminhão, além de alguns divãs, mesinhas laterais e eu.

"Preciso ser um pouco mais cuidadoso", pensei. Mas não liguei o episódio a nenhum tipo de desejo de morrer nem à depressão que eu tivera.

Não foi muito agradável passar o verão carregando móveis de um lado para outro sob o calor do Texas, mas sem dúvida foi instrutivo, um exemplo dos privilégios do trabalho intelectual sobre o braçal. Em setembro, fiquei mais do que feliz ao substituir a estrada pelos livros e passei os dois verões seguintes frequentando cursos de férias.

DAN: Segui Beck da Burkburnett para a Midwestern. Nosso pai se aposentou e passou a trabalhar para a Administração Federal de Aviação em Memphis. Mamãe, que havia se formado na Midwestern, foi contratada para passar um ano dando aulas de biologia na universidade. Eu assisti às aulas dela. Beck, ela e eu moramos juntos naquele ano. No ano seguinte — o último ano de Beck na Midwestern —, dividi um apartamento com ele. Quando ele se formou, pedi transferência para a Universidade do Texas, onde decidi fazer medicina também. Até aquele momento, eu ainda não sabia se seria médico ou piloto, como meu pai.

———

Quando terminei a faculdade, como muitos da minha geração, desenvolvi um grande interesse por continuar estudando. A Guerra do Vietnã chamou a atenção de muitos de nós para os benefícios de cursar o ensino superior — contanto que

ele adiasse a hora do alistamento.

Enviei requerimentos de matrícula para cursar medicina em Duke, Tennessee e na Southwestern Medical School, da Universidade do Texas, em Dallas. A Southwestern não apenas me aceitou como também me ofereceu uma bolsa acadêmica. Próxima parada: Dallas.

Naquele primeiro verão antes de começar a faculdade de medicina, trabalhei na universidade como programador de computadores, o que envolvia tarefas como a transposição de dados censitários para o formato eletrônico. Era um trabalho muito monótono, tão estimulante quanto carregar móveis.

Encontrei um apartamento duplex ideal perto do campus e passei o primeiro ano morando sozinho. A proprietária do apartamento era uma senhora muito gentil de quase noventa anos, embora ainda fosse forte o bastante para usar um cortador de grama sem motor. De vez em quando, ela preparava o jantar para mim, o que era um evento e tanto para alguém que, não fosse isso, teria passado o tempo todo enterrado nos livros do primeiro ano de medicina.

Havia muita coisa para memorizar, o que mantinha minha cabeça ocupada, meu desempenho variando entre mediano e excelente. O sucesso de um estudante no primeiro ano de medicina depende da sua capacidade de desenvolver um interesse pelo que os professores estão tentando transmitir. As informações muitas vezes não passam de uma série aleatória de fatos sem conexão aparente.

Em microbiologia, por exemplo, pode-se pegar um professor que passa dez dias falando de cólera, uma doença com a qual ainda não me deparei em mais de vinte anos de prática. Lembro-me de outro professor que preferiu passar dois dias falando sobre a osmose na bexiga do sapo, porque era essa a sua especialização. Não preciso dizer que eu achava uma boa parte disso tudo tão maçante quanto a transposição de dados censitários.

Naquele verão, consegui um emprego como instrumentador no Parkland Hospital, o hospital universitário da Southwestern. Um instrumentador é um tipo de técnico da sala de operações. De jaleco e luvas como o cirurgião, o instrumentador cuida de todo o material e dos instrumentos utilizados na cirurgia, fica atento às suturas e esponjas cirúrgicas e coloca bisturis e sondas nas mãos do cirurgião, tal como se vê na televisão.

O paciente cirúrgico mais famoso da emergência do Parkland havia sido o presidente Kennedy, seis anos antes da minha chegada. Descobri também que a sala de emergência do hospital era bastante movimentada: indivíduos, casais e famílias inteiras levavam toalhas de mesa e cestas de piquenique para um monte localizado em frente à entrada de emergência nas noites de sexta e sábado, de onde ficavam assistindo à chegada dos casos urgentes.

Era um espetáculo e tanto.

Emendei muitos plantões naquele verão e vi algumas coisas impressionantes. A cirurgia de emergência é medicina em alta velocidade. Não era incomum estarmos entediados, jogando cartas em um chapéu, quando de repente as portas duplas se abriam. “Temos alguém para *agora*!”, gritava um paramédico empurrando uma massa sangrenta na nossa direção.

O cirurgião — na emergência do Parkland, eram todos residentes secundaristas de cirurgia — em pouco tempo estava abrindo o paciente. Era a partir daí que preparávamos a sala, acrescentando mais pessoal e equipamento se o paciente não morresse rápido. Na maioria dos casos, ele não durava mais de dois minutos.

Certa vez, trouxeram um homem baleado e meio embriagado. Ele estava perdendo muito sangue e morreria logo se não fosse operado, mas não queria autorizar a cirurgia. Se o paciente estivesse consciente (ou mais ou menos), não o podíamos operar sem sua autorização.

Assim, o cirurgião fez o que estava ao seu alcance naquela situação: pediu uma pizza. E disse: “Assim que entregarem a pizza, tirem o cateter desse cara.” Então, quando a pizza chegou, tiramos o cateter. Levou uns vinte minutos para o cara começar a entrar em choque e perder a consciência. A partir daí, pudemos fazer o que era necessário.

No meu segundo ano na Southwestern, tive a sorte de descobrir uma especialidade perfeitamente apropriada para as minhas habilidades e os meus interesses, além de ser uma matéria ministrada por alguém que a tornava fascinante: a patologia, cujo professor era o dr. Bruce Fallis.

O patologista trabalha com o tecido doente, em geral com o uso de um microscópio, mas não necessariamente. Não é o que a maioria dos médicos faz. Eles procuram pistas da doença em sintomas ou raios X, ou talvez ainda em alterações nas reações químicas do organismo. Mas na patologia nós analisamos o tecido em si. O patologista o segura nas mãos e o analisa com um microscópio. Isso me atraiu: eu gostava da exatidão.

Ser um patologista também significa não trabalhar com coisas triviais. Nada de resfriados ou gripes ou visitas de rotina de bebês, mas só doenças graves. Lidamos com todas as doenças em todas as diferentes partes do corpo. Com tudo que é comum e tudo que é raro. E nunca aprendemos tudo.

O estereótipo do patologista é o patinho feio. Algumas pessoas escolhem a patologia por não poderem lidar com contato humano. Elas não optam por uma carreira, mas se refugiam nela. Muitas são nerds. Entretanto, aquelas com quem estudei eram bastante normais.

Nosso farol era o dr. Fallis, um professor incrível pelo qual tínhamos grande respeito — eu principalmente. Fallis era um cara prático. Ele parecia um

sargento da Marinha e intimidava seus alunos na melhor tradição militar. Seguíamos padrões inflexíveis. O único nível de desempenho que ele aceitava era a perfeição. Você não podia *não* saber tudo sobre um caso. Eu nunca havia encontrado um docente como ele.

Depois do segundo ano, foi minha vez de trabalhar no setor de autópsia do Parkland no esquema de rodízio que fazíamos. Meu colega Charlie Cramer, hoje meu sócio, trabalhava comigo. Recebemos algumas instruções sobre como conduzir uma autópsia e separar as partes do corpo em pilhas diferentes. Após concluir uma autópsia de manhã, tínhamos até as sete horas da manhã seguinte para apresentar o caso ao nosso professor. Isso significava que, quando pensávamos ter descoberto o que acontecera com o falecido, íamos para a biblioteca de medicina e trabalhávamos ininterruptamente por quase 24 horas tentando aprender o máximo possível sobre o que *achávamos* que tinha acontecido. Todos sabíamos que Fallis iria nos humilhar com suas perguntas caso não estivéssemos preparados.

Meu primeiro caso foi um jovem que havia morrido enquanto limpava um tanque de petróleo. O tanque não tinha uma ventilação apropriada, e ele havia sufocado. Morreu na UTI recebendo oxigenoterapia.

Eu havia praticamente memorizado o livro usado pelo dr. Fallis: eu o lera quatro ou cinco vezes. Contudo, para o meu azar, a doença que observei na autópsia não estava descrita naquelas páginas. Agora, precisava apresentar o histórico completo, o que nunca havia feito, de uma doença que não conseguia identificar.

Às sete horas da manhã seguinte, com as pernas tremendo, sugeri uma pneumonia pneumocócica lobar.

“Em vinte anos de medicina”, observou Fallis mordazmente quando terminei, “nunca ouvi uma apresentação mais absurda e mal preparada. Eu não poderia estar mais decepcionado. Talvez você possa repassá-la e se explicar.”

Esse foi o ponto alto daquela manhã. Passei as três horas e meia seguintes respondendo a todas as perguntas que um ser humano pode fazer. Quando Fallis terminou e me sentei em um canto, choramingando, ele explicou que meu cadáver havia morrido de pneumonia tóxica causada pelo oxigênio, o que significa que o nível de oxigênio puro necessário para mantê-lo vivo na UTI o matara. Como eu nunca ouvira falar nessa condição, seria difícil procurar um texto sobre ela.

TREZE

PEACH: As mulheres da minha família estão acostumadas a desastres domésticos.

Mortes súbitas levaram os maridos de minhas duas avós. E meu pai morreu devido à contaminação radioativa.

Minha mãe, Edna Howard, de Griffin, Geórgia, conheceu Lawrence Olson no final da década de 1930 em uma fazenda experimental do estado que não ficava muito longe de Griffin. O carimbo postal até hoje é Experiment, Geórgia. Edna era uma auxiliar de biblioteca; Lawrence, um agrônomo de Illinois. Durante esse período, ele conduziu suas pesquisas em diversos laboratórios, inclusive nas instalações de energia atômica do governo em Oak Ridge, Tennessee.

Mal me lembro do meu pai. Ele sofreu exposição à radiação em Oak Ridge e morreu em 1951 após um longo período de convalescência. Mamãe, na época com 41 anos, tinha a mim — a caçula — e mais dois filhos para sustentar: Howard, nascido em 1941, e Wayne, de 1944. Ela continuou trabalhando como bibliotecária, dando aulas e frequentando a escola noturna em Emory, onde fez mestrado. Não havia nenhum dinheiro em casa, mas não a ouvi reclamar sequer uma vez.

Sempre prática, ela sugeriu que vovó Olson, que acabara de ficar viúva, viesse morar conosco. Alice Olson me contou em várias ocasiões que, quando seu marido Carol morreu, ela perdeu a vontade de viver. Ir ajudar a nora, contudo, deu uma nova vida a Alice, uma razão para seguir em frente. Ainda assim, acho que não se passou um dia até sua morte, em 1980, sem que ela tenha dito: “Sinto muita falta daquele meu sueco.”

Mamãe achava que seu papel era ser nossa provedora. Ela trabalhava muito e nunca estava em casa. Acreditava que, enquanto nos sustentasse, estaria fazendo a coisa certa. Até hoje, ela diz que fez isso “por vocês, meus filhos”.

Nesse aspecto, Beck não é muito diferente da minha mãe. Ambos são modelos de praticidade e autossuficiência.

Ela não deixava de me abraçar e dizer que me amava. Mas a pessoa que arrumava meu cabelo de manhã e insistia para que eu comesse todo o meu

mingau era a minha avó.

Alice e eu dormíamos no mesmo quarto, eu na cama dobrável, desde quando consigo me lembrar. Durante o dia, ela se mantinha ocupada fazendo todo tipo de coisa: organizava cartões-postais, folheava livros ilustrados comigo etc. Fazia tudo o que podia para não ficar no caminho de mamãe. Sempre respeitou Edna — provavelmente a única forma encontrada por aquelas duas mulheres de personalidade forte para conviverem debaixo do mesmo teto.

Meu irmão mais velho, Howard (sempre o chamamos de Howie), virou meu pai postiço, tornando-se uma figura essencial na minha infância, na minha vida adulta e na história da minha família. Ele é indispensável para quem quiser entender Beck e eu.

Com minha mãe fora na maior parte do tempo, alguém tinha de me levar para os encontros das Bandeirantes e para os compromissos da escola e também conduzir minha formação. Era Howie quem fazia isso. Lembro-me bem de mostrar a ele um boletim cheio de notas altas. Howie perguntou: “Por que você não tirou 100?” Fiquei arrasada.

———

No início do meu relacionamento com Peach, eu competia um pouco com Howard pelo simples motivo de ele ser extremamente inteligente e capaz. Sempre que me deparo com alguém assim, tendo a ser competitivo. Gosto desse tipo de troca. Peach percebeu isso e sugeriu que eu parasse. Atendi ao seu pedido. Howard era gentil demais para me corrigir. No fim das contas, aprendi a amá-lo como a um irmão.

PEACH: Percebo como essa criação me deixou incompleta. Uma criança precisa ser criada por duas pessoas.

Por outro lado, isso serviu para me tornar uma mulher determinada. Acho que minha mãe — tão competente, esforçada e focada no nosso bem-estar material — conseguiu apagar a palavra *desistir* do meu vocabulário. Não importava qual fosse a situação, em particular no meu casamento, eu fazia dar certo. É estranho, mas também é possível que ela tenha me tornado predisposta a aceitar Beck e sua tendência a correr atrás de seus objetivos com uma verdadeira obsessão, pois é um comportamento muito parecido com o dela. O fato é que eu não tive em casa nenhum modelo de bom casamento. Por consequência, quando as coisas mais tarde começaram a ir mal com Beck, eu pensava: “Quem sabe? Talvez seja assim mesmo.”

Nasci no final de agosto, o que significa que sempre era a mais nova da minha

classe, uma desvantagem que preferi não repetir quando nossa filha Meg também nasceu no final de agosto. Meg só entrou na alfabetização depois de ter completado seis anos.

Eu tirava ótimas notas, mas demorei a amadurecer na vida social, pois era muito calada e tímida. Acho que era insegura. Isso não significa que eu evitava interações sociais, mas não me divertia muito com elas. Se começava a sair com alguém, pouco tempo depois enjoava da pessoa. Certa vez, um cara que eu nem conhecia me pediu em casamento. Aquilo me deixou muito confusa. Lembro-me de ter me perguntado o que realmente era o amor. Eu não fazia ideia.

Minha mãe fez questão de que meus irmãos frequentassem as melhores universidades. Howie, que era muito inteligente, formou-se em Princeton, fez mestrado no Georgia Institute of Technology e doutorado em física têxtil na Universidade de Manchester, Inglaterra. Mais tarde, ele seria o criador do projeto de um tecido usado em um traje espacial da Nasa.

Wayne foi para a Universidade da Geórgia. Quando chegou a minha vez, Edna sugeriu: “Já que você não sabe o que vai fazer, por que não vai para a Universidade da Geórgia e se torna professora? Seria a opção ideal para formar uma família.”

Eu não estava muito animada com nenhuma dessas perspectivas. Se tinha algo em mente, era a impressão de que eu levaria uma vida muito limitada. Precisava sair de Griffin e conhecer mais o mundo.

Depois de me formar na Griffin High School, fui para a Universidade da Geórgia, onde me formei em ciências políticas em 1971. Depois, fiz cursos o bastante para me tornar uma professora certificada para crianças superdotadas. Era isso que eu fazia em 1974, quando Beck e eu nos conhecemos.

———

O primeiro namoro sério da minha vida foi com Martha Moyer, que conheci no meu segundo ano na Midwestern. Ela era uma moça linda, gentil e alegre. O que tornava Martha muito especial, porém, era o fato de achar que eu podia lhe dar a lua. Ela enxergava além do nerd, além das inseguranças, e isso fez com que nos conectássemos.

Ficamos juntos até nos formarmos na Midwestern. Então, quando entrei na Southwestern, Martha se mudou para Dallas, onde se tornou professora. Chegamos a pensar em casamento, mas, sabendo das demandas extraordinárias que eu teria pela frente nos meus oito anos de educação em medicina, eu não estava pronto para assumir também a responsabilidade de me tornar um marido. Martha seguiu em frente, e hoje tenho certeza de que ela se sente feliz por isso.

Conheci Margaret Olson, a Peach, uma das pacientes do Kit, durante uma visita à nossa casa em Griffin em 1974. A mulher de Kit me alertou sobre Margaret. “Não sei, não, Beck”, disse ela, “Margaret é o tipo de garota com quem você acabaria se casando.”

Eu não conhecia uma mulher mais bonita do que Margaret Olson. Além disso, ela era muito inteligente e articulada. Além disso, há o fato de ela ser uma pessoa muito boa, e isso me agradou. Peach não só sabe distinguir o certo do errado, mas tem uma sensibilidade em relação a outras pessoas que não tenho. O fato é que eu conseguia me ver ao lado daquela pessoa pela vida inteira, a mãe dos meus filhos.

PEACH: Não me lembro muito bem do nosso primeiro encontro. Acho que fomos ao Underground Atlanta e jantamos, ou algo assim. Mas me lembro do que vesti: meia-calça azul-marinho e um conjunto de saia e blusa que tinha mangas de tricô azul-marinho. Ele era vermelho, branco e azul, com uma estampa de losangos multicoloridos. Fico impressionada ao pensar que um dia me vesti assim.

Lembro que a energia de Beck deixou uma forte impressão naquele encontro, mas não me lembro de ter surgido química. Acho que uns seis meses depois Jane me ligou para dizer que Beck estava voltando à cidade e queria me ver. Típico dele delegar o convite para um encontro.

Assistiríamos ao Georgia Jamboree Show of Shows, de Kit Weathers — Kit e sua banda tocariam no sábado e no domingo em um baile realizado em uma velha escola fundamental de um só cômodo, em Griffin. Kit havia alugado o espaço para a banda tocar. Descobri que Beck dançava bem. Depois que alguém me deu uma cerveja — sou fraca para o álcool — comecei a dançar como nunca tinha dançado. Passamos a noite toda dançando.

Beck disse: “Vou ligar pra você.” E ligou — todas as noites de sábado em algum horário maluco, como às duas da manhã. Com o tempo, comecei a acordar a essa hora para esperar pelo telefonema dele. Beck era interessante. Ele me fazia rir. Nunca era chato. Sempre parecia fugir um pouco, o que era um desafio. Ele me fazia pensar. Era diferente.

Levaria anos para que eu enfim entendesse que ele fala muito, mas nunca diz nada sobre si. Precisamos de um tempo para perceber isso.

———

Meus colegas da faculdade de medicina chamavam minha futura esposa de Georgia Peach. Mais tarde, passou a ser G. Peach. E então, só Peach. Assim,

outro nome sulista muito bom se perdeu.

PEACH: Na época, eu não ligava para apelidos. Eles me chamavam assim com bom humor e carinho.

Mais tarde, contudo, quando meu casamento começou a desmoronar, isso começou a me incomodar muito. Eu havia perdido tanto o meu nome quanto o meu sobrenome. Margaret Olson havia desaparecido.

Na minha primeira visita a Dallas, minha mãe sugeriu que eu lesse algumas publicações e fizesse resumos em cartões para estudar. O intuito era eu virar uma companhia interessante ao frequentar eventos sociais com Beck. Tenho certeza de que ela tinha boas intenções.

Beck e eu fizemos três ou quatro visitas um ao outro em 1974, e depois decidi me mudar para Dallas, onde passei um ano lecionando em uma escola particular. É claro que mantive meu próprio endereço. Sou esse tipo de garota tradicional. Beck sem dúvida foi a razão pela qual me mudei para o Texas. Entretanto, não sei se esse foi um gesto tangível de amor. Eu queria muito sair de Griffin. Porém, de fato achava que o amava. Pensava estar completamente apaixonada por ele.

———

Quando concluí a residência, ofereceram-me uma bolsa em Boston. Quando contei a Peach, ela respondeu: “Bem, não vou me mudar para Boston a não ser que algumas decisões sejam tomadas. É assim que vai ser.”

PEACH: Eu disse a ele que não iria para Boston a não ser que nos casássemos. No início, fiquei arrasada por precisar dar um ultimato. Depois, fiquei furiosa com ele. Por fim, simplesmente tive certeza de que havia tomado a atitude certa. Ele precisou de um fim de semana para decidir.

———

Se ela não tivesse tornado o casamento uma necessidade, eu teria ficado feliz por apenas morar com ela em Boston. Não que eu não a amasse. Mas aceitar a ideia de me casar foi difícil. No fim das contas, concluí que seria muito mais feliz com ela do que sem ela. Eu a amava. Mas realmente não sabia o que fazer. Havia acabado de passar oito anos me preparando para começar uma carreira e de repente precisaria dar um passo tão ou mais importante, mas sem nenhuma preparação.

CATORZE

PEACH: Ele nunca me pediu em casamento de verdade. Simplesmente me procurou depois de pensar e disse: “Não posso viver sem você.” Acho que nos casamos porque eu estava no lugar certo na hora certa. Isso não é tão incomum. Creio que acontece com muitos caras.

Mesmo aos 26 anos, eu ainda era infantil em muitos aspectos, com algumas ideias de Pollyanna. Desse ponto de vista, acho que combinávamos como casal. Ele também não era emocionalmente sofisticado. Éramos ambos ingênuos.

Nosso casamento aconteceu em 24 de abril de 1976, na Primeira Igreja Batista. Foi um evento e tanto, com quatrocentos convidados, o tipo de acontecimento que deixa os moradores de Griffin extasiados. Não houve anel de noivado, o que não me incomodou. Usei o anel da minha avó como aliança e comprei a de Beck em uma joalheria em Dallas que me deu desconto. Se não estivesse tão apaixonada, teria me dado conta de que os 1.200 dólares em equipamento de fotografia que ele havia acabado de comprar poderiam ter pagado um belo anel de diamante.

No final das contas, Beck usava sua aliança apenas em raras ocasiões formais. Ele me explicou que tinha medo de que o anel ficasse preso em alguma coisa, o que poderia causar ferimentos ou, pior ainda, a perda de um dedo.

Beck também não se deu o trabalho de reservar um quarto de hotel para nossa noite de núpcias, então ficamos na casa dos pais dele, em Atlanta. Isso deveria ter servido de alerta para mim.

No dia seguinte, encaixotamos nossas coisas e nos mudamos para Boston. Nosso jornal local, sempre procurando apresentar os eventos sob a melhor luz possível, informou aos leitores que a lua de mel consistiria em “uma agradável viagem de carro pelo litoral atlântico”.

Eu tinha saído da Geórgia pouquíssimas vezes. Além das visitas a passeio à Flórida e do ano em que morei em Dallas, havia visitado Chicago e Nova Orleans e ido com minha mãe e Wayne a Nova Jersey para assistir à formatura de Howie em Princeton. E só.

Beck podia até ser mais viajado, mas também tinha horizontes muito estreitos. Por exemplo, seu paladar era limitado. Entre outras coisas, descobri que ele não comia peixe. A boa notícia é que, depois que o convenci a experimentar coisas novas, ele passou a querer provar de tudo.

Quando fomos para Boston, procurei uma vaga como professora. Mas não havia muitas oportunidades nas escolas particulares locais, e elas pagavam pouco. Além disso, havia muitos casais como nós, o que significava uma grande concorrência para todo emprego disponível. Quando comparamos a renda que eu provavelmente teria aos custos de transporte e outros gastos, percebemos que não valeria a pena.

Ainda assim, eu achava que precisava tornar meus dias úteis. Se ele estava trabalhando muito, eu também tinha que fazer alguma coisa. Era uma questão de autoestima. Eu precisava me sentir ocupada para ter a impressão de merecer ganhar meu sustento.

Fiz algum trabalho voluntário no hospital e ajudei Beck a montar sua biblioteca de pesquisa profissional. Na maioria das vezes, isso significava datilografar as anotações dele. Eu ficava muito isolada, mas não me importava muito. Gosto de ficar só, e havia passado muito tempo sozinha na infância.

———

Amo Boston e amava o lugar onde morávamos — um apartamento de terceiro andar em um prédio geminado na Longwood Avenue. Aquele lugar tinha muita personalidade. Eu também podia ir para o trabalho a pé, algo de que gostava muito. Michael Dukakis, o governador de Massachusetts, não morava muito longe, e às vezes eu o encontrava a caminho do metrô.

Eu não estava tão entusiasmado com o meu trabalho. Era o cara mais novo e logo percebi que eles só queriam um contínuo. Acabei fazendo as autópsias que ninguém mais queria fazer ou cobrindo o turno quando ninguém queria trabalhar. Isso incluiu o final de semana da celebração, em 1976, do aniversário de dois séculos da declaração de independência dos Estados Unidos, um dia de comemoração no qual aportaram em Boston navios com mastros altos. Peach e eu estávamos saindo pela porta quando o telefone tocou.

“Adivinhe, colega. É com você.”

Passei o fim de semana inteiro trancado no necrotério revisando os casos.

PEACH: Levou algum tempo para eu perceber que Beck provavelmente estava deprimido quando nos casamos — e ele prosseguiu com uma depressão leve dali em diante. Eu nunca tivera contato com uma pessoa deprimida. Não

percebia o que realmente estava acontecendo quando ele se queixava de uma dor aqui ou ali e ia para a cama. Eu sabia que ele tinha muita dificuldade para compartilhar seus sentimentos, então me consolava com o fato de que ele era assim com todo mundo, e não apenas comigo. A princípio, pensei que aquilo aos poucos mudaria. Eu pensava: “Se ele aprender a confiar. Se perceber que, não importa o que aconteça, estou aqui.” Mas isso nunca aconteceu.

———

Eu sentia que precisava passar o tempo todo trabalhando. Não sou capaz de relaxar e me divertir. É muito difícil conviver com alguém que não é feliz, e eu nunca fui.

Mas preciso dizer que admiro a importância que Peach dá à comunicação interpessoal. Considero essa uma das suas maiores qualidades. Tenho muita dificuldade em imitar o seu comportamento. Não é que eu não queira fazer a coisa certa ou o gesto apropriado ou dizer as palavras certas. Tal pensamento não surge naturalmente para mim. Nunca me ocorre. Essa foi uma das razões por que, mesmo sem querer, magoei e irritei Peach tantas vezes, e talvez um dos motivos pelos quais não consegui compreendê-la em inúmeras ocasiões que se repetiram com frequência ao longo dos anos.

PEACH: Boston deveria ter sido o início da cumplicidade. Em vez disso, foi o início do afastamento. Eu achava que a culpa era minha. Não sou uma interlocutora brilhante, com certeza não em assuntos que Beck considera interessantes. Minha mãe não me deixava esquecer isso.

Tentava conversar com ele, mas ele sempre se isolava. E eu achava que ele era tão mais inteligente do que eu que me sentia intimidada. Isso não foi só culpa dele.

“Como foi seu dia?” certamente era uma pergunta que não nos levava a lugar nenhum. “Algum tumor no cérebro?” também não funcionava.

———

Uma das razões pelas quais pareço fechado para Peach é que sempre tenho alguma questão técnica na cabeça, o que duvido que seja do interesse dela: “Querida, não é interessante como o satélite do GPS funciona?”

Sei que ela prefere levar a conversa para: “Como você está se sentindo? No que está pensando agora?” O problema é que às vezes a resposta é “nada”. Ela dá muito crédito à minha mente, que muitas vezes está vazia.

PEACH: Mais tarde, aprendi outra coisa sobre Beck. Ele sente uma necessidade de não ter que dar satisfações, de ser independente. Ele acreditava que todas as mulheres eram controladoras por natureza.

Quanto a mim, eu não tinha nenhum padrão de comparação para o meu casamento. Eu não era infeliz, e quando Beck está bem ele é gentil, generoso e nada exigente. Ele não é nenhum autocrata. Então, naquele momento, decidi que ficaria satisfeita por ter me casado com um homem bom e trabalhador — e simplesmente esperei que ele fosse confiável. A verdade é que, se você quiser alguém intuitivo e sensível, é melhor se casar com uma mulher.

QUINZE

Por mais que gostássemos de Boston, tive uma surpresa agradável certo dia ao receber uma ligação de Tom Dickey, colega patologista que havia concluído sua residência comigo na Southwestern. Tom também era um bom amigo; ele e a esposa haviam preparado uma festa de noivado para Peach e eu.

Dickey e vários outros jovens patologistas muito competentes que eu conhecia da época da Southwestern haviam formado uma sociedade em Dallas com Jim Ketchersid, que eu conhecia pela reputação de ser tanto um bom médico quanto um cara muito honrado. Jim tem um instinto inabalável para fazer a coisa certa. Quando Dickey me convidou para entrar na sociedade, aceitei sem nenhuma hesitação.

— Você não quer saber o salário? — perguntou Tom, pois não mencionei esse assunto.

— Não — respondi.

— Ah, dá um tempo.

— Acho que vocês vão me pagar algo justo pelos meus serviços no momento em que eles tiverem algum valor.

Eu tinha uma confiança total e comprovada nos meus novos sócios.

Em abril de 1977, Peach e eu voltamos para Dallas, onde comecei a trabalhar no Medical City Hospital — na época, o hospital parecia mais uma vila do que uma cidade —, uma instalação de três anos com aproximadamente cem camas que logo iria se transformar em um imenso complexo. Ele foi construído em uma padraria ao norte do centro da cidade, tão distante que durante a temporada de caça às rolinhas os funcionários só precisavam atravessar o estacionamento na hora do almoço para arriscar alguns tiros.

A medicina exige muito de seu tempo. Mas fiz uma tentativa razoável de manter a forma correndo, o que é barato, não requer mais do que um par de tênis e pode ser feito em qualquer lugar.

Durante o ano que passamos em Boston, eu corria de cinquenta a sessenta quilômetros por semana, mas nunca em maratonas. Eu só gostava de correr.

Quando nos mudamos de volta para Dallas, moramos por um ano em uma casa

que ficava perto do Medical City Hospital, e eu muitas vezes ia e voltava correndo do trabalho, uma distância de dez quilômetros. Era uma forma fácil de me forçar a me exercitar um pouco. Certamente, não me via como um atleta. Eu só queria ficar em forma.

Contudo, pouco a pouco, me dei conta de que estava em ótima forma. Tinha até a satisfação de conhecer pessoas com metade da minha idade que eram *atletas* e não conseguiam fazer metade do que eu fazia. Como, por exemplo, os jogadores de futebol do ensino médio que conheci no final do meu primeiro verão em Dallas. Corríamos na mesma pista, e eu me deleitava com a oportunidade de dar uma volta inteira ao redor deles enquanto corriam devagar, mortos de cansaço, como se estivessem parados. Esse era um dos grandes prazeres da minha vida.

PEACH: Quando voltamos para o Texas e Beck começou a trabalhar muito, passei a me sentir cada vez mais só. Comecei a pensar em ter filhos. A ideia, contudo, não veio de um instinto materno muito forte. Eu havia passado muito pouco tempo com crianças e, para ser sincera, era um desastre como babá. Fico enjoada com tudo, não aguento ver sangue — nem mesmo o meu, nem mesmo na televisão.

Ainda assim, eu queria muito ter um filho. Portanto, tomei sozinha a decisão de que teríamos um. Na verdade, não parei de tomar a pílula, como Beck suspeitava. Mas meio que comecei a fazer roleta russa. O resultado foi nosso filho, Beck, que nasceu em outubro de 1978.

———

Fui pego de surpresa. Eu não sabia nada sobre casamento, mas a minha ignorância em relação ao matrimônio não era nada se comparada à minha ignorância em relação à paternidade. Foi difícil me acostumar à ideia, tão difícil quanto mover placas tectônicas.

PEACH: Beck não gostava muito de me ajudar. Mas eu me sentia realizada por ter aquele menininho *exigindo* meu amor e minha dedicação. Eu lhe dava toda a minha energia, o que me tornou uma pessoa mais feliz. Beck estava investindo toda a sua energia no trabalho, então acho que isso permitiu uma convivência melhor.

Foi também nessa época que comecei a fazer amizade com outras mulheres, a maioria jovens mães, como eu, que mais tarde acabariam se tornando um círculo indispensável de confidentes.

A primeira que conheci foi Pat White, cujo marido, Terry, clinica no Medical City com Beck. Pat e eu nos conhecemos quando estávamos ambas grávidas dos nossos primeiros filhos, durante uma festa de uma equipe do hospital em uma casa de campo. Por coincidência, o filho dela, Charles, e meu Bub foram colocados na mesma classe da pré-escola Meadowbrook, no norte de Dallas (os sobrenomes dos dois começam com W) e deram início a uma amizade que duraria até a universidade. Charles e Beck foram colegas de quarto nos dois primeiros anos em Duke.

Outra das minhas primeiras amigas foi Cecilia Boone. A filha dos Boone, Aimee, também frequentava a Meadowbrook. Cecilia e eu nos conhecemos quando ela me convidou para entrar no seu grupo de carona solidária. Mais tarde, quando os Boone compraram uma casa perto da nossa, sua segunda filha, Katherine, e Meggie tornaram-se — e continuam — tão inseparáveis quanto Bub e Charles White.

PAT WHITE: Sou do Meio-Oeste, onde ser direta é considerado mais normal do que em Dallas. Essa é uma das características que mais admiro em Peach. Valorizo muito a opinião dela. Nem sempre concordamos em tudo, mas concordamos pelo menos 90% das vezes. Acho que isso nos encoraja. É algo como: “Ah, você vê as coisas como vejo? Certo, então vou em frente com isso.”

CECILIA BOONE: Peach é a minha melhor amiga. Ela tem uma mente muito prática e é capaz de controlar as emoções em situações difíceis. Quando conversamos sobre a situação dela com Beck, nunca tive a impressão de que ela estava procurando respostas. Olhando para trás, acho que ela sempre pensou que Beck era como era e nunca iria mudar. A grande decisão a tomar seria continuar ou não casada com ele.

———

Peach diz que Meg é a minha bebê, e isso de certa forma é verdade. Quando ela nasceu, em agosto de 1981, eu havia me acostumado à paternidade. Meg não foi um passo tão grande. Eu já tinha mudado de continente, por assim dizer. Então, em vez de simplesmente ficar surpreso, fiquei feliz. Peach havia me permitido ser o supermédico na primeira infância de Beck. Em sua grande sabedoria, ela decidiu que isso não podia se repetir — agora, eu participaria.

Limpei o bumbum daquela menininha um milhão de vezes e troquei uma tonelada de fraldas. Peach me fazia ler para Meggie todas as noites, algo de que nós dois gostávamos.

Meggie soube instintivamente como se comunicar comigo. Seu irmão mais velho era quieto; ele não se levantava e nos acordava se quisesse alguma coisa. Meggie, por outro lado, deixava bem claro o que queria e como queria que fizéssemos. Isso deu muito certo comigo.

BUB: Papai é muito direto. Ele simplesmente me dizia: "Eu te amo!" E eu respondia, baixinho: "Também te amo, papai", esperando que nenhum amigo meu estivesse por perto.

Ou nós assistíamos à TV. Sempre assistíamos a um programa chamado *Rescue 911*, no qual as pessoas eram salvas de várias situações de perigo. Papai ficava lá sentado, comendo seu purê de batatas com lágrimas nos olhos. Quando eu lhe perguntava por que estava chorando, ele respondia: "Quando vejo esse tipo de coisa, imagino você ou sua irmã na mesma situação, e aí as lágrimas vêm."

MEG: Eu era a menina dos olhos do papai. Lembro que ele costumava ler muito para mim. Meu Deus, eu amava aquilo! Era algo muito importante para mim, e fizemos isso por noites a fio.

Eu gostava do fato de ele expressar seus sentimentos. Podíamos estar juntos, não fazendo nada de especial, e ele de repente dizia: "Você sabe que te amo muito?" É ótimo ter um pai que não tem medo de dizer que ama você.

Também me lembro dele chorando durante *Rescue 911*. Assistíamos a esse programa o tempo todo. Você se surpreende ao ver seus pais chorarem. Era comovente.

———

Quando alguma coisa me comove, me comove por inteiro. Nunca dei a mínima quando adultos se feriam ou eram mutilados em *Rescue 911*. Porém, sempre que uma criança ficava em perigo, eu não conseguia assistir ao programa sem me emocionar, mesmo sabendo que a criança ficaria bem. Eu precisava me levantar e sair da sala.

PEACH: A outra nova adição à família foi Muffin, a gata.

Tive gatos durante toda a minha infância e sempre conversei com eles, criando uma personalidade para cada um. Depois que me casei e me encontrei novamente sozinha, retomei o hábito. O fato de Beck trabalhar até tão tarde todas as noites ao longo dos anos me deu muito tempo para desenvolver a personalidade de Muffin.

Beck se mantinha o dia inteiro ocupado, e enquanto isso eu conversava com a

gata.

Ela se tornou outra presença na nossa casa, um mecanismo para ajudar na nossa comunicação, pois não conseguíamos conversar diretamente. Muffin, a gata mais brava que eu já havia visto, virou uma válvula de escape, uma mensageira, um meio de contato. Através dela, usávamos o humor como um condutor — era isso ou a raiva.

———

Eu basicamente fui sugado por aquilo porque era intrigante. Jamais houve um animal com um nome mais inapropriado: Muffin, a Gata. Vlad, o Empalador, teria sido mais adequado. Semente do Demônio, talvez. E era isso. Pela sua malevolência, Muffin, com seus pelos negros, foi uma gata única enquanto viveu — um reinado de terror que durou quinze ou dezesseis anos, interrompido apenas pela sua morte.

Depois, viria Baby, que era pior ainda.

Na nossa elaborada fantasia, Muffin era uma gata do mundo: uma escritora, uma *bon-vivant* acostumada a lidar com paparazzi. Ela tinha acesso às altas rodas sociais, com as quais Peach e eu só podíamos sonhar. Não levava desaforo para casa. Bastava olhar torto para ela que Muffin cravava os dentes em você. Ela andava de limusine, bebia champanhe no pires e estava sempre bêbada.

A personalidade de Muffin ia se tornando cada vez mais complexa. Ela escrevia artigos e livros, era uma autora celebrada na revista *Gatinho do Sul*.

Imaginávamos esses cenários. Eu, por exemplo, era constantemente processado, porque Muffin era frequentemente acusada de agressão. Assim, precisávamos ter uma equipe de advogados de plantão. Ela também detestava Peach, a qual considerava apenas como A Mulher que Me Leva de Um Lado Para Outro. Muffin queria saber por que eu não demitia Peach. Ela a considerava totalmente dispensável.

Só esse aspecto da personalidade de Muffin já dava inúmeras oportunidades para que Peach me criticasse, sempre com um sorriso no rosto.

Quando estava mais velha, Muffin começou a se interessar por magia negra e a escrever um livro sobre demonologia e feitiços. Isso ajudava a explicar as coisas ruins que aconteciam em todos os lugares do mundo, mas em especial na nossa família. É claro que Muffin jamais faria nada para *me* prejudicar. Entretanto, se eu estivesse no lugar errado e na hora errada, não havia nada que Muffin pudesse fazer para me ajudar.

Nessa época, também adquirimos Missy, da raça pastor-de-shetland. Missy é a cadela mais fofa que existe. Certo dia, Meg colocou uma coleira em Missy para

mostrá-la aos nossos vizinhos. Infelizmente para Missy, a família tinha uma imensa rottweiler chamada Hannah, que conseguiu destruir uma cerca de ferro, abocanhou a pequena Missy e rasgou a pobrezinha dos pés à cabeça — com Meg ainda segurando a coleira. O fato de a pequena Missy ter sobrevivido foi incrível.

Corremos até lá, enrolamos a cadela em algumas toalhas e a levamos para o veterinário, que costurou os cortes. Ela foi para casa parecendo a Noiva de Frankenstein, completamente remendada. Não podia se mexer, porque tudo doía.

Não queríamos deixá-la sozinha, então passei os dias seguintes dormindo com Missy no chão da cozinha. Acho que foi na segunda noite que ela começou a conseguir se mexer devagar. Missy se levantou tremendo, foi até onde eu estava e lambeu meu nariz. Depois, ela se deitou ao meu lado.

Daquele momento em diante, não importava quão furiosos ou fartos de mim todos estivessem, eu sabia que, quando entrasse pela porta, Missy viria me cumprimentar como se eu tivesse passado uma eternidade longe dela e retornado com os tesouros perdidos do Oriente.

Muffin enfim bateu as botas, embora Peach suspeitasse que sua morte não tivesse passado de uma encenação. Pouco depois — no Dia dos Pais de 1995, o ano anterior à minha viagem ao Everest — Peach me presenteou com um novo gato, um terror com garras chamado Baby. Eu lhe disse que Muffin fora o bastante, obrigado, e que eu não queria outro gato. Grande erro. Peach disse: “Ok! Você vai se arrepender.” Baby tornou-se o gato dela.

Sempre que alguma coisa era dolorosa demais para Peach conseguir lidar — quando tudo o que queria era me chamar de desgraçado filho da mãe —, Baby estava lá para ajudar.

Um ano depois, viajei e me feri. Quando voltei, Baby e Peach haviam criado um elo forte. Não havia nada que aquele gato não pudesse ter. Peach mimava Baby, carregando-o para todos os lugares, e sempre que passava por mim ele me olhava com desprezo — o homem que ele achava ter passado para trás. Ele também era mentiroso e dizia as piores coisas de mim, porque esse era o seu caráter. Inventava coisas que eu supostamente tinha dito ou feito com ele. Eu estava sempre tentando me defender.

Missy, por outro lado, era leal. Ela ficou um pouco desconfiada no dia em que voltei para casa do Everest e me sentei na ponta do sofá coberto de ataduras. Para ela, eu estava com uma aparência e com um cheiro estranho. Ela não sabia se era eu mesmo.

Isso durou cerca de uma hora. No final das contas, ela se aproximou e ficou parada, sem mover um único músculo até concluir: “É! É o papai!”, e então se sentou ao meu lado.

Já Baby não teve um pingo de piedade. Eu era a coisa mais ridícula que ele já tinha visto. Aquele animal era vingativo, e sua raiva aumentava a cada vez que eu ameaçava mandá-lo ir morar com algum parente.

A situação estava sob controle até o dia em que Baby encontrou o livro de feitiços de Muffin. Descobrimos isso por causa das coisas ruins que começaram a acontecer. Não podemos nos esquecer de como Muffin era versada. Baby era meio ignorante, principalmente por ser preguiçoso. Ele só conseguia fazer duas coisas: comer e dormir. Mesmo assim, era adorado.

Então, comecei a viajar, e Baby identificou uma oportunidade imperdível. Começou a usar o livro de Muffin, e quase sempre que eu viajava ele causava caos em algum lugar do mundo. O problema era que Baby não era inteligente o bastante para ter noção de proporção. Sua ideia de um leão, por exemplo, era um ser minúsculo que morava dentro da TV.

Ele também não entendia nada de geografia. Não fazia a mínima ideia de espaço e distância. Se eu fosse fazer uma palestra no Tennessee, por exemplo, e uma cidade fosse destruída na Flórida, nós sabíamos que Baby tinha usado sua magia negra.

Começamos a esconder meu itinerário dele — só para prevenir. Nós sabíamos que, no momento em que eu saísse pela porta, ele começaria a tentar explodir meu avião, me matar afogado ou me fazer levar um tiro.

A única coisa que eu podia fazer era aturá-lo e me humilhar para ele, o que eu fazia com satisfação e continuaria a fazer. Contudo, pobre Baby: uma visita em 1998 para uma limpeza dentária terminou com uma morte súbita enquanto ele estava anestesiado.

Choramos a morte de Baby. Apesar de ele ter sido a minha maldição, senti muito sua falta. Quando Peach precisava expressar a dor e a raiva que eu lhe causava, ela fazia isso através de Baby. Isso lhe permitia demonstrar o que sentia e tornava mais fácil para mim aceitar suas palavras sem reagir muito mal. Afinal de contas, o que se pode fazer para se defender de um gato? Obrigá-lo a comer ração seca?

PARTE TRÊS



Beck no Windy Corner, monte McKinley, 1989.

DEZESSEIS

Se você nunca se sentiu muito bem consigo, não espera que isso mude e, portanto, acaba não lamentando sua infelicidade. Você nunca está feliz, mas consegue ir em frente.

Isso não quer dizer que seus padrões de funcionamento sejam normais. Você não está emocionalmente completo e não pode acrescentar muito valor aos seus relacionamentos pessoais. Mas pode continuar colocando um pé na frente do outro, dia após dia, que é o que os alpinistas fazem quando escalam montanhas. Existe até certa satisfação amarga em ser bem-sucedido nessas circunstâncias, contando apenas com determinação e inteligência.

Era assim que eu via as coisas nos primeiros anos do meu casamento. Eu fazia o que sempre havia feito de melhor — trabalhar — e procurava um número suficiente de desafios e distrações para manter minha mente ocupada. É claro que isso não passava de uma fuga.

Costumo agir de forma um pouco exagerada quando tenho uma nova ideia ou desenvolvo um novo interesse. Fico fascinado e procuro aprender tudo que posso sobre o assunto. Então, depois de satisfazer minha curiosidade, passo para outra coisa.

Meu primeiro *hobby* foi um Hobie — isto é, um Hobie Cat, um tipo de veleiro pequeno no qual eu navegava na região dos lagos de Dallas durante minha residência na Southwestern. Não era um *hobby* fugaz. Meu objetivo de longo prazo era dar a volta ao mundo navegando. O Cat era só o primeiro passo no que eu esperava ser um processo metódico e longo que me levaria à verdadeira expedição. No entanto, as circunstâncias acabaram atrapalhando meus planos.

Fiz cursos por correspondência sobre todo e qualquer assunto imaginável, de oceanografia a meteorologia marítima, adquirindo todos os conhecimentos técnicos e todas as habilidades de navegação ao alcance de alguém que vive a centenas de quilômetros da água salgada. Também frequentei cursos de navegação e reuni uma imensa biblioteca sobre o tema. Parte da minha experiência foi desenvolvida no Caribe, para onde viajei duas vezes, alugando um barco sem capitão nem tripulação.

Se você acha que é bom em esconder a verdade, deveria tentar convencer um cara a alugar para você, um estranho, seu valioso veleiro por alguns dias. Na minha primeira viagem, levei Tom Dickey e sua esposa, que duvidava tanto da minha capacidade no mar que decidiu escrever seu testamento em papel higiênico durante o nosso voo até o litoral.

Dei instruções para que eles não fizessem nenhuma pergunta na frente do proprietário do barco e ficassem em silêncio, com expressões de quem estava entendendo tudo. Se eles perguntassem, por exemplo, como se chamava a parte da frente ou a parte de trás, ou o que era aquela coisa alta no centro, poderíamos acabar não passando da doca, ou ficar bebendo *mai tais* em algum lugar, mas com certeza não velejaríamos.

Dickey me chamava de Capitão Bligh.

Na minha segunda excursão, levei meu pai, meu irmão Dan, Tom Dickey e meu cunhado, Howard, que seria o cozinheiro. Mais uma vez, tive que avisar àquele bando de bobalhões — Howie já havia navegado algumas vezes — para que não demonstrassem sua inexperiência até estarmos longe e em segurança.

A navegação era um prenúncio da minha futura paixão pelo alpinismo, pois envolveu uma séria busca por talentos que eu tomava por necessários para alcançar um objetivo um tanto fantasioso no futuro. Pouco a pouco, fui almejando desafios maiores. Na primeira viagem, por exemplo, alugamos um barco de 32,5 pés. Na segunda, foi um barco muito sofisticado de 41 pés. O *hobby* também lembrava a minha preparação para me tornar um médico — uma tarefa a ser dividida, definindo-se todas as pequenas etapas que eu precisava superar para chegar aonde queria. Ao longo do caminho, consegui uma série de licenças e certificados, que serviam ao mesmo tempo como pequenos troféus para marcar o meu progresso e provas oficiais das minhas realizações — como medalhas de honra ao mérito ou a medalha Deus e Nação que nunca recebi na Arábia Saudita.

Por meio da navegação, também encontrei um segundo passatempo: o radioamadorismo. O novo *hobby* durou cerca de dois anos e meio. Gostei de aprender a praticá-lo e continuei colecionando licenças cada vez mais importantes até chegar ao nível mais alto, chamado de “classe Extra”. Na época, eu havia erguido uma torre de rádio de trinta metros na lateral da nossa casa.

Minha vida profissional — aquela à qual dedicava mais tempo e energia — amadurecia muito bem. Ao contrário de outros médicos, que desenvolvem suas clínicas com o tempo, meu grupo tem uma clientela grande e leal, os pacientes do Medical City, a qual atendemos sob um contrato com o hospital. Mês a mês, ficamos à disposição do Medical City.

Em 1982, fui eleito presidente da equipe médica do hospital, composta por

1.200 pessoas. O compromisso duraria três anos: um ano como novo presidente, outro como presidente e mais um como ex-presidente. Aos 35 anos, eu era a pessoa mais jovem a ter sido eleita para a posição. Passei meu mandato empregando habilidades políticas e organizacionais que a maioria dos médicos nunca precisa usar. Descobri que tinha um dom para liderar grandes organizações, que posso moldar opiniões e entender a lógica de um conflito iminente, não importa o que seja dito. Também não sou dissuadido com facilidade.

Outro benefício claro do cargo, ao se trabalhar numa franquia como aquela em que trabalhamos, é que é muito improvável ser demitido quando se é o diretor.

Eu gostava disso, apesar — ou seria esse o motivo? — de as minhas responsabilidades institucionais e profissionais serem imensas, permanentes e me fazerem deixar de lado tudo que competia pelo meu tempo, em especial minha mulher e meus filhos.

A vida doméstica não era o meu forte. Eu não era bom nela — nem um pouco.

"Todo esse trabalho é por nós", eu dizia a Peach. Fosse isso verdade ou não, era um argumento forte.

Meu sucesso financeiro também era algo por trás do que me esconder. Você sempre acha que, se está trabalhando muito e colocando comida na mesa, se está dando à sua família as coisas que eles querem, isso já é boa parte do que você, como homem, é obrigado a fazer. Eu poderia dizer a mim mesmo: "Ei, eu não sou nada mau. Trabalho bastante, dou todas essas coisas a eles. Eu os amo."

Eu viria a aprender que amar alguém, até mesmo quando o amor é tão intenso que chega a doer, é necessário, mas não é o suficiente quando não se está por perto. Se não se está lá quando precisam, a sua ausência os força a criar uma vida sem você. Eles não têm escolha. Você pode até acreditar que em determinado momento poderá se virar e falar: "Agora, estou pronto." Mas, quando isso acontecer, descobrirá que eles seguiram em frente sem você. Em algum momento, vai acabar velho e sozinho, cercado apenas pelas suas posses.

É possível que todo o trabalho duro no começo dos anos 1980 tenha tido outro efeito tônico, ainda que oculto. Além de dar a Peach e às crianças confortos materiais e segurança financeira e garantir o meu próprio status profissional, meus três anos como médico/administrador podem ter adiado o retorno da minha depressão. Não tenho evidências científicas disso, mas posso dizer que, com o fim do meu mandato na administração do hospital, as coisas degringolaram rapidamente.

Estudos apontam que pessoas que acreditam que têm necessidade de ser bem-sucedidas — e não apenas ser quem são — para merecer amor e respeito ficam vulneráveis a problemas emocionais quando as oportunidades de se destacar são

restritas.

TERRY WHITE: Conheço Beck Weathers desde que ele começou a trabalhar no hospital. Ele é tanto um colega profissional quanto um amigo, e nossas famílias são muito chegadas.

Costumo visitar um patologista e dar uma olhada nas lâminas dos tecidos antes de examinar um paciente. Por isso, vejo Beck com frequência, quatro ou cinco vezes por semana.

O que permite identificar um bom patologista é quando ele procura saber informações importantes sobre o paciente, o que o ajuda, por sua vez, a fornecer mais informações relevantes. Nesse sentido, Beck é excelente. Temos um relacionamento colaborativo, o que é muito gratificante.

Entre as qualidades de Beck está a sua confiança. Na nossa profissão, nós nos desenvolvemos com base no respeito mútuo. E é claro que ele é um tagarela. Beck podia falar com uma parede até sua tinta começar a descascar.

PAT WHITE: Terry e Beck parecem um casal de nerds. Eles gostam de se reunir para examinar as lâminas dos pacientes de Terry com o microscópio e resolver problemas difíceis juntos. Sempre foram amigos.

TERRY WHITE: Beck tem *insights* perspicazes e uma abordagem incisiva para questões e problemas, qualidade da qual nos aproveitávamos quando ele era o presidente da equipe médica. Ele é um solucionador de problemas e um formador de consenso. Beck pode convencer as pessoas da validade do seu ponto de vista, mas também é flexível o bastante para saber que existe mais de uma forma de ver as coisas.

Pouco tempo atrás, eu mesmo fui presidente da equipe médica, e sei que o trabalho é muito envolvente. É fácil ele consumir um terço do seu tempo. Então, acaba. Você não é mais a pessoa que todo mundo procura em busca de liderança e decisões. Isso pode ser difícil.

———

Eu sentia falta da dinâmica entre as agendas e as diferentes personas, e também do processo decisório. Eu recebia muito *feedback* como presidente, na maioria das vezes positivo. Para mim, isso era reconhecimento. De repente, eu não estava mais envolvido em tempo integral, a todo vapor, e então o fantasma voltou para a minha vida. Um capítulo trágico estava prestes a começar.

A depressão não o domina de um dia para o outro. É um processo muito

gradual. A princípio, você apenas perde a animação ou se sente triste. Só não se dá muita atenção a isso, pensando: “Bem, todo mundo tem dias ruins. Ninguém fica alegre o tempo todo.” Assim, o que faz é ignorar aquele sentimento, esperando que ele desapareça.

Mas ele só vai piorando, e chega o momento em que você se dá conta: “Isso não é só falta de otimismo.” Depois de cerca de seis meses, eu estava no fundo do poço. Sem causa aparente. Só parecia que eu havia caído em um buraco negro.

A coincidência foi que, com a chegada da minha segunda depressão, também descobri o montanhismo. Na verdade, eu já havia tido o gostinho da sua sedução alguns anos antes.

Na minha vida adulta, eu nunca me interessara por trilhas, e esse assunto ficou fora do meu radar até por volta de 1980, quando fizemos uma expedição ao Parque Nacional de Big Bend com alguns outros médicos e suas famílias. Aquela é uma belíssima zona rural, cheia de vistas maravilhosas, mas ao mesmo tempo árida e quente, com o clima dominado pelo deserto de Chihuahua, localizado do outro lado do rio Grande, no México.

Na metade da expedição, eu estava morrendo de sede e poderia ter urinado areia. Meu cantil já havia ficado vazio muito tempo antes, e eu aniquilara a única maçã que recebera. Então, uma garota que andava na minha frente começou a mordiscar sua maçã em câmera lenta. Fiquei observando-a numa terrível agonia, como um cachorro embaixo de uma mesa. Quando ela estava pronta para jogar fora o que tinha restado, eu lhe pedi que me desse e então comi tudo, até deixar só as sementes. Em seguida, olhei ao redor e anunciei que voltaria pelo caminho que havíamos percorrido. Eu só conseguia pensar na minha sede.

Corri os cerca de dez quilômetros de volta para a nossa van, onde sabia que encontraria um isopor gelado cheio de cerveja na traseira. Quando cheguei, abri seis latas de uma vez, coloquei-as sobre o capô e fui tomando uma a uma até não sobrar nenhuma gota. Só após terminar voltei a acreditar que não morreria mais ali mesmo.

Deixando a desidratação de lado, eu me diverti muito na expedição. Gostei do contato com a natureza, das belas vistas, da camaradagem. Foi muito divertido.

Agora, avancemos para 1985 e para o início da minha depressão. Em outro passeio em grupo, dessa vez na área de camping da Associação Cristã de Moços em Estes Park, Colorado, todos os pais decidiram levantar cedo certa manhã para uma trilha de treze quilômetros. Entretanto, na manhã seguinte, uma chuva fria estava caindo. O tempo estava muito frio e feio. Só dois de nós — eu e Ken Zornes, que Peach e eu conhecemos por intermédio dos Boone — aparecemos na penumbra. Todas as outras cabanas estavam escuras.

GARRETT BOONE: Fomos Cecilia e eu que organizamos aquele grupo para acampar. Lembro-me de Beck e Ken Zornes terem me convidado para fazer uma trilha de manhã. Eu disse que pensaria. Ouvi o barulho dos passos deles sobre o cascalho. Então, coloquei o travesseiro na cabeça e voltei a dormir.

———

Encaramos a trilha mesmo sob aquelas condições e voltamos horas depois nos gabando da ousadia, determinação e virilidade que demonstramos ao fazer a trilha quando todos os outros — os sãos — ficaram na cama.

Estes Park tornou-se um evento anual de verão, consolidando nossa parceria.

Ken e eu não somos nada parecidos. Ele é alto, atlético e muito seguro em relação ao seu físico. Nunca passa pela mente de Ken que seu corpo não pode fazer alguma coisa. Ele dá uma olhada em algo e diz: “Cara, seria divertido fazer isso.”

Já minha autoimagem não era nada atlética. Embora eu fosse para o trabalho correndo ou andando todos os dias para me manter em forma, minha insegurança inata e a sombra que pouco a pouco tomava conta do meu espírito faziam de mim um cara cauteloso. Quando víamos um cume, ele dizia: “Vamos lá!” Mas eu respondia: “Talvez devêssemos experimentar algo um pouco mais racional.”

KEN ZORNES: A maioria das pessoas não quer se levantar às três da manhã e passar doze horas se punindo. Mas era isso que fazíamos. Ou você é assim ou não é. Lembro-me de certa vez ter rompido uma artéria do dedo enquanto escalávamos uma rocha. Nós morremos de rir disso, perguntando um ao outro: “Já está se divertindo?”

Éramos como a tartaruga e a lebre. Quando fazíamos a travessia de uma pedreira, por exemplo, Beck avançava metodicamente, colocando um pé na frente do outro. Eu acelerava por trinta metros e parava com a língua para fora. E lá vinha Beck. Quando ele me alcançava, eu disparava outra vez. Nós dois chegávamos ao topo na mesma hora, porém com estilos diferentes.

Podíamos passar horas caminhando sem dizer nada. Quando conversávamos, geralmente era Beck quem falava, e eu ouvia. Isso também fazia de nós uma boa equipe. Não falo muito, mas ele, sim.

———

Nessas viagens, geralmente íamos com tudo, forçando os nossos limites. Todo ano, íamos até lá e tentávamos encontrar algo desafiador. Certa vez, por exemplo, escalamos três picos contíguos em um só dia. Foi muito cansativo.

Também cometíamos erros graves, e foi sorte nossa ter sobrevivido. Um dos erros foi a decisão de usar sacos plásticos para escorregar por uma geleira, o que nos pouparia de uma longa caminhada. Meu único equipamento era uma bengala com uma pequena base de metal. Chegamos lá embaixo ilesos, ignorantes demais para nos darmos conta de quão perto da morte havíamos chegado, de como teria sido fácil acelerar demais naquela geleira até desaparecermos — do mesmo modo que aconteceria ao desatento Chen Yu-Nan no Everest.

GARRETT BOONE: Para ilustrar até onde Beck ia na sua busca, na nossa primeira visita a Estes Park eu saí para uma trilha noturna com Ken Zornes, Ben, filho de Ken, Beck e o pequeno Beck. Chegamos aonde queríamos acampar e montamos nossas barracas. Os meninos se distraíam com uma competição para ver quem conseguia lançar um jato de xixi mais longe do alto de uma pedra.

Beck me surpreendeu ao tirar da mochila um *pack* com seis cervejas. Aquilo parecia o detalhe mais importante da trilha para ele. Ele havia chegado ao topo com um *pack* de seis cervejas.

KEN ZORNES: Uma das nossas primeiras trilhas foi quando escalamos uma montanha chamada Flat Top. Era uma belíssima montanha de 3.600 metros. De repente, uma tempestade começou a cair. Acho que tínhamos casacos impermeáveis e sanduíches. Ficou muito frio e nevava bastante. Nós nos agachamos, ombro a ombro, encostados a umas rochas, pois não conseguíamos enxergar a trilha para descer.

Lembro-me de termos dito: “O que diabos vamos fazer? Morrer aqui?”

Por sorte, depois de uns vinte minutos, a tempestade passou. O sol saiu e partimos para outro pico. Mas aprendemos. Nunca mais nos aventuramos sem um bom equipamento.

———

Nós sem dúvida não passávamos de aventureiros de férias. Porém, por um processo gradual de tentativa e erro, Ken e eu acabamos aprendendo algumas coisas sobre alpinismo.

No ano seguinte à primeira escalada, fui para o Alasca com Jim Ketchersid e um grupo de médicos com o objetivo de escalar Chilkoot Trail, uma famosa trilha de 53 quilômetros que vai de Skagway até o desfiladeiro de Chilkoot, com mais de mil metros de altitude, seguindo para Yukon, Canadá. Dezenas de milhares dos chamados *stampeders* pegaram a mesma trilha acidentada em busca de fortuna durante a febre do ouro do Alasca de cem anos atrás. Eu me diverti

muito ao avançar com dificuldade entre florestas e pântanos, passando por latas, garrafas, antigos aquecedores a lenha e até barcos deixados pelos exploradores.

A trilha de Chilkoot também confirmou uma descoberta surpreendente que eu havia feito sobre o alpinismo: o esforço extenuante e focado que precisava fazer nas montanhas aliviava pelo menos por algum tempo a minha depressão, que estava se tornando cada vez mais forte. Eu podia deixar a escuridão lá, pois as montanhas — em particular as mais altas, como logo descobriria — nos forçam a viver o momento. Ficamos absortos pelo esforço e pela paisagem, física e emocionalmente livres do mundo lá embaixo. Aquilo se tornou uma forma de automedicação.

CECILIA BOONE: Enquanto Beck e Ken se tornavam cada vez mais envolvidos com alpinismo nos passeios *em família*, todos nós estávamos muito cientes disso. Os passeios eram organizados para a família, mas Beck e Ken ou estavam ausentes ou exaustos. Assim, eram passeios em família para todo mundo, menos para eles. Eles tinham sua própria programação. Peach e Debbie Zornes ficavam no mínimo irritadas.

———

Por volta dessa época, acho que em 1987, o fantasma tornou-se uma companhia constante, e eu estava preso a ele pela minha relutância em admitir o problema e procurar ajuda profissional. O motivo para isso não era exatamente esconder a verdade dos outros, mas sim negá-la para mim mesmo. Eu não conseguia admitir que sofria de uma fraqueza tão grande.

Uma profunda desconfiança em relação à psiquiatria e uma verdadeira repulsa a medicamentos me isolavam ainda mais. Não que eu visse psicólogos e psiquiatras como charlatões tolos, mas minha convicção é quase essa. Sou uma pessoa muito concreta; para mim, a atividade deles soa como tolice. Eu não conseguia acreditar que o mero fato de conversar sobre o meu problema faria alguma diferença.

Como médico, também me preocupava a possibilidade de colocar meu prestígio profissional em risco ao admitir que estava deprimido, que tinha problemas de saúde. Eu certamente não queria ninguém avaliando minha capacidade de clinicar. Não estava disposto a ter de ser regularmente analisado por alguém para mostrar que estava bem.

Mas a verdade é que eu não estava.

Fui dominado por uma tristeza e uma desesperança profundas. Era como estar no fundo de um poço escuro sem saber como sair. Aquilo parecia tão mais forte

do que eu.

No trabalho, eu estava tendo muita dificuldade de concentração. Metade do tempo que passava lendo sobre os casos cirúrgicos, ficava pensando em como seria bom se a dor fosse embora — e sabia um modo fácil de fazer isso acontecer.

É claro que eu havia sofrido muito durante a minha primeira depressão na faculdade, mas na época eu ao menos podia passar três ou quatro horas na cama. Agora, precisava manter a calma e o otimismo, em especial no trabalho. Não podia demonstrar *nada* do que estava sentindo.

Assim, sem válvula de escape no trabalho, manter a compostura em casa se tornava cada vez mais difícil. Às vezes, eu chegava em casa e só conseguia ir até a porta da garagem antes de ter que me sentar por uns cinco minutos tentando me recompor o bastante para conseguir entrar.

Como antes, eu idealizava o momento em que poria um fim naquilo tudo, o tipo de pensamento que conduz alguém a uma biblioteca para procurar um manual sobre como se matar. Eu não queria que houvesse a mínima chance de dar errado. A melhor forma seria uma ótima garrafa de uísque e uma grande quantidade de pílulas. Contudo, acabei decidindo que aquele método requeria muita preparação. Comecei a pensar que, se realmente chegasse a esse ponto, eu preferiria algo mais limpo.

O pior momento, quando fiquei muito assustado, veio certa noite em que me vi sentado no sofá segurando a minha .357 e pensando que seria uma ótima hora para dirigir até o lago. A certeza interna que eu sentia em relação ao suicídio parecia prestes a se manifestar numa atitude. Eu achava que não havia outra solução, nenhuma escapatória ou refúgio, a não ser nas montanhas.

DEZESSETE

PEACH: Eu sabia que Beck estava sofrendo.

No início, me perguntava: “O que fiz? O que posso fazer?” Eu me culpava por isso. Durante um bom tempo, acreditei que havia falhado com ele e comigo. Como havia crescido sem um pai, tudo que eu queria era que *meus* filhos tivessem um pai.

Levaria muito tempo para que eu entendesse que não era minha culpa. Tudo que sabia na época era que poderia fazer as malas e ir embora com as crianças, e Beck só perceberia quando cortassem a luz da casa por falta de pagamento.

Tentei tudo que consegui imaginar para conseguir sua atenção. Sua atenção e seu afeto. Nada funcionava. Negar meu afeto e minha atenção também não funcionou. Por fim, decidi ser a melhor mulher de um médico possível e simplesmente esperar que ele superasse. “É só uma fase”, eu dizia a mim mesma. “Todos os homens passam por fases.” Depois, comecei a pensar: “Talvez seja uma *longa* fase.”

BUB: Nunca duvidei que meu pai me amasse. Eu só não concordava com a forma como ele passava seu tempo.

MEG: Lembro que, quando eu era muito pequena e ele me levava de carro para a escola, eu dizia: “Papai, prometa que nunca vai escalar o monte Everest.”

Ele respondia: “Ok.” Acho que na época ainda não estava tão obcecado.

Quando éramos crianças, mamãe estava *sempre* presente. Papai, apenas de vez em quando. Eu queria tanto a atenção dele. Tudo que queria era que ele estivesse por perto. Não que eu não valorizasse minha mãe tanto quanto ele. Eu valorizava, e continuo valorizando. É só que eu sempre podia contar com a presença dela. Eu não *precisava* querer sua presença.

———

Ken e eu alimentávamos a ambição de escalar Longs Peak, uma montanha de

4.340 metros de altura a noroeste de Boulder, no Parque Nacional das Montanhas Rochosas. A 25ª montanha mais alta dos Estados Unidos, Longs Peak foi escalada pela primeira vez em agosto de 1968 por John Wesley Powell, o explorador e antigo major da União que havia perdido um braço na Batalha de Shiloh.

Limitado, Powell não atacou a Longs Peak pelo seu componente mais famoso, um flanco em forma de diamante com 290 metros de altura conhecido pelo apelido nada surpreendente de o Diamante. Tão famoso entre os alpinistas como El Capitán em Yosemite, o Diamante é uma barreira natural assustadora, especialmente se ele for sua primeira etapa.

Não tínhamos essa intenção. Existe uma trilha que vai até o topo de Longs Peak e que nos teria deixado satisfeitos. Entretanto, todo mês de julho quando chegávamos a Estes Park a trilha ainda estava fechada por causa da neve do inverno anterior. Os guardas florestais do parque não deixavam ninguém ir até lá.

Traçamos um plano alternativo. Sabíamos que guias profissionais levavam alpinistas até o Diamante e que havia rotas que mesmo nós, amadores, podíamos percorrer. Assim, num dia claro no nosso terceiro ou quarto verão em Estes, avistei na estrada a placa de uma escola de montanhismo, pela qual devo ter passado um zilhão de vezes sem me dar conta — como teria acontecido a qualquer um que tivesse tanto medo de altura. Não gosto nem um pouco de lugares altos. Nunca gostei. Se pudesse, teria colocado meu berço no chão.

No entanto, entrei e peguei alguns folhetos. Depois de dar uma olhada neles com Ken, decidimos tirar um dia para praticar escalada em rocha, outro para praticar a escalada em gelo, e então faríamos a chamada escalada técnica de Longs Peak.

Quando aparecemos na hora marcada para a nossa aula introdutória, descobrimos que éramos os únicos alunos. Nós dois também ficamos muito intimidados com o instrutor, Mike Caldwell. Mais ou menos da minha idade, Caldwell era técnico de luta romana de alunos do ensino médio, havia sido ginasta em Berkeley e também era fisiculturista. Ele havia sido Mister Colorado. Até os lóbulos das suas orelhas eram musculosos.

Ken e eu conseguimos manter expressões indiferentes enquanto íamos de carro com Mike até Lumpy Ridge, com vista para Estes Park e uma excelente área de escalada em rocha. Ele começou pelo básico. “Aqui está uma corda. Isto é uma cadeirinha.” Em seguida, nos familiarizou com o segredo do montanhismo: o uso do seu peso e do seu equilíbrio, e não da força, para escalar. No caso de Mike, eu não via qual era a importância daquilo. Ele parecia forte o bastante para levantar e arremessar a rocha que eu estava tentando escalar.

É claro que há ocasiões no alpinismo em que simplesmente é preciso respirar fundo e ir. Mas você aprende a escalar com os pés, e não com as mãos. Um bom alpinista não procura um lugar onde segurar, e sim um apoio para o pé. E você precisa sustentar o peso com os pés. Não é realista pensar que é possível escalar uma montanha esticando o pescoço.

Caldwell nos levou a uma rocha de cerca de três metros de altura para demonstrar algumas técnicas. Em primeiro lugar, ele nos mostrou como prender-se à rocha. Apontou para uma pequena saliência cristalina, talvez com meio milímetro, parecendo um botão grande. Mike colocou o dedão sobre ela, mais dois dedos sobre o dedão e deu impulso até alcançar o topo da rocha com a mão livre. Em seguida, rolou lentamente para cima dela. Nem o Homem-Aranha seria mais hábil. Parecia que ele era capaz de fazer aquilo de trás para a frente enquanto estivesse dormindo.

Nós tentamos e logo estávamos nos atirando sobre a rocha. Arranhados e sangrando, essa foi a nossa apresentação ao "giz vermelho", o termo usado no montanhismo para quando o sangue se mistura à poeira de rocha.

Houve um momento em que avistei um arbusto crescendo na rocha e o agarrei. "Isto é escalada em *rocha*", disse Mike com um olhar de desaprovação. Envergonhado, larguei a planta.

O ponto alto do dia foi escalar dois lances de corda — aproximadamente cinquenta metros — de uma encosta.

O alpinismo na maior parte do tempo envolve a inserção de dispositivos parecidos com cunhas em aberturas nas rochas. Quando você faz pressão sobre eles, esses acessórios ficam apertados dentro da abertura, e então, presumimos, é seguro amarrar a corda a eles, o que dá à pessoa que está atrás de você uma conexão confiável com a encosta. Se essa pessoa escorregar, a cunha interrompe a queda. Ela também evita que você seja puxado pela força do baque.

A corda geralmente é de nylon, pois as cordas de nylon têm mais elasticidade, o que ajuda a absorver parte do choque da queda, gerando um efeito parecido com o do *bungee-jump*. Comparado com materiais mais firmes, como cabos de aço, é menos provável que o nylon arranque os pequenos instrumentos que o mantêm preso à montanha.

A encosta tinha uma inclinação de cerca de setenta graus, e na primeira etapa precisávamos passar por um despenhadeiro de mais de 45 metros de altura. Mike e Ken estavam na minha frente e logo desapareceram de vista. De pé ali sozinho, planejando meu primeiro lance de corda, fiquei com a boca seca. *Odeio* altura. Não muito longe, outro grupo tentava fazer mais ou menos o que estávamos fazendo, mas em uma encosta muito mais suave. Vi um cara de meia-idade choramingando como um bebê, com braços e pernas esticados numa posição que

parecia tão perigosa quanto uma escada rolante.

Comecei a me perguntar por que eu não havia escolhido a mesma encosta.

Mas acabei conseguindo sair do lugar e passar pela saliência. Ouvia a batida do meu coração como se ele estivesse em meus ouvidos. Em seguida, passei para o lance seguinte e ao chegar à metade não encontrei um lugar para apoiar os pés nem nada para segurar. Trinta segundos depois de ter começado minha carreira de alpinista, tive a sensação de que despencaria. Mesmo que Mike tivesse me dito que eu provavelmente não iria me machucar, e apesar de acreditar na palavra dele, aquele era um ato de fé. Meu corpo estava gritando: “Mentiroso, mentiroso!”

Então, aconteceu. Eu simplesmente caí. Para o meu grande alívio, a cunha me segurou, e passei algum tempo pendurado, a uns quinze a vinte centímetros de distância da encosta, até voltar a agarrar a rocha e conseguir escalar aquele trecho. Quando cheguei ao topo e contei a Ken, ele ficou furioso por eu ter caído e ele não. Ofereci ajuda para chutá-lo da montanha se ele quisesse.

O que mais me surpreendeu na escalada em rocha foi que, embora seja o tipo mais espetacular de montanhismo e também fisicamente muito desafiadora, é um esporte bastante seguro. Você pode até quebrar um ou outro osso, mas é difícil conseguir se matar. O outro lado da moeda é que a escalada em gelo, apesar de parecer segura, ainda que árdua, na verdade é muito mais perigosa do que a escalada em rocha. Basta começar a escorregar em um daqueles pequenos declives e você estará morto.

Sem termos compreendido ainda esse fato simples, Ken e eu partimos no dia seguinte para o nosso treinamento de escalada em gelo. Achávamos que a parte difícil e assustadora havia ficado para trás. Qual não foi a nossa surpresa quando conhecemos uma aluna que admitiu morrer de medo de escalar geleiras. Eu estava prestes a acalmá-la com meu jeito viril dizendo que Ken e eu já tínhamos visto a coisinha que escalaríamos e que ela não era nada escarpada — pelo menos em comparação à rocha que havíamos escalado no dia anterior.

Antes de eu fazer papel de palhaço, no entanto, ela comentou que acabara de escalar o Petit Grepon, que na época eu só conhecia pelas fotos de um folheto. Mas as fotos eram tudo que eu precisava ver. O Petit Grepon era incrivelmente íngreme, um pináculo vertical de 240 metros, uma agulha. Eu presumira que o único meio de chegar ao topo daquela coisa era dentro de um helicóptero e com um revólver apontado para a cabeça.

E lá estava aquela alpinista experiente nos contando que morria de medo de escalar na neve, que já assistira àquela aula específica duas vezes. No final do dia, entendemos o motivo.

O básico para o currículo da escalada em gelo é saber como se prender à

montanha de forma a evitar sair deslizando, não importa como você caia — de cara, de costas, com a cabeça para cima ou para baixo. O segredo é usar corretamente a piqueta como freio.

Mike fez um cabeço de amarração — um monte de neve ao redor do qual amarrou uma corda — para servir de âncora. Amarrados ao cabeço, praticamos as inúmeras formas de colocar a piqueta por baixo do corpo ao escorregarmos, com uma das mãos na extremidade da piqueta e a outra no cabo, e com o peso diretamente sobre ela. Isso era o que devíamos fazer. A única coisa que não devíamos fazer era nunca, jamais, deixar os pés afundarem na neve. Fazer isso é um instinto natural. Contudo, se você seguir esse instinto e estiver usando grampões, quando se prenderem no gelo, eles provavelmente vão quebrar sua perna ou tornozelo — ou, pior ainda, lançá-lo no espaço.

A escalada guiada de 32 quilômetros e cerca de dezesseis horas de Longs Peak começou às duas da manhã com uma longa caminhada até o sopé de Lamb's Slide, um campo de gelo de mais ou menos trezentos metros de altitude. Seu nome é uma homenagem a Elkanah Lamb, um padre itinerante que foi o primeiro a percorrer esse traiçoeiro trecho em 1871. Rochas grandes rolam regularmente por Lamb's Slide. Naquela manhã, para evitar uma delas, caí de cara.

No topo de Lamb's Slide, fizemos uma travessia que leva até o Diamante. A travessia é chamada de Broadway. Em alguns lugares da trilha, a saliência é de meras polegadas. Para um alpinista recruta como eu, que tinha um medo mortal de altura, isso não é muito bom.

Ao chegar à extremidade do Diamante, o que vem em seguida é uma escalada relativamente fácil, classificada em 5,4, que nos leva ao topo, ao ápice do Diamante. Na época, ela me pareceu muito difícil. Nela, é necessário dar um passo para sair do flanco leste da montanha para o seu flanco norte, espaço que deve ter de meio metro a um metro, nada de mais, não fosse os 760 metros de queda livre abaixo.

Eu havia lido sobre essa passagem com medo e ansiedade. Andando de um lado para o outro na minha cabana com o folheto, comecei a escorregar no chão de madeira de lei. Ao olhar para trás, percebi que, como minhas mãos, meus pés estavam ensopados de suor.

Na hora da verdade lá no topo do Longs Peak, não entrei em pânico — graças a Deus — e desci a montanha sem incidentes. Foi um momento de transformação. Eu estava aterrorizado lá em cima, mas enfrentei meu medo e consegui fazer a descida.

Naquela noite, um grande jantar em um restaurante havia sido planejado para todas as famílias. É claro que Ken e eu estávamos exauridos, mas éramos

machões demais para admitir. Assim, nos vestimos e fomos a um ótimo restaurante — onde adormeci com a cara no purê de batatas. Eu simplesmente apaguei.

DEZOITO

PEACH: Quando começamos a namorar, antes de eu me mudar para Dallas, Beck tinha o Hobie Cat. Mais tarde, comprou um Hobie Cat maior. Acho que ele me levou para velejar uma vez.

Depois que ele o vendeu, fizemos amizades em Dallas com pessoas que tinham um barco. Era divertido. Eu sabia que ele tinha o sonho de um dia dar a volta ao mundo navegando em um barco customizado, e eu não via nenhum problema nisso. Mas já sabia que não o acompanharia, pois não haveria ar-condicionado.

Ainda assim, tentei compartilhar de seu interesse. Tivemos aulas juntos em Fort Myers, Flórida. Beck tirou sua licença de capitão, e eu também recebi um tipo de certificado. Pensei: "Certo, agora podemos alugar um barco na primavera e levar as crianças." Mas Beck encontrou outra coisa para fazer.

Em seguida, veio o rádio. Era só um *hobby* inocente — só percebi tarde demais *quão* inocente era. Não me lembro de ter tentado dissuadir Beck. Mas lembro que, quando ele perdeu o interesse, perguntei se podíamos derrubar aquela torre. Os vizinhos não gostavam dela. Ele respondeu: "Ah, sim, claro."

As viagens a Estes Park eram divertidas. Porém, havia algo que me incomodava: ficar com toda a responsabilidade sobre as crianças. Eu pensava: "Isto não é um passeio em família."

O episódio que ficou gravado com mais clareza na minha memória foi uma vez em que ele e Ken levantaram-se no meio da noite para uma escalada. Na noite daquele dia, teríamos o nosso jantar anual em um bom restaurante. Beck me disse que não haveria problema. "Não se preocupe. Voltaremos a tempo."

Então, eles voltaram apressados e tomaram banho. Estavam tão exaustos que ficaram bêbados em dois segundos.

Fiquei furiosa.

KEN ZORNES: Lembro-me muito bem de voltar naquele dia de Longs Peak. Estávamos acabados. Quando percorríamos a trilha, falei alguma coisa sobre aquilo ser muito legal.

— Precisamos repetir. O que faremos em seguida? — disse Beck.
— Vamos escalar o McKinley. — respondi.
— Está certo — concordou ele.
Rimos da ideia. Depois, acabamos fazendo isso também.

———

Mike Caldwell havia sugerido que tentássemos escalar o Chimborazo, no Equador — um vulcão de 6.310 metros com uma característica interessante: como fica sobre a saliência equatorial do planeta, o topo do Chimborazo na realidade é o ponto da superfície mais afastado do centro da Terra.

"Por que tentar algo tão simples?", perguntou Ken. "Vamos direto para o McKinley."

Acho que Mike não se convenceu muito pela prepotência de Ken. É óbvio que não tínhamos ideia de onde estávamos nos metendo.

O monte McKinley, também conhecido como Denali (termo atapasca que significa "o grande"), é o destaque do Parque Nacional Denali no Alasca. Com 6.190 metros de altitude, é o pico mais elevado da América do Norte, e como fica muito distante do equador, a 63 graus de latitude, o clima do McKinley é o mais severo entre todas as montanhas de grande altitude. As condições climáticas a 4.260 metros no McKinley costumam ser as mesmas encontradas a 7.920 metros no monte Everest.

No inverno, as temperaturas atingem –70°C. Durante tempestades, as rajadas de vento chegam a atingir 241 quilômetros por hora. Ela é a maior montanha da Terra em termos de massa e a mais alta em termos de proeminência topográfica, erguendo-se 5.490 metros acima da baixada ao redor.

Mais da metade da montanha está coberta de neve, o que implica prestar atenção nas fendas e passar muito tempo calçado com raquetes de neve e esquis (de outra forma, não se consegue ficar de pé). Não existe nenhum requinte na escalada do McKinley. Ela é feita em investidas, do mesmo modo como se escala o Everest, o que significa que você precisa escalar duas vezes, primeiro transportando suas coisas e depois avançando. Contudo, sem a ajuda dos sherpas para transportar seu equipamento, o esforço para chegar ao topo é muito maior.

Denali também é perigoso. Desde que foi escalada pela primeira vez em 1910, aproximadamente cem alpinistas morreram na montanha. Em média, um em cada dois alpinistas chega ao topo.

Ken, eu, dois outros alpinistas e dois guias da Colorado Mountain School passaríamos três semanas em Denali. No ano que antecedeu nossa expedição de maio de 1989, tivemos mais algumas aulas de alpinismo e ingressamos em um

programa rigoroso, embora mal planejado, de condicionamento em Dallas.

Nós dois fizemos levantamento de peso e exercício aeróbico, mas nosso principal exercício era correr cerca de 95 quilômetros por semana. Também fizemos duas maratonas naquele ano. Consegui me machucar repetidas vezes — meus ombros rangiam como uma catraca.

Mas estávamos determinados a alcançar o preparo físico necessário para suportar quaisquer desafios que pudéssemos encontrar em Denali. Só quando chegamos à montanha foi que percebemos que correr não havia sido a melhor forma de nos prepararmos. Precisávamos ter o físico de buldogues, e eu parecia mais uma girafa.

Chega-se a Denali por Anchorage e pela cidadezinha de Talkeetna, de onde um avião chega a 2.440 metros de altitude, muito acima das copas das árvores, até a geleira de Kahiltna, o ponto de partida. Antes de receber permissão para voar até a montanha, é preciso assistir a um filme na sede da polícia florestal demonstrando os perigos que se encontrará pela frente.

Um destaque do filme são os cadáveres. Eles sem dúvida lembram que há um lado negativo naquele tipo específico de recreação. Aliás, um trecho do McKinley há algum tempo tem se mostrado particularmente mortal para alpinistas asiáticos. Muitos deles caíram para a morte lá. Ele é conhecido como Expresso do Oriente — mais um exemplo do humor mordaz do montanhismo.

Quando chegamos ao Acampamento Base, Steve Young, nosso guia, levou-nos até uma enorme fenda onde cada um de nós teve que descer cerca de dez metros por uma corda e ficar lá, suspenso no ar. Em seguida, tivemos de provar que éramos capazes de subir pela corda e sair da fenda. As fendas são um perigo constante no McKinley.

A última coisa que fizemos antes de dar início à escalada foi enterrar a garrafa de uísque Wild Turkey que Ken trouxera, assim teríamos uma bebida apropriada para brindar ao nosso retorno triunfante três semanas depois. Também levei comigo uma garrafa d’água cheia de Jack Daniel’s, pois tinha a ilusão de que seria uma boa companhia ao redor das fogueiras dos nossos refinados acampamentos ao longo da subida. Logo, descobri que ao final de cada dia eu estava tão destruído que não conseguia nem babar, quem diria apreciar um copo de uísque. Cerca de 48 horas depois de termos iniciado a escalada, decidi retornar a garrafa ao seu propósito original. Quase derramei lágrimas quando joguei o uísque na neve.

A rotina invariável durante a subida era seguir amarrados, mantendo uma distância de quinze a vinte metros entre nós, e em uma única fila — organização que minimiza as consequências da queda de um membro em uma fenda. Em tese, o restante do grupo gera tração o suficiente para evitar que mais de uma

pessoa caia.

Todo mundo deve avançar no mesmo ritmo para manter a fila organizada. Nos melhores momentos, deixamos a mente divagar, sonhando acordada. À medida que ficamos cada vez mais cansados, contudo, só se consegue pensar naquela cobra congelada à sua frente.

Nosso primeiro grande acampamento foi o chamado Med Camp, a 4.360 metros de altitude. Espalhado em um vale rasteiro, o Med Camp parecia um circo. Por ser acessível via helicóptero quando o clima era propício, naquele primeiro dia estava lotado de grupos de alpinistas, equipes de filmagem e até de gente com coragem o bastante para praticar parapente na encosta da montanha. Esculturas de gelo e iglus pontilhavam o cenário.

Tudo era dominado pelo Ice Throne, uma latrina digna de rei com uma vista maravilhosa para o monte Foraker, considerada o banheiro com a vista mais magnífica de toda a América do Norte. Lembro-me de ter sentado certa noite no Ice Throne e de ter visto o Foraker se revelar em toda a sua glória sob a luz dourada do crepúsculo. Foi uma experiência inesquecível.

O Ice Throne também é sem dúvida o banheiro de manutenção mais trabalhosa do mundo, pois sua razão de ser é retirada por helicóptero. (Quem não tem acesso ao Ice Throne deve colocar tais resíduos em sacolas e jogá-las em fendas.)

Como nenhuma barraca suporta os ventos fortes do McKinley, em cada acampamento é preciso construir uma fortaleza de gelo ao seu redor. Mas até uma parede sólida de blocos de gelo às vezes cede sob o ataque incansável do vento e aos poucos desmorona.

No dia em que chegamos, descobrimos que os ventos haviam arrastado um pássaro exausto para o Med Camp, onde o encontramos desorientado e tremendo, pousado sobre um bastão de esqui. Todos sabíamos que aquela visita inesperada era um caso perdido — ele não conseguiria sair da montanha vivo, morreria de fome ou congelado. Como aquele pássaro, também éramos estrangeiros em uma terra estranha. É impossível não refletir sobre o seu possível destino em momentos como esse.

Quando acordamos de madrugada, encontramos três cadáveres amarrados um ao outro, congelados na neve. Eram alpinistas britânicos que haviam ignorado vários alertas dados no dia anterior de que as condições climáticas acima do Med Camp estavam severas demais para escalar. Eles tinham caído para a morte.

Mais uma vez, não pude deixar de refletir ao me deparar com três homens mortos na metade do trajeto de minha primeira escalada em uma montanha relevante. Mas é preciso entender o nível de negação necessário para alguém escalar o monte McKinley. Se eu de fato aceitasse a possibilidade de me

machucar, não teria ido.

Antes de tentar a sorte montanha acima, tínhamos algo a fazer montanha abaixo: resgatar uma reserva de comida que havíamos deixado pouco antes de um lugar chamado Windy Corner, cerca de trezentos metros abaixo do Med Camp. No caminho para pegar a reserva, passamos por dois caras que obviamente tinham acabado de subir. Nós os cumprimentamos com um aceno antes de continuarmos a descida.

Começou a ventar, e logo começou a uivar. Steve Young deixou claro que deveríamos levar a tempestade a sério, e pela primeira vez pensei de verdade que todos poderíamos morrer como aqueles caras britânicos. Era muito difícil enxergar e se movimentar.

De qualquer modo, demos a volta no Windy Corner outra vez na nossa subida e aqueles dois caras continuavam lá, de pé como se estivessem esperando por um ônibus. Dessa vez, nos aproximamos. Acenei na frente dos rostos deles, mas não tive nenhuma resposta. Não era Hace. Eles estavam desorientados. Como mais tarde quase aconteceria comigo na Varanda no Everest, ficaram com muito frio e simplesmente pararam. Não conseguiam decidir entre subir ou descer. Se não tivéssemos nos aproximado, provavelmente teriam ficado lá até morrerem congelados.

Um dos dois estava consciente o bastante pelo menos para mover os pés, então o amarramos na extremidade da nossa corda. Steve Young pegou um pedaço menor de corda e o amarrou em torno do outro — que estava completamente ausente — e o puxou montanha acima como um brinquedo. Quando chegamos ao Med Camp, nós os levamos até a barraca médica, operada pelo dr. Peter Hacket, um médico que trabalhava na emergência em Colorado, além de ser um dos maiores especialistas na fisiologia de altitude e um alpinista de grande sucesso.

Do Med Camp, arrastamos nossos equipamentos até a crista do cume, a aproximadamente cinco mil metros, descemos e descansamos, para então escalarmos até o Acampamento Avançado, a 5.240 metros, onde construímos nossas paredes de gelo e fizemos os preparativos para a investida final ao topo.

Ou era o que pensávamos.

A escalada até ali não fora divertida, e havia o problema adicional do segundo guia, que tinha a aura característica de um ex-presidiário. Não me surpreenderia em ver AMOR e ÓDIO tatuados nos dedos dele. Supúnhamos que Steve o havia contratado por um preço menor. Ele dava nos nervos de todo mundo.

Mas mesmo isso teria sido tolerável se, após tantas dificuldade, alcançássemos nosso objetivo. Entretanto, quando estávamos prontos para partir, os ventos ficaram fortes, *muito* fortes. A temperatura ambiente caiu para cerca de –40°C e

permaneceu nesse patamar, na prática nos deixando presos em nossos sacos de dormir.

Como o sol não se põe no McKinley naquela época do ano, mas apenas dá a volta ao redor da montanha a cada dia, o ambiente quase não se alterava enquanto esperávamos as condições climáticas mudarem. Os dias frios passavam devagar sob a luz monocromática, que alternava, quase imperceptivelmente, de um cinza-claro para um cinza-escuro e depois para cinza-claro outra vez. Eu só saía do calor do saco de dormir para fazer minhas necessidades, a cada ocasião descobrindo, para o meu desgosto, que minhas mãos congelavam antes de eu conseguir subir o zíper. Eu precisava voltar trôpego para a barraca, entrar no saco de dormir outra vez e reaquecer minhas mãos até que elas ficassem flexíveis o bastante para eu conseguir fechar o zíper.

Uma manhã, o vento diminuiu um pouco. Ken e eu começamos a organizar nossos equipamentos com grande entusiasmo, pensando que enfim iríamos subir. Steve só olhou para nós com as mãos nos bolsos e falou:

“Com certeza vai ter um filho da puta burro que vai tentar escalar a montanha hoje. Mas com certeza não serei eu.”

Ken e eu olhamos um para o outro e começamos a desfazer a bagagem. Como Steve previra, o vento voltou rugindo como um trem de carga.

Como os futuros eventos no monte Everest comprovariam, uma das coisas mais importantes que um guia pode lhe dizer é quando não escalar. Qualquer idiota pode começar a subir uma montanha, mas é preciso ter um grande discernimento e disciplina para dominar o impulso de chegar ao topo. Steve não faria nada estúpido.

Perseveramos no Acampamento Avançado por quatro longos dias, até a comida acabar, e então começamos a descer. A velocidade do vento era de cerca de 160 quilômetros por hora. Não seria fácil, sobretudo por causa de uma complicação causada unicamente pela minha própria estupidez.

Sob condições de muito frio, é comum os alpinistas calçarem meias com barreira de vapor — muito parecidas com sacos de lixo — para conservar o calor dos pés. Eu havia encontrado uma roupa inteira com barreira de vapor, que estava guardando para o topo. Quando ficou claro que nós desceríamos, e não subiríamos, sob aquele vento frígido, vesti a roupa, que me fazia parecer um homem dentro de um saco de lixo — mas sem dúvida me deixou aquecido.

Enquanto descíamos pela corda fixa que leva até ao Acampamento Avançado, comecei a me sentir cansado muito rápido. Era difícil ficar de pé, e comecei a ter medo de cair. Eu precisava de toda a minha força de vontade para continuar avançando.

Quando chegamos ao fim da corda, Steve percebeu que eu estava perdendo as

forças. Em determinado momento, caí de bunda.

“Me dê sua mochila”, disse ele.

Obedeci. Steve amarrou a mochila e começou a arrastá-la sobre a neve. Foi um episódio vergonhoso. Cada um carregava sua própria bagagem, e eu chegaria ao acampamento fazendo papel de bobo. Sentia-me mortificado, e ainda caí mais duas ou três vezes antes de chegar ao Med Camp.

Lá, Steve me levou até o dr. Hacket. Dentro da barraca médica, quando tirei a roupa, descobri que estava ensopado de suor, do queixo até os pés. Eu criara uma sauna portátil e estava me cozinhando no vapor.

“Por que diabos você está usando essa coisa?”, perguntou o Hacket depois de ver que meu pulso em descanso era de 160.

Melhorei um pouco depois de duas xícaras de chá, um pouco de sopa e chá de novo, mais de dois litros da bebida.

A parte mais estranha da experiência foi que, embora estivesse obviamente muito desidratado, eu não havia sentido sede nenhuma vez, só me sentia enfraquecido. Não entendi essa reação fisiológica.

Começamos a andar de novo, com o vento uivando cada vez mais alto. Cerca de trezentos metros abaixo do Windy Corner, finalmente montamos acampamento, algo pelo que fiquei muito grato. Eu não me sentia muito bem. Quando tirei as botas, vi que meus pés estavam ensopados de suor. Era como aqueles pescadores nos desenhos animados que tiram peixes de dentro das botas. Ao entrar no saco de dormir, senti meu cheiro pela primeira vez: um odor fortíssimo de amônia. Eu estava queimando músculos de uma forma insana.

Na manhã seguinte, a tempestade ainda estava forte. Nossa ideia era conseguir chegar num ponto abaixo dela. Então, colocamos nossas raquetes de neve e recomeçamos.

O McKinley foi a primeira montanha onde meus óculos causaram dificuldades. Depois de terem ficado embaçados e de terem congelado algumas vezes, parei de usá-los por completo, o que significa que passei a ver muito pouco. Os rapazes mais tarde fariam piada, dizendo que eu poderia ter chegado ao centro da cidade, entrado em um freezer e passado três semanas lá dentro, pois por tudo o que pude ver no McKinley daria na mesma. Eles não estavam errados.

Naquele momento, o vento era tão forte que cobriu meu rosto com uma máscara de gelo repetidas vezes. Eu precisava usar os polegares para abrir as minhas pálpebras, ou meus olhos congelariam fechados. Por alguma razão estúpida, não pensei em usar óculos de proteção.

Não demorou muito para que eu ligasse o piloto automático, limitando-me a colocar um pé na frente do outro. Eu estava tão exausto e me esforçando tanto para manter a concentração que meu mundo encolheu para um raio de no

máximo um metro. Num certo ponto, passamos por um trenó puxado por cães, e eu nem vi. Pouco depois, ao dar um passo, perdi uma das minhas raquetes e afundei até o peito. Steve ficou furioso e me passou uma merecida reprimenda enquanto desenterrávamos a raquete, que estava a 1,5 metro de neve.

Continuamos marchando em meio à nevasca, todos nós sentindo que o perigo aumentava. Por fim, Steve parou e foi direto ao ponto: “Temos um problema. Não sei se ainda estamos no caminho certo. Vamos ter que parar.”

O vento estava forte demais para conseguirmos montar as barracas. Então, passamos as dez horas seguintes cavando um buraco na geleira. De quatro, cavamos um buraco de mais ou menos três metros de profundidade e então fizemos uma caverna de neve grande o bastante para acomodar os seis. Foi um trabalho brutal.

Quando finalmente entramos nos nossos sacos de dormir e nos aquecemos um pouco, comecei a sentir uma dor nas pontas dos dedos, como se alguém estivesse batendo neles com um martelo. Eles haviam congelado enquanto cavávamos, e eu sequer percebera. Agora que minhas terminações nervosas começavam a descongelar, elas me informavam dos danos que meus dedos tinham sofrido. No final das contas, vários dedos haviam sofrido geladura até a cutícula.

CECILIA BOONE: Ken mais tarde nos contou sobre uma conversa que tivera com Beck dentro daquela caverna de neve.

— Ok, precisamos decidir agora se vamos fazer isso outra vez. Acho que não deveríamos. Isto aqui é o inferno. É um sofrimento. Não vale a pena — disse Ken.

— Não, você não pode tomar essa decisão agora. Espere até o fim, até estarmos em casa. Este não é o momento — respondeu Beck.

— Ah, é *sim*! — afirmou Ken.

———

Depois de termos dormido umas seis horas, saímos da caverna. A tempestade finalmente havia diminuído. O restante da caminhada até o Acampamento Base foi tranquilo, com a exceção de um pequeno trecho chamado Heartbreak Hill. As aeronaves pousam pouco antes de um declive na geleira de Kahiltna, o que significa que o último 1,5 quilômetro do retorno da montanha é uma subida, uma terrível prova final de tolerância.

Outro grupo retornava na mesma hora que nós. O ex-presidiário, que era o segundo em comando, de repente decidiu apressar o passo para que chegássemos antes desses caras. Era o tipo de coisa infantil digna de um adolescente no

colegial. Àquela altura, eu cantarolava uma paródia da trilha sonora de *O Mágico de Oz* que dizia “hambúrgueres, bifes, batatas fritas, meu Deus!”. Mas Ken e Ed Clark, um dos outros alpinistas, ficaram furiosos e começaram a gritar coisas desagradáveis para o guia.

Quando enfim alcançamos o acampamento, Ed e Ken quase chegaram às vias de fato durante uma discussão para decidir quem acabaria com a raça do ex-presidiário. No final das contas, os dois se acalmaram, um processo facilitado pelo Wild Turkey estupidamente gelado que Ken desenterrou na neve. Imagine só a euforia causada por uísque puro a 2.400 metros de altitude em dois caras no nosso condicionamento físico. Acabamos convidando os outros para nos ajudar a terminar a garrafa.

Enquanto discutíamos sobre a expedição, a opinião geral era de que nenhum deles queria voltar a um lugar como aquele. Ken e eu não parávamos de dizer: “Uau! Não foi incrível?”

Achamos a experiência maravilhosa.

KEN ZORNES: Nós rimos da conversa que tivemos na caverna de gelo. Quando chegamos em casa e nos recuperamos, nos esquecemos inteiramente daquilo.

DEZENOVE

Quando voltamos para Dallas, todos nos receberam no aeroporto com champanhe. Depois, saímos para jantar. Peach não estava tão interessada em celebrar. Não sei se ela já intuía que eu continuaria fazendo aquilo.

PEACH: Ele estava em êxtase — completamente acabado, repleto de ferimentos e extasiado. Eu achava que sentir um pouco de dor era bom. Não percebia o que estava acontecendo. Mais tarde, Beck contou algumas de suas histórias de guerra do McKinley durante uma festa. Mike Mack, um dos cirurgiões torácicos do hospital, afirmou que os sintomas de Beck eram de um edema pulmonar agudo.

Beck não gosta de falar muito sobre seus problemas de saúde. Ele disse que só havia ficado um pouco desidratado. Mack não concordou.

———

Tive alguns roncos no peito, alguns barulhos produzidos pelo pulmão. Nunca pensei que fosse um edema.

TERRY WHITE: Foi depois do McKinley que começamos a nos preocupar com o alpinismo. Ele passou quatro dias lá, o vento quase o arrastou da montanha. Teve algumas queimaduras provocadas pelo frio. Isso não o dissuadiu, e quando ele começou a planejar a próxima escalada tentei captar seu raciocínio, para saber se ele estava pensando na família.

Uma coisa é arriscar a vida. Algumas pessoas têm essa tendência. Eu faria o mesmo naquelas circunstâncias? Com certeza não. Aquilo nos incomodava.

———

O alpinismo não substituiu a navegação como minha paixão, mas apenas a adiou — ao menos segundo os meus planos.

Eu enxergava lógica em priorizar esses afazeres em uma estrutura temporal.

Com sessenta anos, ainda poderia navegar, mas já não poderia mais escalar montanhas. Estava com quarenta e poucos anos, e minha expectativa era de que meu corpo funcionaria bem por no máximo mais uma década. Se eu queria explorar aquela atividade, essa era a hora.

Então, adiei o *hobby* da navegação por quinze ou vinte anos. Na época que passei escalando, continuei fazendo o mesmo treinamento que sempre fizera como navegador: lendo avidamente sobre o assunto.

No inverno de 1990, fui para o sul escalar dois vulcões no México. Convenientemente, bastava pegar um táxi a partir da Cidade do México para chegar até eles. Popocatépetl (5.426 metros de altitude) e o vizinho Pico de Orizaba (5.636 metros de altitude) não são montanhas difíceis de escalar, embora você precise ter experiência com geleiras antes de tentar. Eles costumam ser considerados boas montanhas onde treinar antes de tentar montanhas mais desafiadoras, como o Denali, então eu esperava uma experiência mais leve no México.

Mas logo descobri que não é inteligente menosprezar uma grande montanha. “El Popo”, por exemplo, entrou em erupção repentinamente quatro anos depois da minha escalada e agora está fechado por tempo indeterminado para alpinistas. Cinco alpinistas que foram filmar as erupções morreram na montanha em maio de 1996.

A lição um tanto mais sutil que aprendi em Popocatépetl foi sobre como todos os detalhes precisam se conjugar antes de você chegar ao topo; quão vulnerável e incerta é sua condição durante uma escalada; como é fácil as coisas darem errado; como algo que seria uma pequena irritação ao nível do mar pode ser dramaticamente exacerbado em grandes altitudes. Usemos como exemplo uma gastroenterite comum — socorro.

Seguimos o programa de adaptação de sempre no Popocatépetl e nos acomodamos na cabana de onde partiríamos para o ataque ao cume.

Naquela tarde, uma ninhada de ratos começou a se mover dentro da minha barriga. Tenho experiência com a sensação e percebi que ainda demoraria para poder apreciar o auge do espetáculo.

Os ratos voltaram no meio da noite. Fui até o banheiro, escolhi uma cabine e fiquei cortejando o trono até o amanhecer. Tive o cuidado de trancar a porta. Não havia possibilidade de me tirar dali vivo.

Havia outro cara lá comigo, fazendo alguns sons animalescos. Já era de madrugada quando consegui parar de vomitar e voltar para o meu beliche.

Passei o dia rezando para melhorar. A ideia de comer alguma coisa me dava ânsia de vômito. Contudo, quando a hora marcada para a nossa partida se aproximou, o outro cara, um jovem de uns vinte anos, calçou as botas e

preparou-se para escalar. Aquilo era algo que eu não considerava possível. Mas nem sobre o meu cadáver aquele garoto iria me deixar para trás.

Então, levantei-me da cama, presumindo que levaria uns quinhentos metros para que eu vomitasse outra vez e tivesse uma desculpa melhor para voltar para a cabana. Para a minha surpresa, porém, não passei mal como esperava. O garoto e uns dois outros caras começaram a ter ânsia de vômito — a gastroenterite continuava firme e forte — e desistiram da escalada. Segui em frente com o resto do grupo. Para mim, foi uma eternidade, mas conseguimos chegar ao topo.

Alcançamos o cume no fim da tarde, então fizemos parte da descida em total escuridão. Sentindo-me melhor à medida que avançávamos, corri devagarinho com o guia até a cabana, onde tivemos o prazer inenarrável de descobrir que alguém havia ligado a água quente.

Depois de El Popo, escalamos o Pico de Orizaba sem incidentes, e voltei para casa convicto como nunca de que minha vocação era o montanhismo. O esporte me realizava em tantos aspectos. Eu adorava sua simplicidade e como ele me tirava completamente dos limites da minha existência rotineira. Ele se tornou meu refúgio da dor constante da depressão, que continuava me isolando em Dallas, mas estava se tornando um pouco mais fácil de administrar agora que eu sabia como escapar dela de vez em quando.

Também era maravilhoso ter descoberto que minhas capacidades física e mental podiam me levar até o mesmo ponto aonde iam alguns alpinistas mais jovens, mais fortes e em melhor forma. Não que eu fizesse comparações. Como disse, o montanhismo não é um esporte competitivo.

Eu não me sentia superior. Ficava feliz por ser bem-vindo entre eles e por me sair bem quando surgiam desafios. Era algo incrível para o meu ego perceber que, depois de ter passado tanto tempo me concentrando nas minhas limitações, eu podia alcançar lugares aonde apenas um punhado de atletas durões e determinados conseguiram chegar.

Além disso, havia a excitação pelo fato de que eu estava enfrentado meus demônios.

Eu geralmente não me assustava nas montanhas, a não ser em situações em que só podia contar com a corda. Lembro-me de uma vez que fiquei pendurado por um daqueles pequenos mecanismos presos à rocha, a uns noventa metros de altitude, com pássaros voando logo abaixo.

Pensei: “Será que perdi *de vez* o juízo?”

Durante uma escalada no Colorado com Ken Zornes e Steve Young, estávamos em uma encosta muito inclinada quando fomos surpreendidos por raios, um vento forte e uma chuva de congelar. Estávamos usando bermudas e camisetas, de pé sobre uma saliência que não tinha mais de três centímetros.

Steve decidiu que era muito arriscado continuar escalando, e a única escapatória que tínhamos era fazer um rapel em uma encosta desconhecida. A ancoragem foi feita em uma rocha do tamanho de um polegar, a qual ele envolveu com uma correia, depois se amarrou e iniciou a descida. Ken foi o próximo, deixando-me sozinho lá em cima com a tempestade, abraçado à rocha e me perguntando como seria o meu obituário. Eu me consolava pensando que havia formas piores de morrer. Aquilo era melhor do que ser atropelado dirigindo uma lambreta.

Acho que aquele foi o momento mais aterrorizante na minha vida, quando precisei confrontar meu maior temor. Eu me forcei a descer — tomando cuidado para não forçar demais e fazer a correia se desprender da rocha. Rapidamente, cheguei ao ponto em que Steve e Ken estavam pendurados, presos ao flanco da montanha.

Não deixei transparecer quão aterrorizado eu estava e consegui controlar meus tremores até mais tarde, quando não havia mais ninguém olhando. Hoje, entendo que eu queria aquele medo. Na época, teria negado. É claro que aquilo me empolgava, sem dúvida. É possível se sentir realmente estimulado por algo assustador.

PEACH: Na primavera de 1991, Beck, eu e as crianças voamos para Boston, para uma visita ao nosso primeiro lar. Beck também tinha uma reunião. Depois, colocamos nossos filhos no avião para Dallas e voltamos para o hotel. Beck disse que precisava conversar comigo.

“Estou tendo pensamentos suicidas”, revelou ele. “E o problema é o nosso casamento. Estou muito infeliz, e a culpa é sua.”

Naquela época, eu ainda estava inclinada a acreditar nisso. Durante cinco anos, não houve uma única noite na qual eu não tenha chorado por causa disso, mas não o responsabilizava. Eu tinha certeza de que a culpa era minha. Pedi que ele me explicasse melhor o que sentia.

“Você não me apoia”, disse Beck. “Não apoia os meus *hobbies*. Acho que você me ama, mas não acho que gosta de mim.”

Aquela frase me fez refletir por um momento. Perguntei-me se ele poderia estar certo.

———

De fato, contei a ela que eu estava tão deprimido que achava que iria acabar me matando. Mas não acho que a tenha culpado pela minha depressão. Acho que só me abri, revelando algo que era muito, muito difícil de revelar.

Eu não via os problemas de Peach comigo como qualquer tipo de problema de sua parte e não me lembro de em nenhum momento ter pensado que a causa da minha depressão era o nosso relacionamento. No entanto, não me surpreendo que ela tenha tirado essa conclusão a partir da nossa conversa.

Eu vinha escondendo meu enorme sofrimento por um bom tempo, mas não era minha intenção dizer “O problema é você” ou “O que está errado comigo é você”.

PEACH: Acho que ele estava procurando uma forma de se livrar de todos nós.

———

Não é verdade!

PEACH: Você falou que estava deprimido e que a culpa era minha.

———

Eu estava tendo pensamentos suicidas. Peach me disse que eu precisava de ajuda. Apesar de aquela ser a última coisa que eu faria por livre e espontânea vontade, decidi tentar. Eu sabia que a esposa de um colega do hospital era psiquiatra e pensei em lhe pedir uma recomendação. Ela me deu o nome de um cara.

PEACH: O psicólogo ficou chocado. Beck disse-lhe que estava tendo pensamentos suicidas e que dois membros de sua família — um primo e um tio-avô — haviam cometido suicídio, embora tenha tentado justificar a atitude deles.

———

Eu não estava tentando justificar nada. Meu primo tinha diabetes juvenil. Acho que meu tio-avô temia se tornar um fardo para alguém. Ele não achava que conseguiria cuidar de si mesmo. Então pediu ao meu pai que limpasse sua arma e, quando a pegou de volta, se matou com um tiro. Contei ao psicólogo que sempre pensei que morreria pelas minhas próprias mãos.

PEACH: Beck voltou da consulta e me disse que eu também teria que me consultar, pois todos os problemas estavam relacionados ao nosso casamento. Então eu fui, e o cara parecia ter certeza de que Beck iria se matar. Ele afirmou

que eu precisava me livrar de todas as armas que tivéssemos em casa.

———

Havia uma espingarda, um rifle calibre .22, um revólver .38, uma Magnum .357, uma pistola .22, uma pequena Derringer e uma pistola de ar comprimido. Todas foram entregues à polícia, inclusive a pistola de ar comprimido, que eu nunca pensara que poderia representar perigo.

PEACH: Mesmo assim, continuei preocupada com Beck, e não apenas por ele ter tendências suicidas — é claro que isso era uma preocupação —, mas porque ele não conseguia sentir o nosso amor. Eu ficava extremamente triste por Beck não gostar de si mesmo e sentia pena por ele precisar se provar. Ele não conseguia simplesmente apreciar o nascer e o pôr do sol. Não conseguia aproveitar essas coisas simples. Beck só pulava de uma meta a outra. Isso leva uma pessoa a ser muito infeliz.

VINTE

A ordem em que eu escolhia montanhas para escalar contradizia a minha alegação de que planejava tudo com cuidado. Denali foi uma insensatez. Se eu estivesse seguindo uma linha lógica de raciocínio, El Popo e Pico de Orizaba teriam vindo antes. Na verdade, a maior parte das minhas escolhas era ditada pela disponibilidade de expedições lideradas por guias competentes e que tinham como meta picos interessantes em datas convenientes. A combinação desses fatores em agosto de 1991 me levou ao monte Elbrus, no Cáucaso.

Eram os últimos dias do Império do Mal, e mesmo no verão Moscou era fria, cinzenta e lúgubre. Bizarra também. Por exemplo, as rígidas restrições impostas às transações de câmbio dificultavam as compras mais simples. Em uma visita ao Estádio Olímpico de Moscou, encontrei um homem vendendo caixas laqueadas dispostas sobre uma manta. Depois da barganha de costume para chegar a um preço, ele me deu minha caixa e um maço de cigarros vazio. Explicou que eu deveria dar algumas voltas antes de colocar a quantia acertada em dólar dentro do maço, o qual deveria jogar em algum arbusto ali perto para que ele pegasse.

O líder do nosso grupo era uma figura incomum. Seu nome era Sergio Fitz Watkins, e ele afirmava ser parte mexicano, parte apache e alguma outra coisa. Sergio era estranho. Por algum motivo, não queria que tirassem nenhuma foto dele e tampouco estava disposto a ter um relacionamento amigável conosco. Sergio fazia questão de deixar claro que era o chefe, e não você, e dramatizava de formas extremas essa questão.

Sergio costumava começar um dia de escalada com a seguinte frase: “Hoje é um dia bom para morrer.”

Parecia que todo mundo queria roubar minhas falas.

De Moscou, voamos para a República da Cabárdia-Balcária, de onde pegamos um ônibus para uma estação de esqui perto do sopé do monte Elbrus. Com 5.642 metros de altitude, ele é a montanha mais alta da Europa. Era por isso que eu estava lá.

Lembro que fizemos uma parada em uma cabana no caminho que servia de

estação de descanso, ainda que lá dentro não houvesse nada além do chão sujo.

A comida do hotel era repugnante. Um dia, no almoço, serviram uma pilha de vegetais sem cor nem forma que não conseguimos identificar. Depois, recebi um pedaço de carne — só que não era carne. Era um pedaço de gordura com um centímetro de espessura e dez centímetros de largura.

Na primeira noite, vi um menino de pé no parapeito de dez centímetros da minha varanda no terceiro andar oferecendo parafusos para gelo feitos de titânio de uma mina localizada nas proximidades, a maior do mundo.

Em seguida, saímos à procura de alguma coisa para beber. Em um país famoso pelo consumo de álcool, era de se pensar que seria uma tarefa fácil.

Não foi o caso.

Não havia vodca ou qualquer outra bebida forte no hotel, então saímos com as nossas mochilas para a loja de *piva*. *Piva* é a palavra em russo usada para "cerveja". Eles distribuem *piva* nas companhias aéreas por uma boa razão: ninguém que tivesse outra opção pagaria por aquilo.

Também têm algo que chamam de vinho, mas que poderia ser facilmente confundido com algo produzido por um animal doméstico com problemas renais. Assim, nos abastecemos na loja de *piva* e voltamos para o hotel ouvindo o retinir das nossas cervejas russas.

A escalada teve início com um passeio de teleférico que nos carregou 1.600 metros montanha acima até uma cabana com revestimento de metal que lembrava uma imensa kombi. Chamada Priut ("refúgio", em russo), a estrutura foi construída em 1939, bem a tempo para que a Alemanha pudesse aterrorizar o local em suas marchas de ida e volta aos campos de petróleo soviéticos no mar Cáspio.

Quando chegamos a Priut, o lugar parecia um chiqueiro. A água, caso você tivesse coragem de bebê-la, precisava ser extraída por um buraco no meio de uma poça congelada localizada em frente à nossa porta. A latrina, com fezes acumuladas que batiam na altura do tornozelo, ficava um pouco mais à frente. Futuramente Priut seria destruída por um incêndio decorrente de vazamento de gás, um ato da divina Providência.

Fizemos uma caminhada de aclimatação e na noite seguinte já partimos para o ataque, uma longa jornada por uma trilha de neve. Estava muito frio. Quando chegamos a um colo localizado a uns 4.880 metros, um jovem advogado de Dallas parecia prestes a perder a consciência. Outro membro do nosso grupo, um cirurgião plástico de Atlanta, estava com uma dor de cabeça terrível. Assim, ele e o advogado voltaram juntos, um plano perfeito, exceto pelo fato de o mais jovem ter defecado na roupa no caminho de volta.

Não era isso que o folheto prometia.

Enquanto o resto de nós fazia o árduo caminho em direção ao topo, pensei numa foto que vi em *Sete picos*, o livro de relatos do alpinista Dick Bass, um conterrâneo de Dallas. Retrata um busto de bronze de Lênin montado num pedestal maravilhoso no topo do Elbrus. Ansioso para ver esse memorial com meus próprios olhos, quando enfim chegamos ao cume lembrei-me de que aquela era, afinal de contas, a União Soviética. O pedestal ainda estava de pé, mas a fisionomia de Lênin havia desaparecido muito tempo antes, e no seu lugar havia algo que se assemelhava a uma chave inglesa.

A costumeira celebração pós-escalada foi realizada em Moscou, num imenso salão que parecia a galeria dos espelhos de Versalhes. Havia uma mesa enorme no centro, suntuosamente servida com diversos pratos, champanhe russo, jarras de vodca, caviar preto e caviar branco. Foi uma refeição incrível.

Havia outras mesas pequenas espalhadas por todo o salão. Presumi que fossem para outros fregueses que chegariam mais tarde. E, como eu esperava, as pessoas começaram a chegar, a maioria em pares de mulheres jovens, que se sentaram e começaram a pedir drinks.

Pensei: “Que legal! Moscovitas saindo para um passeio na cidade!” Foi então que percebi que havia duas mulheres em *todas* as mesas. Aqueles que estavam sentados à nossa grande mesa começaram a se dispersar, vários dos homens indo se sentar com as garotas. Com meu raciocínio lento, finalmente percebi qual seria a sobremesa: sexo. Todas aquelas mulheres eram profissionais.

Sem chance de o senhor perfeitinho aqui sair com uma daquelas noivas de guerra e acabar sendo espancado por cassetetes de borracha pela KGB. Contudo, evidentemente, esses temores não dissuadiram nenhum dos membros do nosso grupo. Quando voltei para o hotel, não encontrei meu colega de quarto.

PEACH: Praticamente não tivemos mais férias de família a partir do momento em que ele começou a escalar. Havia dias ocasionais na praia. Fomos para Cancún uma vez, e ele teve que partir mais cedo. Aquilo mudou a dinâmica da viagem. Quando ele foi embora, todo mundo ficou desanimado e triste. Acabamos voltando para casa um dia antes.

Após algum tempo, meu irmão Howie e a esposa, Pat, junto com a filha deles, Laura, passaram a sair de férias comigo e com as crianças. Ele não estava lá para substituir Beck, mas era maravilhoso ter Howie por perto para conversar. Além disso, ele sempre foi incrível com as crianças. Inventava coisas para fazerem, mantendo-as distraídas o dia inteiro. Isso era algo que Beck nunca havia feito. Howie fazia uma grande diferença na vida deles, e na minha também.

MEG: Tio Howie sempre visitava Dallas em viagens a trabalho e consertava tudo que estivesse quebrado na nossa casa. Ele consertou a tabela de basquete, o chuveiro do meu pai e instalou um sistema de drenagem subterrânea para nós.

Ele se recusava a ver algum lado negativo em mim e sempre apoiava tudo que eu fazia. Quer dizer, ele e sua esposa, Pat, vieram da Geórgia só para assistir ao musical que fiz no oitavo ano. Ele jogava dominó comigo — um jogo que nunca entendi muito bem — e trazia doces para mim.

BUB: Tio Howie era o tipo de cara que cuidava de mim e da minha irmã depois do jantar para que meus pais pudessem relaxar sem ter que se preocupar conosco.

Quando ele visitava a cidade e consertava nossas coisas, eu de vez em quando o acompanhava até a loja para comprar quaisquer peças e materiais necessários. Houve uma ocasião em particular — eu tinha uns nove ou dez anos — em que precisamos ir à Target para comprar umas peças automotivas. Howie ia consertar um dos nossos carros.

Ele não sabia qual era o caminho, mas achei que eu sabia e disse isso a ele — apesar de na época meu senso de direção em Dallas ser um pouco vago. Não demorou para que eu fizesse a gente se perder.

Seguíamos uma direção por algum tempo até que eu percebia que havíamos ido longe demais, então fazíamos um retorno e voltávamos. A maioria das pessoas deixaria que eu fizesse isso uma ou duas vezes antes de estacionar e telefonar para pedir ajuda à minha mãe.

Não foi o que Howie fez. Ele teve paciência o bastante para deixar que eu me lembrasse sozinho do caminho. Sempre que precisávamos fazer um retorno, ele fazia uma piada e seguia na direção que eu apontava. No final das contas, conseguimos chegar à Target, e foi incrível para mim saber que Howie havia acreditado na minha capacidade de encontrar o caminho.

PEACH: Duvido que Beck sequer tenha reparado que estávamos viajando sem ele, e muito menos que Howie e sua família agora nos acompanhavam. Beck estava completamente absorto em si mesmo. Lembro que certa vez eu estava me sentindo péssima e havia uma superpromoção em que um voo de ida e volta para Nova Orleans custava 88 dólares. Nossos amigos, os Ketchersid, iam conosco. Beck não podia sair do trabalho mais cedo na tarde de sexta para pegar o voo. Depois, descobrimos que ele tinha uma semana de folga e nem sabia. Fiquei furiosa com ele.

Só havia uma coisa na sua cabeça: o montanhismo. Ele se tornou muito

estranho. Sua atitude era: “Não me importune com nada: nem crianças, nem problemas. Nada.”

———

Em janeiro de 1992, fui para o sul novamente, dessa vez para o Aconcágua, nos Andes argentinos. Com 6.962 metros de altitude, o Aconcágua é a montanha mais alta do Hemisfério Ocidental e o 63º pico mais alto do mundo. Todas as montanhas mais altas que isso se encontram na Ásia.

O escritor Trevanian maldiz o Aconcágua em seu suspense *Escalado para morrer*, descrevendo-o como “uma pilha de rocha podre e gelo. Ele destrói os homens, e não com os nobres contragolpes do Eiger ou do Nanga Partbat, mas erodindo os nervos e o corpo do homem até reduzi-lo a um maníaco claudicante e choroso”.

Trevanian está certo. O Aconcágua é um lugar terrível. Não consigo imaginar como alguém pode querer escalá-lo mais de uma vez.

Fiz a excursão com o Mountain Travel-Sobeck, o mesmo grupo da Califórnia que havia organizado a do monte Elbrus, e tive a oportunidade de reencontrar o irascível Señor Watkins. Naquela ocasião, porém, ele estava menos inflamado, talvez por ter contraído um vírus atroz. Não conseguiria chegar ao topo.

Primeiro, é preciso pegar um voo para Buenos Aires. A próxima parada é a cidade montanhosa de Mendoza, que acabou sendo um verdadeiro choque cultural para mim. Durante o treinamento para a escalada, eu vinha acordando às quatro da manhã e indo para a cama às 19h30. Em Mendoza, essa hora da noite não era nem horário de *almoço*. Eu via famílias na rua até duas ou três da manhã.

Fomos em uma picape até uma estação de esqui parcialmente concluída, onde nossos equipamentos foram acomodados nos lombos de mulas para a caminhada de 32 quilômetros até o Acampamento Base do Aconcágua. Durante o trajeto, passamos pelo cemitério dos alpinistas. Ele estava bastante cheio.

Ao final da trilha decadente e suja ficava a Plaza de Mulas, uma versão local de Lobuche. Em vez de iaques, tínhamos mulas e cocô de mula por todos os lados. Porém, ao contrário de Lobuche, não havia estruturas permanentes na Plaza de Mulas. Encontramos cerca de cem pessoas com experiências e graus de seriedade muito variados (vi uma mulher usando um casaco de neve cor-de-rosa e com um poodle no colo), todas misturadas em uma vila desorganizada de barracas.

Havia uma pequena lagoa, semelhante ao que chamamos de tanque no Texas, que parecia servir a uma variedade de usos coletivos: consumo, higiene, banheiro. Tive a impressão de que ninguém estava muito preocupado com

doenças. Era preciso ter cuidado para não se virar com a boca aberta na direção contrária ao vento. Havia tantos pedaços de papel higiênico flutuando no ar — os pássaros da neve do Aconcágua — que se corria o risco de engolir um.

A Plaza de Mulas era um poço de doenças aguardando a próxima vítima, e não queríamos passar nem um momento a mais do que o necessário naquela imundície. Como era de se esperar, um membro do nosso grupo foi acometido por uma diarreia pestilenta dos infernos e teve de ser resgatado por um helicóptero de emergência.

Minha memória mais dramática do lugar, contudo, não está relacionada à sujeira nem às doenças. Certo dia, de repente, ouvimos um forte estrondo ao longe. Olhei para cima e vi uma cachoeira onde dois segundos antes não havia nada. Um rio imenso corria pelo flanco da montanha. Era possível ver ondas avançando, brilhando sob o sol.

No entanto, quando olhei com mais atenção, percebi que a torrente na verdade não era de água, mas de rochas! A massa inteira que descia como uma queda de água branca era na verdade feita de pedras, um deslizamento *gigantesco* a uns sessenta metros de nós.

Não havíamos chegado muito longe na nossa subida quando Sergio informou que estava passando mal demais para continuar. Na metade do caminho para o topo, chegamos a uma área plana com uma cabana onde encontramos um grupo de alpinistas que estava descendo. Descobrimos que eles também eram um grupo do Mountain-Sobeck, liderado por Ricardo Novallo Torrez, um guia famoso por ter se tornado o primeiro mexicano a chegar ao topo do Everest.

Sergio anunciou que voltaria daquele ponto, deixando o grupo sob os cuidados questionáveis do seu segundo em comando, um peruano chamado Augusto Ortega que quase não falava inglês. Torrez estava em péssimo estado e sabia que Ortega já havia escalado o Aconcágua, mas mesmo assim achou que o peruano não estava à altura do trabalho de nos levar até o topo. Assim, ofereceu-se para acompanhar o grupo até o Acampamento Avançado, a partir de onde Ortega iria nos guiar no resto do caminho para o cume e na volta.

Quando começou a ventar mais forte e a temperatura ambiente despencou, alguns dos menos experientes entre nós começaram — não sem motivo — a temer as dificuldades em se manter aquecido e as ulcerações que o frio costuma causar. Eu não via esse desconforto do mesmo ponto de vista que eles. Depois de ter escalado Denali em condições que não eram as mais apropriadas, sabia que tinha margem para suportar temperaturas ainda mais baixas.

Assim, não me surpreendi quando, ao darmos início à investida, começamos a avançar com a velocidade de um grupo de tartarugas. Não demorou para percebermos que não conseguiríamos chegar ao topo naquele ritmo, então nos

abrigamos no Acampamento Avançado para entrar em um acordo. Metade dos alpinistas queria desistir. Eu e mais três membros queríamos tentar outra vez. E, foi o que fizemos.

Um dos que desceram a montanha foi o meu colega de cabana, um cara mais velho que sem querer levou consigo o único utensílio que eu tinha para fazer minhas refeições — uma colher. O mingau de comida de cachorro que consumíamos na montanha requeria um instrumento para o seu consumo, então saí em busca de um substituto adequado.

Acabei avistando algo de metal saindo da neve. Agarrei o objeto, preparei-me, gritei “Excalibur!” e puxei com força. O que apareceu foi um garfo sem um ou dois dentes, mas que podia perfeitamente ser usado. Limpei-o debaixo do braço e voltei para a cabana, sentindo-me mais uma vez um membro funcional dos últimos quatro.

Bem depois do anoitecer, acho que por volta das dez da noite, um visitante improvável apareceu. Era Marty Schmidt, um neozelandês que acabara de guiar dois policiais na subida e na descida.

“Olá! Tem alguém aí?”, Marty gritou. Ele estava usando roupas de alpinista e tênis. “Posso pegar um par de botas emprestado?” Marty também carregava uma bicicleta nos ombros.

Nós lhe emprestamos as botas e ele partiu. Por volta das cinco ou seis da manhã seguinte, Marty voltou sem a bicicleta. Ele devolveu as botas, voltou a calçar os tênis e retornou à Plaza de Mulas para se reunir com seus dois clientes.

Como soubemos mais tarde, a história notável da escalada dupla do Aconcágua por Marty — ele havia passado dois dias sem dormir — começou num trecho infernal chamado Canaleta, um gigantesco monte de rochas e detritos com uma inclinação de 45 graus logo abaixo do cume.

Schmidt e os policiais haviam encontrado pedaços de uma bicicleta espalhados por toda a Canaleta: uma roda aqui, pedais ali, o guidom em algum outro lugar. Não sei se Marty ficou curioso a respeito da descoberta improvável, mas, como era uma pessoa prática, juntou todos os pedaços da bicicleta, montou-a, colocou-a nas costas e desceu a montanha com ela.

Agora vem a surpresa: quando ele chegou à Plaza de Mulas com a bicicleta, foi abordado por um completo estranho que ficou furioso, acusando-o de ter roubado sua bicicleta!

“Como assim eu roubei sua bicicleta?”, Marty perguntou. “As peças estavam espalhadas na montanha!”

Acontece que o cara estava pagando a outras pessoas para que carregassem sua bicicleta em partes até o topo do Aconcágua. Depois de todas as partes terem sido levadas, ele planejava montar o veículo e descer pedalando. Talvez até

conseguisse um patrocínio. Quem sabe?

Constrangido, Marty propôs uma solução. “Tudo bem, vamos fazer um acordo”, disse ele ao homem. “Você para de gritar comigo por ter roubado a sua bicicleta e vou levá-la para onde a encontrei.”

Foi o que ele fez naquela noite. Schmidt carregou a bicicleta de volta quase até o topo, desmontou-a no escuro, espalhou as partes e em seguida desceu a montanha outra vez. Seu gesto representou, entre outras coisas, uma demonstração de força física. Marty Schmidt é um alpinista muito forte.

No dia seguinte, as condições climáticas não haviam melhorado, mas agora só restavam quatro de nós e Augusto para subir a trilha. A escalada não havia sido agradável ou interessante em nenhum ponto, mas, quando enfim chegamos à Canaleta, entendi por que Trevanian odeia o Aconcágua com todas as forças.

É provável que a Canaleta seja o declive natural mais desgraçado da face da Terra. Não se pode subi-lo rápido, pois não dá para respirar direito. Por outro lado, se você for devagar demais, as pedras escorregam sob os seus pés.

O truque é ir de pedra em pedra em busca de um pouco de tração. Quando se encontra uma pedra mágica que não se move, dá para passar um tempo parado em cima dela na tentativa de fazer seu coração parar de tentar saltar para fora do peito. Então, você volta a avançar, perdendo três passos para cada um dado — um processo que demora horas. Não é nada divertido.

Foram necessários três dias para a escalada da Plaza de Mulas ao Acampamento Avançado, além de mais uma noite para a segunda investida e mais um dia para a descida. Como vinha mantendo um bom ritmo de treinamento, contudo, pude sentir o efeito cumulativo da minha dedicação.

Senti-me muito bem depois de alcançar o cume do Aconcágua. Eu estava à frente do grupo na descida e cheguei a um lugar onde uma rocha em forma de dedo marca a travessia que leva até a Canaleta. Parei para tomar um pouco de água e comer alguns M&M’s.

Um australiano do nosso grupo aproximou-se por trás e caiu de costas, como se estivesse morto. Por fim, ele se apoiou sobre um cotovelo e disse: “Você está tão bem quanto parece? Ou só está usando drogas mais fortes do que o resto de nós?”

PEACH: Provavelmente, não teríamos continuado casados se não fossem os garotos. Crianças precisam muito dos pais. Precisam de equilíbrio em suas vidas. Precisam de um pai para rolar no chão e brincar de cavalinho. É importante aprender a brincar. Meus dois filhos são muito prudentes. Eles não tiveram ninguém que os estimulasse a correr riscos, tentar coisas diferentes, praticar esportes.

Também é preciso entender que ninguém na minha família jamais se divorciou. Ninguém. A palavra não fazia parte do meu vocabulário. Eu via o divórcio como um fracasso — um grande fracasso.

Lembro-me de minha mãe ter nos contado histórias sobre a velha senhora Fulana de Tal. Seu marido a traía, mas ela aguentava, e agora ele estava doente e eles continuavam juntos. É bom ter alguém quando se está velho.

Na época, mais uma coisa me ocorreu. É *necessário* saber que me ocorreu que nos esforçar em um casamento. Uma das minhas amigas, Victoria Bryhan, ficou famosa no nosso círculo por uma observação feita enquanto conversávamos sobre alguém que estava se divorciando:

"Por que ela está se divorciando se vai acabar se casando novamente com outro homem?"

Essa é a verdade.

Minhas amigas tornaram-se uma importante fonte de força para mim. Victoria, Pat White e Linda Gravelle. Mary Ann Bristow (que também tem parentes na Geórgia), Marianne Ketchersid e Cecilia Boone. Eu tinha muitas amigas, a maioria com filhos que frequentavam a mesma escola que os meus. Nós nos víamos sempre. De alguma forma, nasceu uma irmandade entre nós, o que é interessante, já que eu não tive irmãs, nem fiz parte de nenhuma irmandade na faculdade.

Eu podia ser muito honesta com elas. A maioria das pessoas não gosta de falar sobre o que está realmente acontecendo em suas vidas. Se olharmos ao redor, é fácil pensar que todo mundo está bem, *exceto* nós mesmos. Isso não é verdade. Quando se consegue ter uma conversa honesta com as pessoas, descobre-se que todo mundo tem alguma história para contar. E eu acho que as histórias podem ser compartilhadas sem acabar com a raça dos homens. Acho que o mesmo se aplica aos homens.

Porém, eu não conseguia conversar com mais ninguém, muito menos com alguém da minha família. Nem mesmo Howie teria compreendido. Aquele era um desafio que eu enfrentaria com muita ajuda das minhas amigas.

Nossas discussões começavam com: "Eu *nunca* deixaria meu marido fazer isso!" Eu respondia: "Bem, então me diga como posso impedi-lo! Estou aberta a sugestões." Logo, passávamos para: "Meu marido não faz isso, mas vou lhe dizer o que ele *faz*."

Formei laços emocionais com aquelas mulheres, minhas companheiras, porque precisava conversar. Eu precisava expressar minha confusão e minha raiva. No processo, descobri que *todo mundo* tem problemas. Percebemos que todo mundo tem um problema diferente, mas que estamos apenas avançando a passos lentos por uma estrada com histórias diferentes. *Papai Sabe Tudo* não é real — e para

nós tampouco o Príncipe Encantado.

Outra mulher que eu conhecia estava passando por um divórcio. Uma segunda tivera um colapso nervoso; fiquei surpresa, pois achei que ela era uma das mais fortes. O problema era o marido controlador. Vimos o marido de uma terceira no restaurante com outra mulher. O marido de uma quarta estava tendo um caso já fazia um bom tempo; eu achava que esta última tinha o casamento mais sólido de todas nós. Havia ainda mais uma que vinha enfrentando muitos problemas com um irmão mais novo que ela e o marido precisavam sustentar. Por fim, uma outra, de quem eu não era muito próxima, que revelou que o marido era alcoólatra e precisara passar por uma intervenção.

O casamento perfeito provavelmente não existia. Como acontecia com os filhos, é preciso se esforçar, mesmo que pareça não estar funcionando — do mesmo modo que não funcionava para mim. Ainda assim, continuo com essa convicção. Não quero que as pessoas desistam cedo demais.

———

Nosso jantar pós-Aconcágua aconteceu em Mendoza. Fomos a um lugar bonito a apenas alguns quarteirões do nosso hotel e bebemos muitas *cervezas*. Um dos caras tinha uma garrafa de Jack Daniel’s que circulamos pelo grupo.

O jantar acabou por volta das onze da noite. Os membros sãos da equipe foram para o hotel. Os três ou quatro que ficaram, eu inclusive, votaram por mais uma dose em homenagem à montanha. Eu já estava mais do que um pouco alto.

Um dos caras, meu colega de quarto, bebeu um drink cheio de camadas, como um pavê, e começou a uivar para a lua. Se me lembro bem, invadimos um bar familiar tranquilo, e lá estava ele se agarrando ao corrimão com as duas mãos e uivando para a lua. Concluí que era hora de eu ir embora.

Além de estar bêbado, eu estava sofrendo de cegueira noturna. Em cinco minutos, também estava perdido. Uma hora e meia depois, cheguei a uma estação de ônibus que reconheci como o nosso ponto de partida de Mendoza para a montanha dias antes. Consegui pensar em pegar um táxi para percorrer o curto trajeto até o hotel e o meu quarto, onde descobri que meu companheiro que tinha tomado o drink com sorvete havia vomitado por todos os lados.

Era o fim do romance nas terras altas.

Para mim, no entanto, a nossa farra em Mendoza não foi o ponto alto da viagem. O ponto alto tivera lugar uma noite antes, no alojamento da estação de esqui. Depois que andamos os 32 quilômetros da Plaza de Mulas, tivemos um ótimo jantar no alojamento e bebemos um mescal capaz de remover o esmalte dos dentes.

Todos fomos para a sauna, onde nos sentamos e começamos a contar histórias de montanha. Em determinado momento, eu me virei para Ricardo e lhe perguntei o que era necessário para tentar escalar o Everest. Ele respondeu, em tom casual: “Bem, alguém como você pode conseguir.”

Uma pequena lâmpada se acendeu. Aquele momento foi um divisor de águas.

Até então, meu interesse pelo alpinismo fora o de um amador; eu havia me esforçado e me preparado com afinco para cada escalada. Mas agora, atipicamente, grandes sonhos começaram a emergir em minha consciência. Dependendo do ponto de vista, podemos considerar esse o início — ou o início do fim — para mim.

Meus pensamentos rapidamente se concentraram em duas metas relacionadas. Decidi que faria todo o meu treinamento e todas as minhas escaladas com um objetivo final em mente — o Everest — e no processo tentaria o que Dick Bass e poucos outros até então haviam conseguido alcançar: os Sete Picos. Bass tinha concluído sua meta em quatro anos. Com uma imensa dose de sorte, eu achava que o inconcebível poderia se tornar realidade e eu iria me tornar membro de um círculo de elite.

Planos tão grandiosos eram muito incomuns para alguém tão cauteloso. Posso atribuir aquela mudança a uma série de fatores. Em primeiro lugar, minha depressão estava perdendo força. Não havia desaparecido por completo — ainda me sentia péssimo na maior parte do tempo que passava em casa. Mas estava longe de ser a mesma presença sufocante que antes fora, e eu acreditava que as montanhas eram as responsáveis por isso. Embora minha reação à depressão causasse sofrimento à minha família e me afastasse dela, eu tinha motivos para argumentar que o alpinismo havia salvado a minha vida.

Também descobri quanto gostava da companhia dos alpinistas de grandes altitudes. Eles têm traços em comum que admiro. Por exemplo, esse tipo de alpinismo incute sofrimento. Não há muitas reclamações nem conflitos. Eles também tendem a ser muito determinados e costumam ser bem-sucedidos em suas profissões.

É necessário um bocado de esforço e maturidade mental para escalar uma montanha. Não é algo que depende apenas de dons naturais. É preciso adquirir as habilidades necessárias. Alpinistas de grandes altitudes precisam gostar de se colocar em situações em que não sabem ao certo como reagirão. Esse é um dos aspectos mais intrigantes desse tipo de alpinismo. Não importa quão bom você seja, não dá para saber ao certo se vai conseguir. Está se colocando à prova. Espera merecer respeito, não entrar em pânico, perseverar, não perder a coragem, dar tudo de si. Mas você só sabe se será capaz na hora da verdade. De certa forma, teme que, ao ser posto à prova, possa se mostrar uma pessoa de

caráter fraco, nada mais do que um covarde.

Em terceiro lugar, eu havia encarado o Aconcágua com tranquilidade. Aquela era uma montanha e tanto, e em todos os desafios — como a Canaleta — eu reagi muito bem. Senti-me forte. Mais do que isso, eu tinha chegado a quase sete mil metros sem nenhum problema provocado pela altitude. Assim, bastava usar a lógica para concordar com Torrez e acreditar que eu era capaz de escalar o Everest.

Em quarto lugar, como acontece à maioria dos homens, eu precisava me provar desafiando algo concreto e externo, como uma montanha. Antes, eu colecionara diplomas e certificados, acumulando vários artefatos ostensivos de uma boa vida. Agora, tinha aspirações maiores e mais ousadas.

Se tivesse uma boa saúde emocional, eu teria reconhecido que a última frase não fazia sentido. Não havia um pingo de compatibilidade entre o prazer que eu sentia ao correr riscos e as minhas responsabilidades como marido e pai. Usando a razão, não é difícil entender isso. Mas, quando se está cego para o imperativo natural da paternidade, se, como eu, você não consegue enxergar quanto sua família precisa de você, então é muito fácil abandoná-los. Depois de ter tido meu ego acariciado por Torrez, se eu tivesse *genuinamente* uma opinião melhor sobre mim mesmo, não haveria necessidade de escalar mais nenhuma montanha.

Em vez disso, me tornei implacável.

Eu treinava quase dezoito horas por semana, sem saber muito bem o que é necessário para um bom preparo físico. Provavelmente gerei mais estragos do que melhorias ao meu corpo. Meus ombros doíam o tempo todo, e eu não conseguia dormir sobre o lado esquerdo. Um dos meus joelhos estava quase inutilizado por causa da artrite. Eu mal conseguia correr oito quilômetros por causa dele.

Com o tempo, cheguei à conclusão de que era incapaz de desenvolver força física. Eu não sabia se o problema estava nas minhas fibras musculares, na minha constituição física ou no que fosse, mas me esforcei mais do que qualquer um naquela academia e rapidamente estacionei em um nível patético de força. O máximo que eu conseguia levantar de supino eram 95 quilos. Até mulheres pequenas levantam isso. Tenho ossos muito pequenos.

Eu também precisaria lidar com um problema que não sabia ao certo como resolver: o da massa corporal. A partir de conversas e leituras, descobri que a maioria dos alpinistas perde por volta de treze quilos no Everest. Como na época eu pesava mais ou menos 68 quilos, estava magro demais. Precisava encontrar uma forma de aumentar meu peso em um quinto, e esses quilos extras precisariam ser todos compostos por músculo, ou então eu não teria a menor chance no Everest. Além disso, queria ter resistência. Numa montanha, é

necessário ser capaz de destruir seus músculos e consumi-los no dia seguinte.

Por mais estranho que pareça, foi Peach quem encontrou a solução.

PEACH: Em 1990, fui diagnosticada com osteoporose. Parte do tratamento indicado pelo médico para que eu ganhasse massa óssea era o levantamento de peso, que comecei com a ajuda de Brent Blackmore, um *personal trainer*. Em dois anos, havia recuperado por completo minha densidade óssea. Brent era um *personal trainer* muito atencioso e bem-sucedido.

Na mesma época, vi Beck começar a destruir gradualmente seu corpo. Ele se exercitava dezoito horas por semana e estava ficando aleijado no processo. Acreditava que sem sofrimento não chegaria a lugar nenhum, coisa de quem não tem cabeça.

Eu o aconselhei a trabalhar com um *personal trainer*. Beck respondeu que isso era coisa para maricas, ou algo parecido. Mas continuei insistindo, até que um dia, com relutância, ele aceitou conversar com Brent.

BRENT BLACKMORE: Beck não conseguia entender por que Peach precisava de um *personal trainer*. Por fim, ela lhe disse: “Bem, não sou eu quem está machucada, não é?” Beck já havia acabado com os manguitos rotadores, provavelmente depois de tentar levantar peso demais, mas sem nenhuma técnica. Ele estava tentando ficar mais forte a qualquer custo, de forma imprudente.

Peach me perguntou: “Você estaria disposto a trabalhar com meu marido, Beck?”

Eu ainda não o conhecera. Ela marcou um encontro para as nove da manhã de um sábado, e ele veio conversar comigo com relutância.

Beck disse que estava treinando para escalar o Everest. Eu nunca havia treinado um alpinista nem trabalhado com um atleta adulto em processo de preparação para algo tão importante. Seria um grande desafio.

No primeiro dia de treinamento, ele foi embora sem dizer uma palavra.

———

Para ser franco, eu achava que *personal trainers* eram para donas de casa entediadas. Brent e eu meio que avaliamos um ao outro. Era óbvio que ele tinha uma ótima forma física, que praticava o que pregava, mas eu ainda não acreditava precisar daquilo. Quando terminamos no primeiro dia, mal consegui chegar ao carro antes de vomitar.

BRENT BLACKMORE: Na metade da semana seguinte, Peach perguntou se eu tinha um tempo vago para mais uma sessão com Beck.

Ele veio, fez os exercícios e mais uma vez saiu sem falar nada.

Peach havia marcado uma terceira sessão para ele. Por fim, ele me perguntou pessoalmente se eu poderia treiná-lo.

Beck não estava muito em forma. Se me lembro bem, na época ele só conseguia dormir do lado esquerdo, porque o ombro direito doía demais. Colocava um travesseiro embaixo do cotovelo direito. Se saísse daquela posição, acordava com dor. Seu joelho direito também o incomodava. Precisávamos evitar certos exercícios no início.

Após algum tempo, Beck disse: “Sabe de uma coisa? Treinar só no sábado é muito pouco. Você pode trabalhar comigo durante a semana?” Assim, começamos a treinar às 5h30 da manhã nas terças e quintas.

Eu peguei pesado com ele e mostrei que conseguia mais resultado com três horas por semana do que com as dezoito horas que ele fazia por conta própria. Beck descobriu que ficava tão dolorido nas manhãs de quarta depois de ter se exercitado comigo na terça que não conseguia se levantar da cama para treinar, como costumava fazer. Ele também ficou com medo de se exercitar na quarta à noite, porque iria treinar comigo na manhã seguinte.

Usamos uma técnica que trabalha com os músculos opostos na parte superior do corpo. Por exemplo, depois de aquecer, ele começava levantando peso de supino até a falha muscular. Em seguida, eu o colocava para exercitar os músculos das costas com movimentos de puxar, como o remo. Os músculos trabalhados anteriormente eram relaxados, descansados, enquanto ele fazia os movimentos de puxar. O exercício durava até a falha muscular.

Ficávamos alternando entre uma coisa e outra e fazíamos o mesmo com as pernas. Íamos de aparelho em aparelho e fazíamos levantamento de peso por uma hora sem interrupção. Ele dava duro. Eu o fazia se concentrar, pensar no que seus músculos estavam fazendo, desacelerar e sentir os pesos.

Ele foi o melhor aluno que já tive. Muito determinado.

GARRETT BOONE: Beck passou por um incrível processo: a transformação do seu corpo de patologista gentil ao de um alpinista de nível internacional. Ele havia sido um cara frágil, que passava muito tempo examinando lâminas em ambientes fechados. Com o tempo, contudo, transformou seu peitoral, os braços e as pernas. Na minha vida, nunca vi alguém se esforçar tanto.

———

Um dos meus autores favoritos, Dan Jenkins, descreveu o que chamou de “Os dez estágios da embriaguez da humanidade” no livro *Baja Oklahoma*. Cheguei ao topo da lista como alpinista quando alcancei os dois últimos estágios: “Invisível” e “À prova de bala”.

Contudo, esqueci-me da conclusão final de Jenkins: “O último estágio muito provavelmente acabaria com um casamento.”

MEG: Ele passava o dia inteiro se exercitando, e eu nunca o via. Em seguida, ele passava semanas fora escalando montanhas. Era difícil demais para mim, porque eu sentia muita falta do meu pai e queria que ele estivesse aqui.

BUB: Eu nem sequer me dava conta da sua ausência quando ele viajava, porque ele também estava ausente quando estava aqui. Ele chegava em casa às 18h30, comia, relaxava um pouco e ia dormir.

PEACH: Beck se levantava às quatro da manhã para se exercitar e precisava estar na cama às oito da noite. Era um tédio. Não tínhamos vida social.

VINTE E UM

CECILIA BOONE: Mais ou menos nessa época, Beck chegou à conclusão de que Peach precisava ter uma paixão que a motivasse, pois a vida dela era muito monótona, e por isso ela se incomodava tanto com o interesse dele pelo montanhismo. Não foi uma abordagem muito boa da parte dele.

PEACH: Beck nunca estava livre para fazer nada comigo ou com as crianças. Ele simplesmente não estava interessado. Então, começou a dizer que eu precisava ter um *hobby*. Em outras palavras, achava que eu estava infeliz porque não estava fazendo nada que me deixasse realizada.

———

Discuti com Ken Zornes a possibilidade de Peach ficar mais feliz se tivesse algum interesse que eu pudesse entender. Ela é muito inteligente e capaz. Eu achava que, se ela desenvolvesse uma paixão, eu também poderia compreendê-la melhor.

Não estávamos nos saindo muito bem. Achei que ela devia saber que eu não me incomodaria se ela tivesse mais oportunidades para fazer coisas estimulantes. Talvez isso nos deixasse mais unidos.

PEACH: Ou deixasse Beck livre para fazer o que quisesse.

Pensei no que ele disse — que eu não poderia ser feliz apenas cuidando das crianças. E pensei comigo: “Preciso encontrar alguma coisa que me faça feliz.” Então, certo dia, tive uma grande revelação: “Eu *sou* feliz cuidando das crianças. Não preciso fazer mais nada.”

Depois disso, sempre que ele abordava o assunto dos *hobbies*, eu dizia: “Me deixe em paz. Sou perfeitamente feliz. Não me considero uma pessoa sem graça.”

———

Eu estava tendo cada vez mais dificuldade de me concentrar em qualquer coisa além do alpinismo. Na época, ele tinha se tornado uma obsessão plena.

Dois dos Sete Picos já haviam ficado para trás: o Elbrus e o Aconcágua. Em algum momento, eu teria que tentar Denali outra vez. Em seguida, além do Everest, restariam o maciço Vinson, na Antártida; o monte Kilimanjaro, na África; e a Pirâmide Carstensz, em Papua, a província indonésia da porção ocidental da Nova Guiné.

A Pirâmide Carstensz foi uma adição tardia aos Sete Picos. Quando Dick Bass escalou-os pela primeira vez na década de 1980, a Austrália era representada pelo monte Kosciuszko, uma protuberância pouco surpreendente de 2.230 metros de altitude na Nova Gales do Sul. Com o intuito de substituir Kosciuszko por um desafio mais digno — a Pirâmide Carstensz — o fotojornalista canadense Pat Morrow (a segunda pessoa depois de Dick Bass a concluir os Sete Picos) fez uma bem-sucedida campanha para redefinir a Austrália como a Placa Tectônica Indo-Australiana, ou algo assim, incluindo a Nova Guiné.

Das cinco montanhas que eu ainda teria que escalar, o Everest sem dúvida seria a meta mais difícil, mas o maciço Vinson e a Pirâmide Carstensz também tinham seus próprios desafios. O primeiro é o mais remoto dos Sete Picos, com acesso permitido apenas durante um breve período de tempo — por volta de janeiro — por meio de uma única companhia de expedição. Como eu descobriria, muitas coisas podem dar errado na Antártida.

A Pirâmide Carstensz era um desafio diferente. Naquela época em particular, o povo de Papua, descontente com seus soberanos indonésios, havia formado milícias e era considerado uma possível ameaça a quem queria escalar a Pirâmide Carstensz — que eles chamam de Puncak Java, ou “Monte Vitória”.

Então, decidi que meu próximo destino seria o continente mais ao sul do mundo.

Fatos interessantes sobre a Antártida: com catorze milhões de quilômetros quadrados, ela é o quinto maior continente depois da Ásia, da África e das Américas e tem quase o dobro da área da Austrália. Além disso, é o continente com a altitude média mais elevada, o que se deve principalmente ao fato de a Antártida estar enterrada sob cerca de 1.800 metros de gelo. Em alguns lugares, o gelo tem mais de três quilômetros de espessura. Não é de surpreender, portanto, que ela tenha a maior quantia de água potável (congelada, é claro) entre todos os continentes. De acordo com uma estimativa, se todo esse gelo derretesse, os oceanos do mundo teriam uma elevação de 4,5 a seis metros.

Adiós, Miami.

Por outro lado, a Antártida também tem o clima mais seco da Terra, muito mais seco até do que o Saara.

A olho nu, não há ser vivo que possa ser avistado no interior continental. A Antártida é um deserto congelado. Seu pico mais alto, o maciço Vinson (assim batizado por causa de Carl G. Vinson, intrépido congressista da Geórgia), de 4.892 metros de altitude, localizado nos montes Ellsworth, só foi identificado em 1957 e escalado em 1966. Na época em que o visitei, em janeiro de 1993, apenas quinze expedições anteriores — e provavelmente menos de cinquenta pessoas — haviam chegado ao cume do Vinson.

"A Antártida", avisava um folheto, "é uma das regiões mais inóspitas do planeta. Os problemas de logística são imensos, o clima, muito imprevisível e tempestuoso. As distâncias são enormes e a infraestrutura é pobre. A segurança e a autossuficiência são de suma importância."

Esta é a lista de apetrechos que levei para a escalada:

Para os pés:

dois pares de meias finas de polipropileno
dois pares de meias grossas de polipropileno
*um par de botas duplas Janus com meia integrada mais botas externas (*overboots*)*
botas pantufa de pena de ganso da Polar Guard

Para o corpo:

dois pares de ceroulas leves de polipropileno
dois pares de ceroulas térmicas de polipropileno
um par de bermudas folgadas
um casaco Synchilla
calças Gore-Tex Marmot
casaco felpudo
casaco para montanha Gore-Tex
anoraque Marmot Alpinist

Para a cabeça:

uma balaclava Synchilla grossa
um protetor de pescoço
um gorro
uma bandana
um chapéu de bobo da corte (Uma inovação minha. Concluí que, se ia agir como um bobo da corte, era melhor também me vestir a caráter.)
um chapéu de abas largas
uma máscara protetora

dois óculos
óculos escuros com proteção contra raios ultravioleta
dois óculos de proteção de esqui (duas lentes) com 100% de proteção contra raios ultravioleta e radiação infravermelha
duas tiras para óculos
um fluido antineblina
um pano para a limpeza dos óculos
um par de fones de ouvido

Para as mãos:

dois pares de luvas térmicas de polipropileno
dois pares de luvas secas atoalhadas com forro

Bagagem:

mochila de acampamento
saco de dormir — Marmot Penguin
um tapete de espuma de células fechadas
um forro interno Therm-A-Rest com barreira de vapor

Equipamento técnico:

um cinto peitoral e uma cadeirinha
grampões — doze pontas
piqueta com pulseira
machado de gelo
dois nós prússicos de seis milímetros
três mosquetões com rosca
quatro mosquetões simples
um par de bastões de esqui
uma bolsa cargo grande
equipamento de rapel
ascensores (par) com fitas
corda com eslinga
mochila sling

Itens pessoais:

kit de primeiros socorros (incluindo aspirina e Diamox)
faixa de suor
protetor labial fator 15
protetor solar fator 15

atadura adesiva e segunda pele
xícara grande
tigela grande
duas colheres
três garrafas d’água de boca larga com capas de isolamento térmico
canivete suíço
tubo de creme para as mãos
corda de segurança
rolo de fita silver tape
dois isqueiros Bic
câmera fotográfica e filme
várias sacolas com corda de nylon
livros para entretenimento
papel higiênico
rádio de ondas curtas
kit de higiene pessoal
balas
sacos de lixo
toalha de mão
dinheiro e tíquetes
pastilhas de purificação de água
Bactrim oitocentos miligramas
Imosec
pastilhas Pepto-Bismol
Flurazepam
sacos com vedação
sacos de tela

A expedição teve início com um voo para Santiago do Chile e depois para Punta Arenas, uma comunidade de aproximadamente cem mil habitantes, localizada a quase 54 graus de latitude no estreito de Magalhães, na Patagônia Chilena. Punta Arenas às vezes é chamada de cidade mais ao sul da Terra.

O acesso de civis à Antártida passa por um controle rigoroso. Uma das poucas formas de chegar lá é pela Adventure Network International (ANI), uma companhia canadense fundada em 1985. Meu guia, Martyn Williams, de Santa Fé, Novo México, fora o cofundador da ANI junto com Pat Marrow.

Além de levar nosso grupo para o maciço de Vinson, a ANI também estava dando suporte de logística e transporte a três outras expedições em terra — ou

melhor, no gelo — na Antártida.

Uma delas era a American Women's Trans-Antarctic Expedition. As mulheres que a integravam trouxeram paraquedas na esperança de que o vento estivesse bom para que pudessem usá-los para deslizar nos seus esquis. O plano não funcionou. Elas chegaram ao Polo Sul, mas tiveram que voltar para Patriot Hills, a base de preparação da ANI na Antártida.

Já os aventureiros japoneses sequer conseguiram chegar ao Polo Sul e voltaram com ulcerações nas bochechas provocadas pelo frio — condição com a qual eu ficaria bastante familiarizado mais tarde.

Em seguida, foi a vez de Erling Kagge, um norueguês na casa dos trinta anos com o plano bastante audaz de partir da costa até o Polo Sul sozinho e sem nenhuma ajuda, usando o esqui nórdico, e fazer cerca de quarenta ou cinquenta quilômetros por dia. A dieta de Kagge consistiria em bacon cru, o alimento que oferecia o maior ganho calórico. O bacon, pelo menos em tese, é o melhor combustível para alguém que está se movendo rápido num deserto congelado e arrastando consigo um trenó de cerca de 160 quilos. Disseram-me que o truque era comer pedacinhos de bacon a curtos intervalos. Mesmo que a pessoa quisesse, não poderia se sentar para uma boa refeição. Kagge levava o bacon em uma pochete, mastigando-o constantemente à medida que avançava.

Os esquimós comem gordura de baleia, o que mantém seu organismo funcionando, o mesmo efeito que o bacon exercia em Kagge. Se você acha que perto da virada do milênio era de se esperar que alguém pudesse ter inventado algo mais palatável ou mais avançado do que porco cru para Kagge, fique sabendo que o bacon não parece tão ruim quanto *hoosh*, uma mistura terrível que por décadas foi a alimentação padrão dos exploradores da Antártida. De acordo com uma receita fornecida por Malcolm Browne no *The New York Times*, o *hoosh* era um cozido de carne de foca ou de pinguim misturada com banha de porco, farinha, cacau, açúcar, sal e água. Comparado a isso, o estrume congelado com papelão que comi na maioria das expedições que fiz em montanhas era um manjar dos deuses.

Kagge conseguiu chegar ao Polo Sul. Ele já havia conquistado o Polo Norte. Em 1994, chegou ao topo do Everest com Rob Hall e fez um pouco de história com uma transmissão de rádio ao vivo do ponto mais alto da Terra.

Martyn Williams lideraria Barbara Gurtler — uma vovó atarracada e robusta de St. Louis — e eu. Outras duas expedições de dois integrantes iriam se juntar a nós para a escalada. Uma delas era a equipe de Charlotte Fox e Nola Royce, uma administradora escolar e ex-fisiculturista profissional do norte do estado de Nova York. Eles estavam sob os cuidados de Skip Horner, que nascera em Montana e foi a primeira pessoa a se tornar guia de todos os Sete Picos. Também estava a

bordo Sandy Pittman, que estava escalando com o amigo Chris Kinnen. O guia deles era Pete Athans.

Punta Arenas é remota, e quando se chega lá ainda restam 3.200 quilômetros pela frente. Já que seria exorbitantemente caro para a ANI transportar combustível para um lugar tão remoto, a companhia precisa usar aviões capazes de percorrer os 6.436 quilômetros da viagem de ida e volta com apenas um tanque de querosene.

A aeronave escolhida para janeiro de 1993 foi um DC-6, que em condições perfeitas para voar podia ir até Patriot Hills e voltar em doze horas. Acontece que aquela é uma parte do mundo meteorologicamente muito ativa, e é difícil garantir sequer metade de um dia de clima perfeito. Conhecemos Punta Arenas muito bem antes de enfim partir.

Tudo relacionado a essa aventura em particular seria adiado e prolongado, inclusive a guerra que irrompeu entre Peach e eu logo depois.

Após passar dias esperando para partir, fizemos o longo voo para Patriot Hills, onde o DC-6 nos deixou e voltou na mesma hora para o Chile. A rapidez nas chegadas e nas partidas é absolutamente necessária. Se houver uma tempestade enquanto o avião está no chão, é provável que ele não levante mais voo. Se alguma coisa der errado — como uma mudança dos ventos — no caminho de volta com meio tanque, há a possibilidade indesejada de um mergulho no Estreito de Magalhães.

Em janeiro de 1993, Patriot Hills resumia-se a duas barracas grandes e alguns túneis de gelo cavados para os recém-chegados como nós, que precisavam de abrigo imediato. Não havia estruturas permanentes na superfície. Os túneis também são usados para armazenamento. Como o clima ao chegarmos estava mais ou menos agradável, montamos nossas barracas e construímos paredes de gelo ao redor delas, assim como eu fizera em Denali.

Na manhã seguinte, ou o que deveria ser manhã (o sol das antípodas permanece 24 horas no horizonte), todos nós subimos a bordo de um bimotor Otter para o voo de duas horas para o Acampamento Base, a três mil metros de altitude em Vinson. Estava muito frio. Pousamos com o nariz da aeronave voltado para cima, depois de uma placa que dizia BEM-VINDOS À PRAIA DE VINSON, e então desembarcamos.

Depois de montar nossas barracas, precisávamos transportar os provimentos até o Acampamento Um. É preciso lembrar que minha lista de itens não mencionava nem esquis nem raquetes de neve, pois haviam assegurado tanto a mim quanto a Barbara Gurtler que não precisaríamos delas. De acordo com as informações que tínhamos recebido, a neve era muito compacta.

Não era verdade. Barbara, pequena e magra, não teve muitos problemas. Mas

eu era pesado o bastante para que a cada passo minha perna afundasse até acima dos joelhos. Isso me deixou muito chateado. Subimos passando por algumas fendas, deixamos as coisas e voltamos. Todo mundo desceu montanha abaixo em uns dois segundos. Para mim, levou uma eternidade. Trinta horas depois de termos decolado, enfim jantamos e fomos dormir.

Acredito que foi na manhã seguinte que saí da minha barraca e fiquei maravilhado ao ver três sóis idênticos no céu acima das nossas cabeças. Até então, eu não sabia nada sobre o parélio, fenômeno em que uma camada de gelo presente na atmosfera reflete uma imagem do sol em vários pontos no céu.

Os sóis adicionais emprestavam a uma paisagem já surreal uma aparência ainda mais fantástica. Não pude deixar de me lembrar das cenas de abertura de *Guerra nas estrelas* e dos múltiplos sóis no céu do planeta de Luke Skywalker.

Foi na barraca-refeitório que vi Rob Hall pela primeira vez — em um pôster anunciando o serviço de guia que ele iniciara com Gary Ball, amigo e, na época, sócio. Eles se apresentavam como Hall e Ball. Parecia o nome de uma banda de rock.

Fiquei muito impressionado ao saber que Hall e Ball haviam concluído os Sete Picos em apenas sete meses, um feito de logística incrível que culminou no lugar onde eu me encontrava, o maciço Vinson, no dia 12 de dezembro de 1990.

Em outubro de 1993, Gary Ball sucumbiria a um edema cerebral (Hace) no Dhaulagiri, de 8.167 metros de altitude — a sexta montanha mais alta do mundo, localizada no Himalaia. Rob Hall ficou na barraca abraçado ao amigo enquanto ele estava em coma e no dia seguinte enterrou Gary Ball em uma fenda.

No primeiro dia de escalada, vestimos camisetas e chegamos ao Acampamento Avançado após atravessar um pequeno campo de gelo, em boa forma. Mas no dia seguinte uma tempestade nos alcançou antes de chegarmos ao cume, levando todo o grupo de volta ao Acampamento Avançado. Conseguimos alcançar a meta na segunda investida ao topo, que acabou sendo uma decepção. Tudo que encontramos lá foi um bastão de esqui enfiado no chão. A vista do topo do Vinson era espetacular, de acordo com relatos. Jamais saberei, pois meus óculos estavam embaçados. Não conseguíamos enxergar nada. Estava tudo cinza. Em seguida, o tempo começou a piorar. Meu retorno ao Acampamento Base foi feito em parte às cegas, do mesmo modo que acontecera na descida de Denali. Consegui bater um novo recorde mundial com o número de vezes que caí em fendas: foram cinco só naquele dia.

O Otter veio nos pegar na hora marcada, mas quando ele chegou o tempo estava terrível em Patriot Hills, deixando o piloto e o mecânico presos. Eles pegaram suas barracas e camas e se prepararam para acampar conosco — o metal dentro do avião fazia com que ele fosse mais frio do que nas barracas.

Demorou dois dias para que o tempo melhorasse.

Fomos forçados a escavar depósitos de comida velha do Acampamento Base — ovos e vegetais congelados que haviam passado anos lá. Lembro que Sandy Pittman tinha uma bolsa enorme de iguarias: salada de algas, pato defumado e outras delícias incríveis, além de uma câmera de filmagem que ela usava para assistir a filmes dentro da sua barraca. Sandy compartilhou *algumas* dessas iguarias com o grupo. Contudo, apesar de geralmente ser uma boa companheira de expedição, Sandy se recusou a dividir sua garrafa de Jack Daniel's, e o tempo que passei de pé com minha canequinha de metal em frente à sua barraca não mudou em nada sua decisão.

Fora isso, não houve grandes eventos lá em cima no meio do nada, exceto pelo fato de Barbara Gurtler ter conseguido atear fogo na nossa barraca-refeitório. Ela ligou o fogão de forma incorreta, queimando a lateral da barraca. Alguns correram para tentar apagar o fogo, enquanto outros corriam para mergulhar na neve do outro lado.

Deixando a miniconflagração de lado, Barbara ficou chocada com o que cozinhávamos. Martyn, por exemplo, costumava preparar o que chamava de "jantar de restos": ele cozinhava qualquer coisa que encontrasse jogada pelo acampamento.

Foi naquele momento que entrei em contato com um dos maiores alpinistas do século: Reinhold Messner. Enquanto escavávamos os velhos depósitos de comida, encontramos um pacote de pudim com o nome de Messner. Ele estivera lá anos antes. Assim, do meu ponto de vista, de certa forma Reinhold e eu jantamos juntos.

No segundo dia do nosso exílio gelado, fomos envolvidos por nuvens densas, o que era preocupante. Além disso, descobrimos que o Otter havia ficado preso no gelo. Tentamos balançar o avião e liberá-lo com pás. No momento em que a visibilidade estava prestes a chegar a zero, conseguimos soltá-lo, entramos correndo e voltamos para Patriot Hills, onde passaríamos para o DC-6, que faria o restante do voo para Punta Arenas.

Ao menos esse era o plano.

Enquanto vinha do Chile, um dos motores da aeronave explodiu e ela teve que voltar. Não é fácil encontrar um substituto para um motor do D-6 — o mais próximo disponível foi encontrado na Flórida. Assim, não tivemos outra escolha a não ser esperar os oito dias necessários para que o grande pássaro pudesse voar outra vez.

NOLA ROYCE: Eles tinham um rádio que operava com energia solar em Patriot Hills e alcançava Punta Arenas. Quando soubemos que ficaríamos

presos por algum tempo, todos nós demos os nomes de familiares e amigos que precisavam ser informados do nosso atraso. As mensagens supostamente seriam transmitidas de Punta Arenas. Algumas pessoas não entendem que não se tem acesso a um telefone quando se está no meio do nada.

Não sei quantas ligações foram feitas, mas a minha não foi. Minha tia ficou louca em Nova York querendo saber o que havia acontecido comigo, absolutamente louca. Ninguém entrou em contato com ela.

PEACH: Quando Beck fazia essas viagens, ele nunca ligava para saber como estávamos em casa. Passava semanas sem se comunicar.

Eu já estava acostumada. Porém foi uma surpresa quando fui pegá-lo no aeroporto e descobri que ele não estava no avião. Fiquei desesperada.

Telefonei para o guia de turismo. Eles me disseram que Beck devia estar bem, pois se estivesse morto alguém já teria entrado em contato comigo! Em seguida, telefonei para uma amiga que era agente de turismo. Ela me informou que alguém havia cancelado a reserva de Beck no voo para casa. Levou dias para que eu fosse informada de que houve um problema no motor do DC-6 e Beck estava ótimo.

O incidente foi a gota d'água.

PAT WHITE: Lembro-me de como Peach ficou aterrorizada. Ela passou dias sem saber onde diabos ele estava, como estava, se estava morto ou vivo. Foi um prelúdio terrível da experiência que ela teve quando lhe disseram que ele havia morrido no Everest. Esperei com Peach até ela ter notícias. Era como levar um soco no estômago. Peach jurou que não passaria por aquilo outra vez, e eu vi sua raiva e sua determinação.

———

Não estávamos correndo nenhum risco em Patriot Hills, mas também não havia muita coisa para fazer enquanto esperávamos pelo conserto do DC-6. Assim, alguns de nós colaboramos com um projeto. A ANI tinha um monomotor Cessna, que a companhia mantinha o ano todo em Patriot Hills. No passado, eles costumavam fazer um buraco na neve e alocar o avião nele, conduzindo primeiro o nariz. Em seguida, cobriam o buraco, deixando apenas um pedaço da cauda do Cessna de fora para que pudessem localizar o avião no verão seguinte.

Naquele ano, fizemos um tipo de gruta de gelo sob a superfície para dentro da qual baixamos lentamente o avião com a cauda para baixo. Em seguida, cobrimos a cavidade com um teto de compensado e uma rampa para que o

Cessna ao mesmo tempo ficasse protegido e pudesse ser retirado com facilidade no ano seguinte.

Havíamos acabado de concluir o trabalho — Patriot Hills começava a parecer uma colônia penal — quando o DC-6 surgiu no horizonte, pronto para levar o fiel companheiro de Peach de volta para o seu lado. Quando enfim pousei em Dallas, a atmosfera estava pesada; a viagem de carro para casa não foi nada agradável. Peach me informou que iríamos consultar um terapeuta de casais.



Beck e Peach, 1998.



Howard Olson.

PARTE QUATRO



Meg, Beck, Peach e Beck II, outono de 1999.

VINTE E DOIS

PEACH: Acho que Beck não tinha a menor ideia do sofrimento que esse episódio havia causado em mim. Meu cabelo começou a cair, e perdi cerca de dezoito quilos em um período de três meses.

———

Na maioria das nossas conversas, se é que poderíamos chamá-las de conversas, ela me atacava incessantemente. Eu nunca tinha visto ninguém brigar. Meus pais nunca brigavam. Então, quando Peach me mostrava sua raiva, eu me afastava, o que a fazia se sentir pior. Então, ela vinha mais feroz ainda.

Às vezes me aborrecia muito e nós brigávamos. Mas na maioria dos casos eu ficava em silêncio. Ela falava sem rodeios o que a estava incomodando. Eu não conseguia fazer a mesma coisa. Não era bom nisso. Então, ficava calado e me isolava. Passava dias com um nó no estômago, e nós voltávamos repetidas vezes ao mesmo território.

MEG: Por sorte, nossos pais não incluíam meu irmão e eu nisso. Só me lembro de uma discussão por causa do alpinismo. Foi muito tenso. Minha mãe disse algo como: “Se você escalar outra montanha, vou pedir o divórcio.” Depois, eles perceberam que eu havia entrado na sala e não disseram mais nada.

BUB: Não era um assunto abordado em família. Eles conversavam sobre isso apenas entre si. É óbvio que havia tensão, mas eu não escolhia um lado. Tampouco eles tentavam nos persuadir a fazer isso.

LINDA GRAVELLE: Peach e Beck guardavam suas diferenças para si. Ela nos procurava, suas amigas, quando precisava conversar, mas ninguém tinha a sensação de que havia qualquer conflito na casa dos Weathers. Peach sabe fazer as pessoas se sentirem em casa. Era ela quem ditava o tom da casa, e Beck agia de acordo.

PEACH: Certa vez, saímos para jantar com os pais de Beck, e depois resolvi mexer um pouco com ele.

— Por que você nunca discorda dos seus pais em nenhum assunto? — perguntei.

— Não consigo discordar deles por causa do meu amor e do meu respeito. Isso é algo que não se faz — disse ele.

— Bem, Beck, como é que eles algum dia vão saber o que você realmente pensa? — continuei provocando.

Ele não respondeu. Pouco depois, Beck e sua mãe tiveram uma acalorada discussão sobre política. Acho que foi por causa do presidente Clinton. Eu saí do recinto, mas nosso filho ficou para ouvir. Mais tarde, ele me contou:

— Mamãe, fiquei com pena de Mimi — meus filhos chamam a avó da família Weathers de Mimi — porque papai a colocou contra a parede.

— Não fique com pena. Ele está fazendo isso porque não consegue dizer a ela que não quer um suéter vermelho. Ele é bem filho dela — eu disse.

———

Eu não entendia por que não conseguíamos ser mais felizes juntos, já que não havia problemas externos. Tínhamos filhos ótimos. Meu trabalho ia muito bem. Não tínhamos grandes dívidas. Nenhum dos fatores que costumam fazer as pessoas entrarem em conflito estava presente em nossas vidas.

PEACH: O segundo terapeuta que consultamos a princípio também foi inútil.

Depois de termos falado muito, ao longo de várias semanas, sobre o isolamento físico e emocional de Beck em relação à família, ele disse: “Bem, existem pessoas que não precisam de outras pessoas, que gostam de ficar sozinhas. Acho que Beck é assim.”

Isso não nos fez nenhum bem. A verdade é que há algum problema com as pessoas que gostam de ficar sozinhas. É por isso que as chamamos de solitárias. Eu não entendia como aquele cara era incapaz de ver que Beck estava deprimido.

Lá estava eu, sentada, com os cabelos caindo, e ele continuou: “Vocês precisam compartilhar. Precisam conversar e desabafar um com o outro.” Enquanto olhava para ele do outro lado da mesa, eu pensava: “Acho que você sequer está no mesmo universo que nós.”

———

O máximo que aquele cara conseguiu foi encorajar meu comportamento. Ele com certeza disse que não havia problemas em colocar o pé na estrada. “Siga o seu coração! Vá atrás do sonho.” Ótimo!

PEACH: Aquela semana de medo que passei sem saber se Beck estava vivo ou morto foi um divisor de águas em dois aspectos. O alpinismo, que não me agradava, tornou-se algo que eu detestava. Parte de mim pensava que, se ele se importava comigo e com as crianças, como poderia fazer aquilo? Beck afirmava que nos amava, e nunca me ocorreu que ele pudesse não amar as crianças. Talvez não me amasse, mas a eles, sim.

Por outro lado, ele não estava disposto nem a nos deixar nem a ficar ao nosso lado. Depois da Antártida, teria sido muito fácil para ele conseguir um divórcio. Muito fácil.

Mudei um pouco. Parei de me culpar pelos nossos problemas e comecei a colocar a culpa em quem merecia. Agora, eu via que o que Beck estava fazendo era simplesmente injusto. O estranho é que eu sempre havia sido o lado que confiava. Nunca tivera nenhuma razão para não confiar. Beck, é claro, não confiava em ninguém. Mas isso mudou depois da Antártida. Pensei: “É melhor eu cuidar de mim mesma, porque ninguém vai fazer isso por mim.”

Tornei-me mais independente. Não foi tão difícil. Eu só passei a ter minha própria programação.

———

Meus sonhos ilusórios na época me diziam que, não importava quão ruim estivesse a situação com Peach, tudo ficaria bem depois do Everest, chegasse eu ao topo ou não. Eu ficaria bem, e tudo poderia voltar ao normal. Com toda a honestidade, se tivesse chegado ao topo do Everest, eu teria voltado correndo e me preparado para o McKinley. Eu não teria sido capaz de parar sem concluir os Sete Picos. Estaria perto demais. Porém, na época, eu realmente acreditava que não escalaria outra vez após o Everest. Também acreditava que ainda podíamos fazer o nosso casamento dar certo. Nunca iria me divorciar de Peach. Se nos separássemos, seria por escolha dela. Eu ainda a amava, e não havia chance de ficar longe dos meus filhos.

VINTE E TRÊS

PEACH: Uma das razões que levavam Beck a escalar montanhas era sua desesperada necessidade de atenção. Algumas pessoas fazem as coisas com muita discrição. Você precisa extrair informações delas. Já Beck só conseguia falar sobre isso.

Era o treinamento, a próxima escalada, o que ele iria fazer, onde iria fazer. Nos eventos sociais, não importava qual fosse o assunto, ele o conduzia para o seu próximo projeto. Se olhássemos com atenção, podíamos ver as pessoas revirando os olhos enquanto tentavam se livrar dele.

É chato ouvir outras pessoas falarem de si mesmas. Beck não se dava conta disso. Ele não conseguia interpretar os sinais dados por outras pessoas. Não dava a mínima para os sentimentos delas.

TERRY WHITE: Acho que algumas pessoas ficavam realmente interessadas quando ele começava a falar sobre o assunto. Não sei se continuavam interessadas depois de uma hora. É claro que, se você der uma brecha para Beck falar de *qualquer coisa*, ficará ouvindo por pelo menos meia hora. O exame de Papanicolau, por exemplo, é um assunto sobre o qual ele pode falar por um longo tempo — e fala.

PAT WHITE: Beck não é do tipo que se gaba. Acho que na verdade ele era absorvido por aquele assunto. Lembro-me de uma festa em que eu estava com raiva dele por ser tão estúpido. Então, ele começou a falar de alpinismo e conseguiu despertar a minha atenção. Estava descrevendo algo que a maioria de nós não tem a chance de viver. Era encantador, pois ele é um bom contador de histórias. Fiquei interessada mesmo sem querer. Pude entender o que o atraía. Pude ver o poder que as montanhas tinham sobre ele. Acho que o perdoei um pouco.

———

A Pirâmide Carstensz, chamada assim por causa do navegador holandês que foi o primeiro a chegar ao cume, é uma rocha cuja escalada oferece uma dificuldade apenas secundária, sem grandes desafios técnicos.

Há áreas arriscadas, como o movimento que fizemos em Longs Peak, do flanco leste para o flanco norte. É preciso se desguardar e dar um passo no vazio para fazer uma passagem longa e muito arriscada para outra parede. Fora isso, o único problema é a chuva, que aumenta exponencialmente a dificuldade de qualquer alpinista.

Papua, uma província da Indonésia desde a década de 1960 (naquela época chamada de Irian Jaya), está entre os lugares menos explorados da Terra. Há grandes porções do planalto da Nova Guiné que são descritas nos mapas como "obstruídas por nuvens". Só recentemente se chegou a um acordo de que a Pirâmide Carstensz tem cinco mil metros (mais ou menos) de altitude.

Nossa expedição de novembro de 1994 foi liderada por Skip Horner. Voamos para a ilhazinha de Biak, perto de Papua, e depois para a própria Nova Guiné, onde passamos uma noite na cidade de Nabire. Como nos encontrávamos perto do nível do mar e a apenas dois graus do equador, estava muito quente, mas não tão úmido como em Katmandu.

As acomodações em Nabire não eram modernas. Podíamos dizer que tínhamos água corrente só porque nossos quartos tinham barris com torneiras de água fria. Tomávamos banho usando um balde para tirar água do barril, e ela escorria por um buraco no chão diretamente para um esgoto a céu aberto. O mesmo buraco no chão servia de vaso sanitário.

Uma incursão para pegar dinheiro acabou sendo uma experiência especial. Ao que parece, a falsificação é uma indústria próspera naquela parte do mundo, e é necessário cuidado redobrado para não aceitar notas falsas.

O banco local que tentamos usar só aceitava notas novíssimas. Se o dinheiro entregue na troca já apresentasse sinais de uso, eles não aceitavam. Para trocar uma nota de 50 dólares americanos era preciso esperar pacientemente durante uma hora enquanto várias pessoas entravam e saíam da sala para avaliar a nota, virá-la de um lado para outro e ponderar sobre sua autenticidade.

De Nabire, pegamos um voo fretado e voltamos dentro do tempo previsto para Ilaga, um campo de pouso na floresta que crescia sobre um planalto adjacente à vila dani. Uma das diversas tribos da Nova Guiné que ainda vivem na Idade da Pedra, os dani andam descalços, usam cones no pênis, saias de palha e ossos no nariz — pelo que dizem, eles praticavam o canibalismo ritualístico — e parecem ser descendentes de uma árvore genealógica muito simples.

Toda criança tem algum tipo de infecção do trato respiratório superior, e pelo que observei o emblema da tribo era a mosca.

Não parecia acontecer muita coisa na vila, então nós éramos uma distração bem-vinda. Eles eram fascinados por qualquer coisa eletrônica. Uma chance de ver um relógio de pulso com mostrador de LCD era como um ingresso para o Super Bowl. As crianças aproximavam-se, davam uma olhada no meu braço e se afastavam. Era a coisa mais legal que já tinham visto.

Cerca de quarenta dani haviam ido na frente com o nosso equipamento, que carregavam na cabeça. Levaria uma semana para que eles chegassem à montanha, atravessando uma floresta com terreno muito difícil; percorreríamos a mesma distância em três viagens num helicóptero que dividimos com um grupo liderado por Rob Hall. Reconheci o esbelto neozelandês da foto que eu vira na Antártida e fiquei logo impressionado com as suas consideráveis habilidades organizacionais e logísticas. Sob a sua supervisão geral, a expedição fluiu tranquilamente. A previsão era concluir a viagem em três ou quatro semanas, mas atingimos nosso objetivo com facilidade — etapa a etapa — em duas semanas.

Mais para a frente o que me surpreendeu ainda mais foi a preocupação constante de Hall com a segurança. Ele tomava grandes precauções no planejamento da nossa rota. Eu confiava cada vez mais na capacidade de liderança de Rob.

Yasuko Namba também estava conosco. Embora a barreira do idioma impedisse que trocássemos muito mais do que gentilezas triviais, ela parecia uma alpinista experiente e com um bom preparo físico.

Foi uma caminhada de dois dias do Acampamento Base até o ponto de início da escalada, a cerca de 3.048 metros de altitude. Na primeira noite, acampamos em um pequeno prado. Os carregadores dani estavam em uma caverna e cortaram algumas árvores, que usaram para acender uma fogueira na entrada, transformando a caverna em um tipo de defumador de carne. Não consigo imaginar o que poderiam estar fazendo lá dentro, ou como aguentavam a fumaça densa.

Duas coisas interessantes aconteceram no dia seguinte. Um lobo surgiu correndo na trilha. Um dos dani pegou seu arco e uma flecha e abateu o lobo em movimento — um tiro e tanto. Em seguida, ele e o restante dos dani lançaram-se sobre o animal e o comeram cru. Eles não pegaram pedaços do lobo com as mãos, rosnaram uns para os outros e correram em direções diferentes: consumiram o animal bem ali. Devoraram-no completamente.

Eu estava começando a ter a noção de quanto aqueles caras eram durões, senhores do seu habitat, vestindo pouco mais além de sorrisos. Eu, por outro lado, sentia-me um banana privilegiado e fraco. Apesar de todo o nosso equipamento de alta tecnologia, não podíamos estar mais deslocados ali. Além

disso, agora que eu vira como os dani se comportavam quando estavam com fome, fiz questão de ser efusivamente gentil no resto da viagem. Afinal, se eles decidissem nos comer, que eu ficasse por último.

A única coisa que não se podia colocar perto dos dani eram indonésios. Talvez porque o governo de Jakarta estivesse tentando povoar Papua com seus próprios pioneiros — nesse caso, as tribos locais perderiam espaço e seriam marginalizadas — ou lidando com rigidez contra a insurreição civil, as vilas dani haviam sido bombardeadas e os indonésios não eram benquistos por lá. Um dos nossos guias na viagem era um indonésio que em uma expedição anterior cometera o erro de ficar sozinho com os habitantes locais. Eles o perseguiram por uns oito quilômetros. Como todos os dani estavam armados com facas, ele não tinha dúvidas do que pretendiam fazer caso o capturassem.

A segunda particularidade do dia ocorreu quando emergimos acima das copas das árvores na escalada. Exibida em um ponto da trilha, no topo da passagem, estava uma caveira humana. Seu ex-proprietário era desconhecido. Talvez um dani, ou um indonésio mais lento. Para nós, foi uma lembrança clara de que nem todo mundo que pegava aquela trilha retornava.

O grupo de Rob Hall chegou ao cume primeiro, e então foi a nossa vez de subir e descer. Entre quatro mil e 4.500 metros de altitude, tive uma surpresa — uma alteração na visão. Não foi nada dramático. Embora meus óculos de leitura de repente tenham se tornado inúteis, minha visão não ficou embaçada. Ficou só um pouco diferente. Como não havia nenhuma menção disso em nenhum lugar na literatura sobre a ceratotomia radial, presumi que fosse um efeito colateral simples e sem importância da minha operação recente. Eu não fazia ideia da crise que enfrentaria na altitude muito maior e nas baixíssimas condições de luminosidade no monte Everest.

O que me levou a me submeter ao procedimento foi algo que acontecera em New Hampshire, numa escalada em gelo com Steve Young. Na época, eu já tentara tudo: óculos de proteção com lentes de grau ou com ventoinhas minúsculas, lentes de contato gelatinosas, duras e semiflexíveis. Nada funcionou.

Em New Hampshire, eu estava tentando escalar um paredão de gelo com cerca de nove metros, completamente vertical, fazendo muito esforço físico e começando a suar. Meus óculos começaram a ser cobertos por uma camada de gelo por causa do vapor produzido pela minha pele, até que não consegui mais ver para onde estava indo. Acabei caindo e fiquei suspenso por um único laço no pulso. Bati com o rosto na parede de gelo e não conseguia ver onde colocar os pés.

Young, que estava me segurando por uma corda, riu de mim quando peguei a

piqueta com a outra mão e bati a esmo na parede até conseguir penetrar a superfície do gelo, em seguida fincando os grampões dianteiros. Eu gritei a cada passo, até que finalmente cheguei ao topo. Foi naquele momento que decidi: “Ok, vou fazer uma cirurgia nos olhos.”

PEACH: Beck não era um candidato para a ceratotomia radial. Ele não conseguia encontrar ninguém no Medical City disposto a operá-lo. Quando se é muito míope, como no caso dele, é preciso um corte profundo, o que significa ficar mais suscetível a variações em grandes altitudes. Ele fez a cirurgia mesmo assim.

Todo mundo sabia que faltava pouco para a cirurgia a laser estar disponível. Conversei com Beck sobre isso. Perguntei: “Por que você não espera seis meses? Esse método novo que está vindo por aí é muito melhor. Não vai prejudicar seus olhos.” Ele respondeu que não.

Se fosse hoje, acho que ele não faria a cirurgia.

———

Uma chuva fortíssima caiu na Pirâmide Carstensz assim que voltamos para o Acampamento Avançado. Skip Horner voltara carregando parte do nosso equipamento e foi pego de surpresa pelo dilúvio, que transformou a parte superior da montanha em uma cachoeira. Felizmente, Horner chegou ao acampamento a salvo.

Em seguida, todos nós retornamos para o Acampamento Base, de onde o helicóptero nos levou de volta para a vila dani. Passamos a noite nas cabanas de palha da vila. Preocupados com as doenças que podiam estar presentes nessas acomodações, alguns preferiram dormir nas suas próprias barracas.

Antes de o voo fretado chegar para nos pegar no dia seguinte, assisti a um jogo de futebol de alguns meninos dani — ou pelo menos sua própria versão do jogo. Não havia gol, e em vez de uma bola de futebol comum eles usavam uma bola de tênis velha. Como os adultos, estavam seminus.

Um deles tinha só uma perna e andava com a ajuda de um cajado — um pedaço de pau, e não uma muleta. Mas ele era durão, e ninguém tinha pena dele. O grupo estava se divertindo muito, rindo e correndo de um lado para o outro no barro. Eram crianças adoráveis. Não pude deixar de pensar que seria impossível ver algo semelhante no norte de Dallas.

VINTE E QUATRO

Em 1994, deixei Peach furiosa outra vez ao comprar uma motocicleta grande e veloz projetada para o uso em estradas — a Honda ST 1100. Eu lhe dei o nome de Scarlett O'Honda. Peach odiava Scarlett. Acho que nunca fiz nada que já tenha deixado minha esposa tão furiosa. A moto causava tanta desarmonia entre nós que a simples menção do seu nome irrita Peach até hoje.

Não conseguimos sequer concordar em relação às circunstâncias exatas em torno da aquisição de Scarlett, exceto pelo fato de eu ter passado um bom tempo falando sobre isso sem parar e deixando todo mundo irritado e de ter aproveitado uma ocasião em que Peach e as crianças se ausentaram para trazer para casa minha nova fera brilhante. Lembro-me de ela ter no final das contas cedido à minha persuasão intensa. A lembrança de Peach é diferente.

PEACH: Se tivesse sido só o alpinismo, incluindo o Everest, talvez tudo fosse diferente. Mas, se ele achasse que eu detestaria algo, ele fazia. Primeiro eram as armas, e depois a moto. Ao que parece, é uma característica de indivíduos depressivos provocar justamente as pessoas mais próximas. E ele fazia questão de esfregar isso na minha cara.

———

As motos foram só mais um *hobby* pelo qual me apaixonei, perdi o interesse e depois retomei. No colegial, eu tive uma Vespa. Quando estava fazendo residência, tive uma Suzuki. Abri mão da Suzuki quando percebi que estava ficando um pouco imprudente na direção. Sempre gostei de dirigir rápido minhas motos. Mas isso não tinha nenhuma relação com a depressão.

PEACH: É claro que tinha relação com a depressão.

Quando finalmente consegui tolerar o alpinismo, ele trouxe aquela coisa para casa.

Eu a detestava.

Falei: “Se você comprar uma moto, eu compro um carro novo.” Não ligo para carros. Dirijo o mesmo por seis ou sete anos. Mas ele comprou a moto, então comprei um carro. Ele não deu a mínima, e eu não me senti melhor com isso. Eu gostava do carro novo, mas não serviu para nada.

Scarlett não era só uma moto. Ela era rápida e potente, mais uma coisa para afastá-lo de nós. Por exemplo, quando íamos à praia, em vez de ir comigo e com as crianças, ele ia de moto. Acabava passando um dia conosco e depois voltava pilotando.

Aquela moto também era muito complicada. A bateria arriava. *Sempre* tinha alguma coisa errada com ela. Por fim, ele decidiu vendê-la, mas não vendeu. Tinha um milhão de razões para não vender. Então, eu sabia que me livrar dela seria tarefa minha. Não havia nada que eu detestasse mais, porém eu tinha toda a certeza de que a tarefa de dar um fim nela sobraria para mim.

———

O monte Kilimanjaro só entrou nos meus planos quando comecei a considerar a possibilidade de escalar os Sete Picos, o que também me levou ao Everest. O Kilimanjaro está entre as montanhas mais famosas do mundo, e, com 5.885 metros, é alta o bastante para causar problemas para os mais descuidados, em especial aqueles que não passam tempo o suficiente se adaptando. Contudo, Kilimanjaro não é exatamente uma escalada, e sim uma boa trilha onde encontramos muitos amadores.

Fui para a África no final de dezembro de 1995 com um grupo liderado mais uma vez por Skip Horner.

Voamos para Nairóbi e depois seguimos de carro para o ponto de partida da trilha na Tanzânia. Lá, encontramos nosso grupo de carregadores, composto em sua maior parte por homens, mas também por algumas mulheres, e liderado por um cara genial chamado Genesis.

Além das tarefas costumeiras de carregar nosso equipamento para a montanha, montar e desmontar o acampamento, a equipe de Genesis também cantava. Até onde sei, eles são os melhores carregadores cantores do mundo (os dani entoavam cânticos), um verdadeiro coro *a cappella* que havia dominado diversas canções no seu idioma nativo (acho que era suaíli), incluindo algumas composições originais. Eles as cantavam para nós em uma série de concertos à luz do dia. Eu gostava muito.

Fora isso, não gostei de quase mais nada. Enquanto atravessávamos a imensa planície verde que se eleva gradualmente até o Kilimanjaro, fui tomado pelos costumeiros males dos alpinistas: vômitos, dores etc. Embora seja impossível

determinar a causa disso, meu palpite é que a comida não me fez bem.

Minha salvação foi um médico que integrava a expedição. Por sorte, ele havia levado um antiemético — em suma, um tranquilizante forte — que me fez dormir um longo sono profundo do qual acordei me sentindo péssimo.

Enquanto eu me vestia naquela manhã, Skip Horner veio falar comigo. Com o típico tom preocupado de um guia de montanha, ele disse: “Talvez você não goste muito, mas vai subir ao cume.” Ele estava certo. Após uma caminhada de três dias em um terreno suave, descansamos e em seguida fizemos o tradicional ataque à meia-noite ao cume do monte Kilimanjaro, pico Uhuru.

Próxima parada: monte Everest, que eu planejava escalar na primavera. Já fazia pelo menos quatro anos, desde o Aconcágua, que eu não conseguia tirar a montanha da cabeça, mas eu queria estar muito bem preparado. Do meu ponto de vista, teria sido presunção escalar, digamos, Denali, e então escalar outra montanha qualquer e em seguida ir para o Everest. Os Sete Picos não são só picos. Eu também me sentia atraído pelo processo, pelas pessoas, por fazer parte daquele mundo.

Depois da expedição de 1994 à Pirâmide Carstensz, telefonei para Skip Horner e perguntei quem ele indicava como guia para o Everest. Ele respondeu que achava que Rob Hall provavelmente era o guia mais experiente da montanha. Entrei em contato com Rob e pedi para ser incluído na escalada de 1996. Rob me deu as boas-vindas.

O ano de 1996 foi importante para mim. Fiz cinquenta anos, e havia lido em algum lugar que não era recomendável escalar montanhas muito altas depois dessa idade. É quando começam os problemas fisiológicos. Nessa idade, a pessoa já ultrapassou o ápice de sua capacidade física, que entra em declínio. Percebi que a cada ano eu perdia um pouco da minha determinação, que não tinha mais o mesmo nível de energia e resistência. A janela estava se fechando para mim.

Durante cinco anos, se não estava trabalhando ou dormindo, dedicava meu tempo exclusivamente ao preparo físico e ao alpinismo. Uma disciplina monástica assumira minha vida. Agora, faltando apenas cinco meses para eu escalar o Everest, reforcei meu programa de condicionamento físico.

PEACH: A primeira vez que o ouvi falar do Everest foi em um restaurante em Dallas, onde estávamos comendo hambúrgueres. Um conhecido nosso, John Hazleton, aproximou-se e parabenizou Beck por ter sido aceito na expedição. Fiquei com o queixo caído. Eu não fora informada sobre a viagem, e muito menos sobre o custo: 65 mil dólares.

O que tornava a notícia ainda mais perturbadora era o fato de que Bub estava

prestes a sair em sua própria aventura selvagem: uma expedição escolar pelas montanhas do oeste do Texas que estava me deixando muito preocupada. Era um evento anual. Em uma viagem recente, um dos meninos tivera um edema pulmonar, o mesmo problema que possivelmente acometera meu marido em Denali. Eu sabia que era perigoso e me perguntava se os líderes da expedição estavam bem equipados para lidar com esse tipo de emergência. Considerando as evidências, eu achava que não.

Na época, quase três anos depois da Antártida, eu havia me acostumado a levar minha vida paralela à de Beck. Nós ainda morávamos sob o mesmo teto quando ele estava na cidade, mas era como se fôssemos estranhos íntimos.

Quando ele estava fora, eu me recusava a ficar em casa — viúva do alpinismo e sua cria. Assim, quando Beck foi para o Kilimanjaro, por exemplo, levei as crianças para Nova York, onde nos divertimos muito. Eu certamente não ficaria esperando as pessoas me convidarem para ir às suas casas por pena.

———

Eu nunca me exercitava menos do que cinco dias por semana, e fazia cinco anos que me levantava para treinar às quatro ou 4h30 da manhã seis dias por semana. Minha grade horária com Brent consistia em três sessões semanais de uma hora — treinos de força —, alternadas por três dias de resistência e exercício aeróbico. Essas sessões geralmente começavam com o aparelho elíptico para trabalhar os membros inferiores. Em seguida, eu passava trinta minutos no simulador de escada antes de concluir a sessão com mais trinta na bicicleta horizontal. O domingo era o único dia em que eu não treinava.

Naquele momento, acrescentei uma hora de exercício aeróbico aos treinos de força, além de mais meia hora de manhã nos dias do exercício aeróbico e outra meia hora à tarde. Para isso, precisei me matricular em duas academias.

Não tomava vitaminas, minerais nem suplementos alimentares, e tampouco tinha uma dieta diferenciada. A dieta que eu adotava era a “ver e comer”: você come tudo o que vê. Desse modo, finalmente consegui passar dos 68 quilos que eu tinha quando comecei a escalar montanhas para 82 quilos, a minha meta.

PAT WHITE: Peach não estava nada feliz com a perspectiva de Beck escalar o Everest. Lembro que meu marido e outras pessoas temiam que Beck fosse acometido novamente pela geladura. Mas a piada era: “Isso não vai ser nada. Esperem só até ele chegar em casa e Peach arrancar um pedaço do couro dele por ser tão burro.”

PEACH: Tentei fazê-lo conversar com as crianças. Eu disse: “Você precisa conversar com eles e prepará-los para o caso de alguma coisa acontecer e você não voltar.” Ele não atendeu ao meu pedido. Quando lhe pedi uma procuração, ele ficou furioso. Falei: “Isso não é opcional.”

MEG: Quando descobri que ele ia escalar o monte Everest, senti que havia sido traída. Eu o chamei para uma conversa em casa quando ele voltou do Kilimanjaro e disse:

— Por favor, por favor, não vá. É muito perigoso!

— O índice de mortalidade no Everest não é tão alto. — Foi a resposta dele.

Suponho que isso se aplique às pessoas que não chegam nem ao Acampamento Dois. Mas eu havia lido em algum lugar que muitos dos que chegam ao topo não conseguem descer. Eu realmente não queria que ele fosse para lá. Ele não me deu uma explicação satisfatória.

———

Eu não acreditava que um acidente pudesse acontecer comigo. Realmente acreditava que passaria algumas semanas fora e voltaria intacto. O problema desapareceria por completo. Ignorei o temor de Meg porque tinha certeza de que nada iria me acontecer.

CECIILA BOONE: Fomos à casa deles na noite antes de Beck viajar para o Everest para nos despedirmos dele e lhe desejar sorte. Peach estava no quarto e se recusou a sair.

GARRETT BOONE: Os dois filhos deles estavam lá. Na nossa frente, ele repetiu várias vezes que tudo ficaria bem. Não era perigoso. Rob Hall era o melhor. Ele havia planejado tudo meticulosamente. Tudo daria certo. O que me chamou mais a atenção não foi o que ele disse, mas o motivo que o levava a falar aquilo. Era óbvio que as crianças estavam preocupadas com o fato de seu pai se ausentar e de sua mãe estar tão chateada.

CECILIA BOONE: Ele estava conversando conosco, mas ficou claro que a mensagem também era para as crianças.

PAT WHITE: Pouco antes de ele partir para o Everest, nós nos encontramos para um café. Peach estava muito dividida. Ela contou que seria

difícil levá-lo ao aeroporto. Disse: “Estou com raiva, mas ao mesmo tempo estou com muito medo de alguma coisa acontecer. Ninguém quer arrancar o couro de alguém que se ama, não quando essa pessoa está prestes a enfrentar uma situação perigosa. O que você quer é abraçá-lo e dizer que o ama.”

TERRY WHITE: As pessoas que conheciam Beck não achavam necessário que ele se tornasse um alpinista para que gostássemos dele e o respeitássemos como ser humano. Isso era uma necessidade dele, e não dos seus amigos. Ele não precisava fazer isso por nós. Umas seis semanas antes de ele ir para o Everest, chamei-o para uma conversa no escritório, fechei a porta e lhe disse que ele não precisava provar para mim que era meu amigo. Se ele não fosse, eu não me importaria. Acho que ele ficou surpreso, mas também gostou de ouvir aquilo. No entanto, não sei se isso teve alguma influência em sua decisão. Provavelmente, era algo que eu deveria ter dito antes.

———

Não me lembro da resposta exata que dei a Terry, mas em suma foi: “Fico muito feliz com o que você me disse, mas preciso fazer isso. Estou preparado.” Fiquei comovido com o que Terry falou. A maioria das pessoas não tem coragem de dar um passo à frente e dizer: “Abandone seu sonho. Ninguém vai culpá-lo.”

Em parte, decidi ir porque queria provar algo a mim mesmo. Mas, àquela altura, eu podia igualmente decidir pular de um precipício. É possível reconsiderar a ideia no meio do caminho, mas não há como voltar atrás.

VINTE E CINCO

Quando desci a montanha, primeiro tive de lidar com o meu estado e considerar onde estava. Uma das coisas estranhas dessa história é que ninguém — nem eu — sabia quão grave era o meu estado. Primeiro, eu estava morto. Depois, não estava. Então, podia morrer outra vez. E aí veio Madan K. C. e o resgate de helicóptero. Levaria semanas para eu saber a infeliz realidade da minha condição de saúde.

Todas as fotografias que eu já vira de ulcerações do frio eram de mãos inchadas e cheias de bolhas. Na clínica em Katmandu, minhas mãos estavam frias e tinham a coloração cinzenta, como um pedaço de carne esquecido dentro de um saco no freezer por uns anos. Mas não havia inchaço, nem coloração grotesca ou bolhas. Eu sabia como eram as ulcerações causadas pelo frio. Quando as pontas dos meus dedos congelaram em Denali, senti *muita* dor. Dessa vez, não havia dor nenhuma.

A única dor era a emocional. Senti-me humilhado no Yak & Yeti quando descobri que haviam colocado um cara em frente à porta do meu quarto para limpar a minha bunda se fosse necessário. Eu preferia passar uma semana sem comer para evitar aquilo — uma situação na qual já me encontrava, por sinal.

Por sorte, Dan apareceu. Depois, saímos para comer alguma coisa. Encontramos um restaurante muito agradável no hotel, com um lindo ambiente, e logo percebi que eles não tinham ideia do que fazer comigo. Como iriam me servir?

Eu precisava encontrar alguma coisa no cardápio que pudesse comer com colher, e mesmo assim Dan teria que me dar a comida na boca. Não fiquei muito entusiasmado com isso.

E havia as reações das outras pessoas: o alto funcionário público nepalês que me olhou dos pés à cabeça; a faxineira que deixou o esfregão cair. Eu estava começando a descobrir qual era a sensação de ser uma aberração.

Mas ainda não fazia ideia da dimensão do desastre que se abatera sobre mim.

De volta ao lar em Dallas, onde Terry White passou a cuidar das minhas necessidades médicas, marcaram uma consulta para mim com o cirurgião de

mão Mike Doyle. Ele pediu que eu espalmasse as mãos, fechasse o punho e depois cruzasse os dedos. Consegui fazer tudo isso.

Mike disse: “Você provavelmente vai perder a maioria dos dedos da mão direita e as pontas dos dedos da mão esquerda. Precisamos fazer uma ressonância magnética para darmos uma olhada nos vasos sanguíneos.”

Ele me telefonou no mesmo dia. Percebi que estava preocupado. “Não sei como lhe contar isto”, começou, “mas você não tem nenhuma circulação sanguínea na mão direita. Ela para acima do pulso. E tem muito pouco na mão esquerda. Não sei o que dizer.”

Meu congelamento havia sido tão severo que os vasos sanguíneos não estavam mais funcionando. Eles haviam congelado e estavam cheios sangue coagulado. Não surgira nenhum edema ou inchaço porque eles estavam completamente mortos: sem vasos, sem circulação.

Foi uma notícia terrível. Basicamente, eram apenas fantoches. Eu ainda era (por enquanto) capaz de usá-los porque os tendões que os controlavam estendiam-se até os antebraços. Mas minhas mãos não serviam mais para nada.

Meu filho, Beck, e seu amigo Charles White adaptaram o controle remoto da TV, colando palhetas de madeira nele para que eu conseguisse apertar os botões. Fiquei ao mesmo tempo comovido e entristecido com o gesto.

Temos uma grande amiga, Yolanda Brooks, que oferece consultoria a empresas que querem tornar seus escritórios acessíveis para deficientes físicos. Ela trouxe livros sobre como digitar com os dentes e uma série de outros dispositivos para adaptação, cada página uma comprovação da minha dependência.

Houve alguns momentos de humor negro. Lembro-me de estar sentado em uma cadeira quando um pedaço grande da minha sobrancelha direita, com os pelos, caiu na minha mão. Mais tarde, eu estava caminhando pelo corredor quando meu dedão esquerdo quebrou, separando-se do meu pé, e saiu rolando.

Nossos abajures foram uma surpresa interessante. Eles são ligados e desligados pelo toque humano. É claro que o toque das minhas mãos mortas não fazia nada acontecer.

De qualquer modo, eu tentei salvar minhas mãos, ao menos em parte. Comecei a fazer hidroterapia duas vezes por dia, sete dias por semana. Fazia todos os exercícios. Mas na verdade tudo o que estava fazendo era exercitar meus fantoches mortos.

Gradualmente, fui percebendo que meus dedos, um por um, estavam virando pedras. Um dia, conseguia fechá-los completamente. Em seguida, só os fechava pela metade. No dia seguinte, eles mal se mexiam. Por fim, eu não conseguia mais mexê-los. Eu os observei enquanto endureceram, pararam de funcionar e então mumificaram.

Era possível ver a separação entre tecido vivo e tecido morto nos meus pulsos, local em que meu corpo tentava se livrar do membro morto. Na verdade, o organismo consegue fazer isso com algo pequeno, como um dedo da mão ou do pé. Mas não com algo grande como o pulso ou a mão. Nesse caso, é preciso amputar.

Meu nariz também havia congelado e em algum momento cairia. Mas naquele momento eu não estava muito preocupado com o meu rosto. O pior que podia acontecer era eu ficar muito feio. Porém, precisava amarrar uns petiscos no meu pescoço se quisesse que minha cachorrinha parasse de fugir de mim, e isso me incomodava.

Com as minhas mãos, a história era diferente.

Certo dia, meu irmão Kit apareceu e foi a uma sessão de hidroterapia comigo.

"Não seria ótimo", disse ele, "se pudéssemos comprar uma única mão de mentira, pintá-la de preto e colocá-la na água? Aí, você colocaria sua mão debaixo do braço e gritaria: 'Minha mão caiu!'" Achei a ideia muito engraçada e teria feito aquilo se Kit houvesse conseguido a mão falsa.

Nessa mesma época, eu estava tentando conservar minha independência e ao mesmo tempo cedendo à minha necessidade de ajuda, que era uma realidade inescapável. Deixar Dan limpar o meu traseiro já era incômodo, mas eu *detestava* que Peach fizesse aquilo.

Peach também me ajudava no banho. Só tentamos usar a banheira uma vez. Tudo ia bem, até que tentei sair e percebi que estava fraco demais para conseguir. Por um momento, cheguei a pensar que teríamos de drenar a água e telefonar para alguns amigos virem me ajudar a sentar na beira da banheira, assim eu poderia ficar de pé.

Depois de algum tempo, consegui me levantar. Dali em diante, quando precisávamos lavar meu cabelo, eu usava um banquinho para me apoiar na bancada da pia da cozinha. Assim, eu sabia que poderia rolar de lá para o chão.

PEACH: Eu não dizia nada, mas naquele período havia a presença implícita e constante da frase: "Eu avisei."

———

Eu me recriminava. Não por ter ido para o Everest. Quer *dizer*. Por mais estranho que pareça, havia certa recompensa no fato de eu quase ter morrido em um lugar famoso. Isso facilitava as coisas. É diferente de se envolver em um acidente industrial ou enfiar o dedo no bocal de uma lâmpada.

Eu havia sobrevivido, o que era um fato concreto e um contraste em relação

àqueles caras que não tiveram a mesma sorte. Isso ajuda a seguir em frente. Depois de me ouvir contar a minha história para uma plateia, um astronauta americano muito famoso me disse: “Aquele dia deve ter sido um coice na sua bunda.” Sim, senhor, sei disso.

No final das contas, coisas como ter ajudado na produção do filme da expedição feito pela Imax, o que aconteceu quando eu ainda estava com as mãos enfaixadas, também foram uma forma de terapia. Foi algo além de ficar sentado no quarto olhando para a parede.

Contudo, a ficha em relação à realidade da minha situação foi caindo de formas inesperadas. Demos uma festa para Meggie em um fliperama não muito longe da nossa casa. Havia uma festa para crianças mais jovens — de sete ou oito anos — na mesma hora e local. Essas crianças vinham correndo, olhavam para mim e paravam na metade do caminho, chocadas.

Cada incidente como esse reforçava a minha consciência de como eu havia mudado e do quão diferente estava de todas as outras pessoas.

Acho que a única dor física significativa que eu sentia nesse período era causada pela infecção no meu braço direito. Ele estava vermelho e inchado, e a cada dia era possível ver a infecção avançando. Fizemos várias tentativas antes de encontrar um antibiótico forte o bastante para acabar com ela.

Com todas as várias infecções que eu tinha, passaria mais de um ano em um regime regular de antibióticos. Sempre que tentava parar, aparecia pus em algum lugar, e aí era necessário voltar para os antibióticos.

A verdadeira agonia ainda não havia começado. Mais tarde, a piada seria que eu passaria por tantas cirurgias no ano seguinte (onze, no total) que os médicos não desperdiçariam tempo me costurando. Eles simplesmente fechariam um zíper. De fato, havia um fundo de verdade nessa piada. Em momentos variados, tive reações alérgicas às ataduras cirúrgicas, aplicadas em quase todas as partes do meu corpo. Assim, como se não fosse indignidade o suficiente, minha pele se enchia de bolhas e descascava embaixo das ataduras enquanto o resto do meu corpo era costurado, retalhado e fatiado, pedaço por pedaço.

Mike Doyle encontrou um cirurgião especializado em plásticas reconstrutoras para mim. Greg Anigian iria me operar para salvar o que fosse possível da minha mão esquerda. Mais tarde, também reconstruiria meu nariz destruído. Cirurgiões plásticos especializados em reconstrução — cirurgiões plásticos “sujos”, na linguagem hospitalar — são muito diferentes de seus colegas especializados em cirurgias plásticas cosméticas. Não são engenheiros da vaidade. O que fazem são coisas importantes, e eles geralmente são fantásticos no seu ofício. Os melhores podem fazer verdadeiros milagres. Eu colocaria Greg entre os melhores, mesmo ele tendo estudado na Texas A&M.

Resolvemos adotar uma estratégia cirúrgica em que eu ficaria dezesseis horas desacordado sob anestesia geral enquanto Doyle e Anigian me cortavam e costuravam. A parte de Mike era relativamente simples. Se sobrasse alguma coisa do meu pulso direito, ele poderia fazer uma adaptação com um dispositivo de alta tecnologia. Ao menos tentaria preservar o máximo possível de tecido para o dia em que a tecnologia biônica avançada se tornasse disponível.

Contudo, como não foi possível salvar nenhuma parte do pulso, a decisão foi simples: cortar o membro até o comprimento apropriado para uma prótese comum, como a que uso hoje. Esse tipo de cirurgia pertencia ao século XIX, à Guerra Civil. Foi essencialmente uma amputação nos moldes das que eram feitas no campo de batalha.

A outra parte da minha cirurgia foi trabalho digno do século XXI: complexo, longo e feito em várias etapas — para não mencionar arriscado. Greg Anigian faria uma microcirurgia e brincaria com vasos minúsculos. Havia risco de trombose e de provocar a morte de mais tecido. Eu não queria ficar com dois tocos.

Uma das primeiras coisas que percebi depois da cirurgia foi que eles colocaram um Doppler fetal em mim — o tipo usado nas barrigas de mulheres grávidas — para acompanhar a circulação na minha mão.

Anigian tinha uma pequena parte do meu polegar e quase toda a minha palma para trabalhar. O material que ele usou foi um pedaço de fáscia da lateral de minha cabeça, um pedaço do músculo latíssimo dorsal esquerdo (e seu suprimento sanguíneo) e uma fatia generosa de pele do meu lado esquerdo.

Ele envolveu o toco resultante da amputação com o tecido musculoso e o ligou à artéria radial. Em seguida, colocou a fáscia ao redor do meu polegar e também a costurou à artéria. Por fim, cobriu tudo com a pele extraída da minha lateral, criando um tipo de luva de beisebol.

DAN: Eu estava esperando por Beck na sala de recuperação após a cirurgia. Ele seria extubado — ou seja, removeriam o tubo inserido na sua traqueia para ajudá-lo a respirar.

Não me lembro de ter visto ninguém com tanta dor. Ele tremia incontrolavelmente. Embora ainda estivesse sob o efeito das drogas, Beck estava passando por uma dor excruciante.

O anestesista estava lá e decidiu dar mais morfina a Beck. O problema era que mesmo uma pequena dose além da que já havia sido aplicada dificultaria sua respiração. Assim, enquanto o anestesista administrava a morfina, fui para a cabeceira da cama e usei um reanimador pulmonar manual, que é uma bolsa de borracha autoinflável usada para ajudar os pacientes a respirar mecanicamente

bombeando ar para os seus pulmões. Acho que passei mais ou menos meia hora apertando o reanimador.

———

Depois da cirurgia, acordei com tremores intensos. A dor era excruciante, e não havia nenhum ponto do meu corpo que não doesse. Um simples toque parecia uma surra com pedaços de pau. Era como se eu estivesse tendo uma convulsão monstruosa, mas não era uma convulsão, pois a causa não estava no meu cérebro. É mais provável que meus músculos estivessem polarizados e sendo ativados sem nenhum controle. Pense em um tipo de tremor em que todos os seus músculos estão não só um pouco contraídos, mas no limite. Tudo intenso, gritando.

BUB: Apesar da aparência física do meu pai, ele parecia estar bem quando voltou do Everest para casa. Não me dei conta de como os danos haviam sido graves até depois da cirurgia de amputação da mão dele.

Na sala de recuperação, eu o via levantar a cabeça na tentativa de ver o que havia ao redor. Ele estava tremendo. A cabeça tremia por causa do esforço. Então, de repente, percebi como a dor era intensa.

———

A região do meu lado esquerdo de onde haviam tirado o enxerto estava coberta com um curativo oclusivo; isto é, um tipo de filme impermeável com a borda elástica. Se você tiver sorte, o curativo fica no lugar, selado e estéril, e tudo corre bem. Mas, se ele sair, como foi o meu caso, e o ar entrar em contato com a pele, a dor é intensa.

Uma grande área foi exposta e logo foi colonizada por um estafilococo resistente à medicação. A infecção foi dolorosa e suja. Uma substância pegajosa começou a sair de mim. Toda a parte do meu lado esquerdo que estava coberta pelo curativo ficou com uma coloração amarelo-esverdeada. Pus e bactérias. Eu cheirava mal. Deixei a sala de operação deserta. Todos saíram correndo e tapando a boca.

Deixaram um dreno na ferida por seis ou oito semanas.

Enquanto isso, os urros das sinapses neuromusculares que disparavam no meu corpo inteiro enfim foram se acalmando, exceto nas áreas das duas amputações. Quando nervos grandes são cortados, cada um deles começa a gritar sem parar. Isso durou um ano. Eles simplesmente não desistem. A sensação é a de bater constantemente o osso do cotovelo. É desconcertante, um grito insuportável

atravessando meus dois braços.

Quando isso enfim passou, fui dominado por um novo sentimento — o isolamento físico. A pior parte de perder as mãos é que se perdem muitas sensações. Das percepções sensoriais, 40% ocorrem por meio das mãos. Elas são importantes dispositivos do sistema sensorial.

E há outro problema óbvio: não se pode mais pegar e manipular as coisas. Por exemplo, meu kit de malabarismo. Quase nada do meu equipamento sobreviveu ao monte Everest, mas, quando finalmente recebi minhas coisas em Dallas, lá estava o meu manual de como fazer malabarismo e três bolinhas. Não pude deixar de rir.

Naturalmente, estudei meu caso a fundo e descobri que havia uma grande diferença entre amputados, como eu, e indivíduos que nasceram sem mãos. Eles costumam se adaptar muito bem. Por exemplo, conseguem fazer coisas fantásticas com os pés; não há muita coisa que *não* sejam capazes de fazer.

Por outro lado, eles têm problemas quando chegam à idade da artrite. Perdem a flexibilidade ou têm problemas nas costas e não conseguem colocar os pés onde querem.

Para mim, o pior é o isolamento sensorial da amputação. Estou agudamente ciente disso no meu dia a dia. Ainda tenho uma palma intacta na minha mão esquerda. Um dos meus poucos prazeres sensoriais hoje em dia é sentir a textura dos pelos de Missy. É uma sensação ao mesmo tempo reconfortante e pungente. Ela é uma coisa constante na minha vida.

Outra surpresa do meu mundo pós-digital são os meus sonhos. Não sei qual é a razão para isto, mas eles se tornaram incrivelmente reais desde as cirurgias. Agora, sinto gostos e cheiros nos meus sonhos. As cores são vivas, um visual incrível. Não consigo explicar por que isso acontece.

Também tenho plena consciência de que estou sonhando. Por exemplo, estou andando de bicicleta em uma estrada rural e olho para baixo, vendo minhas mãos no guidom, manipulando os freios. Não me vejo de fora do corpo, mas estou vivendo tudo em mim mesmo.

É divertido. Durante um terço do dia, ou seja qual for o período que passo dormindo e sonhando, não estou limitado nem deficiente em nenhum sentido. Corro com a velocidade de uma criança de dez anos de idade sem nenhuma dor. Nunca me canso. Sou um Beck virtual. Às vezes, não tenho mãos nos meus sonhos. Mas, quando tenho, minha consciência é plena: “Ah! Estou sonhando! Veja só! Tenho mãos.”

Greg Anigian fez mais dois procedimentos na minha nova luva de beisebol para lhe dar um pouco de forma e integridade. Em primeiro lugar, ele fez um corte mais acima no espaço entre o meu polegar e o resto da luva,

transformando-a em uma mitene. É claro que ele precisou de um pouco de pele extra, então pegou um pouco da minha virilha — sem pedir.

Acordei depois da cirurgia, olhei para baixo e ao ver a incisão na minha virilha gritei: “Meu Deus! Será que nada é sagrado?”

O próximo e último procedimento foi uma segunda incisão, transformando minha luva em um tipo primitivo de flor de lis. Para esse corte, eles pegaram mais enxerto do meu lado esquerdo.

Por volta dessa época, comecei a procurar áreas no meu corpo que ainda não tivessem sido operadas. Não havia muitas. No final das contas, só minha coxa direita havia permanecido intacta. Ninguém enfiara sequer uma agulha nela. Isso me deixou preocupado: para que a estavam economizando?

O último grande plano dos médicos era o meu nariz.

Ele havia congelado até a cartilagem e o osso. Não havia muito para salvar. Contudo, antes de extraí-lo, fizeram um molde do original. Quando Greg Anigian voltasse ao trabalho, ele usaria o molde para recriar os contornos do meu nariz.

Nesse ínterim, tivemos que improvisar para manter minhas vias nasais umedecidas. A solução foi um spray. Contudo, como eu não tinha mãos, adivinhe quem precisou manter a umidade da orquídea em níveis aceitáveis? Outra experiência punitiva.

Eles fizeram um novo nariz para mim. Em primeiro lugar, um objeto que lembrava vagamente um nariz foi entalhado no centro da minha testa. Em seguida, com pedaços de cartilagem das minhas orelhas e pele do meu pescoço, fizeram minhas novas narinas para dar alguma estrutura à coisa e então foram moldando-o de cabeça para baixo na minha testa. Tive o cuidado de não deixar as crianças tirarem fotos do meu nariz de cabeça para baixo com medo de que eles as vendessem para a *National Enquirer*.

Descobri que minha deformidade exclusiva era uma ferramenta à prova de bala para selecionar meus verdadeiros amigos: eles morreram de rir ao vê-la. Todos os outros foram educados.

Precisávamos esperar até meu nariz estar completamente vascularizado. Greg marcou uma operação para o reimplante que precisou ser adiada quando ele viu que o implante ainda não estava pronto.

Quando ficou satisfeito com ele, Greg cortou o contorno do meu novo nariz, deixando-o conectado por um pedaço de pele, girou-o na posição correta e o costurou no lugar certo. Em seguida, deu pontos na testa.

Naquele momento, meu nariz parecia o de um ex-pugilista, um bolinho deformado abaixo de um tipo de cacho esquisito de pele. A etapa final foi pegar um pedaço da minha costela direita e colocá-lo entre o meu nariz e o palato para

levantar a estrutura.

Acho que eles fizeram uma ótima cópia do meu antigo nariz, e fiquei feliz com o novo — com apenas uma exceção: como a estrutura nervosa ficou intacta quando ele foi fixado, quando a água bate na minha testa durante o banho, meu nariz coça.

PEACH: Beck e eu não estávamos nos comunicando durante esse período, exceto por questões práticas relacionadas à sua saúde. Não era hora para isso. Eu estava cansada e estressada demais, e ele estava muito doente. Eu só sabia que não tinha a intenção de pegar as crianças e ir embora ou mandar Beck para uma casa de recuperação. Pelo menos, não por enquanto.

Eu via evidências de que ele tinha mudado, ao menos em parte. Houve aquele telefonema do consultório do dr. Schlim, totalmente atípico. Ele queria se aproximar, e eu logo encontrei uma explicação parcial para isso: a epifania da montanha. Ele também parecia genuinamente arrependido de tudo o que havia causado. Além disso, Beck parecia ver a mim e às crianças sob uma nova luz — talvez a luz que o acordara no Everest. Naquele momento, ele não podia mais se afastar, nem se quisesse; mas ele não parecia querer.

Porém, eu tinha ganhado muitas cicatrizes nos últimos oito ou nove anos. Seria muito difícil, senão impossível, voltar a confiar nele. Mesmo que Beck jurasse para mim que era um novo homem, seriam só palavras, nada fácil de acreditar. Embora eu não tenha falado, ou sequer pensado nisso na época, ele precisava se provar. Não bastavam palavras — eu queria ações. Se iríamos mudar as coisas, seria uma curva longa e lenta na estrada, e não um retorno fácil.

Meu irmão Howie foi o catalisador.

Howie continuava sendo o mesmo de sempre: incapaz de julgar, dono de uma empatia excepcional. Certa vez, quando estávamos todos na Jamaica, ele fez amizade com uma figura desgrenhada chamada Hedley. Howie não se importava com o fato de Hedley ter um problema com drogas, ou de o segurança não o deixar chegar nem perto do nosso hotel. É claro que Hedley estava mais interessado em uns trocados, pelo menos a princípio, mas a bondade de Howie deve tê-lo contagiado. Ele chegou ao ponto de confiar-lhe seu cartão de crédito e não ficou desapontado.

Howie pegou um avião para Dallas com seu terno de funeral no momento em que lhe liguei para avisar que Beck morrera naquela manhã de sábado e chegou pouco depois de termos descoberto que na verdade Beck estava vivo. Ele levou as crianças para comer hambúrguer e cuidou de tudo até ter certeza de que meus amigos nos dariam todo o apoio de que precisávamos. Então, disse alguma coisa engraçada sobre não gostar de aglomerações e voltou para sua mulher e sua

filha.

Contudo, continuamos nos falando frequentemente durante a crise médica de Beck até agosto de 1996, dois meses depois da amputação, quando Beck enfim estava bem o bastante para planejarmos uma rápida viagem em família. O dr. Anigian adiou em três dias um procedimento marcado para a mão esquerda de Beck, e nós todos fomos para Fripp Island, não muito longe de Hilton Head, na Carolina do Sul. Howie, Pat e a filha deles, Laura, juntaram-se a nós lá.

Um dia depois da nossa chegada, Howie começou a passar muito mal. Lembro-me de ele ter voltado da praia com uma aparência terrível: "Estou me sentindo péssimo", disse. Sua pele estava pálida, e ele suava frio, queixando-se de dores no peito.

Temos um histórico de doenças cardíacas na minha família. Howie estava acima do peso e havia fumado durante a maior parte da sua vida. Para Beck e para mim, parecia muito provável que ele estivesse tendo um infarto.

———

Howard vinha muito pálido na minha direção, e havia uma aura de tragédia iminente ao seu redor. Ele estava suando muito. Até os meus livros mais velhos de medicina descreveriam a aparência dele como sinal de um infarto. Pensei: Howard, você não pode morrer aqui comigo. Se morrer, vou ter que entrar no mar e não parar mais de andar.

PEACH: Nós o levamos até um hospital próximo, onde os médicos também acharam que ele tivera um infarto. Contudo, quando fizeram uma ultrassonografia, parte da bateria de exames para o diagnóstico, descobriram uma massa no fígado de Howie. No dia seguinte, uma ressonância magnética comprovou: Howie tinha um tumor canceroso em metástase no fígado, um hepatocarcinoma. Era grande e do tipo que cresce como erva daninha.

Reagi à notícia do mesmo modo que havia reagido à de que Beck morrera congelado no monte Everest. Fiquei paralisada. Não consegui absorver nada. Minha capacidade para sentir dor ficou momentaneamente sobrecarregada.

———

Eu soube de imediato o que aconteceria com Howard. Queria lhe dizer que morrer não era tão difícil, pois eu já havia passado por isso. Eu sabia alguma coisa sobre o assunto. E sabia que, para mim, seria muito mais fácil encarar a morte pela segunda vez. Não precisamos ter tanto medo. Se morrer fosse mesmo tão difícil, sem dúvida haveria algum caipira no oeste do Texas incapaz de

morrer e que acabaria se tornando imortal.

Nunca consegui dizer tudo isso a Howard. Mesmo assim, ele administrou a própria morte com muita elegância.

PEACH: No caso de Beck, nós havíamos nos mobilizado para resgatá-lo sem nos darmos conta da impossibilidade do que tentávamos fazer. Agora, eu queria um segundo milagre, outra mobilização de resgate. Como se a minha prece tivesse sido atendida, ela se materializou. Dessa vez, contudo, amor e esperança não foram o bastante para salvar Howie. Em vez disso, eu e minha família fomos salvos de uma forma completamente imprevisível.

E, para a minha grande surpresa, Beck estava envolvido nela.

———

Eu sem dúvida teria muitas reparações pela frente depois do Everest, mas não atendi às necessidades de Howie como um ato de expiação. Em primeiro lugar, eu o amava. Isso teve um grande peso nas minhas ações. Eu vinha lutando com a pergunta “Quem você ama?” e percebi que era a minha família, as pessoas que preenchem a minha existência. Agora que não estava mais protegido atrás das minhas metas e não tinha mais onde me esconder, foi natural reagir como fiz.

Além disso, eu me envolvi com Howard porque estava me esforçando para descobrir como realmente *ser* uma pessoa diferente. Peach e as crianças sempre tinham sido importantes para mim, mas eu não havia me comportado à altura. No caso de Howie, no passado eu poderia ter me mostrado solidário, mas teria deixado tudo nas costas de Peach. Em vez disso, eu iria me envolver de uma forma visceral. Eu não queria ficar de lado e me limitar a assistir. Não queria ser irrelevante naquela situação.

PEACH: Começou no momento em que Howie se sentiu mal na praia. Beck sentou-se e conversou com ele. Dali em diante, ele mergulhou de cabeça. Antes, teria me dito: “Não consigo fazer isso. Não tenho tempo.” Agora, por meio de suas ações, o que ele dizia era: “Estou do seu lado.”

———

Howie estava sofrendo muito. Seu tumor era terrível, e ele ainda teve todos os tipos de problemas com o plano de saúde. Eu não tinha muita esperança de conseguir salvar Howie, mas também sabia que, se não agíssemos rápido, nada aconteceria. Se havia alguém capaz de ajudar uma pessoa na situação dele era uma pessoa na minha situação. Pelo menos, era isso que eu pensava. Na verdade,

eu estava de mãos atadas, o que foi extremamente frustrante.

Não consegui sensibilizar nem um pouco a operadora do plano de saúde. Para eles, tanto fazia se Howie sobrevivesse ou morresse. Telefonei para o chefe deles *dezenas* de vezes. Eu nunca conseguia passar da secretária. Ele não retornava meus telefonemas. Quando enfim consegui falar com uma voz humana, ele respondeu: “Estou ouvindo. Estou entendendo. Estou compreendendo a sua situação. O que posso fazer para ajudá-lo?”

É claro que ele não faria nada. Estava apenas lendo um roteiro. Não tinha autoridade para tomar nenhuma atitude.

Eu perguntava: “Você poderia pedir alguém com autoridade para fazer alguma coisa para retornar minha ligação?” E ele simplesmente repetia: “O que posso fazer para ajudá-lo?”

Perdi a conta de quantas vezes telefonei. Eu pensava: “Filhos da mãe!” Nunca vira tamanha insensibilidade. Um homem estava morrendo e eles nem sequer se davam o trabalho de retornar meus telefonemas.

PEACH: Beck nunca sequer havia pensado em marcar uma consulta com o médico para mim ou para as crianças. Mas, com Howie, ele foi ficando muito agressivo. Lembro-me de Beck ter estourado com alguém, de ter acusado essa pessoa de ser egoísta, de não dar a mínima.

———

Uma das primeiras coisas que Terry White e eu discutimos foi a possibilidade de transplante. O oncologista do plano de saúde sequer fez uma segunda análise da ultrassonografia de Howie. Nada. Ele entrou na sala, deu uma olhada na ficha de Howie e disse: “Ah, você tem um hepatoma com mais de cinco centímetros. Não fazemos transplantes quando o tumor tem mais de cinco centímetros.” Na prática, o que ele disse foi: “Você vai morrer. Eu poderia até tratá-lo, mas não faria nenhuma diferença, porque você vai morrer de qualquer jeito.”

O plano de saúde passou dois meses embromando Howie, e acredito que isso tenha afetado a qualidade dos cuidados que ele recebeu, ainda que não possa dizer com certeza se fez alguma diferença no resultado.

PEACH: Interpretei o que Beck estava fazendo como uma prova do seu amor por mim e pela minha família...

———

Eu queria provar que ainda podia ter um impacto positivo nas nossas vidas.

PEACH: ...mas eu ainda queria acabar com a raça dele em várias ocasiões. Ele e Terry diziam: “Não há mais nada a ser feito.” Eu respondia: “Não me diga que não há mais nada a ser feito. Ou você esqueceu que eu moro com um homem morto?”

———

Não vou questionar essa lembrança. O fato é que Terry e eu trabalhamos muito duro tentando encontrar alternativas. Não importava se não havia perspectiva de um resultado positivo — lembremos que eu também me considerei morto no Everest. O fato é que, se você quer, é preciso tentar.

Peach e eu teríamos pagado pelo transplante, mas não havia tempo para isso.

Nossa segunda ideia foi tirar um pedaço do fígado. Fizemos uma pesquisa profunda sobre o assunto. Teria sido uma operação muito delicada, e acabamos chegando à conclusão de que seria impossível.

A terceira opção — que não era uma cura, mas uma forma de retardar a ação da doença — seria a embolização do tumor; ou seja, tentar tratar o câncer bloqueando o fluxo de sangue para o fígado. Tal estratégia já havia obtido algum sucesso, segundo a literatura médica. Nós a experimentamos duas vezes antes de recorrer à última alternativa: a quimioterapia.

PEACH: Howie viveu mais quatro meses depois do diagnóstico, de agosto de 1996 a janeiro de 1997. O tumor cresceu muito rápido, mas na maior parte do tempo ele teve pouca dor física. Passou metade desse período conosco em Dallas, onde Beck o acompanhava a todas as consultas médicas. Era como se tivéssemos decidido enfiar pessoas doentes em situações de desespero em um lugar só.

Quando Bub soube que tio Howie viria morar conosco, ele ofereceu seu quarto e meio que passou a acampar em qualquer lugar da casa. Bub teria oferecido o quarto a qualquer pessoa, mas ele disse: “Se Howie precisa morar aqui, deve ficar com o meu quarto. Vou tirar minhas coisas de lá.”

Também lembro que naquele outono Meg teve um encontro especial. Era seu ano como caloura, e ela usou seu primeiro vestido preto curto. Howie não desceu para conhecer o rapaz. Ele pediu a Meg que fosse até o quarto de Bub. Quando a viu, começou a chorar alto. Sabia que seria a primeira e última vez que a veria daquele jeito e não queria deixá-la constrangida na frente do garoto.

———

Howie encarou o câncer com dignidade. Não consigo me recordar da data exata em que isto aconteceu, mas lembro que estávamos todos sentados em frente à televisão. Peach e eu, Howie na cadeira de balanço, Pat e a filha deles, Laura. E naquele momento ele teve a noção de que ia morrer. Estávamos em negação até então. Todos nós agora sabíamos. Poderíamos lutar para adiar o inevitável, mas não havia mais esperança.

Foi um momento extremamente triste. Pude ver que Howie estava tentando aceitar isso. Aí, ele começou a brincar com a situação. Sabia que precisava voltar a ser forte por causa da esposa e da filha. Foi difícil.

PEACH: A última esperança de Howie era um tratamento experimental que Terry White encontrou em Illinois. Só cerca de meia dúzia de pacientes haviam feito. Sabíamos que era um tiro no escuro.

Quando nos ligaram informando que ele tinha muito pouco tempo, Beck me surpreendeu outra vez. Ele poderia facilmente ter dito: "Vá, e eu ficarei com as crianças." Mas não foi isso que fez. Ele disse: "Vou com você."

———

Eu estava no meu microscópio quando Peach telefonou para o hospital para me dizer que Howard não duraria sequer mais uma noite.

— Quando você vai? — perguntei.

— Precisamos sair em mais ou menos uma hora. — respondeu Peach. Levantei da minha mesa, fui para a antessala e disse aos meus colegas que estava saindo, que precisava ir para Chicago.

Foi um voo silencioso. Chicago estava congelando. O vento causou um arrepio por todo o meu corpo. A cidade tinha vários tons de cinza e quase nenhuma outra cor.

No hospital, passamos por vários pontos de controle da segurança a caminho do quarto de Howard. Chegamos a tempo. Howard estava lúcido. Ele aguentou firme, sabendo que a irmãzinha estava a caminho para vê-lo pela última vez. Pat e Laura estavam ao seu lado. Cada um de nós teve tempo para se despedir de Howard, para dizer como ele era importante para nós, e eu pude lhe agradecer por todas as vezes que ele me substituiu, assumindo o papel de figura paterna que eu queria ser, mas não era bom o bastante para desempenhar.

Eu disse que o amava, abracei-o e lhe dei um beijo na testa.

Já me disseram que pessoas que estão à beira da morte podem resistir por pura determinação se ainda houver alguma coisa importante para fazerem. Acredito que isso seja verdade. Howard tinha resistido até então, e agora estava pronto

para se entregar. Pudemos vê-lo ceder à exaustão. Ele fechou os olhos e ficou inconsciente. Sua respiração foi ficando cada vez mais difícil e irregular. Então, ele não estava mais lá.

Peach e eu saímos do hospital por volta das quatro da manhã e fomos para o nosso hotel. Durante todo o tempo que passei em montanhas no mundo inteiro, nunca senti tanto frio.

Mais tarde naquela manhã, pegamos o avião de volta para Dallas. Fiquei no assento perto da janela. Peach estava ao meu lado, a cabeça no meu ombro, a mão no meu braço. Enquanto o avião rumava para o sul sob a luz do sol matutino, os rios e lagos lá embaixo brilhavam como ouro e se transformavam em prata à medida que a aeronave se afastava.

A luz parecia dançar sobre a água, saltando para nos acompanhar. Senti o rosto de Peach pressionado contra a minha bochecha quando nós dois olhamos pela janela.

— Você sabe o que é aquilo? — perguntei.

— Sim, é Howard — respondeu Peach.

Era exatamente o que eu pensava. Pude ver Howard naquela luz em seu último ato paternal ao guiar sua irmãzinha em segurança de volta para casa.

Quando chegamos a Dallas, Peach me pediu que falasse no funeral de Howard, que seria realizado em Atlanta. Embora geralmente não tenha muita dificuldade de encontrar palavras, eu não queria fazer aquilo. Eu amava tanto Howard que não achava que teria forças para fazer uma elegia sem me reduzir a lágrimas. Mas eu também sabia que era algo que precisava fazer.

PEACH: A maioria das pessoas que vieram à nossa casa naquele final de semana de maio de 1996 também mandou flores para o funeral de Howie oito meses depois. Não sei se algum dia entenderei o propósito de mandar flores em um momento como aquele, exceto pelo fato de que é um gesto de amor e respeito pelos falecidos.

Contudo, naquela ocasião, quando eu lia os nomes nos cartões e admirava todas as lindas homenagens em forma de flores, os mesmos amigos pareciam nos abraçar outra vez, sua força novamente nos sustentando.

A dor que senti no funeral de Howie era mais pungente pelo fato de eu perceber que meu irmão estivera presente em quase todos os momentos importantes da minha vida. Depois, ele assumira a mesma responsabilidade com meus filhos. Howie foi para a minha formatura na faculdade, um evento que para mim era tão pessoal quanto um discurso institucional. Na época, Laura ainda engatinhava, não tinha mais de dois anos de idade, e mesmo assim Howie e Pat passaram duas horas dirigindo com ela para ele poder assistir à minha formatura.

As ocasiões não precisavam ser importantes ou grandiosas para que Howie as levasse a sério. Por exemplo, certa vez, quando Bub estava na segunda série, ele prometeu que iria assistir a uma apresentação sua. O tempo em Dallas de repente começou a mudar, e Howie precisava estar na Califórnia no dia seguinte a negócios. Ele se recusou a ir embora antes de cumprir a promessa que havia feito a Bub e estava lá para a apresentação.

Howie simplesmente entendia melhor do que a maioria de nós a importância das pequenas realizações, tradições e rituais em contraposição às grandes entradas e saídas — que é a jornada, e não o destino, que importa nas nossas vidas. Parece que vamos a mais funerais do que casamentos.

———

Peach também pediu a Meg que cantasse no funeral de Howard. Por mais difícil que eu considerasse fazer um discurso, achei que não seria nada comparado à perspectiva de Meg ficar de pé e cantar em frente a centenas de pessoas no funeral do seu amado tio. Os amigos de Peach sugeriram que isso talvez não fosse uma boa ideia, mas Peach respondeu: “Não, Meg vai cantar, e vai fazer isso para Howie.”

O funeral só serviu para lembrar a cada um de nós como Howard ocupara o centro do nosso universo. Para mim, a parte fácil foi listar os vários prêmios e honras acadêmicas que Howard havia recebido ao longo da sua vida. A parte pessoal foi muito mais difícil. Eu podia ver Howard refletido nos olhos da minha família. Eles se lembravam de Howard atravessando o país de avião para ver Meg fazer o papel principal em *Peter Pan*. Lembravam-se de Howard tomando Bub sob sua proteção e dando ao meu filho um modelo masculino muito superior ao que seu pai tinha a lhe oferecer.

Howard era um misto único de intelecto e aparência externa de homem comum. Ele fora um modelo para meus filhos e no final das contas também para mim. Consegui ir até o fim do discurso com uma ou outra pausa ocasional para me recompor. Enquanto isso, Meg estava sentada em silêncio na fileira da frente, lágrimas descendo pelo seu rosto. Porém, quando terminei e chegou sua vez de se despedir, ela se levantou, secou as lágrimas e foi até o centro do altar, onde, com uma voz forte, clara e firme, cantou “Amazing Grace”.

Cada um de nós presentes naquela capela ficou profundamente comovido.

I once was lost, but now am found. [Eu estava perdido, mas agora fui encontrado.]

Peach queria um segundo milagre, e isso aconteceu. Só não foi o que ela esperava. O ano que ela me dera para me redimir já estava quase no fim, e eu de

fato era uma pessoa diferente. Em seus últimos meses, Howard havia jogado uma corda para mim, oferecendo-me uma segunda chance de me salvar.

Obrigado, Howard. Você estará para sempre em nossos corações. E, no final, esta é a única coisa que importa: aqueles que estão no seu coração e aqueles em cujos corações você está.

EPÍLOGO

Fico feliz em informar que não matei tantos neurônios quanto temia no Everest. Quando enfim retornei à prática da patologia, certifiquei-me de que tudo que eu fizesse fosse confirmado por um dos meus colegas. Foi um tipo de longo período de aprendizado para ver se eu ainda era capaz. Por sorte, eu era.

Minhas ferramentas mais importantes — meus olhos e meu cérebro — estavam funcionando tão bem como sempre. Pedais e controles por voz compensam em parte a falta de mãos. A parte mais minuciosa que eu executava com as mãos, e que nenhuma máquina é capaz de executar, hoje é responsabilidade da minha assistente, Kim Ledford.

Os efeitos espirituais e emocionais do Everest naturalmente são uma questão muito mais complexa.

Muitos já me perguntaram como a experiência no Everest mudou a minha percepção do mundo espiritual e se eu rezei quando estava na montanha.

Cresci em uma família religiosa, mas na juventude me afastei da espiritualidade — mais por apatia do que por qualquer tipo de revolta ou rejeição dos dogmas. Eu achava que quando estivesse mais velho poderia voltar àquelas questões filosóficas. Entretanto, acabei percebendo como envelhecemos rápido.

Eu costumava responder que não havia rezado na montanha. Eu estava ocupado demais tentando sobreviver. Porém, depois de ter refletido um pouco mais, percebi que essa resposta era muito literal. Ela tomava a prece como uma unidade: um prólogo, um corpo textual emocionado, de preferência feito de joelhos.

Mas se a prece não se limita a palavras, e sim é aquilo em que você acredita de todo o coração, no âmago do seu ser, então sem dúvida eu rezei. No Everest, mais do que em qualquer outro momento na minha vida, compreendi o que era mais importante para mim, o que eu realmente amava.

Também me senti imensamente reconfortado por todos nos Estados Unidos e no mundo inteiro que rezaram por mim e pela minha família. Aprendi o valor da prece para aqueles que a oferecem, e com certeza para aqueles que a recebem.

Aprendi que milagres acontecem. Na verdade, acho que são frequentes.

Também entendo agora que os seres humanos são as criaturas mais resistentes na face da Terra. Há uma razão para estarmos no topo da cadeia alimentar, e não é só porque somos uma barata inteligente.

Há ímpeto, determinação e força dentro de cada um de nós.

A maioria nunca usa esses recursos. Temos vidas muito fáceis se comparadas às dos pioneiros que colonizaram o mundo selvagem e exploraram os lugares mais remotos. Podemos admirar sua força e sua resistência, mas eles não são mais fortes nem mais resistentes do que nós. Eles apenas eram obrigados a enfrentar aquela vida.

Se você passa por uma prova como a minha, precisa de uma âncora. Talvez sejam seus amigos. Talvez sejam os seus colegas. Pode ser que seja o seu Deus. Ou, como aconteceu comigo, pode ser a sua família.

No que diz respeito às questões espirituais, ainda tenho um longo caminho pela frente. Contudo, aprendi algumas coisas a partir dessa experiência. É impossível ir para o Everest sem se sentir tocado pelos sherpas budistas e sua espiritualidade. Todas as manhãs, você os ouve entoando preces pela segurança na montanha. Deitado na escuridão no seu saco de dormir, você respira o ar tomado pelo incenso de cedro do altar deles.

Aquelas são pessoas que vivem sua religião; ela faz parte de cada movimento seu. Eles não a praticam nas manhãs de domingo ou nas noites de quarta-feira, mas a cada hora de cada dia. Se uma religião um dia vier a ter algum sentido para mim, deverá ter esse mesmo nível de espiritualidade. Deverá conter valores hindus, budistas, judaicos, muçulmanos, cristãos e de qualquer outra fé que compartilhe meus valores fundamentais.

Acho que o mais importante na fé não é o que pregamos, mas se vivemos os princípios da nossa fé. Sendo o indivíduo prático que sou, se no fim dos meus dias eu descobrir que não há Deus, mas apenas o vazio, não terei nenhum sentimento de perda. Todavia, tentando ser uma pessoa melhor (mesmo que falhando na maioria das vezes), eu terei vencido.

Uma fonte de força na batalha diária é o amor. Pouco depois de ter me recuperado, eu estava num avião ao lado de uma jovem com dificuldades para colocar sua mala no compartimento de bagagens. Ela olhou para mim e perguntou se eu me incomodaria em lhe dar uma mãozinha.

Meu coração parou! Fiquei quase sem fala ao pensar nas possíveis respostas. Será que digo “Estou um pouco amputado no momento”? Ou “Esqueci no escritório”? Acabei optando por: “Não sei o que dizer, mas só tenho tocos.”

Quando comecei a dar palestras sobre o que me aconteceu na montanha e como isso afetou a minha vida, percebi que ganho tanto quanto a plateia com a experiência. Você não dá meia-volta com um trem de carga de cinquenta e

poucos anos num piscar de olhos, mesmo com uma epifania tão profunda como a que tive. Entretanto, ao contar minha história, lembro-me do que é importante para mim. Isso me dá uma perspectiva que é muito difícil ter.

A segunda coisa que as pessoas mais me perguntam é se eu faria tudo outra vez. A princípio, eu pensava: “Que pergunta estúpida!” Mas refleti muito sobre ela e cheguei à conclusão de que é uma das perguntas mais relevantes que já me fizeram. A resposta é: mesmo que eu soubesse exatamente o que aconteceria comigo no monte Everest, eu faria tudo de novo. Naquele dia na montanha, troquei minhas mãos pela minha família e pelo meu futuro. É um acordo que eu não hesitaria em aceitar.

Pela primeira vez na minha vida, estou em paz. Não estou mais buscando incessantemente me definir para os outros por meio de metas, conquistas e posses materiais. Pela primeira vez, sinto-me bem por ser quem sou. Corri o mundo inteiro à procura de algo que me preenchesse, e isso estava o tempo todo no meu quintal.

No final das contas, sou um indivíduo de sorte. E sei que também sou muito melhor do que antes.

PEACH: Beck e eu estamos lidando um com o outro em vários níveis diferentes. A velha relação Beck-e-Peach sem dúvida ficou para trás, mas ainda não sei o que virá no lugar. No que acredito? Devo me abrir outra vez e correr o risco de voltar a me machucar?

Enquanto Beck estava no hospital, uma enfermeira o abordou para falar que estava preocupada com seu marido, que estava escalando um pico no Colorado.

— A vista do topo é linda! — respondeu Beck.

— Não diga isso na minha frente. Estou farta de montanhas. Já tive a minha cota. Já aguentei tudo que podia. — eu disse.

No verão de 1997, recebemos uma carta sobre sobreviventes do câncer de mama que estavam indo escalar na Antártida, perguntando se gostaríamos de contribuir com o projeto. Uma das minhas amigas disse: “Você deveria responder que já fez sua doação — duas mãos e parte de uma vida.”

Hoje, não considero meu relacionamento com Beck frágil. Tampouco temo agora que a minha raiva possa virar uma bola de neve ou explodir. Acho que ela se transformou em tristeza por tudo que nunca vivemos — não tanto por mim e por Beck, mas principalmente por Beck não ter visto as crianças crescerem. Ele perdeu as mãos, mas isso é só a ponta do iceberg.

MEG: Eu ficava triste por papai não estar por perto. Ficava chateada. Acho

que a melhor palavra é solitária. Mas, agora que sou mais velha, não me ressinto da sua obsessão. Entendo o que ele fez e o perdoo. As pessoas às vezes se deixam levar pelas coisas e não percebem que o que estão fazendo é errado. Papai só percebeu quando levou um tapa na cara.

BUB: Admiro muito a perseverança e a determinação do meu pai, e também seu senso de humor. À medida que fui ficando mais velho, também passamos a ter cada vez mais interesses em comum, como piadas sujas e filmes com violência, sexo e nudez.

Agora, ele se tornou um homem do presente. Sabe que, quando amamos alguém, devemos dizê-lo, porque não sabemos como será o futuro. Ele se tornou uma figura paterna meio pateta:

— Sabe de uma coisa, filho? Eu amo muito você!

— Tá bom, pai. Chego em casa à meia-noite.

PAT WHITE: Beck é uma pessoa muito legal. Ele se importa com as pessoas — por mais que expresse isso de forma inadequada. Ele foi ferido na vida pessoal, mas continua sendo um observador arguto e traduz isso em humor.

Não importa quais sejam as dificuldades, há muito amor ali. Eles disseram que Madan tem um coração destemido. Bem, Beck tem um grande coração. E Peach também é muito corajosa à sua própria maneira.

Ela não o matou.

AGRADECIMENTOS

Quando voltei do Everest, havia muito interesse em um livro com o meu ponto de vista e o de Peach. Nos primeiros meses após a tragédia na montanha, estava claro que ainda era prematuro encarar esse projeto. A dor emocional e física precisaria ser enfrentada passo a passo, e não com um salto catártico. Mais do que isso, contudo, eu não fazia ideia de como a história terminaria.

Com o passar dos meses, meu interesse em escrever a história da montanha foi diminuindo, já que eu achava que os relatos de Jon Krakauer (*No ar rarefeito*) e de David Breashears (*Alto risco*) já ofereciam a documentação definitiva da história.

Por outro lado, enquanto me dava conta de que minha vida estava se reestruturando e que o relacionamento com a minha mulher estava no caminho da recuperação, meus pensamentos retornaram ao projeto do livro.

Embora a história do que ocorreu durante aqueles poucos dias no Everest seja claramente do interesse de muitos, o que aconteceu quando voltei para casa e tive de reconstruir minha vida — redefinir quem sou — tornou-se *a* história para mim.

Não existe uma receita fácil para passar por momentos difíceis, mas é reconfortante saber que, mesmo nos momentos mais sombrios, a esperança continua viva. Da adversidade coisas boas acabam surgindo.

Seria difícil agradecer adequadamente ao grande número de indivíduos que me ajudaram na minha luta para manter o corpo e o espírito sãos. Eu gostaria de começar agradecendo a Peach, a Beck II e a Meg por me amarem e terem continuado ao meu lado, permitindo que eu mudasse. E também aos meus pais, cujo amor tem sido constante. Eles criaram seus filhos da melhor forma que sabiam. Agradeço aos meus irmãos Kit e em especial Dan, que correu léguas para estar ao meu lado quando mais precisei dele.

Aos inúmeros heróis da minha história: David Breashears, Robert Schauer, Ed Viesturs, Pete Athans e Todd Burleson, que colocaram suas vidas em perigo pela minha. E particularmente ao coronel Madan K. C., cuja bravura continua me impressionando.

Aos nossos guias no Everest: Rob Hall, Mike Groom e Andy Harris, que representavam o profissionalismo, o caráter e o sacrifício dos guias do montanhismo do mundo inteiro.

Aos meus companheiros de escalada: Doug Hansen, Yasuko Namba, Stuart Hutchison, Frank Fischbeck, Lou Kasischke, John Taske e Jon Krakauer — sua amizade é um tesouro para mim.

Aos sherpas que tornam tudo isso possível com seu trabalho duro e sua bravura: Ang Tshering Sherpa, Ang Dorje Sherpa, Lhakpa Chhiri Sherpa, Kami Sherpa, Tenzing Sherpa, Arita Sherpa, Ngawang Norbu Sherpa, Chuldum Sherpa, Chhongba Sherpa, Pemba Sherpa e Tendi Sherpa.

Aos que também integraram a nossa equipe: Helen Wilton, que nos fazia lavar as mãos e nos manteve saudáveis com a hábil assistência da dra. Caroline Mackenzie, médica do Acampamento Base.

Aos senadores Kay Bailey Hutchison e Tom Daschle, bem como à embaixadora Sandra Vofelgesang, a David Schensted e Inu K. C.

Eu também gostaria de agradecer aos médicos, enfermeiros e terapeutas que investiram um longo tempo de trabalho pesado para possibilitar a minha recuperação — dr. Greg Anigian, dr. Mike Doyle, dr. Joe Sample, dr. James Brodsky e dr. Alan Farrow-Gillespie — bem como aos médicos que prestaram os primeiros socorros na montanha — dr. Ken Kamler e dr. Henrik Hansen.

Sou extremamente grato aos meus sócios — dr. John Esber, dr. Charles Cramer e dr. Wayne Taylor — por terem me dado o privilégio de voltar a trabalhar com eles e pelo apoio dado à minha família nos meses que antecederam meu retorno ao trabalho.

Obrigado também aos membros do Diretoria e do Conselho de Pesquisa, que estiveram ao nosso lado nos dias mais sombrios: nossos amigos Jim e Marianne Ketchersid, Terry e Pat White, Jon e Sally Esber.

A Dan Lewis e seus garotos, bem como a Deena Killingsworth e Jonnie Rohrer, pela ajuda especializada com a imprensa.

Obrigado a Ken Zornes, por ter me visitado todas as manhãs de domingo com uma caixa de donuts que me ajudaram a recuperar aqueles treze quilos do peso que Brent Blackmore havia me ajudado a ganhar. E obrigado a Cappy e Janie McGarr, meus democratas favoritos.

E às supermães do norte de Dallas, que lutaram como tigresas para me trazer para casa: Mary Ann Bristow, Cecilia Boone, Linda Gravelle, Victoria Bryhan, Maude Cejudo, Bobbie Long, Vickey Thumlert, Mary Ellen Malone, Ann Abernathy, Caroline Allen, Pat White, Yolanda Brooks, Liz Zornes, Jean Sudderth, Marcela Gerber, Lisa Camp, Sue Washington, Sandra Barr, Barbara Lynn e Carolyn Kobey.

Meus sinceros agradecimentos aos milhares de indivíduos que nos ajudaram com pensamentos e preces. Isso foi um consolo muito maior do que vocês jamais poderão imaginar.

Por fim, a Howard Olson, por todo o amor e toda a inspiração que nos deu, e por ter possibilitado aquele segundo e talvez até maior milagre.

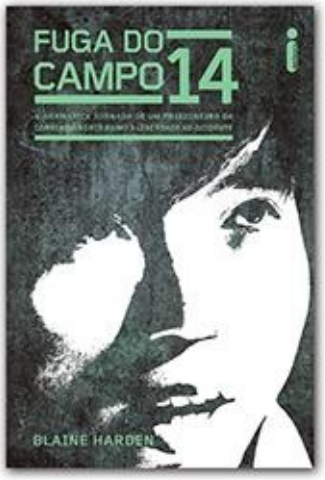
SOBRE O AUTOR



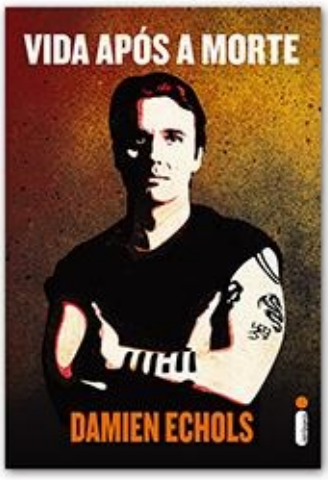
BECK WEATHERS foi dado como morto no incidente de 10 de maio de 1996, um dos mais fatais da história do Everest. No entanto, inexplicavelmente voltou à vida e foi protagonista de um resgate sem precedentes. Formado em medicina, mora com a família em Dallas, onde atua como patologista, e percorre os Estados Unidos ministrando concorridas palestras de motivação em empresas e no meio acadêmico.

STEPHEN G. MICHAUD é autor e coautor de dezoito livros de não ficção.

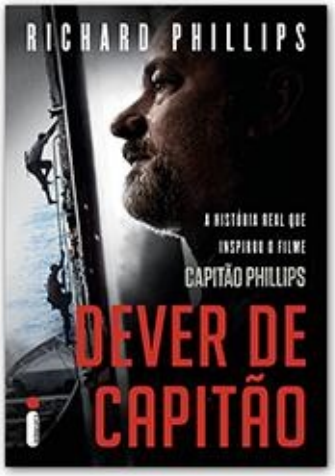
LEIA TAMBÉM



Fuga do campo 14
Blaine Harden



Vida após a morte
Damien Echols



Dever de capitão
Richard Phillips